



Joana Passi de Moraes

**Lembranças de Sol, Sul e Rosa:
uma expedição ao Pantanal e seus arquivos**

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade do Departamento de Letras da PUC-Rio.

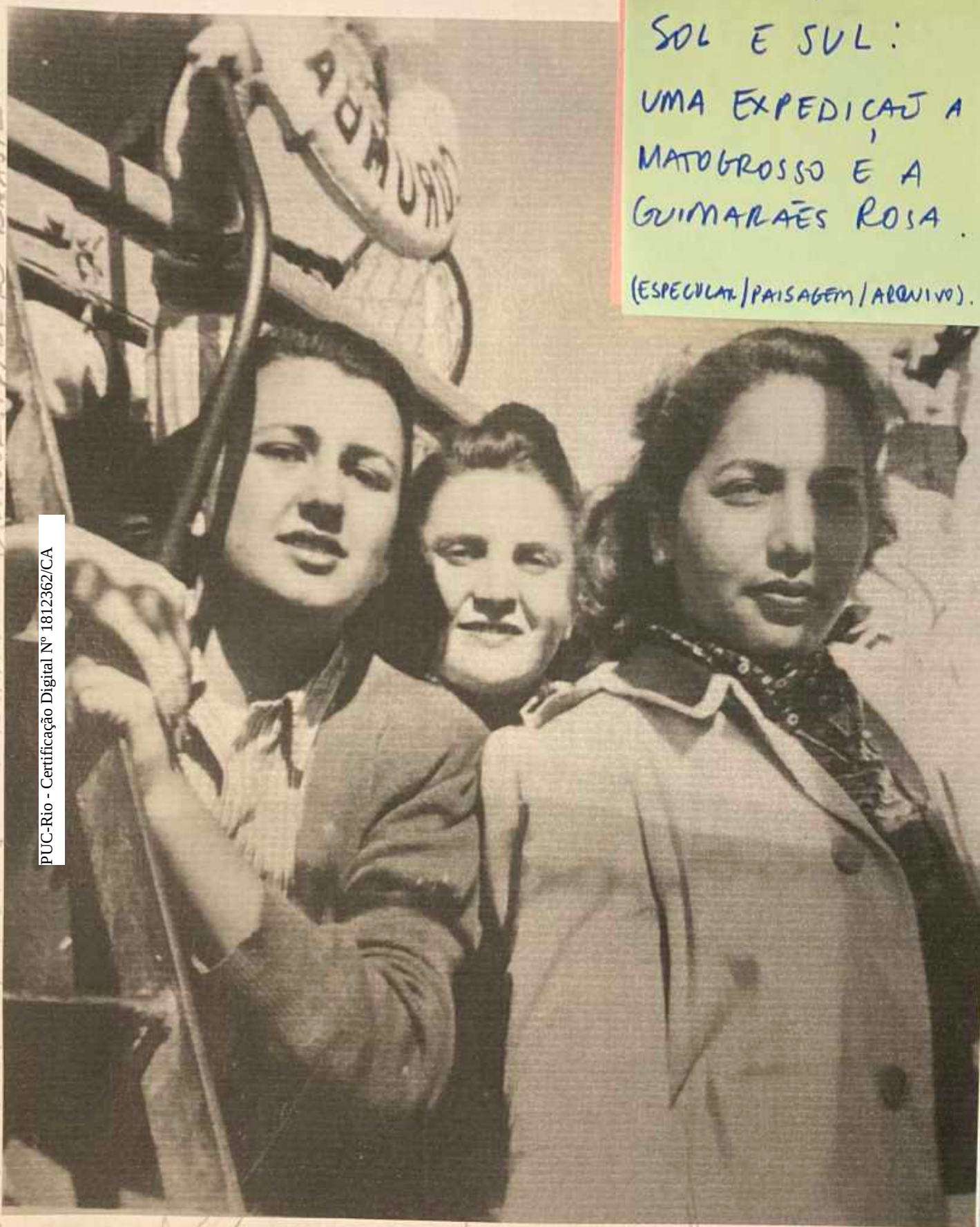
Orientador: Prof. Frederico Coelho
Coorientadora: Prof^a Marília Rothier

Rio de Janeiro
Setembro de 2022

LEMBRANÇAS DE
SOL E SUL:

UMA EXPEDICÃO A
MATO GROSSO E A
GUIMARÃES ROSA

(ESPECULAR / PAISAGEM / ARQUIVO).



SOL
(AOD)

1947

BRASIL
(AMÉRICA)

SUL (AMÉRICA)

ARQUIVO

PAISAGEM

COMO MANEJAR?
PAISAGEM DO ARQUIVO?
COMO ATIVAR?

F
GUIMARAES ROSA

RAS TRO

- AMBIÊNCIA
- ESPÊCULAK
- FRAGMENTOS
- ANOTAÇÕES

CRÊSNO / PALAVRAS
ENCARNADAS

- "IMAGEM É O QUE REMETE AO NASCIMENTO, É O QUE CHEGA E NÃO CESSA DE CHEGAR."

Mane-José Mondzain.

- "SE VERDADEIRA, BELA É A HISTÓRIA, SE IMAGINADA, AINDA MAIS."

João Guimarães Rosa.

- "NÃO É POSSÍVEL PASSAR UMA RÉGUA NO PANTANAL!"

Mansel de Barros.

- "MINHA VIDA DIÁRIA É UMA LIQUIDAÇÃO DO PASSADO."

Louise Bourgeois.

- QUANDO ME PERGUNTAM QUANTOS MOMENTOS O BICHO PODE EFETUAR, EU RESPONDO: "NÃO SEI NADA DISSO, VOCÊ NÃO SABE NADA DISSO; MAS ELE, ELE SABE..."

LYBIA CLARK.



Joana Passi de Moraes

**Lembranças de Sol, Sul e Rosa:
uma expedição ao Pantanal e seus arquivos**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade do Departamento de Letras da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo:

Prof. Frederico Oliveira Coelho
Orientador
PUC-Rio

Profª Marília Rothier
Coorientadora
PUC-Rio

Profª Rosana Kohl Bines
PUC-Rio

Profª Maria Helena Franco Martins
UFRJ

Profª Ana Rita Souza Gaspar Vieira
Universidade de Coimbra

Prof. Stefan Wilhelm Bolle
USP

Rio de Janeiro, 29 de setembro de 2022.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, do autor e do orientador.

Joana Passi de Moraes

Mestra em Artes Visuais (2015) pelo PPGAV/Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da UFRJ e Bacharel em Pintura, pela Escola de Belas Artes da UFRJ. É artista-investigadora, dedicada à linguagem verbo-visual e aos estudos sobre cultura, arquivo, memória e pensamentos contemporâneos. Integra o grupo de investigação sobre arquivos Lacuna desde 2020. É mãe de dois filhos e dedica-se politicamente à ampliação da presença feminina nas esferas intelectual, artística e acadêmica, reclamando pela ampliação das dimensões afetivas e sensíveis na linguagem e nas relações.

Ficha catalográfica

Moraes, Joana Passi de

Lembranças de Sol, Sul e Rosa: uma expedição ao Pantanal e seus arquivos / Joana Passi de Moraes ; orientador: Frederico Coelho ; coorientadora: Marília Rothier. – 2022.

279 f. : il. color. ; 30 cm

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2022.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Arquivo. 3. Paisagem. 4. João Guimarães Rosa. 5. Miscelânea. 6. Expedição. I. Coelho, Frederico. II. Rothier, Marília. III. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. IV. Título.

CDD: 800

Dedico para Elizabeth, Ester, Tamar
e para meus filhos, João e Francisco.

Agradecimentos

Ao orientador Frederico Coelho e à coorientadora Marília Rothier, agradeço por seguirem nesta trajetória ao meu lado, sempre muito generosos com contribuições essenciais para dar coragem, segurança e densidade intelectual ao percurso da pesquisa. Sou grata, também, por enfrentarem comigo os riscos do mergulho nessa expedição. Amplio este agradecimento aos membros da banca, Stefan Wilhem Bolle, Rosana Kohl Bines, Ana Rita Gaspar Vieira, João Camillo Penna e aos suplentes Helena Martins e Felipe Scovino, por aceitarem participar dessa jornada. À Bia Gross, devo a leitura atenta da revisão do documento. A pesquisa da tese foi realizada entre 2018 e 2022, mas teve início anos antes, incentivada por ideias compartilhadas entre colegas e familiares; Sulamita, Tamar, Paula, Elizabeth e Ester foram fundamentais para plantar a semente do trabalho com a Expedição de Sol, Sul e Rosa ao Pantanal. Chris Fuscaldo deu o primeiro empurrão reconhecendo a afinidade da ideia de pesquisa com o PPGLCC e incentivando minha candidatura. Depois de ingressar, o primeiro empurrão foi impulsionado pelos seminários instigantes, com temas sempre “quentes” dos docentes e discentes do programa. Retenho, em especial, as conversas com colegas, Livia Baião, Patricia Lattavo, Luiz Guilherme, Barbara Bergamashi, José Godoy e Clelio Toffoli. Agradeço, também, pelo apoio da equipe técnica, em especial Rodrigo Pinheiro. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - código de Financiamento 001. Ao Julio Diniz, Karl Erik Schollhamer e à Lu Lessa Ventarola agradeço por criarem a possibilidade de realização da pesquisa na Universidade de Coimbra, onde fui acolhida com muita dedicação e fraternidade pelo orientador Pedro Pousada, junto aos docentes e discentes do Colégio das Artes. Agradeço à banca de qualificação, Pedro Pousada e Rosana Kohl Bines, pelas falas e indicações precisas e prósperas. As entrevistas com Eliel Terena e Aronaldo Júlio Terena encurtaram a distância entre o Rio de Janeiro e o Pantanal, com trocas de palavras, ideias e paisagens. Elizama de Almeida e Clara Pereira, sempre dispostas a dividir pensamentos precisos e também, espiralares, explosivos e animados sobre arquivos nos encontros do grupo Lacuna, foram fundamentais para dar leveza e coragem a processos muitas vezes solitários de leitura, escrita e investigação. Os amigos e as amigas Tomas Ribas, Bento Marzo, Aurora dos Campos e Camila Pontual me deram o apoio afetivo e prático necessário

para as viagens, pesquisas e trabalhos, com trocas alegres sobre um campo de estudos que nos reuniu, já amigos de longa data. Meus agradecimentos à minha tia Ester, pelo interesse, leituras e empolgação pelo meu trabalho; à Sherrine Njaine pelas leituras, indicações e referências, além do divã acolhedor e palavras que ajudam a pavimentar os caminhos que sigo; à Ivanice Ferreira Machado que está sempre presente contribuindo com sua atenção e cuidado; ao meu irmão, Daniel, por dividir comigo o ânimo artístico, sempre disposto a ampliar nossa convivência; e a minha irmã, Clara, por estar sempre ao meu lado em todos os momentos da vida. Agradeço, também, à minha mãe, Elizabeth, pelas conversas e disposição para embarcar comigo nas aventuras que a vida apresenta, com uma generosidade tão enorme que é impossível mensurar. Aos meus filhos, João e Francisco, devo a alegria de viver e sou grata por acompanharem com ternura as aventuras de um trabalho que transborda para a vida familiar. Agradeço, com palavras que, espero, atravessem distâncias temporais e espaciais, a minha avó Sol e meu avô Leon, dos quais herdei o arquivo da tese e o impulso por me lançar nesta Expedição; e ao meu pai, Geneton, que partiu desse mundo logo no começo dessa jornada, mas deixou sementes de belos frutos em conversas sobre meus projetos, o da tese, em particular, escrito em parte ao seu lado. Apesar da sua ausência física, se multiplicou e permaneceu latente nos gestos, curiosidade e dúvidas inquietantes que dele herdei. Essas pessoas estão presentes direta e indiretamente nas páginas que seguirão.

Resumo

MORAES, Joana Passi de; COELHO, Frederico; ROTHIER, Marília. **Lembrança de Sol, Sul e Rosa: uma expedição ao Pantanal e seus arquivos**. Rio de Janeiro, 2022. 279 p. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A tese desenvolvida no âmbito do Programa de Literatura Cultura e Contemporaneidade resulta da pesquisa, reunião e apresentação de documentos e lembranças sobre uma expedição científica para o Pantanal que ocorreu em 1947. A investigação indaga sobre as dimensões artísticas e científicas da viagem nos contextos geral da expedição e particular de seus participantes, levanta questões sobre métodos para narrar e vislumbrar paisagens e concretiza-se no formato de uma miscelânea verbo-visual. O trabalho se desdobra em dois momentos: o primeiro é voltado para a apresentação da expedição que partiu da então capital federal, Rio de Janeiro, composta por um grupo de estudantes da Universidade do Brasil, liderados pelo geógrafo Hilgard Sternberg, e por outro formado por estudantes do Instituto Rio Branco liderados pelo diplomata e escritor João Guimarães Rosa. O segundo momento volta-se para a metodologia de pesquisa empregada neste trabalho e para os deslocamentos dos estudos técnico-científicos para o âmbito especulativo e artístico, refletindo sobre o trânsito entre as diferentes esferas do conhecimento e experimentando com linguagens verbo-visuais, a partir de “fragmentos” da expedição e especulações conceituais. O trabalho se constitui na invenção de seu próprio arquivo, transformando vestígios, lembranças e papéis “inúteis” em documentos. O cerne da pesquisa é o material gerado pelos participantes da expedição, mantido em arquivos públicos e domésticos, como: publicações, lembranças narradas, fotografias, correspondências e cadernos, entre os quais encontramos manuscritos inéditos de Rosa.

Palavras-chave

Arquivo; Paisagem; João Guimarães Rosa; Miscelânea; Expedição; Especulação.

Abstract

MORAES, Joana Passi de; COELHO, Frederico; ROTHIER, Marília. **Remembrances of Sol, Sul and Rosa: an expedition to the Pantanal and its archives.** Rio de Janeiro, 2022. 259 p. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The thesis developed within the scope of the Culture and Contemporaneity Literature Program results from the research, gathering and presentation of documents and memories about a scientific expedition to the Pantanal region that took place in 1947. The investigation focuses on the artistic and scientific dimensions of the expedition, by presenting general contexts of the voyage and of its participants; it also raises questions about methods for narrating and envisioning landscapes and takes the form of a verbal-visual miscellany. The work unfolds within two moments: firstly, focuses on the presentation of the expedition that left the former Brazilian Federal District, Rio de Janeiro, composed of a group of students from the University of Brazil, led by the geographer Hilgard Sternberg, and another group of students from the Rio Branco Institute led by the diplomat and writer João Guimarães Rosa. The second moment turns to the research methodology used in the thesis and reflects on the transit from technical-scientific to speculative and artistic scopes, reflecting on different spheres of knowledge and experimenting with verbal-visual languages, working with "fragments" of the expedition and conceptual speculations. This effort constitutes the invention of an archive of its own, transforming traces, memories and "useless" papers into documents. The core of the research is the material generated by the expedition's participants, kept in public and domestic archives, such as: publications, narrated memories, photographs, correspondence and notebooks, among which we find unpublished manuscripts by Rosa.

Keywords

Archive; Landscape; João Guimaraes Rosa; Miscellaneous; Expedition; Speculation.

Observações sobre o arquivo da tese em formato digital

A montagem da tese foi inicialmente limitada ao meio digital devido ao longo período de isolamento em decorrência da pandemia de Covid-21, que durou por dois dos quatro anos dedicados à pesquisa. A limitação de trânsito e acesso a materiais diversos nos primeiros meses da pandemia, justamente o período em que iniciei a preparação do texto para a qualificação, restringiu a investigação de materiais, a experimentação da materialização da tese e da inclusão de exercícios visuais junto ao texto. Condicionada ao meio virtual, a digitalização do texto possibilitou ampliar a conversa com meus orientadores no período de isolamento social e, inclusive, durante o período de pesquisa no exterior, no Colégio das Artes na Universidade de Coimbra, pelo programa CAPES-Print. Devido ao longo período de trocas virtuais, a montagem no formato digital foi cristalizada. Questionei se os recursos disponíveis contemplariam o que buscava na versão impressa: a experiência sensorial (tátil, olfativa, visual) conjugada à leitura não linear de uma tese em formato de miscelânea; que se assemelhasse à sensação de abrir uma gaveta, uma caixa, um baú ou uma pasta e se deparar com diferentes temporalidades em papéis sortidos.

Estabeleci o computador, programa de produção de texto, scanner e câmera como as principais ferramentas para organizar o material produzido. Tencionei as normas da ABNT e esgarcei suas fronteiras até os limites das diagramações artística e científica. Lancei mão, então, de diferentes fontes de texto, destaques (*highlights*) coloridos e ampliei a margem direita do documento. Nas margens, percebi um espaço convidativo para criar consonâncias e dissonâncias entre texto e imagem, também aberto para rasuras e anotações que evidenciam a convivência de tempos cruzados: uma carta escrita em 1947 e um *post-it* do processo de pesquisa, por exemplo. Nas margens cabem, também, o espaço para os desdobramentos imaginativos, onde os esboços dos trabalhos plásticos podem ficar suspensos até a sua realização¹.

Optei por diagramar o texto e as separações de capítulos demarcando o que estaria destacado do todo, na versão impressa, com imagens de abertura e

¹ Sobre marginalia e diagramação ver *Diagrammatica Writing* de Johanna Drucker, p.20. “O sistema semântico de relações gráficas” e “A expressão gráfica das relações semânticas”, são as ideias principais discutidas pelo pensamento de Drucker, também concretizadas na diagramação de seu texto, como forma e conteúdo. O texto inicia com “As primeiras palavras colocadas definem o espaço” (p.1), exemplo de seu pensamento.

fechamento de capítulo reproduzindo o aspecto de sua versão material. A primeira seção apresenta a Expedição ao Pantanal e a miscelânea com o material de seu arquivo, a abertura e fechamento estão marcados pela imagem de uma mesa com diversos materiais. A seguir, há uma subseção que se insere na miscelânea, na qual estão expostos os perfis de Sol e Sul, compostos a partir das lembranças de sua família.

As seções 4, 5, 6 e 7 estão demarcadas por capas de cadernos. Reúnem o processo especulativo-conceitual da investigação, organizados da seguinte forma: o *Caderno 1* contém notas sobre o processo de pesquisa, levantamento do material de arquivo e argumentação sobre “especulação” como metodologia e “miscelânea” como formato de montagem da tese; o *Caderno 2* faz um retorno para a expedição com especulações críticas a propósito das narrativas de Rosa sobre a viagem, refletindo sobre paisagem e visualidade; o *Caderno 3* é composto por reflexões sobre conceitos norteadores da pesquisa, como “palavras encarnadas”, “rastros”, “ambiência”, “atmosfera” e “paisagem”; o *Caderno 4* expõe a prática artística com uma seleção de trabalhos desenvolvidos ao longo da investigação – junto estão estudos de caso de artistas que contêm afinidades de linguagem com a desenvolvida na pesquisa e breves reflexões sobre as escolhas materiais dos trabalhos.

A seção 8 *Derivas e folhas soltas* é demarcada por uma pasta de arquivo contendo folhas soltas com reflexões que estão intrinsicamente ligadas ao processo de pesquisa, porém surgiram de imprevistos. Esses textos podem ser lidos como folhas soltas encontradas dentro de uma gaveta de arquivo, de forma desorganizada, cruzando diferentes temporalidades. Por se tratar de uma miscelânea, não há uma linearidade na ordem das seções, porém, há a indicação de um trajeto a ser seguido, como exposto no sumário.

A polifonia da miscelânea, com textos de diferentes gêneros e vozes, é perseguida recorrendo aos recursos digitais que possibilitam a apresentação de diferentes visualidades — poemas, relatos de lembranças e relatório técnico estão apresentados com fontes variadas; a transcrição dos documentos respeitará, sem correções ou alterações, suas ortografias originais. As fotografias e documentos, que seguem uma temporalidade própria, estão deslocadas do corpo do texto para as margens do documento.

O formato digital, contudo, não bastou como experimento visual, opto, então, por desdobrar a versão material da tese como uma instalação (um gabinete de curiosidade) no espaço expositivo. A versão impressa em um volume será trabalhada

posteriormente para conjugar os experimentos plásticos materiais e virtuais. Essa versão não será idêntica à digital, pois se desmembra em pastas, folhas soltas e cadernos. O propósito de explorar a materialidade e visualidade da tese visa aproximar a experiência de leitura da sensação de abrir um arquivo doméstico de terceiros, onde encontros imprevistos ocorrem e a reunião de documentos segue uma lógica particular, circunstancial e da ordem do sensível. Ao mesmo tempo, viso me aproximar da sensação de percorrer uma expedição, exercitando o olhar atento para tudo que surge repentinamente, num horizonte em movimento. Questiono, assim, não só o teor científico de um material guardado em arquivos domésticos e públicos, mas, também, seu teor artístico, buscando deslizar da esfera técnica e intelectual para a esfera do sensível e do afeto.

Sumário

Ponto de partida: encontro com uma história	19
--	----

A expedição e uma miscelânea

1 Circunscrição: a expedição	24
1.1 Panorama: trajetos e encontros	26
1.1.1 O Clube dos gafanhotos	29
1.1.2 Rosa	31
1.1.3 O trajeto	33
1.1.4 Dois rumos para Brasília	35
1.1.5 A expedição e seus horizontes de observação	36
1.1.6 Geógrafos e artistas em campo: o ânimo de uma época	43
1.1.7 Anotações: grafias urgentes	48

2 O trajeto da viagem em miscelânea: registros de Sol, Sul e Rosa e um exercício verbo-visual	51
2.1 O relatório	52
2.2 A viagem	55
2.2.1 Paragem > Estação Bauru	57
2.2.2 Paragem > Três Lagoas	60
2.2.3 Paragem > Campo Grande> Cipango	64
2.2.4 Paragem > Corumbá > Ao Pantanal	77
2.2.5 Paragem > Fazenda Firme	85
2.2.6 Paragem > Limão Verde > Uns índios (sua fala)	105
2.2.7 Paragem > Sanga Puytã	109

3 Lembranças de Sol e Sul	121
3.1 Presença de Sol	123
3.1.1 Lembranças de Beth	125
3.1.2 Lembranças de Ester	130
3.2 Presença de Sul	135
3.2.1 Lembranças de Sul, uma conversa	137
3.2.2 Lembranças de Tamar	144
3.2.3 De Sul para sua companheira de expedições, Baszka	151

Cadernos

4 Caderno 1 – Especular a paisagem do Pantanal com Guimarães Rosa	158
4.1 Ao Pantanal	158
4.2 No Pantanal, com o vaqueiro Mariano	161
4.3 Amanhecer na Fazenda Firme	164
4.4 Palavras e cores encharcadas de paisagem	166
4.5 Limão Verde	168
4.6 Sanga Puytã	169

5 Caderno 2 – Notas sobre o processo de pesquisa especulativa: métodos, formatos e conceitos	174
---	-----

5.1	Escopo e levantamento	174
5.2	Especulações enquanto método	179
5.3	Miscelânea como estrutura e desestrutura	181
6	Caderno 3 – Conceitos norteadores: rastro, atmosfera, ambiência e paisagem	186
6.1	Palavras encarnadas: teor plástico da escrita, de imagens e da voz	186
6.2	Rastros	190
6.3	Paisagem	191
6.3.1	Ordenar e desordenar a paisagem	195
6.3.2	Paisagem e arquivo	198
6.3.3	Paisagem e espaço	200
6.3.4	Enquadramentos: ordens do afeto e pictóricas	202
6.4	Atmosferas	204
6.5	Ambiência	206
7	Caderno 4 – Gestos artísticos e matéria para falar de tempo	210
7.1	Horizontes em desalinho	211
7.2	Cartas	213
7.3	Quimeras e híbridos	
7.4	Estudo de caso: <i>o Instituto Experimental Tropical del Amazonas</i> – historiografia híbrida de um passado imaginado	217
7.4.1	Historiografia híbrida	220
7.4.2	Reinvenções do passado	222
7.4.3	Quimeras e alegorias	223
7.4.4	Encontros (im)previsíveis	223
7.5	Estudo de caso: <i>Buena Memoria, 1er año, 6ta division, foto de clase 1967</i> : Sobre tramas e fotografias	226
7.5.1	Um gesto artístico e político: fissuras na imagem e na história	228
7.5.2	Arquivo doméstico, um espaço de desconstrução da memória	230
8	Pasta 1 – Derivas, ensaios e associações: encontros inesperados	232
8.1	Contingência e desvios (folha solta)	233
8.2	Notas de uma deriva por caixas de família: anotar tudo que se vê, de imediato (folha solta)	240
8.3	Um acervo doméstico e familiar (folha solta)	250
9	Referências bibliográficas	255
10	Anexo	261

Lista de figuras

FIGURA 1 REPRODUÇÃO DA FOTOGRAFIA DO GRUPO REUNIDO NA EXPEDIÇÃO AO PANTANAL EM 1947. PERTENCE AO ARQUIVO DOMÉSTICO DE SULAMITA.	26
FIGURA 2. REPRODUÇÃO DA FOTOGRAFIA DE SOL, CHARLOTTE, BASZKA, SULAMITA E EUCLIDES NO VAPOR IPYRANGA, DURANTE A EXPEDIÇÃO AO PANTANAL EM 1947. PERTENCE AO ARQUIVO DOMÉSTICO DE SULAMITA.	26
FIGURA 3. CARTÃO POSTAL DE SOL COM SUA FAMÍLIA, DURANTE A EXPEDIÇÃO AO PANTANAL EM 1947. PERTENCE AO ARQUIVO DOMÉSTICO DE SOL.	27
FIGURA 4. REPRODUÇÃO DIGITAL DE DOCUMENTO. TELEGRAMA DO DIRETOR DO INSTITUTO RIO-BRANCO PARA O GOVERNADOR DO ESTADO DO MATO GROSSO, CONTENDO ROTEIRO DA VIAGEM E APRESENTANDO OS PARTICIPANTES DA INSTITUIÇÃO. ARQUIVO DO ITAMARATI, RIO DE JANEIRO. ESTANTE 109.	27
FIGURA 5. NOTAS DO PROCESSO DE PESQUISA COM MAPEAMENTO DOS ARQUIVOS SOBRE A EXPEDIÇÃO AO PANTANAL. ..	28
FIGURA 6. REPRODUÇÃO DE PÁGINA NA CARTA DE SOL ENVIADA AO SEU NOIVÉ LEON. ENVIADA DURANTE A EXPEDIÇÃO AO PANTANAL EM 1947. PERTENCE AO ARQUIVO DOMÉSTICO DE SOL.....	29
FIGURA 7. REPRODUÇÃO DA CAPA DO CADERNO DE VIAGEM DE SOL COM VERSOS MANUSCRITOS POR GUIMARÃES ROSA, NA EXPEDIÇÃO AO PANTANAL, EM 1947. DESTAQUE PARA O NOME "GUIMARÃES ROSA" ESCRITO POR SOL NA CAPA DO CADERNO. PERTENCE AO ARQUIVO DOMÉSTICO DE SOL.....	29
FIGURA 8. REPRODUÇÃO DA PÁGINA DO CADERNO DE VIAGEM DE SOL COM VERSOS MANUSCRITOS POR GUIMARÃES ROSA, NA EXPEDIÇÃO AO PANTANAL, EM 1947. PERTENCE AO ARQUIVO DOMÉSTICO DE SOL.	30
FIGURA 9. REPRODUÇÃO DA PÁGINA DO CADERNO DE VIAGEM DE SOL, COM VERSOS MANUSCRITOS PELA PRÓPRIA, NA EXPEDIÇÃO AO PANTANAL, EM 1947. PERTENCE AO ARQUIVO DOMÉSTICO DE SOL.....	30
FIGURA 10. REPRODUÇÃO DA LIVRO AVE, PALAVRA DE GUIMARÃES ROSA COM FOTOGRAFIA DO ACERVO DE SOL NA FAZENDA FIRME, PANTANAL, 1947.	32
FIGURA 11. AUTOR DESCONHECIDO. ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL.	35
FIGURA 12. REPRODUÇÃO DO ARTIGO DE HILGARD STERNBERG, COM DESTAQUE PARA AS FRASES CITADAS.	37
FIGURA 13. REPRODUÇÃO DO DISCURSO DE POSSE DE GUIMARÃES ROSA, 1945. REVISTA DOS IHGB. ARQUIVO DA BIBLIOTECA NACIONAL.....	42
FIGURA 14. REVISTA DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE GEOGRAFIA, N. 53, 1946 P. 96-97. DESTAQUE PARA AS CITAÇÕES ...	42
FIGURA 15. VISTAS AÉREAS DE BRASÍLIA. MARCEL GAUTHEROT, 1958. ACERVO DE FOTOGRAFIA DO INSTITUTO MOREIRA SALLES.....	45
FIGURA 16. CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA. MARCEL GAUTHEROT, 1958. ACERVO DE FOTOGRAFIA DO INSTITUTO MOREIRA SALLES.....	46
FIGURA 17. CONGRESSO NACIONAL EM CONSTRUÇÃO. MARCEL GAUTHEROT, 1959. ACERVO DE FOTOGRAFIA DO INSTITUTO MOREIRA SALLES.....	46
FIGURA 18. ESPLANADA DOS MINISTÉRIOS EM CONSTRUÇÃO. MARCEL GAUTHEROT, 1959. ACERVO DE FOTOGRAFIA DO INSTITUTO MOREIRA SALLES.....	46
FIGURA 19. CONGRESSO NACIONAL EM CONSTRUÇÃO. MARCEL GAUTHEROT, 1959. ACERVO DE FOTOGRAFIA DO INSTITUTO MOREIRA SALLES.....	47
FIGURA 20. CONGRESSO NACIONAL EM CONSTRUÇÃO. MARCEL GAUTHEROT, 1959. ACERVO DE FOTOGRAFIA DO INSTITUTO MOREIRA SALLES.....	47
FIGURA 21. ESPLANADA DOS MINISTÉRIOS EM CONSTRUÇÃO. MARCEL GAUTHEROT, 1959. ACERVO DE FOTOGRAFIA DO INSTITUTO MOREIRA SALLES.....	47

FIGURA 22. REPRODUÇÃO DA ENTREVISTA COM GUIMARÃES ROSA, DE 1967, COM DESTAQUE PARA AS CITAÇÕES DO TEXTO.	50
FIGURA 23 CARTA DE CHARLOTTE PARA SOL INDAGANDO SOBRE O RELATÓRIO, COMENTANDO SOBRE O MÉTODO DE ANOTAÇÃO E MENCIONANDO ENCONTRO COM GUIMARÃES ROSA, 1947. ARQUIVO DE SOL.	177
FIGURA 24 DOCUMENTOS DO INSTITUTO EXPERIMENTAL TROPICAL DEL AMAZONAS. IMAGEM DA INSTALAÇÃO ARTÍSTICA, 2018. SITE DA ARTISTA.	218
FIGURA 25 MANIFESTO DE COCO PARA EL INSTITUTO EXPERIMENTAL TROPICAL DEL AMAZONAS, 2018, MARIÁngeles SOTO-DÍAZ.	ERRO!
INDICADOR NÃO DEFINIDO.	
FIGURA 26 FOTOGRAFIA DA ARQUITETURA DO INSTITUTO EXPERIMENTAL TROPICAL DEL AMAZONAS. IMAGEM DA INSTALAÇÃO ARTÍSTICA, 2018. SITE DA ARTISTA.	221
FIGURA 27 VITRINE COM DOCUMENTOS DO INSTITUTO EXPERIMENTAL TROPICAL DEL AMAZONAS. IMAGEM DA INSTALAÇÃO ARTÍSTICA, 2018. SITE DA ARTISTA.....	222
FIGURA 28-32 1. DESENHO DE SONIA DELAUNAY, COMPOSIÇÃO 29, 1930. IMAGEM. 2. BALAIOS SOTEA YANOMAMI, IMAGEM DO SITE LOJA TUCUM, 2022. DESENHO DE SONIA DELAUNAY, COMPOSIÇÃO 30, 1930. VISTA DA INSTALAÇÃO DO INSTITUTO EXPERIMENTAL DEL AMAZONAS, 2018, SITE DA ARTISTA.....	225
FIGURA 29. BUENA MEMORIA, 1ER AÑO, 6TA DIVISION, FOTO DE CLASE 1967, TRABALHO DE MARCELO BRODSKY, 1996. SITE DO ARTISTA.	227
FIGURA 30 - 28 REPRODUÇÕES DO "LIVRO DAS LEMBRANÇAS DO PLANETA". FUNDO DE OBRAS RARAS. BIBLIOTECA GERAL DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.	235
FIGURA 31 ESTANTES DE LIVROS NA SALA "OBRAS RARAS" DA BIBLIOTECA GERAL DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA. 2020.....	239
FIGURA 32 MONTAGEM COM QUADROS DO FILME "OS CATADORES E EU" DE AGNÈS VARDÁ, 2000.	252

PONTO DE PARTIDA

Encontro com uma história

Antes do encontro com objetos e documentos, conheci lembranças narradas. Histórias contadas por Sol para suas filhas, Elizabeth e Esther, por Sulamita para sua filha Tamar, e delas para mim – sou neta de Sol, filha de Elizabeth. Sol e Sul, como carinhosamente Sulamita era chamada, eram amigas “de todas as vidas, amigas irmãs, como não tiveram outra”, companheiras na vida particular, nos estudos e no trabalho. As lembranças que escreverei aqui são frutos de uma viagem que as duas fizeram em 1947, quando participaram de uma expedição ao Pantanal, com sua turma da faculdade de Filosofia, História e Geografia da Universidade do Brasil, liderada pelo Professor Hilgard O’Reilly Sternberg e da qual participou um ilustre agregado que concedeu à viagem tonalidades excepcionais: o escritor João Guimarães Rosa. É com a história da “Expedição ao Pantanal” que lanço a ideia de especular (no sentido de ver imagens e seus duplos), de fazer emergir a dimensão política e artística desse evento, de rever, vislumbrar e imaginar os momentos e as paisagens de outrora, de ouvir a polifonia que surge do campo de estudos sobre Arquivos e de percorrer, com o fervor da curiosidade, as dobras e contornos dos caminhos da expedição.

Essa história chegou até mim por conversas saudosas que lembravam de Sol, dos momentos excepcionais de sua vida, e pelas recordações da própria Sulamita. Contada inúmeras vezes, a cada lembrança, a história ganhava imagens inéditas e um dado novo chamava a minha atenção. Talvez por fruto de minha imaginação, os acontecimentos pareciam conter um ineditismo constante: a história embrava um olho d’água de onde surgiam infinitamente novas imagens, narrativas, desdobramentos e achados. A expedição ganhava, assim, novos contornos nas infinitas tentativas de apreendê-la.

A cada encontro com o passado, segui o curso das lembranças: caminhos ainda não vistos se apresentaram e outros bifurcaram-se – caminhos que deveriam estar lá de antemão, mas passavam despercebidos, subitamente se apresentavam mais convidativos para meu percurso. Esbarrei com fragmentos que emergiram como ruínas submersas; essas, com o movimento da água, mostram partes de seu todo. O rememorar de Sulamita, Beth, Ester e Tamar, remexeu essas águas e meu pensamento: “o pensamento – para chamá-lo por um nome mais imponente que o merecido – havia lançado sua linha na correnteza” (WOOLF, 1928, p.9). A “linha” do pensamento seguiu os fluxos das memórias, se envolveu em estilhaços, “oscilou aqui e ali entre os reflexos e as ervas silvestres, ao sabor da água, que a erguia e a afundava, até (vocês conhecem aquele puxãozinho) sentir a súbita consolidação de uma ideia na ponta da linha: então, foi só puxá-la com cautela e expô-la cuidadosamente” (WOOLF, 1928, p.9). Exponho, aqui, a ideia de montar uma miscelânea para reunir os estilhaços de um passado que se tornaram iscas para meu pensamento: a expedição ao Pantanal em sua pluralidade de formas e espectros.

A expedição gerou produções de diferentes naturezas: trabalhos científicos de campo; as produções literárias de Rosa; narrativas orais, além de registros guardados em arquivos de famílias. Reúno aqui esses registros dispersos, de diferentes ordens, intercalados com seus desdobramentos no presente: o “arquivo inventado da Expedição ao Pantanal”. Essa reunião é pautada pelas seguintes questões: como conjugar elementos dispersos sobre um mesmo tema, com uma linguagem verbo-visual? Como narrar uma história e vislumbrar paisagens de outrora a partir de rastros, restos, ruídos e “palavras encarnadas”? Tendo em mãos uma herança (documentos e narrativas orais) relevante para a compreensão de um período da história brasileira, como expor as dimensões artísticas e científicas deste conjunto de “dados moles” — lembranças e afeto — e “dados duros” — documentos e registros institucionais?

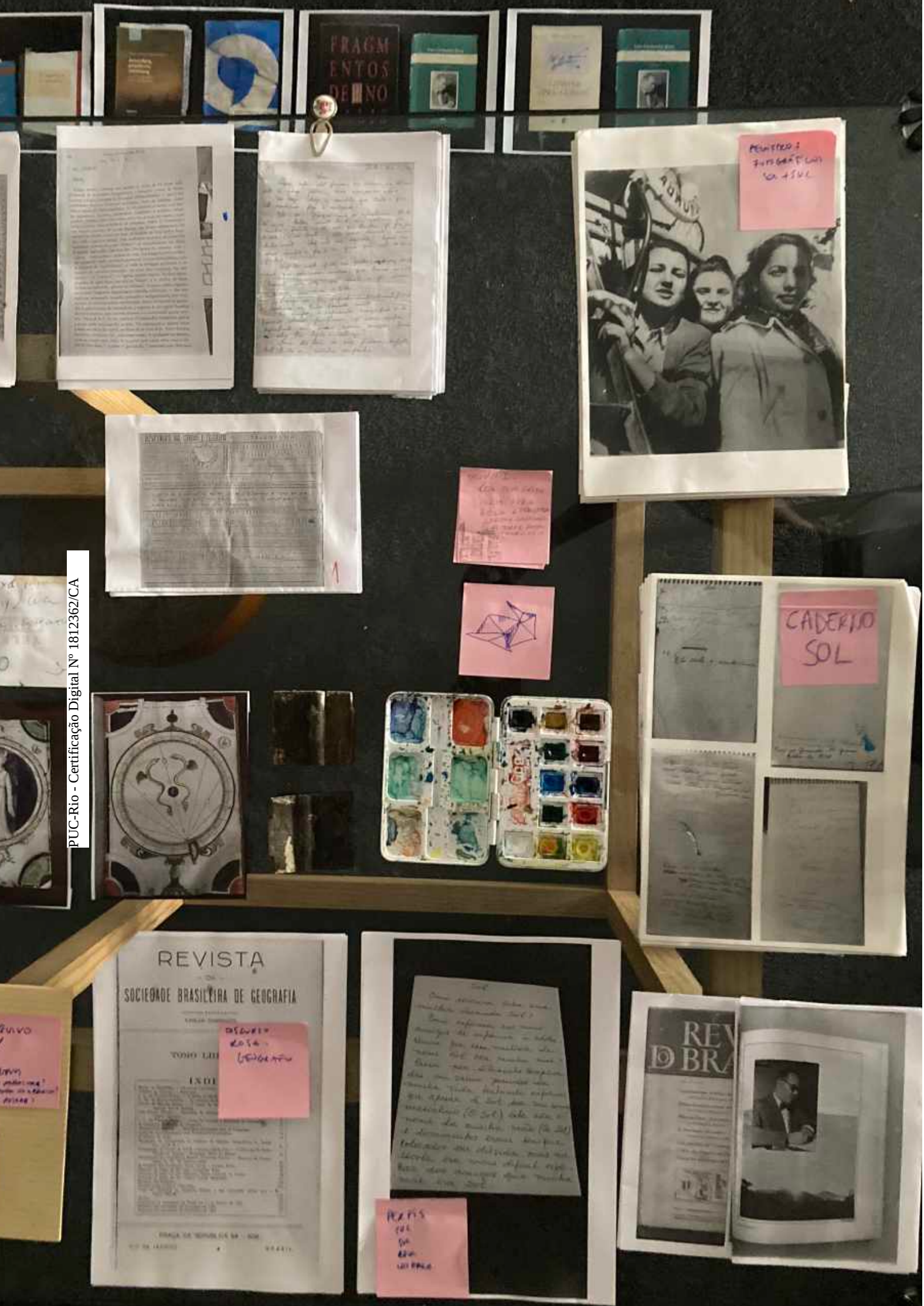
Há alguns pontos a destacar sobre a pesquisa aqui apresentada, relevantes para justificar o formato e a abordagem artística sobre a Expedição ao Pantanal. A viagem raramente figura nos arquivos institucionais e nas histórias já escritas sobre as expedições científicas para a construção de Brasília, em comparação com as demais expedições realizadas na mesma época com o mesmo propósito. O cerne da pesquisa são relatos e arquivos domésticos de duas participantes da viagem, Sol e Sul, junto ao material artístico e narrativo de Rosa proveniente da expedição. Logo, não será apresentada aqui uma narrativa estritamente documental-institucional da viagem. Serão explorados os potenciais documentais-imaginativos de um arquivo “marginal”, a partir do qual são elaboradas narrativas e paisagens do evento.

Todo arquivo é uma invenção² e “o arquivo não é somente um repositório para documentos do passado, mas também um lugar onde o passado é construído e produzido. Essa construção (...) é essencialmente codeterminada pelos meios de comunicação e pelas técnicas de registro” (ASSMANN, 2011, p.25) – logo, levanto a questão: como uma linguagem verbo-visual potencializa as particularidades de registros afetivos, lembranças narradas e composições literárias guardados em arquivos domésticos, familiares e artísticos? Apresento aqui o arquivo inventado da Expedição ao Pantanal, a partir de deslumbramentos, de rastros e “lixos”³ transformados em documentos, de lembranças e esquecimentos transformados em depoimentos, paisagens de outrora transformadas em imagens, em constante vir a ser.

A tese propõe-se especular sobre a memória da Expedição ao Pantanal e expor o processo da própria investigação, formando uma “miscelânea” de imagens e textos de diferentes temporalidades. Essa construção artístico-ensaística visa revelar a pluralidade de dimensões do conhecimento que a expedição de 1947 ainda pode apresentar.

² A ideia de que todo arquivo é uma invenção se refere à conservação dos documentos e o trabalho de organização do arquivista que, efetivamente, inventam um arquivo.

³ Sobre o conceito de lixo e sua qualidade de vestígio e o conceito de “decaimento”, ver Aleida Assmann, *Espaços da Recordação*, p. 411-412.



1 Circunscrição:
a Expedição

“Ponto de partida –

Estação D. Pedro II, Central do Brasil,

Rio de Janeiro.

Dia 29 de junho de 1947,

às 7 horas da manhã.”

1.1 Panorama: trajetos e encontros

O ano da viagem é 1947, o contexto específico é uma expedição ao Pantanal Mato-grossense organizada pelo professor geógrafo Hilgard Sternberg. O contexto geral é o Brasil na iminência de realizar o projeto de realocação de sua capital federal da cidade costeira do Rio de Janeiro para o centro-oeste do país, logo após o governo de Getúlio Vargas, pós Segunda Grande Guerra, em prol do desenvolvimento e do futuro.

A Expedição ao Pantanal, como é lembrada por seus participantes, foi composta por um grupo de estudantes da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, imbuídos da necessidade de coletar dados científicos sobre a região e produzir relatórios. As atribuições dos estudantes-pesquisadores foram estabelecidas de antemão e os grupos cooperavam um com o outro. Sol Garson e Sulamita de Farias Brito e Castro⁴ formavam a dupla responsável pela Geografia Humana; Baszka Borestein e Euclides Gomes se concentraram na Geografia Física: “Baszka catava as pedras e entregava para o pai do Ciro Gomes carregar, o Euclides”, Sulamita comenta. Auxiliaram o professor Sternberg na coordenação da expedição, sua então secretária, a professora Maria da Conceição Vicente de Carvalho e a bolsista americana Charlotte.

Destaca-se, nessa expedição, a relevância da participação das mulheres, “consideradas corajosas, à frente de seu tempo” numa “trama desbravadora” (CUNHA, 2012, p. 9)⁵. Além de estarem presentes em maior número no grupo, elas se distanciavam das expectativas sociais que recaíam sobre suas atividades, destoando dos estereótipos impostos às jovens de classe média do Rio de Janeiro. Vestiram calças, botas e rumaram ao centro-oeste do país, região identificada, superficialmente pelos familiares e amigos da capital, com os clichês dos filmes de



Figura 1 Reprodução da fotografia do grupo reunido na Expedição ao Pantanal em 1947. Arquivo doméstico de Sulamita.



Figura 2. Reprodução da fotografia de Sol, Charlotte, Baszka, Sulamita e Euclides no vapor Ipyranga, durante a Expedição ao Pantanal em 1947. Arquivo doméstico de Sulamita.

⁴ Os sobrenomes de família serão usados, considerando que a viagem foi feita em 1947, anterior aos seus casamentos. Seus nomes, posteriormente, incorporaram os nomes de seus parceiros e mudaram para Sol Garson Passi e Sulamita Castro Azevedo e Silva.

⁵ Mais sobre a relevância da participação das mulheres nas expedições que partiram da Universidade de Brasil em função da construção de Brasília no livro *O cogumelo das 13 mulheres*, publicação independente de Waldir da Cunha (2012). O autor destaca o papel de treze mulheres participantes de duas expedições, uma do professor Hilgard Sternberg e outra do professor Francis Ruellan: “é preciso ressaltar que, dentro dessa trama de caráter desbravador, destacam-se 13 mulheres consideradas corajosas à frente de seu tempo”. Waldir também aponta a falta de material sobre as expedições: “Expedição essa considerada ‘ignorada’ dentro da estruturação de nossa história” (CUNHA, 2012, p. 9).

farwest americanos – como lembrou Sulamita em seu relato sobre a viagem e como indica Sol ao mandar notícias para sua prima: “Hilda, uma prova de que Campo Grande não é somente a terra das onças e índios ferozes. Beijo da prima Sol” (GARSON, 1947; fig. 3).

O grupo guarda outra curiosa particularidade: além de estudantes, técnicos e técnicas, participou da expedição um representante do Instituto Rio Branco: o escritor João Guimarães Rosa. O então diplomata, que já havia publicado o livro *Sagarana*, viajou acompanhado dos estudantes Raul de Sá Barbosa e Nestor dos Santos Lima. Em pesquisa realizada no Arquivo do Instituto Rio Branco, no Palácio do Itamaraty do Rio de Janeiro (sede das atividades do corpo diplomático brasileiro até a mudança da capital federal para o planalto central), foram encontrados documentos indicativos das atribuições do escritor na viagem. Na época ocupante do cargo de chefe da secretaria do Instituto Rio Branco, foi o responsável por acompanhar os dois estudantes que cumpriram a exigência curricular de realizar atividade prática de ensino com trabalho de campo: “primeira excursão de estudo” (fig. 4).

A Universidade do Brasil teve comprovado envolvimento com as atividades técnicas para mapeamento e estudo da região onde seria construída a capital, como lembra Sulamita em seu depoimento: “essa expedição se destacou das demais que realizávamos na faculdade, pois foi com uma missão relacionada ao estudo para realocação da capital” (CASTRO, 2016)⁶. A mesma importância é verificada no documento protocolado por Waldir da Cunha, participante das viagens de campo da universidade realizadas na mesma época:

(...) o Excelentíssimo Senhor Presidente da República, na mensagem dirigida ao Congresso Nacional (...) salientou o problema da mudança da Capital do País, ressaltando a importância e presteza dos respectivos estudos, cujos resultados Sua Excelência pretende encaminhar ao Congresso ainda no corrente ano. (...) Dentro de alguns dias, terão início no campo importantes estudos das zonas de interesse do planalto



Figura 3. Cartão postal de Sol com sua família, durante a Expedição ao Pantanal em 1947. Arquivo doméstico de Sol.

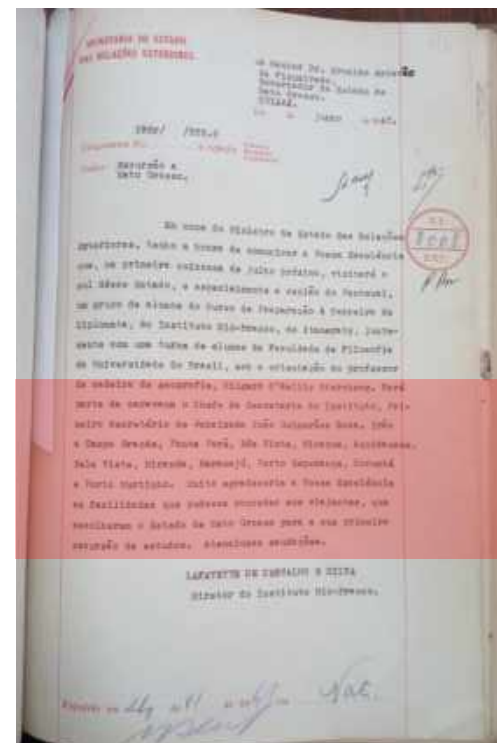


Figura 4. Reprodução digital de documento. Telegrama do Diretor do Instituto Rio-Branco para o governador do estado do Mato Grosso, contendo roteiro da viagem e apresentando os participantes da instituição. Arquivo do Itamaraty, Rio de Janeiro. Estante 109.

⁶ Depoimento em vídeo, transposto no subcapítulo: 3.2.1 Lembranças de Sul, uma conversa.

central do País, para os quais necessita esta Comissão do concurso do aluno Waldir da Cunha (...). Certamente não escapa ao esclarecido espírito de Vossa Senhoria a elevada significação do concurso dessa importante Faculdade na solução do magno problema nacional, que é indiscutivelmente a interiorização da Capital do País, em obediência a determinante dispositivo constitucional.⁷

Não foi encontrado registro explicitando que o grupo do Rio Branco teria realizado a viagem com propósitos afins aos do grupo da Universidade do Brasil.

Contudo, podemos conjecturar sobre o notório interesse de Rosa pela Geografia – “Gostava de estudar sozinho e de brincar de geografia”⁸ –, sobre sua proximidade com a Sociedade Brasileira de Geografia⁹ e sobre como seu trânsito por diferentes instituições explicitam sua perspectiva interdisciplinar e ampla na produção do conhecimento. É possível apontar, também, o aproveitamento da viagem pelos dois grupos tanto na esfera científica e técnica, quanto na esfera afetiva e artística, através da variedade de registros encontrados em seus arquivos. As cartas de Sol e o discurso de Rosa para Sociedade Brasileira de Geografia, por exemplo, indicam seus empenhos em experimentar o meio ambiente não só através das ferramentas técnicas pela atividade do intelecto, mas também pelas atividades das esferas do sensível, afetiva e artística. Uma das cartas de Sol ao seu noivo reforça explicitamente como sua experiência da geografia ultrapassava seu olhar técnico em direção a uma experiência corporal:

Leon, porque você não está aqui para ver tudo isto e se sentir tão pequeno como eu, neste momento inesquecível? Conheço a paisagem geograficamente. E

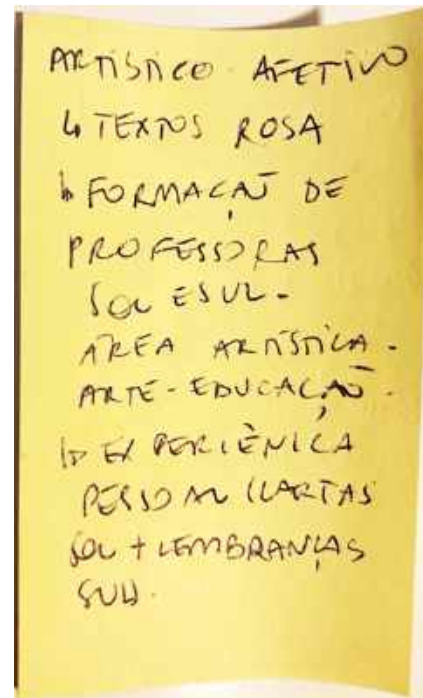
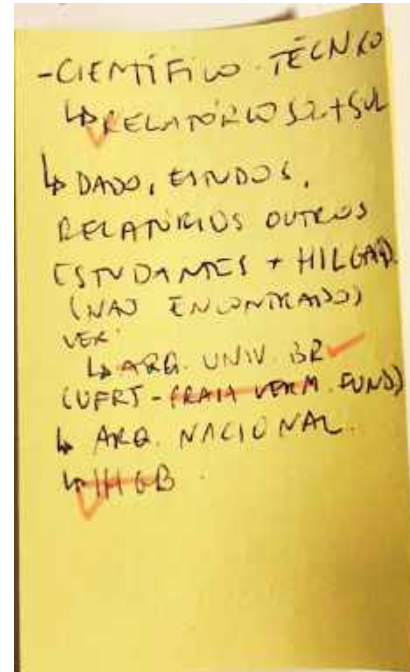


Figura 5. Notas do processo de pesquisa com mapeamento dos arquivos sobre a Expedição ao Pantanal.

⁷ Arquivo da Faculdade Nacional de Filosofia, Pasta 11, Localização A12PR1PA9, PROEDES- UFRJ.

⁸ Em entrevista a Ascendino Leite, Rosa descreve seu gosto de infância: “Gostava de estudar sozinho e de brincar de geografia. Mas, tempo bom de verdade, só começou com a segurança de poder fechar-me num quarto e fechar a porta. Deitar no chão e imaginar histórias, poemas, romances, botando todo mundo conhecido como personagens, misturando as melhores coisas vistas e ouvidas, uma combinação mais limpa e mais plausível, porque – como muita gente já compreendeu e falou – a vida não passa de histórias mal arranjadas de espetáculos fora de foco.” LEITE, Ascendino. “Arte e céu, países de primeira necessidade”. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 26 maio 1956. (Rec. Acervo JGR-IEB) *apud* DE LARA (1996).

⁹ Guimarães Rosa associou-se à Sociedade Brasileira de Geografia (SBG) em 1945.

nem por isso, querido, pelo contrário, muito por isso é que eu sinto a terra vibrar no meu sangue. (GARSON, 1947).

1.1.1 O Clube dos gafanhotos

Sol se refere ao grupo, em uma de suas cartas enviadas durante a expedição ao Leon, como o “Clube dos Gafanhotos”: “(...) Além de mim e de Sulamita, que você conhece bem, o professor Hilgard, duas colegas, uma assistente, dois rapazes do Itamaraty e um escritor formamos o chamado 'Clube dos Gafanhotos'. Esta denominação proveio da maneira terrível com que devoramos as refeições do hotel.” (GARSON, 1947; fig.6). Sol segue destacando suas impressões sobre o coletivo e a convivência entre o grupo: “Nossa equipe é unida e homogênea. Todas as nossas atividades são feitas em comum *acôrdo*¹⁰, com alegria e espontaneidade”. Assim, percebemos que os trabalhos realizados na viagem eram predominantemente colaborativos e que as mulheres participavam integralmente das atividades.

De acordo com o que é possível deduzir ao ler as cartas de Sol e ouvir as recordações de Sulamita, percebemos que a intimidade entre o grupo é harmônica e crescente ao longo do tempo da viagem. Sul lembra que a “convivência era muito boa”, se reuniam para cantar e conversar nas fazendas, e, em um dos momentos como esses, fizeram um jogo de versinhos que ficaram guardados no caderno de Sol (fig.7), entre eles estão três versos inéditos escritos por Rosa (um dos que foi escrito para Sulamita tem aspecto de rascunho):

*Quero bem a Mato Grosso,
mas afirmo, sem farol:
nosso céu tem mais estrelas,
nossa estrela é mesmo a Sol.*

*Para ver a Sulamita,
(rasura) andarei de norte a sul,*

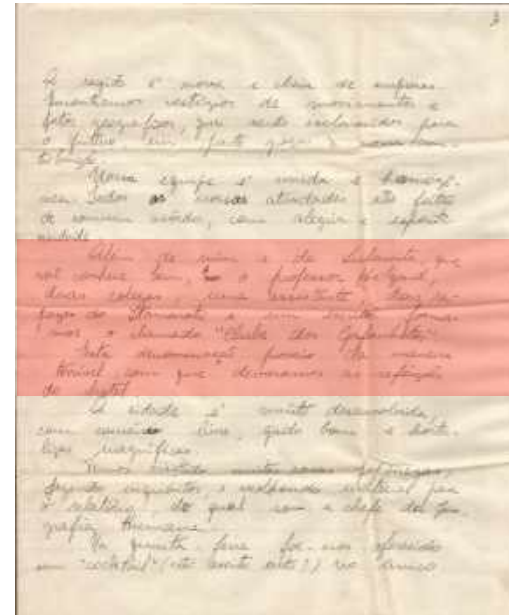


Figura 6. Reprodução de página na carta de Sol enviada ao seu noivo Leon. Enviada durante a Expedição ao Pantanal em 1947. Arquivo doméstico de Sol.



Figura 7. Reprodução da capa do caderno de viagem de Sol com versos manuscritos por Guimarães Rosa, na Expedição ao Pantanal, em 1947. Destaque para o nome "Guimarães Rosa" escrito por Sol na capa do caderno. Arquivo doméstico de Sol.

¹⁰ A transcrição dos documentos seguirá a grafia original.

(rasura) Uma moça tão bonita
é bem ouro sobre azul.

Para ver a Sulamita,
andarei de norte a sul:
tão bondosa e tão bonita
é bem ouro sôbre azul.

Sol também registrou versos sobre Charlotte, Rosa e Hilgard, com uma escrita de traços que mostram a urgência e rapidez de sua grafia, impedindo a compreensão imediata de algumas palavras (fig. 9). Destaco o verso a seguir, com tachados para indicar as letras escritas com uma grafia que desmancha em palavras incompletas:

O autor de Sagarana
todo dia ~~chupa cana~~
Ele é mesmo um bacana.
Gafanhoto de polaina.

Sulamita recorda que Rosa dispensou o nome de Baszka para chamá-la de Sacha, pois “soava melhor nos versos”:

Guimarães Rosa, por sua vez, entremeava as suas interferências com versos que copiávamos nos cadernos de anotações. Foi assim que, na linguagem poética, a mestra do grupo foi chamada de Sacha. Quando se referia às moças da equipe, o fazia em dois versos:

'Charlotte, Sacha, Sol,
Sulamita, Conceição'

Sacha, daí em diante, foi como nos dirigimos à nossa querida Baszka.

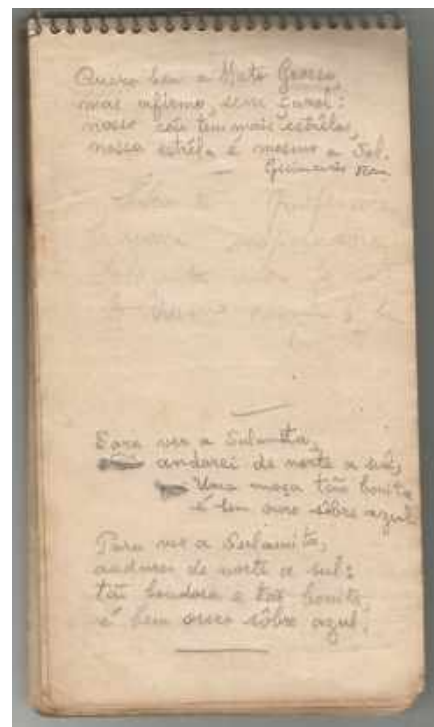


Figura 8. Reprodução da página do caderno de viagem de Sol com versos manuscritos por Guimarães Rosa, na Expedição ao Pantanal, em 1947. Pertence ao arquivo doméstico de Sol.

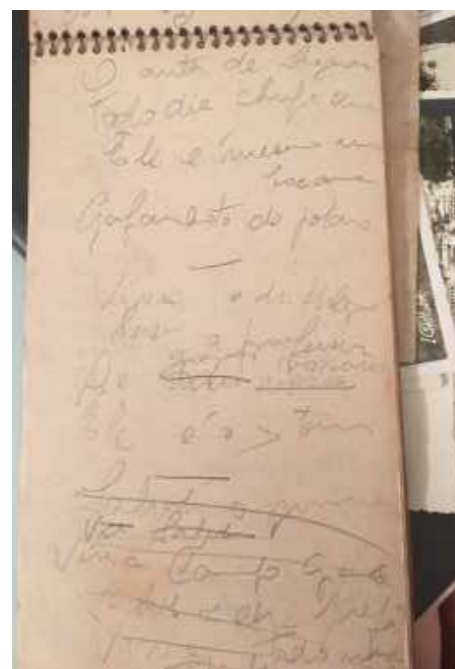


Figura 9. Reprodução da página do caderno de viagem de Sol, com versos manuscritos pela própria, na Expedição ao Pantanal, em 1947. Arquivo doméstico de Sol.

1.1.2 Rosa

Há um fato que seria secundário se a história da literatura brasileira fosse outra: a relevância da presença de João Guimarães Rosa para a memória da expedição. O escritor também deixou registros sobre a viagem, como as cartas enviadas a seu pai e ao seu amigo Antônio Azeredo da Silveira (SILVEIRA [s/d]), e as anotações em seus cadernos de viagem. Assim como nas lembranças de Sul e Sol, há nos escritos de Rosa repetidos destaques à multiplicidade de meios de transportes – de canoas a aviões teco-tecos e carros de boi – e às surpresas que os viajantes encontraram ao longo do caminho. Na carta ao seu amigo Azeredo da Silveira, Rosa relata seus deslocamentos e encontros traçando uma espécie de inventário das excentricidades da viagem:

Rodei, pelo “Pantanal”, pelo roteiro (às avessas) da Retirada da Laguna. Vi coisas espantosas. Andei de trem, de automóvel, de camionete, de caminhão, de “jardineira”, de avião téco-téco, de carro-de-bois, de vapor fluvial, de lancha, de *canôa*, de batelão, de prancha, de locomotiva, de pontão, de carreta, a pé, a cavalo em cavalo, em boi, em burro... Vestido de caqui, com *polâinas* de lona, com mochila, cantil, capacete de explorador. Falei com japoneses, colonos búlgaros, ervateiros, vaqueiros, índios Terenas, chefes revoltosos e legalistas paraguaios, no Paraguai (...). (SILVEIRA [s/d], p. 25)

Sulamita recorda que Rosa andava com cadernos à mão e anotava incessantemente. A mesma observação é feita pelo vaqueiro Mariano: “[o doutor] ficava puxando coisas e pondo lá num caderninho(...)”¹¹ (COSTA, 2002, p. 39). Os cadernos da viagem não constam em arquivos públicos, o que provoca lacunas na biografia de Rosa: “não se tem notícia das cadernetas da viagem pelo Pantanal (...)” (COSTA, 2002, p. 24). Apesar das escassas anotações sobre a viagem,

¹¹ As falas de Mariano estão transcritas na tese de Ana Luiza Martins Costa, *João Guimarães Rosa, Viator* - Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras, Centro de Educação e Humanidades, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

é amplo o rol de textos, publicados originalmente em periódicos pelo escritor, que são fruto da expedição. Ana Luiza Costa lista estas publicações, depois incluídas no volume *Ave, Palavra* (ROSA, 2001): “Sanga Puytã” (*Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 17.08.1947), “Cipango” (*Folha da Manhã*, São Paulo, 17.02.1952), “Ao Pantanal” (*Diário de Minas*, Belo Horizonte, 05.04.1953), “Uns índios – sua fala” (*Letras e artes*, Rio de Janeiro, 25.05.1954). Ainda em 1947, Rosa publica a primeira das três partes da reportagem “Com o vaqueiro Mariano” no *Correio da Manhã*¹², posteriormente publicada na íntegra sob o título “Entremeio: com o vaqueiro Mariano”¹³. Rosa publica, também, em 1961, na Revista *Senhor* (n. 3, Rio de Janeiro, março, 1961)¹⁴, a novela “Meu tio Iauaretê”¹⁵, que, como informa Costa, aproveita trechos de conversas com os caçadores de onça no Pantanal. Em “Sanga Puytã” (ROSA, 2009, p. 45), Rosa escreveu trecho de uma cantiga de um menino engraxate que, segundo relato oral de Sulamita, acompanhou o grupo na fronteira do Paraguai. Esta cantiga, ainda hoje, soa na memória de Sulamita e das filhas de Sol Garson:

*Allá en la orilla del rio
una doncella bordando
pañuelo de oro
para la Reina
para la Reina...*

Encontrei, no arquivo de Sol, um retrato de uma carroça de boi com uma legenda no verso: “Fazenda Firma, Nhecolândia – M.G. julho 1947”. Essa mesma fazenda é o ponto inicial da reportagem “Com o vaqueiro Mariano”: “Em julho, na Nhecolândia, Pantanal de Mato Grosso, encontrei um vaqueiro” (ROSA, 1947). O material localizado em arquivos pessoais, relatos e publicações forma uma espécie de trama de fatos e memórias. Para além dos registros oficiais, essas

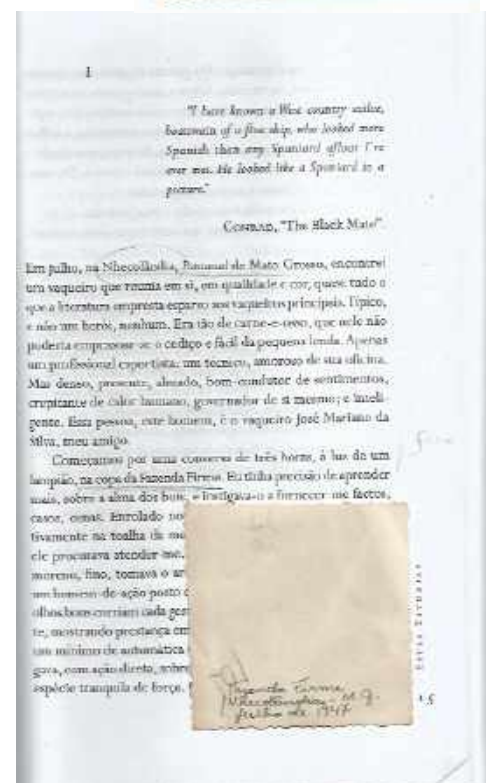


Figura 10. Reprodução da livro *Ave, Palavra* de Guimarães Rosa com fotografia do acervo de Sol na Fazenda Firma, Pantanal, 1947.

¹² "Com o vaqueiro Mariano" (Parte 1), *Correio da Manhã*, n. 16.252, 26 out. 1947 p. 1; 3; "Com o vaqueiro Mariano" (Parte 2), *Correio da Manhã*, n. 16.350, 22 fev. 1948, p. 1; 3; "Com o vaqueiro Mariano" (Parte 3), *Correio da Manhã*, 7 mar. 1948 p. 1; 3.

¹³ Integra a obra: *Estas Estórias*, João Guimarães Rosa, 1969.

¹⁴ Integra a obra: *Estas Estórias*, João Guimarães Rosa, 1969.

¹⁵ Integra a obra: *Estas Estórias*, João Guimarães Rosa, 1969.

reminiscências nos ajudam a **especular** e **vislumbrar** os lugares por onde o grupo passou, o que foi visto, ouvido, aspectos das paisagens e impressões que marcaram os viajantes – ou seja: uma coleção de dados e fios soltos para a imaginação.

1.1.3 O trajeto

O grupo liderado por Hilgard deixou o Rio de Janeiro pela estação da Central do Brasil, no dia 29 de junho pela manhã, rumo a São Paulo, de onde partiram para o Centro Oeste. Ao todo, entre a ida e a volta, por vias aéreas, fluviais e terrestres, foram feitas aproximadamente 40 paragens. De acordo com um telegrama enviado do Itamaraty, do Rio de Janeiro para autoridades governamentais de Campo Grande, houve um mapeamento prévio da trajetória que seria percorrida pela excursão. Os registros realizados durante a viagem e os posteriores indicam que o trajeto programado foi integralmente realizado. As primeiras paragens acompanharam as estações do trem, do Rio de Janeiro a Bauru, e as estações da Estrada de Ferro Noroeste, entre São Paulo e Campo Grande. Uma vez que o grupo deixou a estrada de ferro, seguiu seu curso por barcos, canoas e carros de boi, permanecendo um tempo significativo em trânsito. Devido à qualidade das estradas e à velocidade dos meios de transporte, os deslocamentos entre as cidades e fazendas duravam longas horas.

Assim indica o mapeamento e apontamentos sobre o trajeto da viagem registrados por de Sol e Sul:

Central do Brasil, Rio de Janeiro, 29/06/ manhã (partida),
 Volta Redonda,
 São Roque,
 Sorocaba,
 Anísio de Moraes,
 Boituva,
 Cerquilha,
 Salgado,
 Botucatu,

Bauru, 30/06/ noite,
 (depois de) Avaí, 01/06/ dia (direção Três Lagoas),
 (antes de) Renato Wernek,
 (sobre o) Rio Paraná, relógios atrasados em 1h,
 Três Lagoas, (até) Jataú, poucas horas de permanência,
 Campo Grande (Cidade Morena), 03/07/ 6h30 da manhã (chegada),
 Colônia Terena,
 Porto Esperança, 08/07/ 8h15 da manhã (partida),
 Aquidauana,
 (subida pelo) Rio Paraguai (embarcação que foi vaso de guerra na luta
 contra Paraguai: o Vapor Fernandes Vieira),
 Corumbá, 9/07/ 14h (chegada, desembarque por canoas), 11/07/ 7h45
 (partida),
 Lancha até Porto de Manga,
 Nhecolândia (chegada),

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812362/CA

(...) lá nos esperava uma embarcação movida a motor, que nos levou até um certo ponto do Pantanal. Na zona que atravessamos, a vegetação estava submersa. De abril a setembro o solo fica inundado, com profundidade bastante para que uma lancha faça o percurso. Durante a época seca é uma estrada, por onde trafegam carros de boi, cavalos, etc. Saímos da lancha Mercedes e embarcamos numa prancha, que se movimentava com a utilização da zinga, que é uma espécie de tronco. O homem que maneja esta modalidade de remo é o zingador. (GARSON; CASTRO, 1947)

Rodeio Cristóvão (local onde não é mais possível trafegar a embarcação fluvial)

“esperavam-nos carros de bois. Viajamos duas horas até encontrarmos um caminhão que nos conduzisse à Fazenda Firme” (GARSON; CASTRO, 1947)

Nhecolândia 13/07/ tarde (partida),
 Rio Paraguai, 18h30 (embarcação a vapor),
 Porto Esperança, 6h30,
 (Rios) Paraná, Paraguai, Taquari,

Aquidauana, 14/07/ 14h30 (estrada),
 Aldeia Limão Verde Terena (presença significativa da Igreja Redentorista),
 Bela Vista, 15h (dormitório no Regimento Militar),
 Rio Apa (canoa),
 Paraguai,
 Colônia Penzo (meio do caminho),
 Fazenda Bacuri (Ervais),
 (segunda fazenda de ervais),
 (trabalhadores paraguaios em trabalho análogo à escravidão),
 Ponta Porã, 17/07/ tarde (chegada), 19/07/17h10 (partida),
 Dourados, 19/10/ 23h30 (um clarão no meio da floresta desmatada),
 Colônia Agrícola Nacional (extração de madeira para colônia),
 Maracaju, 20/07/ tarde,
 São Paulo, 23/07/ noite (chegada), 24/07/ manhã (partida),
 Central do Brasil, Rio de Janeiro, 24/07/noite (chegada).

1.1.4 Dois rumos para Brasília

Em paralelo à expedição ao Pantanal de Hilgard Sternberg, ocorreu outra expedição liderada por Francis Ruellan (1894-1975), composta por cientistas e estudantes da Universidade do Brasil¹⁶. A “Expedição Ruellan” é considerada a “principal expedição científico-geográfica” (SENRA, 2010, p. 190-192) para a construção de Brasília que saiu do Rio de Janeiro rumo à região de Goiás. Encontramos numerosas ocorrências de documentos e relatórios produzidos pelo grupo de Ruellan nos arquivos do IBGE e IHGB, em contraste com escassas ocorrências do grupo de Hilgard. Além de documentos encontrados nos arquivos públicos, uma participante, a Cybele do Brasil, também estudante da Universidade do Brasil, colega de turma de Sol e Sul,



Figura 11. Autor desconhecido. Arquivo Público do Distrito Federal.

¹⁶ Ambas as expedições lideradas pelos professores da Universidade do Brasil tiveram apoio do governo federal. O apoio foi relatado por Sulamita e pode ser verificado no livro do IBGE - *Veredas de Brasília*. As atividades da faculdade de Geografia e História da Universidade do Brasil, da qual o grupo fazia parte, tinham como prática recorrente as pesquisas de campo nas quais os estudantes, junto a técnicos e professores, realizavam levantamento de dados e produziam relatório a serem disponibilizados para trabalhos acadêmicos e para outros propósitos como a aplicação para a realocação da capital federal.

deixou seu relato gravado em vídeo, em conversa realizada, com o propósito de investigar sobre a dinâmica das expedições¹⁷.

Organizada por Ruellan, então professor de Geografia na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil e do Conselho Nacional de Geografia, a expedição rumou para Minas Gerais e Goiás com o propósito de produzir estudos sobre as características geográficas da região. O grupo era “multidisciplinar, envolvendo dezenas de pessoas, incluindo 40 cientistas, com o objetivo de estudo detalhado de oito pré-áreas selecionadas, mas também das regiões situadas entre essas áreas, a fim de propor sítios específicos” para realocar a capital federal.

Com propósitos semelhantes aos do professor Ruellan quanto ao estudo para construção do futuro distrito federal, a expedição ao Pantanal de Hilgard destaca-se por conter poucos registros, um menor grupo de participantes e por explorar uma região que se tornaria a borda da capital, que teria a serventia de abastecimento hídrico, de vizinhança, e de compor a região fronteira do oeste do país. Através dos registros da Expedição Ruellan, podemos especular sobre os métodos e propósitos comuns aos dois grupos de expedidores que compartilhavam o mesmo ambiente institucional da Universidade do Brasil e viajaram com finalidades similares.

1.1.5 A expedição e seus horizontes de observação

Os métodos de pesquisa de campo empregados pelo grupo, as ferramentas e instrumentos geográficos, as circunstâncias e a atmosfera da viagem fazem parte dos elementos que compõem a paisagem da expedição. Busco identificar como as metodologias científicas, em confluência com as esferas íntimas e afetivas, podem gerar composições específicas sobre os lugares visitados pelo grupo. A partir dos escritos de Rosa, e da correspondência e cadernos de Sol, indago sobre os indícios de um horizonte fragmentado pelos deslocamentos; o confronto do corpo com o ambiente em constante mudança; e como

¹⁷ Depoimento gravado em arquivo de vídeo em 2019. Arquivo da autora.

suas palavras guardam impressões que atravessam o olhar técnico e afetivo. Desta forma, aponto para elementos que explicitam como os saberes científicos e artísticos se complementam para a formulação de um conhecimento e o aparecimento de uma paisagem específica.

A relação entre pesquisador, ferramenta e objeto de estudo – o fundamento do trabalho de campo –, como fora empenhada pelo grupo de pesquisadores da Expedição ao Pantanal, seguiu a sistemática elaborada por Sternberg, que, junto ao Professor Francis Ruellan, fundamentava as práticas de ensino e pesquisa da Universidade do Brasil. Em seu artigo “As listas de fatos a observar nos trabalhos geográficos de campo” (STERNBERG, 1946), Sternberg ordena minuciosamente as bases do trabalho de investigação geográfica. Considerando que a data de sua publicação é anterior à data da viagem e que o grupo de estudantes frequentava suas aulas, podemos deduzir que os fundamentos expostos no artigo foram analisados e empregados nas práticas de pesquisa da Expedição ao Pantanal.¹⁸

O artigo inicia apontando as principais práticas de campo: ‘Embora constitua uma simplificação, pode-se dizer que a essência do autêntico trabalho geográfico consiste em (1) observar, (2) registrar (e, implicitamente, localizar), (3) descrever e delimitar e (4) correlacionar e explicar os elementos constituintes da paisagem’. Seguindo com sua elaboração, o professor-geógrafo expõe esquemáticas da análise do solo das rochas, e ressalta que os aspectos culturais, assim como os físicos, devem ser tratados com mais detalhes, pois “se prestam a sucessivos desdobramentos”, sofrendo influência de circunstâncias humanas, assim como do transporte, que influi no planejamento do trabalho de campo, “pois o horizonte de observações varia segundo o tipo de meio utilizado, sendo que os fatos observáveis apresentam diversidades regionais e variam de acordo com o modo pelo qual o observador se desloca” (STERNBERG, 1946). O fator humano, cultural e o meio de transporte ocupam uma dimensão considerável, segundo Sternberg, como variantes que influenciam o resultado, a observação e a análise

As Listas de Fatos a Observar nos Trabalhos Geográficos de Campo *

HILGARD O'REILLY STERNBERG
Professor da Faculdade Nacional de Filosofia

Embora constitua uma simplificação, pode-se dizer que a essência do autêntico trabalho geográfico consiste em: (1) observar, (2) registrar (e, implicitamente, localizar), (3) descrever e delimitar e (4) correlacionar e explicar os elementos constituintes da paisagem. As duas primeiras fases se efetuam, por excelência, no campo, sendo comum realizar-se no gabinete, à luz dos dados previamente colhidos, uma parte da descrição, da delimitação, da correlação e da explicação. Cumpre tratar aqui principalmente da coleta de informações no campo.

I. OBSERVAÇÃO

a) Reconhecimento inicial. Segundo aconselha o professor Deffontaine, o geógrafo, ao chegar à região a ser estudada, deve, inicialmente, obter uma visão panorâmica, ampla, sobre o conjunto: “Este primeiro encontro é essencial”. Devemos analisar sem demora as primeiras impressões, que, via de regra, se desvanecem rapidamente e que, no entanto, têm um valor excepcional, pois é com elas se estabelecem pontos de partida e com maior facilidade, com maior atividade.

Ordinariamente, devem-se utilizar algumas horas ou alguns dias (dependendo da ordem de grandeza do problema) em percorrer rapidamente a região a estudar. Esse reconhecimento inicial dá uma visão das relações gerais da paisagem e propiciará elementos com que planejar uma campanha sistemática de estudos.

Em regiões de grande extensão, sendo impossível o estudo pormenorizado de toda a área, o reconhecimento inicial permite escolher algumas localidades típicas, que serão então objeto de estudos minuciosos.

Mesmo que o professor conheça a região ou já tenha percorrido a mesma em excursão preliminar, o reconhecimento inicial em companhia dos alunos não deve, ordinariamente, ser omitido.

b) Algumas normas a seguir. Além do reconhecimento inicial, é necessário, como salientam Jones e Bauer,¹ reservar tempo suficiente para a observação cuidadosa, feita do alto, de observações favoráveis.

Só se devem fazer generalizações, continuam os citados autores, “com extrema precaução e depois de muita observação e reflexão. O geógrafo precisa evitar dar importância demasiada às influências geográficas, deixando de notar outras causas, não geográficas.”

* Trabalho do relatório. Uma viagem de estudos aos Estados Unidos da América do Norte, apresentada ao diretor da Faculdade Nacional de Filosofia, onde são discutidos, como contribuição para o desenvolvimento das atividades geográficas, aspectos favoráveis da técnica de trabalho de campo e da organização dos laboratórios de Geografia.

¹ A coleta de informações compreende, ainda: a pesquisa bibliográfica, o estudo de fotografias aéreas, cartas e material documental, e pesquisas com serviços especializados, etc.

² H. de B. — Depois de tratar da observação nos trabalhos de campo, o Relatório aborda outras questões relativas à realização desses trabalhos, tais como “logística”, “inquérito geográfico e amostragem”, “coleção e preparação de amostras”, etc.

³ Pierre Deffontaine. Petit Guide du Voyageur Actif, Larousse: Le Livre et le Film, 1936, pág. 35.

⁴ William D. Jones e Carl G. Bauer. “Outline for Field Work in Geography”, reprinted from the Bulletin of the American Geographical Society, 1924, Vol. XLVII, pág. 22.

⁵ Loc. cit.

Figura 12. Reprodução do artigo de Hilgard Sternberg, com destaque para as frases citadas.

¹⁸ Referências sobre a metodologia de Hilgard Sternberg podem ser encontradas no artigo “Fundamentos históricos metodológicos da pesquisa de campo em Geografia”, de Agostinho Paula Brito Cavalcanti, publicado em Geosul, Florianópolis, v. 26, n. 51, p. 39-58, jan/jun 2011.

do objeto de estudo, logo, influenciam, também, a composição de suas paisagens.

Junto às variantes, físicas, técnicas e humanas, proponho considerar a dimensão atmosférica, as sensações e as circunstâncias como fatores que influem no “horizonte de observação” (STERNBERG, 1946). Podemos destacar, então, os registros dos geógrafos resultantes do emprego de seus métodos e de suas ferramentas, para confrontá-los com sensações que resultam do encontro de seus corpos com o ambiente que os circundam — ou seja, colocar em relação os registros “duros”, da ordem do escrutínio científico, com os registros “moles”, da ordem da poesia e do afeto. Variações de temperatura, odores, lembranças, histórias particulares e suas conjunturas participam dessa paisagem e vão além dos corpos de quem observa e de suas ferramentas – constituem e expõem outros corpos que também compõem, mesmo ausentes, paisagem e horizonte¹⁹.

Um exemplo da relação entre o corpo e seus afetos, horizonte e paisagem, é uma carta de Sol com detalhes sobre o sentimento de integração com a natureza, os pássaros, o crepúsculo, a música “Solamente una vez” tocada por um colega, o choro e a insegurança de ser esquecida por seu noivo. Também se destaca a lembrança de Zulamita sobre os “banquetes” que eram oferecidos ao grupo, pois eram recebidos pelos proprietários fazendeiros com a pompa de recepção oficial, já que havia um diplomata no grupo e a expedição partia da capital:

Se você quiser saber sobre os lugares por onde passei, pergunte à mamãe, que recebeu um relatório completo. Não o faço para você, porque seria refletir apenas fatos, quando meus sentimentos querem brotar vivos e lindos para bem perto de sua pessoa.

Na terça-feira partimos rumo a Corumbá. Não deixe de passar um telegrama aos cuidados do Prefeito (...)

¹⁹ A ideia do encontro do corpo com um ambiente e percepções de atmosferas, como o “aparecer atmosférico”, dialoga com Martin Seel (2005). Continua no capítulo 3 da tese.

A região é nova e cheia de empresas. Encontramos vestígios de movimentos e fatos geográficos, que serão esclarecidos para o futuro, em parte graças à nossa contribuição (...).

Desculpe tanto lirismo, querido. Esta terra é um paraíso, com pássaros, emas, jacarés (só vi um) cobras (matamos só uma) e paisagens maravilhosas.

Minha vista está ofuscada de tanta beleza. Isto é o máximo que se poderia exigir da natureza. Falta você, querido, muito, muito...Ame-me para sempre, sim?

Até breve, Leon Passi...

Sol. (1947)

As paisagens aparecem, durante uma expedição, atravessadas por uma miríade de elementos: meios de transporte, ferramentas, hospedagens, alimentos; as relações entre os membros do grupo, seus propósitos, suas funções e expectativas, suas histórias particulares; os caminhos já percorridos por outros corpos – viajantes, habitantes,ômades e cientistas – fazem parte das nuances da observação de um horizonte e das paisagens que dele podem ser geradas.

As ferramentas geográficas, “bússolas, guia, roteiro, óculo de impliação” (ROSA, 1945, p. 97) e os métodos do estudo de campo, conjugados à sensibilidade poética, compõem o que Rosa considera elementar para perceber e capturar um momento, conhecer, amar, e falar sobre a terra, sobre o Brasil: “para mais amar e servir o Brasil, mister se faz conhecê-lo: já que, mesmo para o embevecimento do puro contemplativo, pouco a pouco se impõe a necessidade de uma disciplina científica” (ROSA, 1945). Em 1945, dois anos antes da viagem com o grupo de estudantes da Universidade do Brasil, Guimarães Rosa tornara-se membro da Sociedade Brasileira de Geografia e na ocasião de posse discursou sobre a relevância dos métodos de geógrafos aliados à sensibilidade dos poetas.

Unir a poesia e a ciência, de acordo com Rosa, confere aos artistas e geógrafos a possibilidade de valorizar a “estesia paisagística” para além da “natureza aprisionada no campo punctiforme do momento presente”, sem deixar “escapar” a “majestosa magia dos movimentos

milênários” dos vales, dos rios, dos relevos... e “tudo mais que representa numa câmara lentíssima, o estremunhar da paisagem, pelos séculos” (ROSA, 1945, p. 96).

Os métodos científicos, aliados à “capacidade receptiva para a beleza” do artista em relação à paisagem, são os pontos de confluência de diferentes universos do conhecimento presentes na expedição: os pesquisadores incumbidos de geografar a paisagem; o poeta-geógrafo e suas anotações desinteressadas (de interesse artístico); e a dimensão íntima da escrita de Sol e das lembranças de Sul. A partir desses universos, encontro subsídios para avaliar as relações que se estabelecem entre paisagens e corpos que as “capturam”, “registram”, escrutinam, desenham, classificam, narram, apresentam, invocam, e se perdem nelas.

DISCURSO DE POSSE DO DR. JOÃO GUIMARAES ROSA

NA SESSÃO DO DIA 20 DE DEZEMBRO DE 1945

Grande é, agora, a minha satisfação, grande a distinção que me conferis, neste momento. Honra e alegria, indizíveis: porque, à falta de outros títulos, com dois deles me reconheço, ao ser empossado no cargo de sócio titular desta agremiação: como velho admirador da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, e como velho amoroso da Geografia. Admirador desvalioso e amoroso ignorante, certo; mas rico de entusiasmo e de sinceridade. E é assim que vos agradeço. Aos que propuzeram meu nome, aos que aprovaram a proposta, e aos que ora me recebem.

Devo explicar-me. De início, o amor da Geografia me veio pelos caminhos da poesia — da imensa emoção poética que vem da nossa terra e das suas belezas: dos campos, das matas, dos rios, das montanhas; capões e chapadões, alturas e planuras, ipuêiras e capoeiras, caatingas e restingas, montes e horizontes; **do grande corpo, eterno, do Brasil.** Tinha que procurar a Geografia, pois. Porque, «para mais amar e servir o Brasil, mistér-se faz melhor conhecê-lo»; já que, mesmo para o embevecimento do puro contemplativo, pouco a pouco se impõe a necessidade de uma disciplina científica.

Desarmado da luz reveladora dos conhecimentos geográficos, e provido tão só da suacapacidade receptiva para a beleza, o artista vê a natureza aprisionada no campo punctiforme do momento presente. Falta-lhe saber da grande vida, evolvente, do conjunto. Escapa-lhe a majestosa magia dos movimentos milenários: o alargamento progressivo dos vales, e a suavização dos relêvos; o rejuvenescimento dos rios, que se aprofundam; na quadra das cheias, o

enganoso fluir dos falsos-braços, que são abandonados meândros; a rapina voraz e fatal dos rios que capturam outros rios, de outras bacias; o minucioso registro dos ciclos de erosão, gravado nas escarpas; as estradas dos ventos, pelos vales, se esgueirando nas gargantas das serranias; os pseudópodos da caatinga, invadindo, pouco a pouco, os «campos gerais», onde se destrói o arenito e onde vão morrendo, silentes, os buritis; **e tudo o mais, enfim, que representa, numa câmara lentíssima, o estremunhar da paisagem, pelos séculos.**

Ainda agora, faz menos de uma semana, acabo de regressar de uma excursão de férias, extenuante mas proveitosa, realizada apenas para matar saudades da minha região natal e para rever velhos poemas naturais da minha terra mineira.

Quanta beleza! Avido, fiz, num dia, seis léguas a cavalo, para ir contemplar o rio epônimo — o soberbo Paraopeba — amarelo, selvagem, possante. O «cerrado», sob as boas chuvas, tinha muitos ornatos: a enfolhada capa-rosa, que proíbe o capim de medrar-lhe em tórno; o pau bate-caixa, verde-aquarela, musical aos ventos; o paosanto, coberto de flôres de leite e mel; as lobeiras, juntando grandes frutas verdes com flôres róxas; a bolsa-de-pastor, brancacenta, que explica muitos casos de «assombrações» noturnas; e os barbatimãos, estendendo fieiras de azinhavradas moedinhas. Os campos se ondulavam, extensos. Sobre os tabuleiros, gaviões grasniam. A Lagoa Dourada, orgulho do Município, era um longínquo espelho. A Lagoa Branca, já hirsuta de juncos, guarda ainda o segredo do seu barro, que, no dizer da gente da terra, produz, na pele humana, intensa e persistente

comichão. Buritis, hieráticos, costeiam, por quilômetros, o Brejão do Funil, imenso, onde voam os cocos e se congregam, às dezenas as graças. E, enfim, do «Alto Grande», mirante sem preço, a vista se alongava, longuíssima, léguas, até o azulado das montanhas, por baixadas verdes, onde pedaços do rio se mostravam, brilhantes, aqui e ali, como segmentos de uma enorme cobra-domato.

Dois dias depois, estava eu visitando, em Cordisburgo — o meu torrão inesquecível — a maravilha das maravilhas, que é a Gruta do Maquiné. E, aqui, confesso, muita coisa se revelou a mim, pela primeira vez. Certo, eu já pensava conhecer, desde a infância, os feéricos encantos da Gruta e as suas deslumbrantes redondezas: mórros, bacias, lagoas, sumidouros, monstruosos paredões de calcáreo, com o raizame laocôntico das gamelas priskas, e o róseo florir das cactáceas garrantes. Mas, era que, desta vez,

eu trazia comigo um instrumento precioso — bússola, guia, roteiro, óculo de ampliação: o trabalho que devemos à minuciosa operosidade, ao sentimento poético, à capacidade científica e ao talento artístico do meu saudoso amigo Afonso de Guaira Heberle: o reconhecimento topográfico «A Gruta de Maquiné e os seus Arredores». Deu-se a valorização da estesia paisagística, graças às lições da ciência e da erudição. Prestígio da Geografia!

Mas, meus senhores, estou começando mal, por um abuso, e devo sustar esta longa explicação. Do que disse, de modo tão imperfeito, podereis avaliar o que sinto, perfeitamente.

Rogo-vos apenas crer na sinceridade da minha emoção e no fervor dos meus propósitos, ao ser recebido, como sócio titular desta douda e abnegada Sociedade, que, em labor silencioso e diuturno, há tantos anos vem servindo o Brasil.

Resumo en Esperanto — PAROLADO DE D-RO JOÃO GUIMARÃES ROSA.

Ĉeceptita kiel membro de Brazilia Societo de Geografio, D-ro João Guimarães Rosa, kies literaturaĵoj estas tiom aplaŭditaj, kaj kies diplomata agado estas konsiderinda, faris en sia parolado agrablajn priskribojn pri pitoreskaj vidaĵoj de sia naskiga regiono, en Ŝtato Minas Gerais.

1.1.6 Geógrafos e artistas em campo: o ânimo de uma época

Na época da expedição, havia um ânimo pulsante que movia grupos de acadêmicos, artistas, estudantes e escritores estimulados pela ideia de um Brasil por vir. Refletir sobre esse “ânimo” da época nos ajuda a especular sobre a atividade dos geógrafos e as particularidades da expedição ao Pantanal, que contribuiu com seus estudos para o alargamento do território urbano do país.

Na década de quarenta, o país era pautado pela ideia de futuro desenvolvimentista, permeado por um nacionalismo sombreado pela Segunda Grande Guerra. Destacamos aqui um nacionalismo que exaltava a ideia de país abundante, em construção, e enaltecia as características de sua gente, fauna, flora e relevos. O imaginário desse país era construído, por exemplo, pela literatura e artes visuais, por paisagens de formas hiperbólicas, cores exuberantes e tipos físicos característicos das tradições regionais. Burle Marx, José Pancetti, Djanira, Cícero Dias, Di Cavalcanti, Mário de Andrade, Tarsila do Amaral e Jorge Amado são alguns dos artistas notórios por povoar com figuras e personagens a narrativa cultural desse Brasil resplandecente. Viviam-se um nacionalismo no limiar entre a definição de identidade nacional, dividida e caracterizada por regionalismos, e os fantasmas de um nacionalismo fascista que excluía de sua imagem grandiosa os nítidos e diversos corpos que compunham o país.

Na interseção entre atividades culturais e geografia, a paisagem é a expressão que pauta as relações instituídas entre linguagem e território. No Brasil, essas relações têm como herança predominante, na esfera da produção científica e artística, o modelo cultural europeu – sobre o qual o geógrafo Antônio Carlos Robert Moraes discorre:

(...) assiste-se à disseminação de todo um aparato institucional de transmissão de uma “cultura ornamental”, onde a literatura imperava como – no dizer de um autor da época – o “sorriso da sociedade”. Institutos, academias, grêmios literários, saraus onde a identidade nacional (das elites) era construída pela imitação patética de um estereótipo da vida cultural europeia. Já para os “barões do café” desagradava a realidade da paisagem

vivenciada, daí as janelas falsas nas sedes das fazendas onde eram pintadas cenas do mundo rural europeu (expressão candente, como aponta Roberto Schwarz, do “ornamentalismo” cultural das elites). (...) A renovação urbana das capitais brasileiras, no início do século, tem nestes intelectuais de salão seus arautos mais aguerridos. O “saneamento” das suas cidades coloniais é alimentado pelo discurso beletrista, que traz de contrapeso o elogio da modernização. (MORAES, 2005, p. 121-122)

Ideias de território e paisagem são os pilares da atividade do geógrafo. Refletir sobre a visão geográfica de diferentes épocas nos dá subsídios para colocar em perspectiva o “ânimo” da época e o “imaginário” de país. Esboçando um panorama amplo das diferentes visões sobre o território brasileiro, Moraes destaca: o Brasil colonial com a visão territorial expansionista, onde a produção agrícola, a exploração de matéria prima e a ocupação da terra eram condicionadas às carências e ganâncias do colonizador (MORAES, 2005, p. 94); a visão territorial fantástica da “busca do éden perdido” e a “geografia fantástica” (MORAES, 2005, p. 98), como descrito no livro *Visão do Paraíso* de Sergio Buarque de Holanda (MORAES, 2005, p. 98); para fechar: o Brasil como um tesouro de abundantes e infinitas riquezas naturais advindas da terra, de sua fauna e flora: a ideia do Eldorado (MORAES, 2005, p. 98).

Carlos Augusto Monteiro discute que a geografia se divide em diferentes fases: a “fase de ‘implantação da Geografia Científica’”, “a ‘Geografia dos Cronistas e Viajantes’” e a “Geografia dos Amadores (a executada por indivíduos de outras especialidades)” (MORAES, 2005 p.111). A geografia se popularizou como “veículo das ideologias geográficas”, “matéria escolar”, “transmissora de informações básicas sobre o país e o mundo” e “levantamento das realidades empíricas, sendo o caráter corológico²⁰ um de seus mais proclamados atributos” (MORAES, 2005, p. 112).

Na Era Vargas, logo, anterior à Expedição ao Pantanal, há o fortalecimento do Estado e de uma identidade nacional. O Brasil tem,

²⁰ Corológico é o termo referente ao estudo da distribuição geográfica dos seres vivos.

então, a fundação do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), instaurando uma geografia de levantamento de dados e estatísticas (MORAES, 2005, p. 129-130).

A geografia não ficou imune ao movimento desenvolvimentista. O surto de expansão territorial anima uma disciplina voltada para a produção do espaço. Os geógrafos participaram das discussões em torno da construção de Brasília, da elaboração do plano viário, da Comissão da Bacia do Paraná-Uruguai, e, com mais destaque na legitimação das propostas da SUDENE. (...) Enfim, as características do período estimulam o labor geográfico. (MORAES, 2005, p. 136)

É nesse momento que o grupo de estudantes da Universidade do Brasil segue para o Pantanal, estimulado por um sentimento de dever patriótico, de “labor geográfico”, em função de uma missão grandiosa, lesbravadora, rumo ao futuro e “alargamento de horizontes” com a realocação da capital federal.

O “alargamento de horizontes”, portanto, não é linear, pois o horizonte possui uma característica que podemos distinguir como dilatante. Quando se define um novo território, o espaço se reformula para englobar outros espaços que dilatam e contraem, que surgem e extinguem. Na medida em que o país e seu modelo urbano industrial de cidade interiorizou-se, o que antes não tinha nome de país, não era paisagem, era natureza com um amplo espectro de sentidos – como, por exemplo, terra-mãe na cosmologia dos povos indígenas nativos –, contraiu-se ou extinguiu-se. O mesmo verificamos nos casos de expansão da atividade agrícola industrial que invade outros espaços e impede a convivência de ecossistemas e culturas diversas da monocultura. Com a expansão de um tipo de relação social e cultural entre terra e gente, outras relações, não dominantes, extinguem-se ou ganham o estatuto de cultura tradicional, ancestral, exótica ou regional.

A construção de identidades regionais também segue uma dinâmica ambígua na sua relação com o território, paisagem e horizonte: “para as elites, o nacional como horizonte geográfico, para



Figura 15. Vistas aéreas de Brasília. Marcel Gautherot, 1958. Acervo de fotografia do Instituto Moreira Salles.

as classes populares, o local ou no máximo o regional como perspectiva de espacialização” (MORAES, 2005, p.101).

o regionalismo é, assim, um grande instrumento de separação e de diferenciação. Observa-se que a identidade pelo espaço, ao mesmo tempo que cimenta concepções nacionais ao nível das classes dominantes, atua na dispersão dos dominados, em seu seccionamento no território.

Nessa perspectiva de Brasil expansionista, ritmado por ecos de um passado colonizador e redefinindo seus horizontes para um futuro em aberto, o geógrafo – enquanto aquele que atua exatamente nos interstícios de espaço e paisagem, corpos, cultura e sociedade – transita em dinâmicas temporais que não se encerram na sucessão e apagamentos do passado. O geógrafo se depara com formas que permanecem entre temporalidades distintas, formas que resultam de ações do passado e que se atualizam no contato do corpo com o espaço:

(...) a atualidade do espaço tem isto de singular: ela é formada de momentos que foram agora cristalizados como objetos geográficos atuais; (...) Por isso, o momento passado está morto como *tempo*, não porém como *espaço*; o momento passado já não é, nem voltará a ser, mas sua objetivação não equivale totalmente ao passado, uma vez que está sempre aqui e participa da vida atual como forma indispensável à realização social. (SANTOS, 2004b, p.14)

O geógrafo se lança, assim, na empreitada de buscar formas, de grafar, delinear e habitar paisagens entremeadas de temporalidades diversas: paisagem, segundo Milton Santos, “é o resultado de uma acumulação de tempos” (2004b, p. 54). É o tempo expresso em matéria natural – relevos, matas, margens – moldados pelo que resta das passagens e o que é latente porvir. “A noção do tempo é fundamental. A sociedade é atual, mas a paisagem, pelas suas formas, é composta de atualidades de hoje e do passado” (SANTOS, 2004b, p.60).

Indagamos, diante da interseção entre território, imaginário e temporalidades, sobre a relevância dos registros da Expedição ao



Figura 16. Construção de Brasília. Marcel Gautherot, 1958. Acervo de fotografia do Instituto Moreira Salles.



Figura 17. Congresso Nacional em construção. Marcel Gautherot, 1959. Acervo de fotografia do Instituto Moreira Salles.



Figura 18. Esplanada dos ministérios em construção. Marcel Gautherot, 1959. Acervo de fotografia do Instituto Moreira Salles.

Pantanal como espécies de "palimpsestos" (INGOLD, 2018) e arcas (arquivo)²¹, que guardam vestígios de uma paisagem em vias de ser sobreposta pelo expansionismo e desenvolvimentismo territorial e cultural. São registros que descrevem o ambiente, gente, fauna e flora, e funcionam como testemunhos de visões e afetos – a geografia no seu sentido mais literal, como “escritas da terra” (INGOLD, 2018):

uma escrita que não é sobre a terra, que não procura descrever, copiar ou representar a terra por meio de palavras, mas antes que escreve sobre, com ou através da terra, impulsionado por forças análogas àqueles que movem seus habitantes vivos. (INGOLD, 2018, p. 138)²²

Ao considerar os paralelos concebidos por Ingold (2018) sobre papel e a terra enquanto superfícies abertas para grafias de diferentes feitios, podemos especular sobre os registros da expedição enquanto palimpsestos: uma escrita da terra com e sobre uma superfície latente, com passado, rastros, pegadas e detritos. Foram gerados papéis impregnados de terra, palavras com relevos, linhas carregadas de ambiência, falas com acidentes geográficos e manchas com marcas de corpos.

No outro lado desse espectro comparativo, temos a “folha em branco” (INGOLD, 2018), uma terra virgem, terreno desmatado; como um plano branco, “ideal” para a construção de um futuro, aguardando uma inscrição. Sobre esse plano branco correram ideias modernistas, um “espaço sagrado”²³ longe de ruídos, um espaço destacado do agora, que se abre à primazia da forma “ideal”, ao pensamento utópico, ao intelecto desgarrado do tempo passado e imerso no futuro idealizado. Essa visão se alinha à ideia de um campo aberto para a construção da nova capital e contraria a polifonia sedimentada na terra, aparente nas paisagens criadas e arquivadas pelos viajantes aqui postos.



Figura 19. Congresso Nacional em construção. Marcel Gautherot, 1959. Acervo de fotografia do Instituto Moreira Salles.



Figura 20. Congresso Nacional em construção. Marcel Gautherot, 1959. Acervo de fotografia do Instituto Moreira Salles.



Figura 21. Esplanada dos Ministérios em construção. Marcel Gautherot, 1959. Acervo de fotografia do Instituto Moreira Salles.

²¹ Sobre a relação entre arca, caixa e arquivo, ver: *Espaços da recordação*, de Aleida Assmann (2011, p. 126).

²² Tradução da autora do original: "(...) writing—a writing that is not about the earth, that does not seek to describe, copy, or represent the earth by means of words, but rather that writes on, with, or through the earth, driven by forces analogous to those that move its living inhabitants." (INGOLD, 2018, p. 138).

²³ Sobre a relação do plano branco e artistas modernistas: Brian O'Doherty *The White Cube*, 1976; Wassily Kandinsky *Ponto e linha sobre plano*, Ferreira Gullar *Argumentação contra a morte da arte*, 1993. Do ponto de vista crítico pelas gerações subsequentes pós-modernas ver: *Um lugar após o outro: anotações sobre site-specificity*, Miwon Kwon (1997).

Abundância de pássaros, mata, bichos, a população e a cultura dos terenas, dos imigrantes japoneses, como aparecem nos registros de Rosa, Sol e Sul, funcionam como espécies de índices, grafias, detritos e fragmentos da terra geografada. Suas partes, os restos da experiência direta com a terra, posteriormente viraram produtos literários, afetivos e técnicos. São elementos de paisagens compostas por traços, linhas, manchas e sensações, impregnadas em superfícies de papel e inscritas na terra. Paisagens que fazem parte da ampla gama de desdobramentos que seus fragmentos ainda podem gerar.

1.1.7 Anotações: grafias urgentes

A anotação, como aparece no artigo que lista os fundamentos do trabalho de campo de Sternberg, é a prática utilizada pelos pesquisadores para o registro urgente de impressões imediatas do ambiente que os circunda. Os registros presentes em cadernos de campo, gerados em expedições, compõem um material documental submerso em rastros e gestos. Folhas soltas com notas e rabiscos, cadernos, diários, blocos de anotações apresentam posteriormente a quem os lê – seja a autora ou autor das anotações, seja uma pesquisadora que se aventura em arquivos –, um material fértil para reflexões, especulações e para a imaginação.

Os cadernos, os rascunhos de reportagens e relatórios e as cartas encontradas nos arquivos dos viajantes – marcados por uma escrita fragmentária, pelo esboço e pela grafia urgente da captura de uma ideia, de um pensamento, de uma imagem, de um acontecimento passageiro ou de uma sensação – formam os elementos sobre os quais me debruço inicialmente para avaliar a dimensão artística do material da Expedição ao Pantanal. Encontro neles, também, vestígios do ambiente e da paisagem registrados e avistados por Sol, Sul e por Guimarães Rosa.

As anotações encontradas nos arquivos da expedição surgiram subordinadas a algo a ser trabalhado futuramente, como peças de um todo incipiente (um relatório, um artigo, um estudo). Quando deslocados para uma especulação artística para serem abordados como gestos e rastros, os registros fazem surgir uma pluralidade de outros

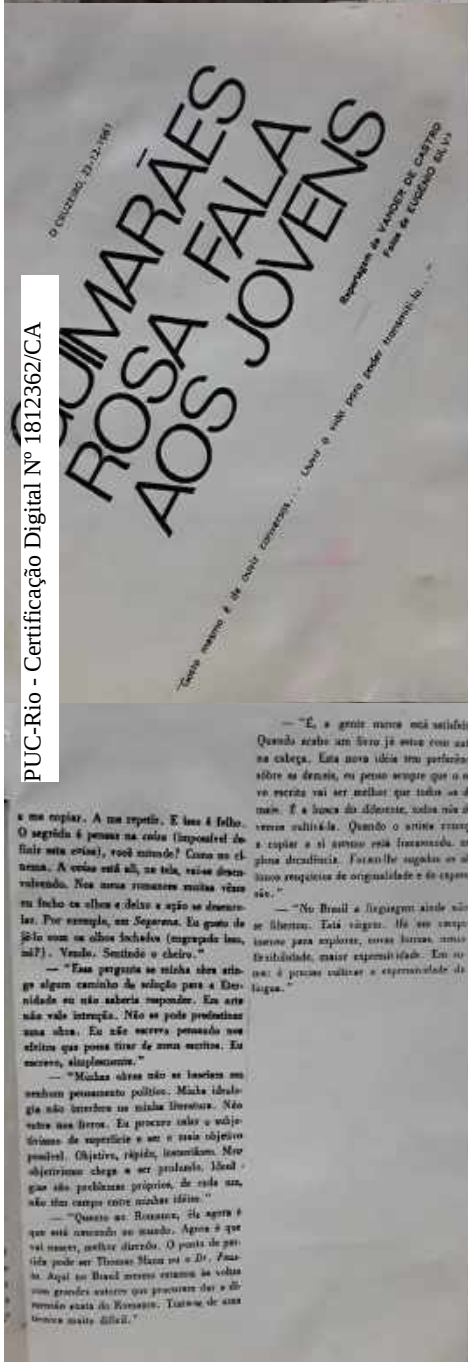
fins. Vozes, corpos e instantes que ficaram marcados nos cadernos se abrem a outras interlocuções, narrativas e imagens, consonantes ou dissonantes de seu propósito ou de sua finalidade inicial. Os rastros e os gestos, quando vistos como formas autônomas que guardam por si só particularidades formais, que não se encerram como meio de algo, não são fragmentos de algo que partiu, mas formam um todo, abrem-se para a imaginação e fazem surgir uma pluralidade de sentidos e imagens não antevistos.

A investigação a partir de reminiscências e rastros – uma espécie de expedição por caminhos do pensamento e da imaginação – se distancia do registro científico, em que a objetividade e a lógica factual são balizas metodológicas para a pesquisa. Diferencia-se, também, do método artístico como descrito por Rosa, sobre o qual ele ressalta a importância de “estar no momento” para “captar o momento”, pois “cair em pensamento é voltar-se a reminiscências, e isso fatalmente é o fim.

A coisa tem de ser capturada viva, na hora. (...) Elas correspondem a uma verdade que realmente aconteceu” (ROSA,1967)²⁴. Capturar um instante passado, como proponho aqui, requer vislumbrar: borrar as fronteiras entre imaginação e “o que realmente aconteceu”, sem deixar de registrar, incessantemente e objetivamente, tudo que se vê, ouve, se sente, e reservando um espaço para tudo que surge repentinamente, como que atraído por um ímã, para se incorporar à miscelânea sobre a Expedição ao Pantanal.

“Quando se está escrevendo tudo é um ímã. As palavras se atraem e os assuntos também” (ROSA,1967). E, assim, a linha do pensamento segue o curso da memória, esbarrando com fragmentos e achados, atraída por imagens, corpos, instantes vividos, para capturar um momento: “É o momento. Um passarinho faz um movimento – eu capto o movimento. Na hora, e escrevo o que vejo. Mas só naquele momento eu poderia registrá-lo. (...) Tem-se de estar perto” (ROSA,1967). Tem-se de estar perto do passado, dos seus rastros e reminiscências, para pescá-lo.

²⁴ Citações extraídas da entrevista a Rosa por estudantes do Pedro II.



— "Quando escrevo não penso no estilo, na obra, no compromisso. Esqueço tudo e só penso no assunto. Porque quando me digo "a lua está assim" é porque ela está "assim". Já passei muitas noites acordada — noites inteiras — para ver como é a lua, como é a escuridão. Sem vê-la demonstradamente é impossível descrevê-la. É preciso vê-la passar, ver as suas mudanças de cores, sentir seu ar (é um ar todo especial), seu jato. Uma noite eu viaha com uma hóieda pela estrada. Caiu o sol e os animais começaram a dormir. E eu comecei a observar. Vi-os dormir. Descobri muita coisa com eles. Anotei tudo."

— "Leio muito pouco, como não tenho tempo. Os livros que leio são os que estão em moda, e, também, os escritos dos amigos. Gosto mesmo é de ouvir conversas. Com pessoas estranhas, de preferência. Ouvi-a vida para poder transmiti-la. Se a gente lê muito, em demasia, acaba contando coisas que todo mundo já sabe. É preciso dar coisas novas, há milhares de coisas novas para dar. É descobri-las."

— "Gosto de me comparar com um coelhinho — estou na realidade fazendo a comida que vocês comem. Não sei o que se passa no organismo, que dizem as correntes literárias. Eu nunca me aqueçerei por

— "Não, não atropale. Nada atropale. Não nada. O que acontece é que o tempo é pouco para escrever. Há as viagens. Há os jatos para chegar em cada mês de serviço e ainda momentos tempo para fazer literatura. Eu estou trabalhando o dia inteiro — os dois dias do mês, quando estou lucrando a fazer os roteiros nas viagens. Sempre trabalhando, mas não mais no caso a cabeça. As viagens são os dias justos. Quando há uma escritura do tempo uma conversa. Importante escrever."

— "Quando se está escrevendo tudo é um jato. As palavras se animam, os sentimentos também. E não se escrevem, tem uma importância não para. Se se não para olhar a sua vida, como vai se escrever."

— E, a gente nunca está satisfeita. Quando acaba um livro já estou com outro na cabeça. Uma nova ideia me pertubacão sobre a demência, eu penso sempre que a nova escrita vai ser melhor que todas as demais. É a busca do diferente, todas vão de vez em quando. Quando o artista começa a copiar e o livro se torna imitativo, não tem mais vida. Então ele sugere os últimos requisitos de originalidade e de expressão.

— "No Brasil a floresta ainda não é liberada. Tais coisas. Há um campo para explorar, novas formas, mais liberdade, maior experimentação. Em outras palavras, a experimentação da floresta."

— É uma pergunta se nicha não atingiu algum camélio de seleção para a Etnicidade em não saberia responder. Eu arte não váis intriga. Não se pode premeditar uma nicha. Eu não encorajamento não deitais que possa tirar de uma nicha. Eu encorajamento, simplesmente.

— "Muitas coisas não se fazem ao mesmo pensamento político. Minha idealogia não interfere na minha literatura. Não entro nos livros. Eu procuro criar o subconsciente da superfície e ser o mais objetivo possível. Objetivo, rápido, laconismo. No objetivo chega a ser paulista. Ideal-gas são problemas próprios, de cada um, não tem caráter entre muitos ideais."

"Quero os Reis: Roussier, de agora é que está começando se machucar. Agora é que vai morrer, melhor dizendo. O ponto de partida pode ser Thomas Mann no *Do Fado*. Aqui os Bismarck estavam criando as volutas com grandes atores que procuram dar a impressão exata do Roussier. Talvez de uma forma muito difícil."

— "Não sei que rumo tome a literatura brasileira. Há várias correntes. Há o que não influenciadas diretamente pelo *Novismo*. Há os novos franceses, outros cultivam o regionalismo, outras formas mais regionais. Outros seguem Jorge Amado. E a mim mesmo. Hoje em dia não se pode definir modas literárias como enigmas. Tudo é um caldeirão. A característica da literatura moderna é que tudo agora pretende fazer algo novo, diferente, fugir de esquemas. No Brasil a literatura é penetrar uma temática nova, com problemas novos. Nomes e novos. Nomes antigos e novos. É isso. É isso que eu quero, consolidando uma maneira nova de dizer as coisas."

— "Souza literária está desaparecida. É preciso encontrar uma nova fonte de expressão — isso, sim, é importante. Aparecer a mais sofisticada como base."

— "Sou acadêmica, você se cria para dar mais valor à obra, ou eles já foram mais do que isso e a si, se adeque?" (Você vai encontrar de tudo em 17.7)

— "Sim, é isso. Em não cito palavras. Mas todas estão em algarismo, estão nos três acentos portugueses. São expressões de muito valor que se pretendeu salvar. Em *Servidão*: *Fervor* há palavras que não se Portugal se falava mais. Mas existem. Para determiná-las, penamora, estantado, não existem palavras. Então é preciso criá-las, ou pelo

schelles sträbe da moss qu' e mangel
denn. Es sei qu' ihm e duffel de rephien
fiere es de viese samsche diene."

[illegible][illegible]

OS ARQUIVOS INCRÍVEIS DE JOÃO ANTÔNIO

Esta plaqueta foi feita em comemoração dos 91 anos do bibliófilo JOSÉ MINDLIN. Acabou-se de imprimir no 10º dia do mês de Setembro de 2005, numa tiragem de 2 exemplares.

João Antônio B. Almeida
Ca. Postal - 242
Campinas/SP - CEP 13.031-900
E-mail: joabme@ig.com.br

Figura 22. Reprodução da entrevista com Guimarães Rosa, de 1967, com destaque para as citações do texto.

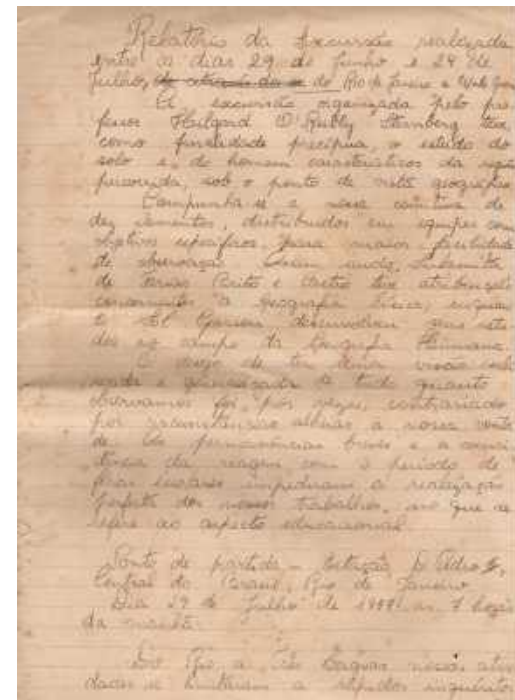
2 O trajeto da viagem em miscelânea:
registros de Sol, Sul e Rosa e
um exercício verbo-visual²⁵

²⁵ As imagens presentes na miscelânea correspondem às reproduções dos originais do relatório de Sol e Sulamita, às fotografias e postais pertencentes aos arquivos domésticos de Sol e Sulamita, em posse da autora; as reproduções de periódicos pertencem ao fundo João Guimarães Rosa do IEB-USP.

2.1 O relatório

Sol e Sul, na época da viagem, trabalhavam como professoras primárias da prefeitura do Rio de Janeiro e, em contrapartida ao afastamento de suas funções, produziram um relatório sobre os aspectos educacionais dos locais que visitaram. O relatório exporia os aspectos físicos e humanos das escolas públicas, como as características das construções, os métodos pedagógicos, o conteúdo lecionado e as características dos corpos discente e docente.

O relatório foi escrito em dupla, como afirmou Sulamita em seu depoimento e como verificamos nas diferentes grafias presentes no documento encontrado em seu arquivo guardado no âmbito domiciliar. Após o retorno da viagem, junto à Sol, cada uma escreveu uma parte do rascunho, o editaram e assinaram em conjunto. O esboço do relatório contém a compilação de anotações presentes nos cadernos de viagem de Sol, porém, distancia-se do intuito oficial da viagem (produção de dados geográficos humanos e físicos a serviço da pesquisa acadêmica da Universidade do Brasil), uma vez que o relatório é dedicado à serventia da Secretaria de Educação do Município do Rio de Janeiro. Contudo, em decorrência da escassez de informações coletadas em consequência das férias escolares, o documento presente é composto por abundante informação sobre os aspectos geográficos das regiões visitadas.



A excursão, organizada pelo Professor Hilgard O'Reilly Sternberg, teve, como finalidade precípua, o estudo do solo e do homem característicos da região percorrida, sob o ponto de vista geográfico.

Compunha-se a nossa comitiva de dez elementos, distribuídos em equipes com objetivos específicos, para maior facilidade de observação. Assim sendo, Sulamita de Farias Brito e Castro teve atribuições concernentes

à Geografia Física, enquanto Sol Garson desenvolveu seus estudos no campo da Geografia Humana.

O desejo de ter uma visão esclarecida e generalizada de tudo quanto observamos foi, por vezes, contrariado por circunstâncias alheias à nossa vontade. As permanências breves e a coincidência da viagem com o período de férias escolares impediram a realização perfeita dos nossos trabalhos, no que se refere ao aspecto educacional.

Em paralelo à transcrição do relatório, o texto que segue destacará trechos para pontuar algumas das paragens realizadas durante a viagem – como Bauru, Nhecolândia, Três Lagoas, Limão Verde e Campo Grande. Essas “paragens” são “abertas” à incorporação de outros elementos que referenciam os locais citados – elementos como fotografias do arquivo de Sol, desenhos, cartas, telegramas, especulações conceituais, anotações sobre a arquitetura das estações de trem, poemas de Manoel de Barros²⁶, esboços e anotações dos cadernos de viagem.

Ao longo dessa miscelânea, é sugerido ao leitor um itinerário com interrupções, dissonâncias e curiosidades que cruzam o caminho da leitura e quebram a linearidade do trajeto. O método especulativo é posto em prática, como meio de investigar a partir de fragmentos e

²⁶ A presença de Manoel de Barros na tese decorre do esforço por reunir elementos textuais que sustentam imagens referentes aos locais percorridos pela expedição. Não há indícios nos documentos pesquisados, nos arquivos dos quais disponho, do encontro de Rosa com Barros na ocasião da viagem de 1947. Contudo, há um relato de Barros que afirma que ocorreu um encontro com Rosa na Fazenda Firme, pertencente à família de Barros, na Nhecolândia em 1953. O pesquisador Guilherme Mazzafera, em seu artigo "Inventadas conversas: Guimarães Rosa, Manoel de Barros e o folclore", confronta as datas da viagem ao Pantanal, relatos e dados sobre a presença de Barros na fazenda, e conferiu que não houve o encontro de ambos na ocasião da viagem de 1947. Apesar de ser recorrente em artigos publicados sobre a viagem ao Pantanal a afirmação de que o texto "Com o vaqueiro Mariano" foi escrito na ocasião do encontro dos dois escritores, tal afirmação torna-se incongruente uma vez que verificamos as datas da viagem e da publicação da primeira das três partes de "Com o Vaqueiro Mariano", em reportagem divulgada no jornal *Correio da Manhã*. O Boletim da Nhecolândia também cita a ida de Rosa à região e a recém publicada reportagem sobre o vaqueiro com data de janeiro de 1948. (MAZZAFERA, 2019)

rastros, aliado à imaginação, para vislumbrar paisagens e instantes de outrora.

Como desdobramento do método especulativo, os textos de Rosa que diretamente abordam a viagem – “Sanga Puytã”, “Entremeio: com o vaqueiro Mariano”, “Cipango”, “Ao Pantanal” e “Uns índios (sua fala)” – são apresentados através de uma decupagem que desmembra o texto e lista fragmentos que suscitam orientações visuais. Os textos passam pela apropriação para serem decupados e depois reorganizados em outro formato. Para efeito de aprofundamento da investigação da linguagem verbo-visual, alguns fragmentos transcritos terão seus efeitos sensíveis-significantes destacados: ex. rimas, aliteraões, jogos de sentido, inovações morfológicas ou sintáticas, efeitos fantásticos ou cômicos etc. Esse exercício de leitura e remontagem dos textos do Rosa em formato de lista visa esboçar uma espécie de cartografia (carta geográfica) com indicações de atmosfera e ambiente orientadas pela listagem dos versos do escritor. A criação das listas visa provocar a sensação de ler anotação sobre aspectos da paisagem, de forma a aproximar o texto do registro do estudo de campo, em estado de escrita anterior à elaboração literária.

As listas são marcantes entre as anotações realizadas nas cadernetas de Rosa. Nas seções de seu acervo denominadas “Estudos para Obra”²⁷, encontramos detalhadas listagens de citações provenientes de leituras de obras clássica, como *Odisseia* e *Iliada*, traduções em diferentes línguas, nomes científicos de aves, plantas e nomes próprios, por exemplo²⁸. As listas apresentadas aqui, contudo, têm como intenção pautar a leitura por um ritmo fragmentado. Outro paralelo que pode ser feito entre o formato do texto que segue e a obra do Rosa é a montagem da miscelânea que também estrutura o livro *Ave*,

²⁷ “Estudos para obra” são, numa primeira instância, um conjunto documental resultante de uma operação de processamento arquivístico do material adquirido em 1973 pelo Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP), p. 16.

²⁸ O estudo sobre as cadernetas, a concepção de listas, o material de “Estudos para obra” e o arquivamento das anotações de Rosa pelo IEB encontram-se na dissertação *Da montanha de minério ao metal raro: os estudos para obra de Guimarães Rosa*, de Frederico Antônio Camillo Camargo (2013).

*Palavra*²⁹. Esse modo de montagem é adotado aqui pelo entremear de textos e imagens de fontes e vozes variadas.

Uma espécie de panorama com vestígios de paisagem é, assim, composto através dos indícios dos lugares visitados na viagem, presentes nos registros de Rosa, Sol e Sul.

2.2 A viagem

>>> Do Rio a Três Lagoas, nossas atividades se limitaram a rápidos inquéritos nas estações e a observações visuais.

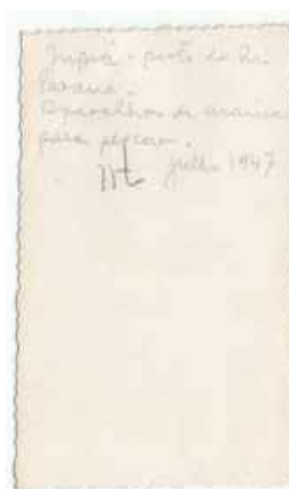
Apesar disso, tivemos ocasião de constatar alguns fatos interessantes.

O grau de desenvolvimento das localidades encontradas no percurso varia em função da presença de fatores diversos, como indústria própria, facilidade de transporte, matéria-prima, possibilidades agrícolas e pecuárias, energia hidroelétrica, etc. Exemplificando:

Volta Redonda é, atualmente, um centro de atração ecumênica, graças às vantagens que oferece aos trabalhadores interessados, principalmente na indústria siderúrgica.

São Roque é um grande núcleo industrial de vinho e de frutas.

Sorocaba tem cinco ou seis fábricas de tecidos e três de explosivos. É grande o número de operários nesta cidade.



²⁹ A discussão sobre o formato miscelânea é ampliada no capítulo 3.

Entre Anísio de Moraes e Boituva está localizada a maior plantação de abacaxis do estado de São Paulo.

De Cerquilha em diante, os cafezais se multiplicam.

Além desta cultura, existem a do arroz e do algodão.

Em Salgado, a engorda de gado proveniente de vários lugares é a razão primeira da vida da cidade.

Botucatu é um centro industrial de importância crescente. A fabricação de tecidos supre as necessidades locais e permite uma exportação para Campinas e outras localidades paulistas.

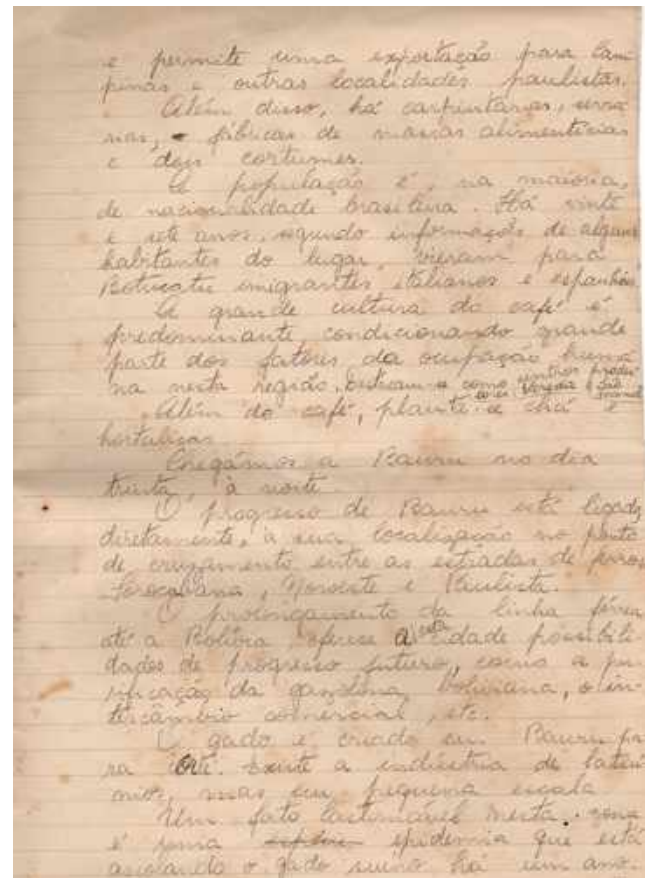
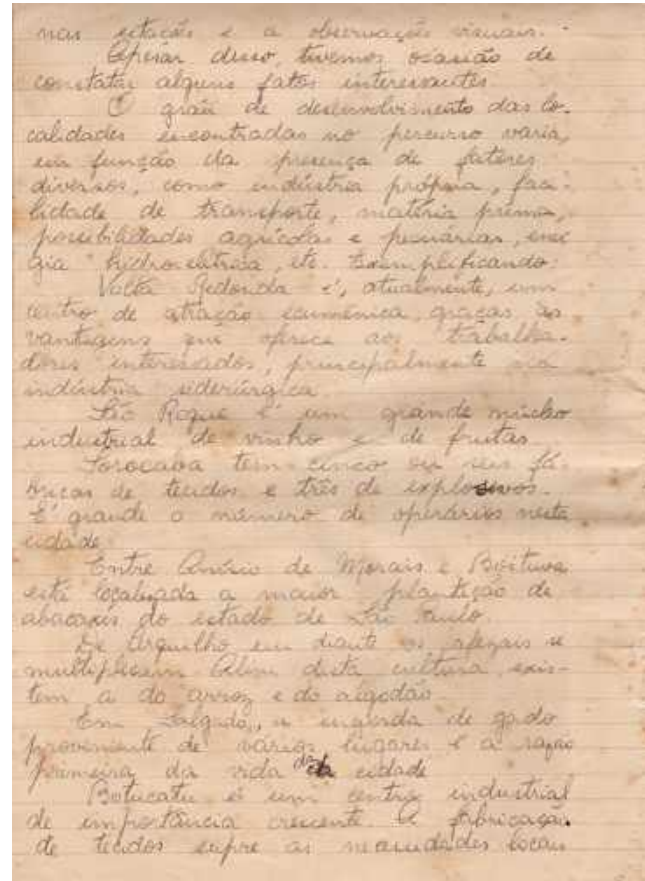
Além disso, há carpintarias, serrarias, fábricas de massas alimentícias e dois curtumes.

A população é, na maioria, de nacionalidade brasileira.

Há vinte e sete anos, segundo informações de alguns habitantes do lugar, vieram para Botucatu imigrantes italianos e espanhóis.

A grande cultura do café é predominante, condicionando grande parte dos fatores da ocupação humana nesta região. Destacam-se como centros produtores: Vereda e São Manuel. Além do café, planta-se chá e hortaliças.

Chegamos a Bauru no dia trinta à noite <<



2.2.1 Paragem > Estação Bauru³⁰

>>> "Cheguei a Bauru, parto Três Lagoas 1 de Julho cuidado você não se esqueça da sua Sol. <<<

DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELEGRAFOS		TELEGRAMA	
NÚMERO DE EXPEDIENTE	EXPEDIENTE DE VAGAR	PERSON TRAVESSA BENTENVI 20	
RECEBIDO	RECEBIDO DE SERVIÇO	SOBRADO CENTRO RIO DE	
DE	PARTE		
DE	PARTE		
PREMIUM: L 471 BAURUMSP 5 26. 1 104			
O prestador de serviço se compromete a fornecer o serviço de telegrama, entretanto se o cliente não pagar o valor devido, o mesmo não será entregue.			
HABITUE-SE A INDICAR NO RECIBO DO SEU TELEGRAMA A HORA EM QUE O RECEBER, COM ESSA PROVIDÊNCIA, AUXILIARÁ O DEPARTAMENTO NA FISCALIZAÇÃO DA ENTREGA DOS TELEGRAMAS.			
CHEGUEI BAURU 30 PORTO TRÊS LAGOAS 1 DE JULHO			
CUIDADO VOCE NAO SE ESQUEÇA SUA SOL - SOL GARSON			
CT - 20 30 PORTO - 1 - SOL SOL GARSON			

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812362/CA

Na primeira década do século XX, foi criada a Companhia Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (NOB) com o objetivo de ligar Bauru à cidade de Cuiabá. A “Estação Bauru” foi construída em 1906 em um prédio de madeira anexo à estação Bauru da Estrada de Ferro Sorocabana, onde o presidente da República Afonso Pena, em 1908, inaugurou o trecho inicial da NOB. Entre empenhos desenvolvimentistas, interesses de comércio e exportação de produtos agrícolas e pecuários, uma das finalidades de destaque da implementação da linha férrea Noroeste foi a de “povoar o oeste do estado de São Paulo, que aparentava ser um imenso vazio demográfico”. Nota-se, porém, em contraste com o “vazio” que impulsionou tal empenho, que a região ainda era habitada “por milhares de índios de diversas etnias, principalmente os *kaingangs*” (PALLOTA, 2014).

³⁰ Entremeado de imagens do arquivo de Sol e Sul, trechos do relatório e informações sobre a Estação Bauru.

Após décadas de significantes alterações nas dinâmicas sociais, culturais, demográficas e geográficas da região — pautadas pela exploração da terra por fazendeiros cafeicultores; da expansão das atividades de comércio; da modernização; e vasta ocupação de imigrantes europeus — a elite local demandava uma estação ferroviária esteticamente condizente com a pompa europeia: “semelhante às imagens idealizadas de um ‘cartão de visitas’” (PALLOTA, 2014). Na década de 1930, durante o governo de Getúlio Vargas, com o empenho da Sociedade de Melhoramentos, a estação de madeira foi remodelada para ganhar ares de metrópole com estilo eclético. Nessa empreitada, foi realizada a construção da nova Estação Central, que não seria mais só da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, mas reuniria todas as ferrovias paulistas que possuíam linhas-tronco na cidade (PALLOTA, 2014).



A Estação Ferroviária Central, projetada em 1935 e inaugurada em 1939, fazia jus ao poderio da NOB. Com uma grande estrutura física moderna para os padrões da época o prédio acomodava toda a estrutura administrativa da NOB e o desembarque das três ferrovias, Noroeste, Paulista e Sorocabana. A um custo notável para época (3 mil contos), o prédio pintado em cinza, tinha o mais avançado serviço telefônico da região – 54 aparelhos do tipo automático – e passarelas subterrâneas para conforto e segurança dos passageiros. (...) Bauru era a “última” cidade do estado, uma espécie de delimitação. O crescimento da população, após a construção da Estação Ferroviária Central, foi fenomenal. (...) A Estação traz para perto de si casas bancárias, grandes armazéns atacadistas, os setores de saúde e educação etc. (PALLOTA, 2014)

Em 1947, o grupo de viajantes da expedição ao Pantanal aportou na recém reformada estação, com intensa atividade e trânsito de mercadorias e de passageiros. O grupo permaneceu em Bauru por uma noite e depois ingressou no trem rumo a Mato Grosso.



>>> O progresso de Bauru está ligado diretamente à sua localização no ponto de cruzamento entre as estradas de ferro Sorocabana, Noroeste e Paulista.

O prolongamento da linha férrea até a Bolívia oferece a esta cidade possibilidades de progresso futuro, como a purificação da gasolina boliviana, o intercâmbio comercial, etc.

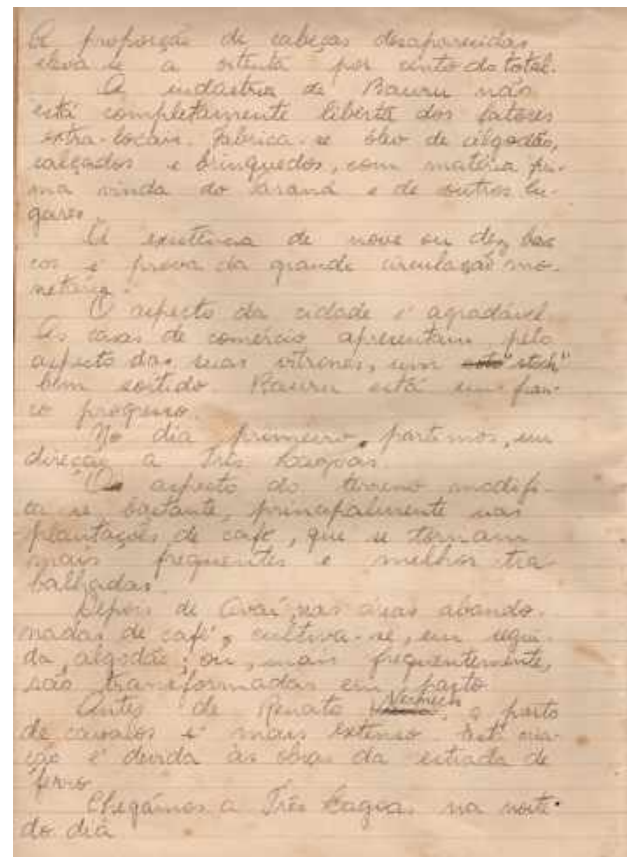
O gado é criado em Bauru para corte. Existe indústria de laticínios, mas em pequena escala.

Um fato lastimável nesta zona é uma epidemia que está assolando o gado suíno há um ano. A proporção de cabeça desaparecidas eleva-se a oitenta por cento do total.

A indústria de Bauru não está completamente liberta dos fatores extra locais. Fabrica-se óleo de algodão, calçados e brinquedos, com matéria prima vinda do Paraná e de outros lugares.

A existência de nove ou dez bancos é prova da grande acumulação monetária.

O aspecto da cidade é agradável. As casas de comércio apresentam, pelo aspecto das suas vitrines, um "stock" bem sortido. Bauru está em franco progresso. No dia primeiro partimos em direção a Três Lagoas. <<<



2.2.2 Paragem > Três Lagoas³¹

>>> Chegamos a Três Lagoas na noite do dia³²

DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELÉGRAFOS		TELEGRAMA	
NUMERO DA ENTREGA	CAMPO DA ESTAÇÃO	LEON FASISTRAVERSA (ARTIVI)	
Recebido		20 SOBRADO CENTRO RIO DE J.	
DE	PARTE		
PAR			
PREMIUM			
HABITUE-SE A INDICAR NO RECIBO DO SEU TELEGRAMA A HORA EM QUE O RECEBER, COM ESSA PROVIDENCIA, AUXILIARÁ O DEPARTAMENTO NA REALIZAÇÃO DA ENTREGA DOS TELEGRAMAS.			
CHEGUEI TRÊS LAGOAS MATO GROSSO DOIS DE JULHO AMANHÃ			
O GRANDE FI NAO ESQUEÇO VOCE FI GRANDES TERRIVEL NUA			
FREGENÇA QUE NUA FI DUA SOL			
CI 2000			

Nossos relógios foram atrasados de uma hora, pois sobre o rio Paraná, que marca a linha divisória entre São Paulo e Mato Grosso, há mudança de um fuso horário.

Três Lagoas é uma cidade bonita e bem localizada, sob o ponto de vista topográfico e econômico. Esta zona tende a se transformar em centro cafeeiro, embora existisse, durante um certo tempo, proibição para o plantio do café.

A cidade foi fundada em 1910, sob iniciativa da Estrada de Ferro Noroeste. O núcleo primitivo foi constituído em 1909, pelos empregados na construção da via férrea. Os pioneiros que habitavam esta zona foram, principalmente, de procedência mineira.

Em 1915 foi criado o município de Três Lagoas, que é sede da inspetoria do tráfego.

Nossos relógios foram atrasados de uma hora, pois sobre o rio Paraná, que marca a linha divisória entre São Paulo e Mato Grosso, há mudança de um fuso horário.

Três Lagoas é uma cidade bonita e bem localizada, sob o ponto de vista topográfico e econômico. Esta zona tende a se transformar em centro cafeeiro, embora existisse, durante um certo tempo, proibição para o plantio do café.

A cidade foi fundada em 1910, sob iniciativa da Estrada de Ferro Noroeste. O núcleo primitivo foi constituído em 1909, pelos empregados na construção da via férrea. Os pioneiros que habitavam esta zona foram, principalmente, de procedência mineira.

Em 1915 foi criado o Município de Três Lagoas, que é sede da inspetoria do tráfego.

As terras eram desérticas, mas, com o crescimento da população, o cultivo passou a virde-las. Atualmente, predominam as grandes propriedades.

Nos arredores da cidade há fazendas de criação, principalmente de gado zebu. A pecuária é a atividade econômica que se destaca, até hoje.

Nova fundação em Três Lagoas deu origem a algumas outras fazendas.

³¹ Entremeado de trechos do relatório de Sol e Sul com reflexões sobre Três Lagoas e a língua Ofaié, no passado falada na região.

³² A informação referente ao dia de chegada do grupo a Três Lagoas está incompleta no rascunho do relatório.

As terras eram devolutas, mas com o crescimento da população, o Estado passou a vendê-las. Atualmente predominam as grandes propriedades.

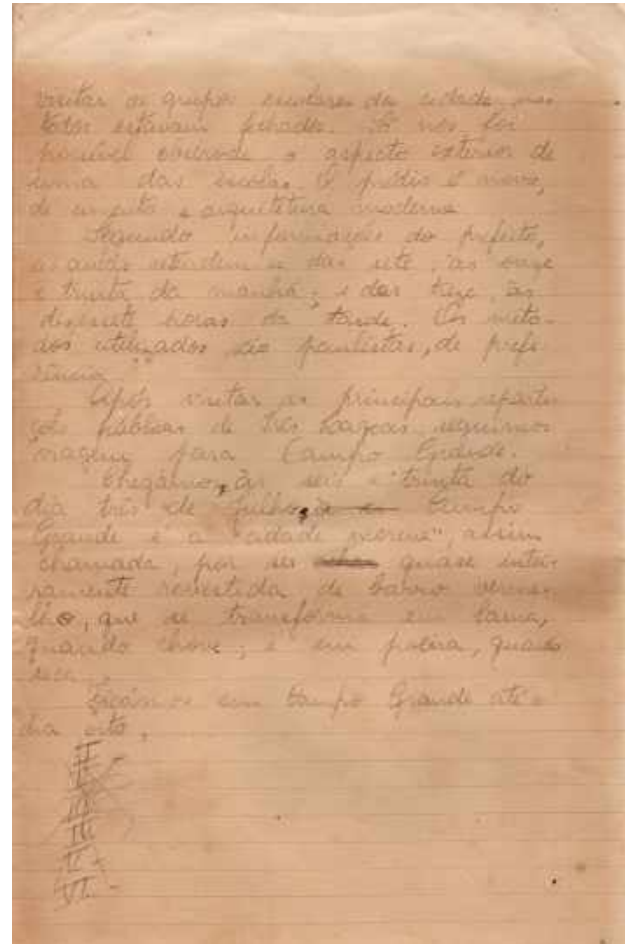
Nos arredores da cidade há fazendas de criação, principalmente de gado zebu.

A pecuária é a atividade econômica quase exclusiva, até Jataí.

Nossa permanência em Três Lagoas durou apenas algumas horas. Tentamos visitar os grupos escolares da cidade, mas todos estavam fechados. Só nos foi possível observar o aspecto exterior de uma das escolas. O prédio é novo, de cimento de arquitetura moderna.

Segundo informações do prefeito, as aulas se estendem das sete às onze e trinta da manhã; e das treze às dezessete horas da tarde. Os métodos utilizados são paulistas, de preferência. Após visitar as principais repartições públicas de Três Lagoas, seguimos viagem para Campo Grande. <<<

Três Lagoas é uma região marcada, como o próprio nome diz, por três lagoas rodeadas por uma cidade, habitada no passado predominantemente pelos indígenas Ofaié, até a invasão dos bandeirantes paulistas (DUTRA, 2007, p.4). Por uma “incomum boa sorte” (DUTRA, 2007, p.4) um dos últimos falantes da língua Ofaié (ou Ofaié-xavante, da família Jê), o José, que vivia no sul de Mato Grosso, possibilitou que sua língua fosse apreendida “na última hora”, pelo trabalho da pesquisadora Sarah C. Gudschinsky, que “expõe os dados linguísticos obtidos num estudo de dois meses com, ao que parece, o último falante vivo de



Ofaié” (GUDSCHINSKY, 1974, p.177). Entre uma análise fonêmica completa, “embora tentativa” (DUTRA, 2007, p.4), encontramos notas sobre morfologia verbal e nominal e um pequeno vocabulário: Gudschinsky faz uma contribuição para tipologia das línguas brasileiras e registra uma linguagem que carrega esboços de um mundo em vias de extinção. Por esse registro, podemos vislumbrar o que já fora nomeado, o que participa de uma cosmovisão que implica relações próprias entre corpo, árvores, terra, céu, bichos e sons – ou seja, uma paisagem falada.

Assim, “a paisagem é o resultado de uma acumulação de tempos” (SANTOS, 2014, p. 54), pois detritos e espaços do passado sedimentam nas camadas profundas do solo e informam topografias; gestos que se acumulam em corpos, sons e palavras deixam rastros que permanecem na língua e na linguagem e reclamam por sua reaparição, por sua presença, compondo paisagens sonoras que perduram no tempo:

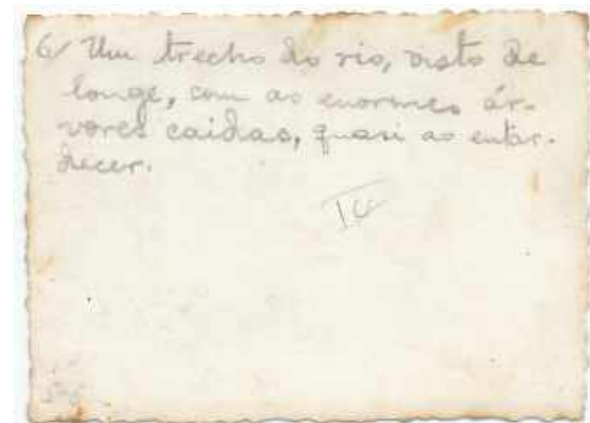
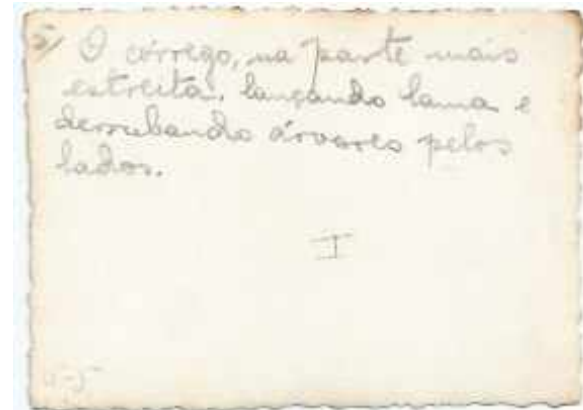
Na passagem de uma língua pra a outra, algo sempre permanece, mesmo que não haja ninguém para se lembrar desse algo. Pois um idioma retém em si mais memórias que os seus falantes e, como uma chapa mineral marcada por camadas de uma história mais antiga do que aquela dos seres vivos, inevitavelmente carrega em si a impressão das eras pelas quais passou. (HELLER-ROAZEN, 2010, p.67).

Poemas, músicas, rituais, cânticos e sons assignificantes evocam a persistência de palavras que guardam a incipiência de um universo inatual, porém presente. A “sedimentação” dos restos de outras falas, línguas e gestos, define uma tipologia, relevos que delineiam uma paisagem entrelaçada em som e imagem, que decanta figuras e compõe lugares de outrora: “no entanto, ela persiste: a ‘ausência de som’ permanece em seu desaparecimento, e é



a tarefa dos poetas dar-lhe forma, fazendo das letras fugidias a matéria de sua arte”³³ (HELLER-ROAZEN, 2010, p. 27).

'hëg(q)	'árvore'
'hëg-.'n	'árvore pequena'
'hëg-'ta:q	'árvore grande'
'hëg/Æ-jë	'árvores '
'pi-ëq	'água'
ky-'towëq	'sol'
w-'ykši'kõ:raq	'onça'
'wo:-'niq	'mosquito'
'wo-'jih	'paca'



Rever as palavras, os sons e a linguagem de Ofaié é /islumbrar um mundo incipiente, resistente ao “genocídio cultural” (GONÇALVES FILHO, 1991, p.11), ao desaparecimento e ao silêncio.

³³ Sobre persistências e substratos da língua, ver Daniel Heller-Roazen (2010).

2.2.3 Paragem > Campo Grande > Cipango³⁴

>>> *Cheguei a Campo Grande manhã dia três ponto
viagem ótima abri (ilegível) desconhecido ponto
sextafeira parto ponta poran ponto abraços - Sol -<<<*

Campo Grande foi a segunda cidade onde o grupo parou em Mato Grosso e permaneceu entre os dias 3 e 8 de junho. Os primeiros registros do caderno de Sol, encontrado em seu arquivo, foram feitos nesse período e foi nessa ocasião que Rosa encontrou a família de colonos japoneses que gerou a escrita de “Cipango”³⁵. Foram também em Campo Grande os primeiros encontros do escritor com os indígenas terena, a partir dos quais compôs “Uns índios (sua fala)”, em que transcreve palavras do vocabulário terena e trechos de conversas ocorridas em diferentes momentos da expedição.

Dos arquivos de Sol, além de seu caderno que traz referências diretas a Campo Grande, encontramos fotografias, cartões postais e uma carta escrita para seu noivo, Leon, enviada do Hotel Campo Grande, na qual



³⁴ O texto de Rosa, “Cipango”, está destacado, em formato de lista, junto às anotações de Sol e Sul sobre a visita que fizeram à chácara da família japonesa, casa de Takeshi Kumoiuro. Inclui, uma folha solta de um poema de Manoel de Barros.

³⁵ Publicado pela primeira vez em 17 de fevereiro de 1953, no jornal *Correio da Manhã* (de acordo com registro no IEB, fundo Guimarães Rosa – documento ainda não foi verificado. Posteriormente publicado no Suplemento “A Manhã” do periódico *Letras e Artes*, no dia 12 de abril de 1953, (acessível no link <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReaderMobile.aspx?bib=114774&PagFis=3546>) e na obra póstuma *Ave, Palavra*, que teve sua primeira edição em 1970.

descreve as atividades realizadas pelo grupo, entremeadas de anotações de seus afetos sobre a viagem.

>>> Chegamos às seis e trinta do dia três de julho. Campo Grande é a “cidade morena”, assim chamada por ser quase inteiramente revestida de barro vermelho, que se transforma em lama quando chove, e, em poeira, quando seca.

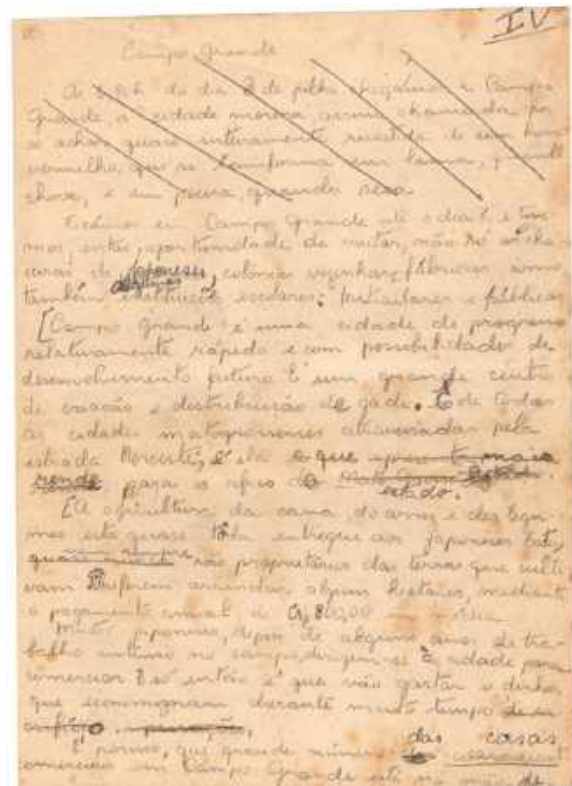
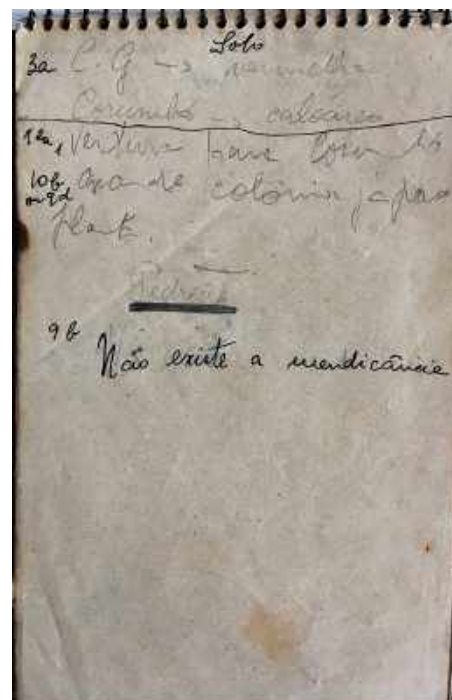
Ficamos em Campo Grande até o dia 8, e tivemos, então, oportunidade de visitar, não só as chácaras de japoneses, colônias vizinhas e fábricas, como também instituições escolares: particulares e públicas.

Campo Grande é uma cidade de progresso relativamente rápido e com possibilidade de desenvolvimento futuro. É um grande centro de criação e distribuição de gado. E, de todas as cidades mato-grossenses atravessadas pela Estrada Noroeste, é ela a que mais rende para os cofres do estado.

A agricultura da cana, do arroz e dos legumes está quase toda entregue aos japoneses. Estes nem sempre são proprietários das terras que cultivam.

Preferem arrendar alguns hectares, mediante o pagamento anual de Cr\$ 800,00 em média.

Muitos japoneses, depois de alguns anos de trabalho intenso no campo, dirigem-se à cidade para



comerciar. É só então é que vão gastar o dinheiro que economizaram durante muito tempo.

É por isso que grande número das casas comerciais em Campo Grande está na mão de nipões.

Alguns proprietários de terra, na maioria brasileiros, têm queixa contra o trabalho dos agricultores japoneses. Estes, apesar de conseguirem verdadeiros milagres na produção, não são os lavradores aconselháveis para o Brasil, pois têm o grave defeito de esgotar rapidamente o solo. E, justamente por isso, eles não se interessam em possuir os terrenos para suas próprias lavouras. Não seria proveitoso, para o seu sistema de agricultura intensiva, ficarem indefinidamente arraigados à mesma terra.

O eixo econômico de Campo Grande é o gado.

Daí, as atividades da cidade estarem condicionadas à criação. Há, por exemplo, grandes canaviais que são cultivados, não para fabricação de açúcar ou de álcool, e sim para forragem.

A indústria do calçado também está grandemente desenvolvida em Campo Grande.

Nas regiões de cerrado, que circundam aquela cidade, existe uma fruta denominada "pequi". Esta fruta está sendo aproveitada, aliás com ótimos resultados, na fabricação de um licor. É tal a sua quantidade que três dias de colheita dão para a

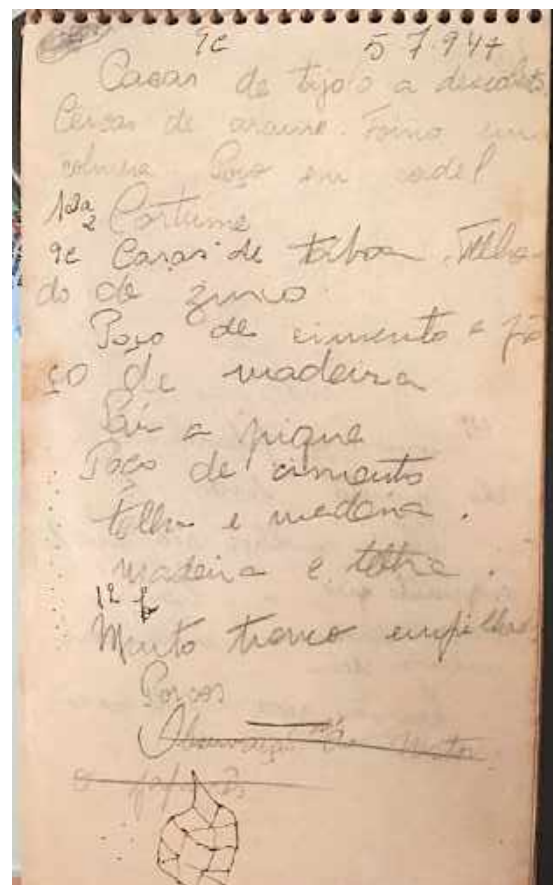


alguns milagres.
 Alguns proprietários de terra, na maioria brasileiros, têm queixa contra o trabalho dos agricultores japoneses. Estes, apesar de conseguirem verdadeiros milagres na produção, não são os lavradores aconselháveis para o Brasil, pois ~~tem~~ ^{tem} o grave defeito de esgotar rapidamente o solo. E, justamente por isso, eles não se interessam em possuir os terrenos para suas próprias lavouras. Não seria proveitoso, para o seu sistema de agricultura intensiva, ficarem indefinidamente arraigados à mesma terra.
 O eixo econômico de Campo Grande é o gado. Daí, as atividades da cidade estarem condicionadas à criação. Há, por exemplo, grandes canaviais que são cultivados, não para fabricação de açúcar ou de álcool, e sim para forragem.
 A indústria do calçado também está grandemente desenvolvida em Campo Grande.
 Nas regiões de cerrado, que circundam aquela cidade, existe uma fruta denominada "pequi". Esta fruta está sendo aproveitada, aliás com ótimos resultados, na fabricação de um licor. É tal a quantidade de que três dias de colheita dão para a produção de um ano. É o licor, que tem sido aceitação em diversos estados, porém ~~de~~ ^{se torna} uma fonte de riqueza para Campo Grande por ~~ser~~ ^{ser} uma indústria local, que implica em pequena mão de obra e em matéria prima barata.

produção de um ano. E o licor, que tem aceitação em diversos estados, poderá se tornar uma fonte de riqueza para Campo Grande, pois é uma indústria fácil, que implica em pequena mão-de-obra e em matéria prima barata. <<<

A presença dos registros sobre os colonos japoneses ocupa grande parte das anotações presentes no caderno de Sol, com um vocabulário japonês de palavras elementares como “bom dia”; “sol”; “sim”; “não”; “terra”; “planta”. As características das casas dos colonos também se destacam em suas notas, datadas no dia 5 de julho, descritas em uma espécie de lista com uma grafia corrida, que carrega a sensação de rapidez e urgência do registro. As anotações de Sol são descritivas, com referências visuais e repetição de algumas palavras, e remetem ao método de estudo de campo do professor Hilgard, que indica que se anote as impressões e sensações imediatas, na presença de seu objeto de estudo: “Casas de tijolo descoberto. Cerca de arame. Forno em colmeia. Poço em cordel. Curtume. Casas de tábuas. Telhas de zinco. Poço de cimento e poço de madeira. Pau a pique. Poço de cimento. Telha e madeira. Muito tronco empilhado”.

Na base da folha do caderno, há um desenho, ou diagrama – é possível especular que é referente à esquemática de divisão do terreno dos colonos, a uma planta da área avistada, ou a um desenho especulativo, um gesto do pensamento. Uma vista panorâmica pode ser apreendida na medida em que lemos a lista escrita por Sol – a repetição de palavras e a sequência em que aparecem remetem a um panorama no qual uma gama de elementos presentes num campo de visão aparecem pelo movimento contínuo do olhar.



Em contraste com as anotações técnicas presentes nos cadernos e no relatório de Sol e Sul, baseadas no olhar para geografia física e humana, percebe-se na escrita de Rosa um olhar mais estetizado. No texto “Cipango”, nota-se suas impressões voltadas para os aspectos físicos, atividades e comportamento de seus personagens – os “cipangos” (japoneses) que imigraram para o Mato Grosso. Encontramos uma escrita que intercala o português erudito com sonoridades e impressões imediatas de tudo que foi visto e ouvido durante seu encontro com os colonos japoneses. Destaco do texto trechos que marcam gestos – “se sentavam no chão, cruzando as pernas (...)” –, delineiam formas – “virgulados olhos obvexos (...)”, visualidades – “reapareciam as juvenzinhas niseis, transfloridas (...)” –, local – “por um fundo de vale, seus *karichi*” –, sonoridades – “a vaca vermelha, rosneadora (...) ‘chácara, a ‘çák’kar’”.

Pela reunião de trechos impregnados com indícios sensoriais e afetivos, investigo a paisagem e o ambiente apreendidos por Rosa, busco vislumbrar um panorama desse momento da expedição composto por espécies de instantâneos verbo-visuais. Exponho abaixo uma recuperação da prosa do Rosa que lista suas impressões decorridas do breve contato com os colonos ainda no trem da Noroeste e na visita que fizeram à casa de Takeshi Kumoitsuro, “o chefe da casa”, recepcionados por Hachimitsu, quando o grupo de viajantes da expedição realizou inquéritos e registros textuais e fotográficos.

Cipango (Rosa, 2009, p. 147-152)

No trem da Noroeste, passada Araçatuba, a presença deles começou a aumentar;

amarelos indecifráveis, cabelos ouriçados, caras zigomáticas, virgulados olhos obvexos;



as mulheres, se sentavam no chão, cruzando as pernas, aos cantos ou pelo corredor, gente que não se acostumava ainda a permanecer em cadeira ou banco;

em Araçatuba, são quase todos de KiuShiu, de Kagoshima de Okinawa, aqui em Campo Grande;

Não longe da cidade, por um fundo de vale, seus karichi – terrenos arrendados –;

— Eles guardam numas barricas a comida dos porcos;

prasapa de boa, cheiro ardido... Porco, fica cada monarca desta altura! Quase do tamanho de burro. Comem deitados;

as mocinhas, quatro ou cinco, mesa ao ar livre, a um lado da casa, moíam na máquina arroz cozido, uma massa nevada;

reapareciam as juvenzinhas niseis, transfloridas:

O pai tinha apenas mandado que mudassem de roupas e se enfeitassem, a fim de sair em digno o retrato;

espiei pela janela. O que me prendeu os olhos, foi, emoldurado, um desenho de espada;

espadas japônicas, de ancha lâmina, que um ditado deles diz ser a “alma do samurai” – entre negros ideogramas, tão traçados a pincel;

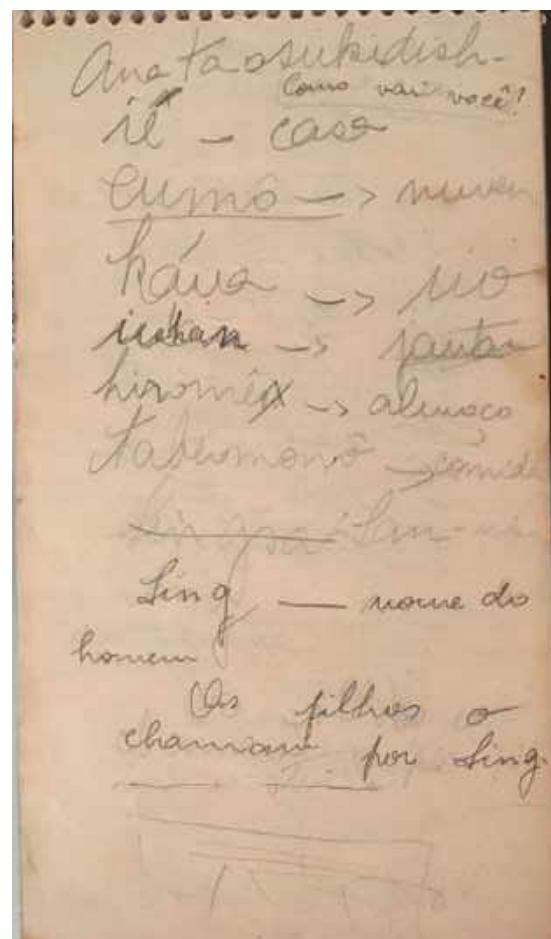
O homem que morre pela pátria, vive dez milhões de anos!;

chácara, a 'çák'kara';

espessos grupos de bambus revelavam um intento de afeiçoar o arredor;

canavial, labirinto verde;

assaltou-nos um cheiro orgânico, ranço inusitado, colorido de componentes. Cheiro de humana fartura;



Takeshi Kumoitsuru – rugoso de cara, estanhada, flexo no certo número de medidas. Cabeça rapada, com topete: cismo-o um sacerdote do xintô ou budista, amigo da raposa branca;

fundo de aspecto apreensivo;

Nossas roupas cáqui de excursionistas devem-lhe parecer militares. E ele é esguio, pescocoeia;

ko-tchû – largo cutelo curto – cortava cana;

vaca vermelha, rosneadora, detida num cercado de bambus, vigiando sua envasada manjedoura, se animalava;

estranha, diversa, grossa demais, uma búfala. — Planta só cana?

Tudo puranta, esse bom... Tudo puranta, esse bom...;

Passarinho come...;

moça de sorriso fixo;

com aquele xemexe de plenas curvaturas, as mãos nos olhos;

Casa japonês munto suja... — e a mulher ria, um riso desproporcionado;

meio a meio seria cozinha e salão;

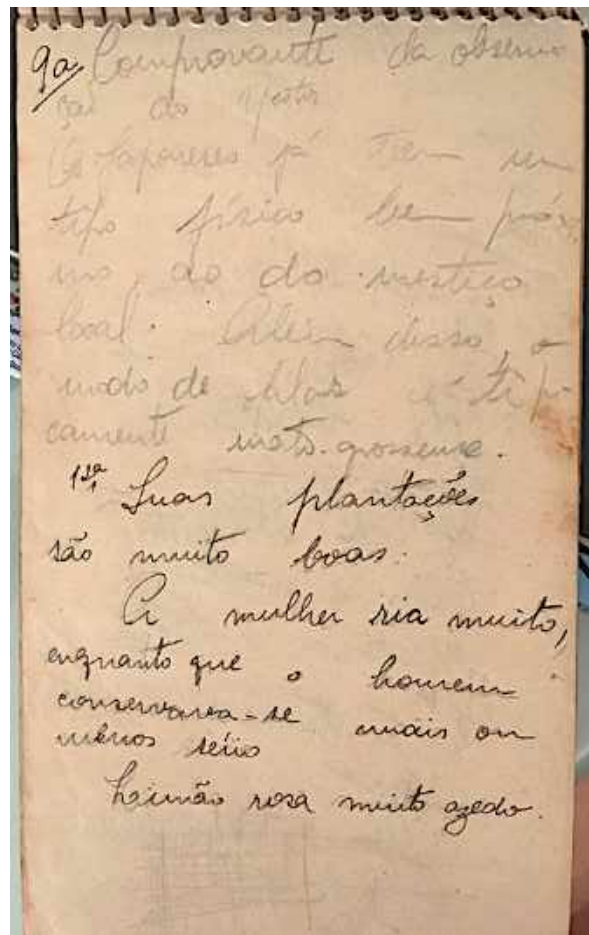
As arcas, os armários, as mesas, as esteiras de palha, os utensílios;

A mulher empilhava doces alourados, que fabricava para vender;

O homem piscava atento apenas a todo pio ou esvoaço;

lá fora os pássaros seus adversários;

viu-se uma pele seca de cobra;



figurava mesmo um buda-bonzo, ou xamã monge, ou dês-cá;

Eu-pequeno môrde côbura Araçatuba mureu;

Apontou, na parede, o retrato – de um menino japonêsinho, que a cobra matara – calavam-se para o quadro;

Sorriam, os três, sorriam-nos, com vinco e afinco;

atos tão disciplinadamente de luto, *utsu-utsu*;

Num raso pedaço de terreno, verde de todo plantado;

luminoso de canaizinhos de irrigação;

Paravam numa paisagem em seda;

sulcos d'água no entremeio das miúdas culturas;

poucas árvores mantidas;

mpor a este chão um torcido toque de arte nipônica;

assimetria intencional;

ecesso de calados espaços inventados e riscos que imóveis;

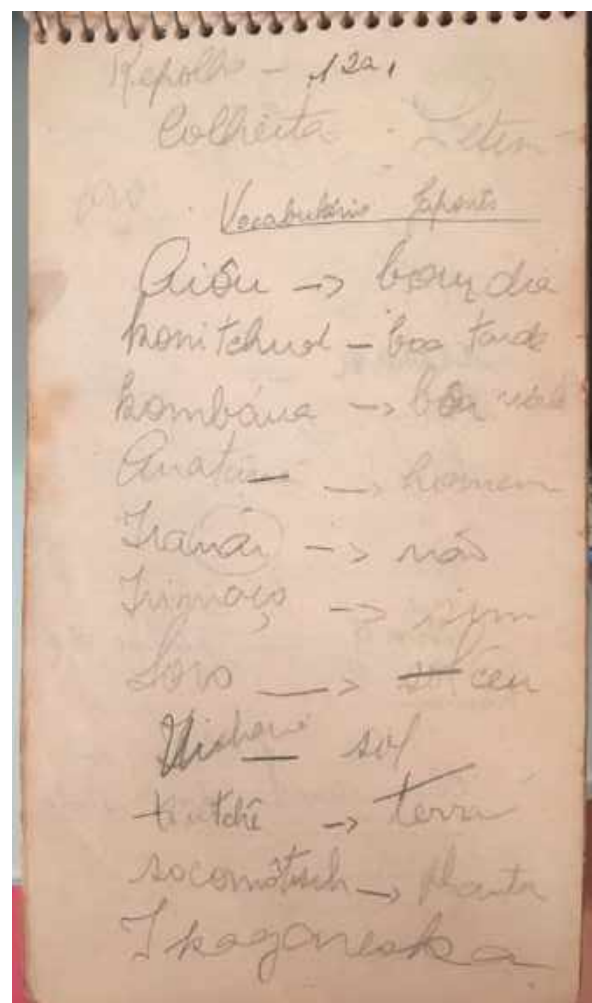
guardam qualquer coisa do relâmpago;

Mesmo arranjaram um grande arbusto branco, que todas flores;

Ao fundo, tlatlavam os quero-queros, sobe-desce-sobe, gritantes;

Lá, acolá, de cócoras, o homem trabalha. É moço, bem-parecido; calça curta, sem camisa, chapéu amplo, de palha. Capina em volta das alfaces, isto é, usa seus dedos, para depilar a terra, como se a espiolhasse;

pinça um capinzinho, o extrai;



tal um artista de remate, desenhista, bordador desacomodar-se: se desloca, andando para trás, para um lado;

Pés descalços, pés preêenseises, que se seguram no úmido chão;

Lavam e luzem os pimentões, lustram os nabos e abóboras; com belos dentes. *Banzai, banzai, Nippon!*

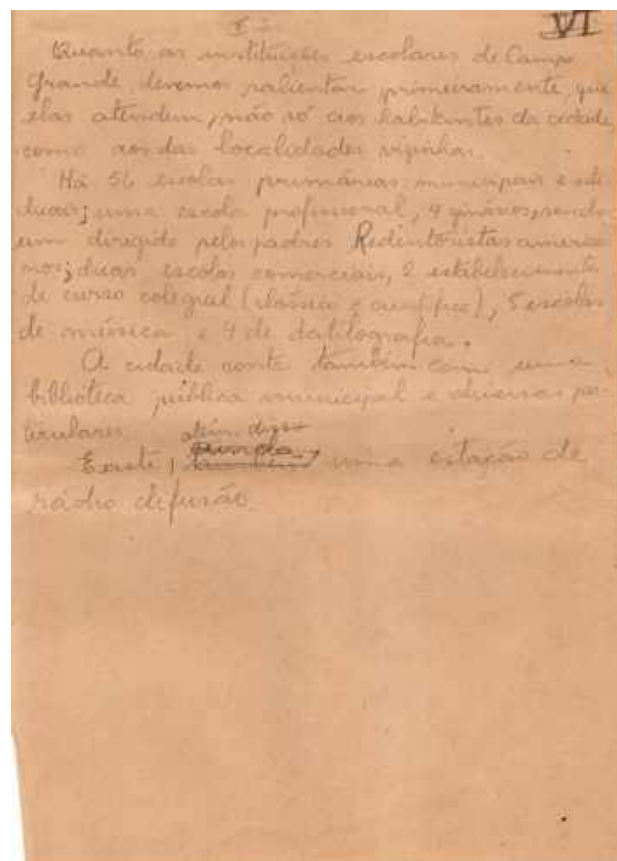


>>> Quanto às instituições escolares de Campo Grande, devemos salientar, primeiramente, que elas atendem, não só aos habitantes da cidade, como aos das localidades vizinhas.

Há 56 escolas primárias, municipais e estaduais; uma escola profissional; 4 ginásios, sendo um dirigido pelos padres redentoristas americanos; 2 escolas comerciais; 2 estabelecimentos de curso colegial, sendo clássico e científico; 5 escolas de música e 4 de datilografia.

A cidade conta também com uma biblioteca pública municipal e diversas particulares.

Existe, além disso, uma estação de rádio difusão.



A localização das escolas primárias é, em geral, boa. A dificuldade, entretanto, está nas instalações, que são precárias, quase nunca contando com mais de uma sala. Falta sempre um pátio para recreação.

As escolas municipais são auxiliadas pela Sociedade Miguel Couto do Rio, que dá Cr\$ 5.000,00 por ano. Além disso, há vários sócios locais que ajudam a fornecer o material escolar. E as crianças contribuem com Cr\$ 1,00 por mês.

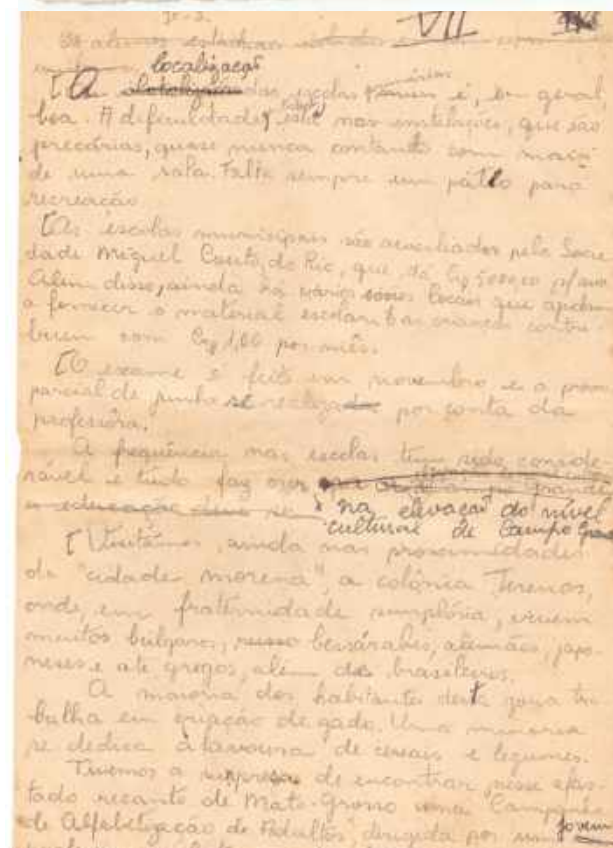
O exame é feito em novembro e a prova parcial de junho se realiza por conta da professora.

A frequência nas escolas tem sido considerável e tudo faz crer na elevação do nível cultural de Campo Grande.

Visitamos ainda nas proximidades da "cidade morena" a colônia Terenos, onde, em fraternidade simplória, vivem muitos búlgaros, bessárabes, alemães, japoneses e até gregos, além de brasileiros.

A maioria dos habitantes desta zona trabalha em criação de gado. Uma minoria se dedica à lavoura de cereais e legumes.

Tivemos a surpresa de encontrar nesse afastado recanto de Mato Grosso uma "Campanha de Alfabetização



de Adultos”, dirigida por um jovem professor paulista, que também se dedica à educação das crianças da colônia.

Prosseguimos a viagem para Porto Esperança, no dia 8 de julho, às 8:15 da manhã.

Passamos todo o dia viajando e só pudemos colher informações muito superficiais sobre as cidades situadas entre Campo Grande e Porto Esperança.

De uma maneira geral, podemos afirmar que a vida daquela região gira em torno do gado, criado exclusivamente para corte.

Trata-se de uma extensa zona de campos, com revestimento vegetal pouco eficiente para a engorda do gado. Por isso, quase toda a criação se destina às invernadas de São Paulo.

Em algumas cidades ribeirinhas, como, por exemplo, Aquidauana, pratica-se a pesca em grande escala.

Noutras localidades, a lavoura de cereais, frutas, legumes e cana toma certo desenvolvimento, com auxílio de trabalhadores japoneses.

Nesse mesmo dia, à noite, iniciamos a subida do rio Paraguai, numa embarcação que foi vaso de guerra na luta com o Paraguai: o vapor Fernandes Vieira.

Prosseguimos a viagem para Porto Esperança no dia 8 de julho, às 8:15 da manhã.

Passamos todo o dia viajando e só pudemos colher informações muito superficiais sobre as cidades situadas entre Campo Grande e Porto Esperança.

De uma maneira geral, podemos afirmar que a vida daquela região gira em torno do gado, criado quase exclusivamente para corte.

Trata-se de uma extensa zona de campos, com revestimento vegetal pouco eficiente para a engorda do gado. Por isso, quase toda a criação se destina às invernadas de São Paulo.

Em algumas cidades ribeirinhas, como por exemplo, Aquidauana, pratica-se a pesca em grande escala.

Noutras localidades, a lavoura de cereais, frutas, legumes e cana toma certo desenvolvimento, com auxílio de trabalhadores japoneses.

Nesse mesmo dia, à noite, iniciamos a subida do rio Paraguai, numa embarcação que foi vaso de guerra na luta com o Paraguai: o vapor Fernandes Vieira.

Chegamos a Corumbá no dia seguinte, isto é, ~~no~~ às ~~14~~ horas, de tarde.

O desembarque foi feito por meio de rampas.



Chegamos em Corumbá no dia seguinte, isto é, às 14 horas. O desembarque foi feito por meio de canoas. <<<

>>>Muitas saudades você. Parto amanhã Corumbá.

Ficaremos pouco tempo. Responda com telegrama cuidados prefeito. Ficaremos pouco tempo.

não esquece. Sol. <<<<



No tempo de andarilho, de Manoel de Barros:

Prospera pouco no Pantanal o andarilho. Seis meses. Durante a seca, anda. Remói cominhos e descaminhos. Abastece de pernas as distâncias. E, quando as estradas somem, cobertas por águas, arrancha.

O andarilho é um antipiqueteiro por vocação. Ninguém o embuçala. Não tem nome nem relógio. Vagabundear é virtude atenuante para ele. Nem é um idiota programado, como nós. O próprio esmo é que o erra.

Chega em geral com escuro. Não salva os moradores do lugar. Menos por deseducado. Senão que por alheamento e fastio.

Abeira-se do galpão, mais dois cachorros, magros, pede comida, e se recolhe em sua vasilha de dormir, armado no tempo.



Cedo, pela magrez dos cachorros que estão medindo o pátio, toda a fazenda sabe que Bernardão chegou. “Venho do oco do mundo. Vou para o coco do mundo”. É a única coisa que ele adianta. O que não adianta.

Tem sempre um ar altivo de quem vê pedra nadando, esse Bernadão. Não aceita brincadeiras. Não monta no porco. É coisa indefinida. Igual um caramujo irrigado. Anda na terra como quem desabrocha. E não inventa remédios para ficar mais inteiro.

Enquanto as águas não descem e as entradas não se mostram, Bernardo trabalha pela bóia. Claro que resmunga. Está com raiva de quem inventou a enxada. E vai assustando o mato como um feiticeiro.

Os *hippies* o imitam por todo o mundo. Não faz, entretanto, brasão de seu pioneirismo. Isso de entortar pente no cabelo intratável ele pratica de velho. A adesão pura à natureza e a inocência nasceram com ele. Sabe plantas e beixes mais que os santos.

Não sei se os jovens de hoje, adeptos da natureza, conseguirão restaurar dentro deles essa inocência. Não sei se conseguirão matar dentro deles a centopeia do consumismo.

Porque desde nada, o grande luxo de Bernardo é ser ninguém. Por fora é um galalau. Por dentro não arredou de ser criança. É ser que não conhece ter. Tanto que inveja não se acopla nele.³⁶



³⁶ Os textos de Manoel de Barros serão inseridos na montagem da tese como folhas soltas, como achados em caixas de arquivos. Não fazem parte dos documentos gerados na expedição ou posteriormente por seus participantes, porém, carregam traços que contribuem para uma composição da paisagem e da atmosfera da região do Pantanal Mato-grossense.

2.2.4 Paragem > Corumbá > Ao Pantanal³⁷



>>> *Nó dia 11, às sete e quarenta e cinco, partimos de Corumbá com destino a Nhêcolândia.*

“A 11 de junho, dita manhã, entramos na chalana *Segunda*, que nos encostou no vaporzinho *Ipiranga*, *Ipiranga i. e.* Zarpa-se às 7h, 50, contra um cromo verde e céu, sensíveis.” (ROSA, 2009, p. 234)

Uma lancha a vapor, fornecida pela Marinha, nos conduziu até o porto de Manga.

“(…) pensada nossa viagem para a outra manhã, o nhêcolandês tomou, de momento, um aviãozinho, e foi sobrevoar o Porto da Manga, onde, sob sinais, deixou cair, preso a uma pedra, um bilhete, com o 'plano' do itinerário. Desde aí, linha e linha, tudo se obedeceu.” (ROSA, 2009, p. 234)

Lá nos esperava uma embarcação movida a motor, que nos levou até um certo ponto do Pantanal.



³⁷ Impressões de Sol e Sul, registradas no relatório, serão intercaladas – para contraponto – com observações de Rosa. Decupagem do “Ao Pantanal”, com anotações sobre escrita e pintura.

“Às 12h, 30 arrivamos à Manga. Que é o porto da Nhecolândia, seu ponto de acesso, mantido pelo Centro de Criadores. Um *tablado*, para carga e descarga.” (ROSA, 2009, p.235)

Na zona que atravessamos, a vegetação estava submersa. De abril a setembro o solo fica inundado, com profundidade bastante para que uma lancha faça o percurso. Durante a época seca é uma estrada, por onde trafegam carros de boi, cavalos, etc.

“Confirmamos a situação: como a cheia geral insiste, léguas de água bloqueiam o Pantanal. Entanto que, no tempo da seca, de Corumbá ao Firme são 4 horas de automóvel, agora de terrestre nem um caminho, nem um stmo. Mas aguarda-nos a lancha *Mercedes*, sobrelesta, da Distribuidora Nhecolandense, na qual saímos, às 13h, 05.” (ROSA, 2009, p. 235)

Saímos da lancha Mercedes e embarcamos numa prancha, que se movimentava com a utilização da zinga, que é uma espécie de tronco. O homem que maneja esta modalidade de remo é o zingador.

“Lá avistamos os bois, com os carros, carretas de rodas altas e tolda de lona verde. Mas aqui já está um batelão, prancha à zinga, esperando-nos. É um cetáceo, escuro, propulso. Mudamos para seu bordo. E estamos barquejando na estrada de rodagem onde no normal os autos trafegam. Os zingadores, um de cada lado, fincam os varejões, para trás, oblíquos, e repetem marche-marche, pelas beiradas coxias da prancha, descalços, com socos surdos na madeira.” (ROSA, 2009, p. 238)



No dia onze, de sete e quarenta e cinco, partimos de Corumbá, um distrito de Nhecolândia. Uma lancha a vapor, fornecida pela refaria, nos conduziu até o porto de Itanga. Lá nos esperam uma embarcação movida a motor, que nos leva até um certo ponto do Pantanal Pantanal. Na zona que atravessamos, a vegetação estava submersa. De abril a setembro o solo fica inundado, com profundidade bastante para que uma lancha faça o percurso. Durante a época seca é uma estrada, por onde trafegam carros de boi, cavalos, etc. Saímos da lancha Mercedes e embarcamos numa prancha, que se movimentava com a utilização da zinga, que é uma espécie de tronco. O homem que maneja esta modalidade de remo é o zingador. Lá chegamos ao Pedra Branca local onde não é mais possível trafegar a embarcação flutuante, e paramos nos carros de boi. Após mais duas horas, até encontrarmos um zingador, que nos conduziu ao fim da viagem. Lá ficamos hospedados com toda o conforto possível. No dia

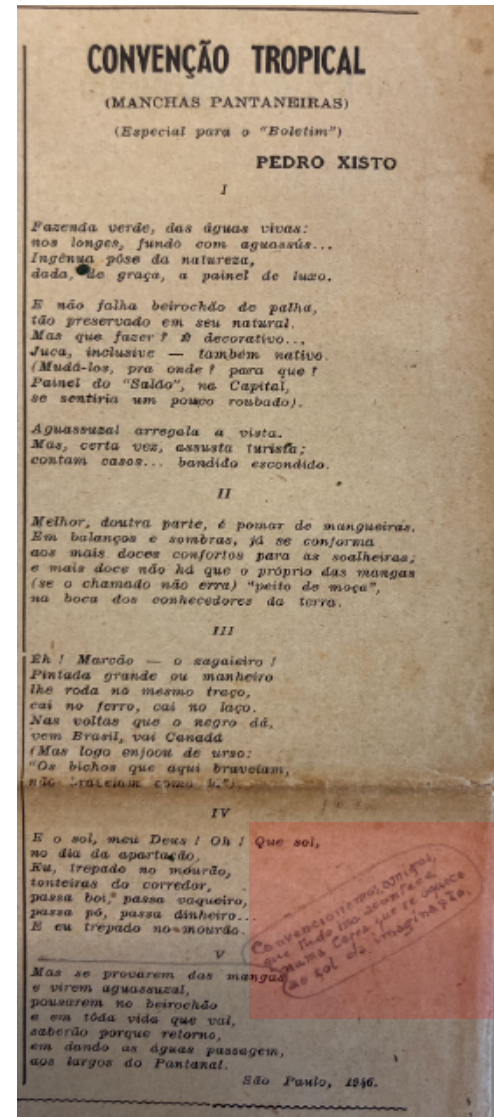
Ao chegarmos ao Rodeio Cristóvão (local onde não é mais possível trafegar a embarcação fluvial) esperavam-nos carros de bois. Viajamos duas horas até encontrarmos um caminhão que nos conduziu à Fazenda Firme.” <<<

“Convencionemos, amigos, que tudo isso acontece numa terra que se aquece ao sol da imaginação” (ROSA, 1947), acrescentou Rosa, no poema *Convenção Tropical* (*manchas pantaneiras*), de Pedro Xisto, publicado no Diário da Nhecolândia, mesmo periódico no qual Rosa exaltou a paixão que dividia seu afeto em disputas “bairristas” entre Minas Gerais e o Mato Grosso.

Entre os locais visitados durante a expedição, a Nhecolândia é o que aparece com maior proeminência na produção literária e na fortuna crítica de Rosa; foi o local onde ocorreu a famosa entrevista “Com o vaqueiro Mariano” (1947), publicada em três partes no jornal *Correio da Manhã*, posteriormente publicada como uma obra intitulada “Entremeio: com o vaqueiro Mariano” (1952). Além dessa obra, o local figura, também, na narrativa que descreve cronologicamente e minuciosamente o trajeto do grupo entre Corumbá e o Pantanal, em “Ao Pantanal” (1953).

Ao Pantanal (Rosa, 2009, p. 234-239)

À Nhecolândia, aquilo não existe. É o dilúvio;
Rio-abaixo o Paraguai;
ondas fíngem o recém-lavrado: revirado campo;



Leiras dunas de íris no dorso sempre se estendem,
sinuosas, seguindo-nos;

a água se espessa de margens, grupam-se cambarás;

englobam-se bosques de bocaiúvas;

vê-se um curral nadando, quase fim de submergido;

o arame das cercas 'apodrece', segundo um poeta
aborígene;

Às 12h, 30 arrivamos à Manga;

Um *tablado*, para carga e descarga;

Numa figueira, donde se pendura um ninho-de-espinho;

léguas de água;

Voz de um afluente – o Taquari, oliva;

Densos camalotes de guapés, pequeno mar-de-sargaços;

Anhumas se despencam e ressobem, bradam, suspendem-
se em espiral;

Martins-pescadores, súbito azul;

em grupos, mais verde que azuis;

Biguás regem pela do rio a horizontal de seu vôo, e brusco
pousam numa onda;

Canta, preto puro, sílaba sem fim, o bico-de-prata;

Todos os não simples pássaros, cores soltas, se
desmancham de um desenho;

13h, 22. Deixamos o Taquari, desladeamos por um corixo;

Cada coqueiro carandá é escudo de lança;

Garças apontam, quase reptilíneas, por entre o capim-de-
praia;

Varam o ar caturritas: explosão de verde e gritos,
periquitos;

Um jacaré se ronha gordo ao sol, bocarra franca;

Um redondo de pimental mal emerge;

Mato de beira, onde as lontras brincam de ficar em pé e se revezam, mio e assovio;

Um socozinho vem-voa, se amoita;

13h, 40. O corixo se estreita;

Ruazinha líquil, uma viela d'agua;

rego, entre margens que são sem trânsito para o pedestre;

por baixo há um lago;

Sáimos do corixo e dobramos por um canaleta, que aberto artificial no plão campo;

queimaram linearmente o capim;

as embarcações conservam o caminho

navegável superfície;

outro jacaré, às ombradas;

entre guapés que luzem como gigantes espinafres, e

massouras bravas;

rêmulas facezinhas amarelas;

ilha pantanosa;

Binguás, bando, se juntam, para repouso;

Urubus apalpam o céu, limpas mão pretas;

14h, 10. Subnível, suportando o fundo, presas no mergo
lúcido, toda uma flora alagã de irmãs ninfas;

lagartija, trama de coral, sangues hastes que se inclinam,
expondo à tona em estendal curto um milflor vivo jalde;

batatinha-da-praia, salvando acima as estrelas de leite das
campânulas;

erva-de-bicho, velvo zinhavre, às vezes rosada, afogada
linda;

enfio de geléias, folhas em bolas de esponja;

lantejante, pulul, espalhado trevo pálido;

orelha-de onça, pôo de ervilha, nata, colado véu de musgo
claro, que oscila;

eslaço de umas folhas largas, suplantadas;

corolas sobressobram, sobrenadam;

jardim merso, mágico, submerso;

ilha de flores;

lisa luminosidade do estagno;

E cores: bluo, belazul, amarelim, carne-carne, roxonho,
sobre-rubro, rei-verde, penetrados violáceos, rosa-roxo,
um riso de róseo, seco branco, o alvor clruel do polvilho,
aceso alaranjado, enverdes, ávidos pervervedes, o amarelo
mais agudo, felflavo, felflóreo, felflo, o esplâcnico azul
das uvas, manchas quentes de vísceras. Cores granam, que
geram coisas – goma, germes, palavras, tacto, tlitlo de
olálpebras, permovimentos;

Tornamos por outro corixo;

Soreleva-se o *capim-arroz*, à direita, farto, melhas;

Lambaris se entreflecham entre flores,

dentro de nossos olhos;

Planam, pairam garças, fofas;

água se estira mais azul;

Carandás – oeste palmeiras – que saem do mar;

Caetés, coesos, se sacodem – o talo esvelto;

punhado alvo de flores;

três folhas lanceoladas;

Refundo o *capim-vermelho*, rufo, ticiano;

Nem há mais fundo;

Turva-se a água, se enolda;

Meio quilômetro adiante, entre árvores – carandás de
sidéreos reflexos;

avistamos os bois, com os carros, carretas de rodas altas e
tolda de lona verde;

E estamos barquejando na estrada de rodagem onde no
normal os autos trafegam;

15h05. Nem a prancha pode vir mais;

carretas veículos aquáticos;

os bois empurram a água com os joelhos, e como correm,
cabeceando;

caudas se espiralam;

16h, 08. Atravessamos o Corixinho, o carreiro tem de
subir no carro;

coqueiros sucedem-se, falam seu verde;

azul grumo do céu digere e o último fio de nuvem;

surpresas de aves são incontáveis;

águas nunca envelhecem de verdade;

16h, 30. Descemos da carreta para um caminhão, justo;

planice que ainda é lama e relva de charco;

terra coagulada;

chão em começo;

16h, 40. O caminhão não pode prosseguir;

Lama e limo; palpantes;

água olha-nos, com suas bolhas frias;

17h,00. Tordos, em bando, enfins, se espritam nos carandás;

avista-se a Casa do Firme;

17h10. Chegamos;

No princípio era sem cor.

A significativa presença de registros sobre a Nhecolândia, presume-se que se dê pelo êxito da reportagem “Com o vaqueiro Mariano”, publicada após a viagem, relatando o encontro com o vaqueiro – uma exaltação ao estilo de ser do vaqueiro pantaneiro. O *Boletim da Nhecolândia* divulgou uma nota anunciando a reportagem publicada no *Correio da Manhã*, onde faz menção à expedição. Em resposta à nota, Rosa envia uma carta “ao Senhor Eugênio Gomes da Silva”, na redação do *Boletim*, onde agradece à nota publicada e declara: “desde que, no ano passado, pude visitar essa maravilhosa região – indescritivelmente bela e rica, e habitada por uma gente hospitaleira, inteligente e progressista – acho-me preso à Nhecolândia, pelo coração, pela saudade. Houve comigo uma superposição afetiva de bairrismos: além de mineiro, passei a sentir-me matogrossense, nhecolandense, o que é uma maneira de ser mais brasileiro” (grifo da autora).

>>> “Ora avista-se a Casa do Firme.

17h, 10. Chegamos. De que abismos nascemos, viemos? Mas no princípio era querer de beleza, no princípio era sem cor.” (ROSA, 2009, p. 239)



Lá, ficamos hospedados com todo o conforto possível. No dia seguinte visitamos outras fazendas, desenvolvendo nossos estudos em torno dos fatos fisiográficos e humanos observados.

Ao chegarmos ao Rodeio Cristóvão (local onde não é mais possível trafegar a embarcação fluvial) esperavam-nos carros de bois. Viajamos duas horas até encontrarmos um caminhão que nos conduzisse à Fazenda Firme.<<<

2.2.5 Paragem > Fazenda Firme³⁸



Em julho, na Nhecolândia, *Pantanal* de Mato Grosso, encontrei um vaqueiro, que reunia em si, em qualidade e cor, quase tudo o que a literatura empresta esparso aos vaqueiros principais (...) José Mariano da Silva, meu amigo. (ROSA, 2013, p. 115).

Durante os três dias passados na Nhecolândia, tivemos a oportunidade de afirmar hipóteses pré-

³⁸ A montagem do trecho confronta a linguagem descritiva de Rosa com os registros de Sol e Sul. Decupagem de *Entremeio: com o vaqueiro Mariano I, II e III*.

formuladas e tomar conhecimento de fatos importantes para o estudo a que nos propusemos.

A Nhicolândia é uma vasta extensão de terras, distribuídas pelos descendentes de um pioneiro conhecido vulgarmente por Nhico.

A criação é a principal atividade econômica desta região. O solo e o clima oferecem ótimas condições de vida ao gado bovino.

“Falou do boi Carongo. Do garrote *Guabirú* que, quando chegava em casa, de tardinha, berrava nove vezes, e só por isso não o matavam, e porque tinha o berro mais audoso.” (ROSA, 2013, p. 116)

O município de Corumbá cria um milhão de cabeças de gado, das quais seiscentas mil são da Nhicolândia. Por estes dados numéricos e por outros que não foram citados neste relatório, pode ser avaliado o estágio de desenvolvimento desta região.

“Falou do alvoroço geral do gado, quando o tempo muda; do desfile deles, para o sal das salinas, nas sizíguas; dos que malham junto de casa e despertam dando sinal de temporal noturno, correndo, berrando medo, para o largo, para o centro das campinas. (...) os animais — touros, bois,



seguinte milhares outras fazendas, desenvolvendo meios, estudos, em torno dos fatos geográficos e biológicos observados.

Durante os três dias passados na Nhicolândia, tivemos a oportunidade de afirmar hipóteses pré-formuladas e tomar conhecimento de fatos importantes para o estudo a que nos propusemos.

A Nhicolândia é uma vasta extensão de terras, distribuídas pelos descendentes de um pioneiro conhecido vulgarmente por Nhico.

A criação é a principal atividade econômica desta região.

O solo e o clima oferecem ótimas condições de vida ao gado bovino.

O município de Corumbá cria um milhão de cabeças de gado, das quais seiscentas mil são da Nhicolândia. Por estes dados numéricos e por outros que não foram citados neste relatório, pode ser avaliado o estágio de desenvolvimento desta região.

O homem da Nhicolândia vive relativamente bem, com um grau de condições condicionadas a essas condições. Fazendas e fazendeiros trabalham para um único objetivo. Tudo nesta região respira

bezerros, vacas, — trazidos grupo a grupo e ajuntados num só rebanho, redondo, no meio do campo plano, oscilando e girando com ondas de fora a dentro e do centro à periferia.” (ROSA, 2013, p. 116).

O homem da Nhicolândia vive relativamente bem, com um grau de civilização condicionado à criação.

“— Aqui é o gado que cria a gente...” (ROSA, 2013, p. 118)

Fazendeiros e peões trabalham coesos para um único objetivo.

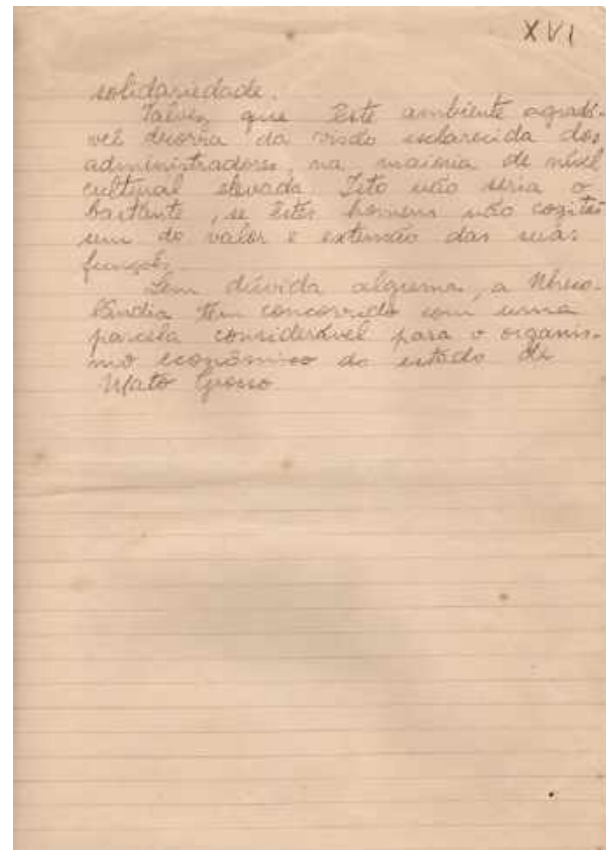
“(...) e os vaqueiros, estacionados à distância ou cavalgando em círculos, ou cruzando galopes, como oficiais de uma batalha antiga, procurando, separando, conduzindo; mas sempre a vigiarem a imensa bomba viva, que ameaça estilhaçar-se e explodir a hora qualquer, e que persevera na stringência de mugidos: fino, grosso, longe, perto, forte, fraco, fino, grosso...” (ROSA, 2013, p.117)

Tudo nesta região respira solidariedade.

“Até os bois ajudavam, num modo de estarem entendendo.” (ROSA, 2013, p. 122)

Talvez porque este ambiente agradável decorra da visão esclarecida dos administradores, na maioria de nível cultural elevado. Isto não seria o bastante, se estes homens não cogitassem do valor e extensão das suas funções.

“— Foi um touro jaguanê, que morreu de tristeza. Era um touro de ideia, muito manheiro.” (ROSA, 2013, p. 117)



Sem dúvida alguma, a Nhecolândia tem concorrido com uma parcela considerável para o organismo econômico do estado de Mato Grosso. <<<

Entremeio: com o vaqueiro Mariano

Parte I (Rosa, 2013, p. 115 - 127)

Nhecolândia, Pantanal de Mato Grosso;

à luz do lampião, na copa da Fazenda Firme;

Enrolado no poncho;

mãos plantadas definitivamente na toalha da mesa;

sal das salinas, nas sizíguas;

clarear do dia;

ugar *visonho*, assim meio sertão, sem gado;

ermas regiões;

Serra Bodoquena;

nos *firmes* do Pantanal;

estar;

na seca, um monte de esqueleto;

entrava no mato, varava taquaral, sumia na saroba;

reposto no livre da pradaria;

vagarosa mansidão aprendida;

Boiada pesteou na Serra negra...;

ponto do almoço chamado Xaíca,

cerceando uma aguada;

*É profissão, ser morador em beira de estrada de
boiadeiro?!;*

campo e curral;

seca;

No levantar o gado do curral, sobe um poeirão e tapa tudo;

gado fez redemoinho;

porteira;

nuvem vermelho, de pó de terra;

me tampou longe, uns dez metros, no meio do poeirão...;

tempo da cheia;

Rio Negro;

guão pior do que esse por onde o senhor veio, da Manga
do Firme;

piranhas;

bate com os cascos no fundo;

orna a subir n'água, com as patas p'ra cima;

A gente tem dó do corpo;

raição d'agua, morrendo p'ra me avoar, que como
pássaro...;

No rio;

onde escorre o sangue da canaleta do saladeiro;

encostar num pé de pimenteira;

descansou o pescoço na forquilha da árvore;

Não se via nem sinal mais de piranhas;

por mês e tanto, uma boiada, no alto do Pantanal. Tropa de
trezentos rês;

o capim estava tão crescido, que batia no peito do meu cavalo;

esteira do lado direito, perto dos *cabeceiras*;

um calor de falar dor-de-cabeça;

suava p'la língua, feito cachorro;

A fora os bois, eu só via o céu, o sol e o capinzal;

dia tão forte, que a luz no ar parecia uma chuva fina;

dançava assim como cristal e umas teias de aranha, ou uma fumacinha, que não era;

fogaréu;

fumaça, mesmo;

avaredas correndo, feio, em nossa frente, uma largura enorme, vindo p'ra cima de nós;

queimada...;

o fogo estava p'r'o meu ombro;

beirando aquele paredão desumano;

vermelho e amarelo;

enfumaçado;

corria também, querendo vir mais do que a gente: como que nem com uma porção de pernas, esticando uma porção de braços;

O capim, a macega velha;

tão duro e rediço, que é um bambu fino;

estraçalhando;

estalando: pé-pé-pé-pé-pé!...;

choque de pôr juízo em doido;

fechou com outro fogo aflito, dobrado e emendado,
cravando o caminho todo, sem perdoar nem um buraquinho
solito;

da banda de baixo, do terceiro lado;

outra queimada, mais devagar, mas já perto;

estava queimando tudo a rodo;

fim-de-mundo;

Tocamos, todos p'ra dianteira;

pássaro qualquer, voando sem regra, deu em mim e caiu;

o ar estava cheio deles, transtornados;

cinza vinha nos olhos dos vaqueiros;

inferno, nas profundas;

fazer outra vez a travessia daquela campina inteira;

veendo o fogo pular corda;

nem *varador*, nem brecha;

tudo cercado...;

fogo balançava; ô fogo!

Tinha trovão e relâmpago...;

O gado berrava desafinando;

num corredor estreito, cada vez mais estreito;

Nesse trasteempo, a sorte paliou um pouco;

espraiou num adro com mais folga;

Era só um prazo que o demônio dava, p'ra se morrer mais
demorado;

mesmo mais longe, fogo zunia:

fechando roda;

uma porção de bichos;
 no meio daquele pração;
seco;
 só um lugarzinho, só dois só;
 onde se podia ainda afinar um jeito de escape;
 um p'ra riba;
 o outro p'ra baixo;
 este de cá;
 muito mais longe de nós;
 um corixo e uma *baía*;
 vivo se esconder...;
 o caminho era um beco apertado;
 fogo de cá, fogo de lá;
 Um fogo onça, alto e barbado;
 via capim ainda são dobrar o corpo p'ra fugir dele;
 fogo tinha dormido p'ra trás;
 cento chão de brejos;
 outro largo sossegado;
 queimada lavorando por longe;
 O ar choveu fresco;
 ...O corixo era escasso, não dava nado;
 só molhava a cola da rês;

PARTE II (Rosa, 2013, p. 128-138)

a noite;
 pra lá de minha janela;

hasteado estrelas;
esfolhando as horas dela;
soprou todo o sueste;
arrasta *icebergs* de ar;
ver o Pantanal em madrugada e manhã;
fora de casa;
deslindar-me de um confuso de pátios;
muros;
arbustos;
montes de madeira;
jardim e casinholos;
tudo fechado. Estava escuro;
ventava sempre;
o frio fazia a gente dançar;
chamou-me o curral;
balavam com fome os bezerros presos;
distante da morada;
transpor uma baía;
longa ponte baixa, feita de ripas de palmeira;
estirava em água manchada;
carandás em preto se repetiam;
A lua boiava oblíqua, nas grotas de entre nuvens;
No trânsito de uma fantasmagoria de penitente;
ponte ia côncava, como um bico de babucha;
ou convexa, qual dorso de foice;
não se acabava, que nem a escada matemática;

horizontal, que sai de um mesmo lugar e a ele retorna;
passando pelo infinito;
No infinito se ascenderam, súbitos, uns pontos globosos;
roxo-amarelos;
furta-luz;
fogo inchando do fundo;
subindo bolhas soltas, espantosos;
curralete coberto;
ao foco da lanterna;
pouco lusto e muito fusco;
distância medida;
suas retinas alumiavam;
indo a constelação, de joias;
amaranto e ardósia, incandescente;
abriguei-me a um ângulo da cerca;
bem longe;
acolá dos grandes currais;
Só a espaços respondem;
Donde a onde, muge uma;
Sob o telheiro;
escalei a cerca;
Clareou um pouco;
dois terços do céu era cinzento;
cor de pedra e água;
cor de mar fino;
Vinha a anteauroa;

durava o tempo cru, dobrado o vento;
Beira cerca, mão ante mão;
segui o caminho sonoro;
A casa de Mariano fica ali perto;
pouco a pouco, a vejo mais;
tirando suas paredes do material noturno;
a noite se esvai, por escoo;
Obluz;
Quase todo o céu passou esverdeado, e sobe.
Depois de um arco de nuvens, no fim do oriente,
um pouco de azul pegava pele.
Nasquelas nuvens, começava o rosa.
E dourava-se o azul.
Sobre o ninho de cores, Vésper era a D'alva."
Olha o oriente;
onde há fogo e ouro;
um largo cor-de-rosa;
boa parte do céu beira-terra, para sueste;
crepúsculo da manhã;
os mugidos vão pungentes; tremulam;
sopro e músculos, e golpe no ar, se hospeda música nos
ouvidos;
inércia doce;
pisando sombras;
aglomeradas no passo da porta, pasmavam;
atrás do lote das últimas;

para o curral;
quase dia claro;
a lua está no céu;
porém sem brilho, e hóstia, sempre alta;
o berrear amaina, se escutam os passarinhos;
abre, céu de assalto, uma gritaria;
cortam, céleres, cinco, as araras azúis;
outra vociferação:
tarumã seca;
há pegada ao curral;
assentam dois papagaios, tão verdes quanto só eles;
grande árvore;
fora do curral, acerca uma bezerrinha;
verdejando-a;
gritam vozes de bois e de gente;
repetir tudo dos bichos agrestes e aves;
frio, manhanil;
cheira forte;
Raia o dia;
toda a luz;
gastou-se a delgada lua;
os papagaios pertiram em paz;
a árvore em silêncio ainda quente;
olhos não apreendem o significado das nuvens.

Parte III (ROSA, 2013, p.139-154)

sob o céu, bois e vaqueiros;

para nós, servia qualquer direção;
 Pantanal é um mundo e casa; fazenda um centro;
 Terra sem altos;
 redondo do capinzal;
 País do Boi;
 Terreno mais subido – um campo de cria;
 Limitado, além e além;
 um palmar de carandás ou por um *monchão* de escuras
 árvores,
 campo curvo se ia, deslavado, ou recortando alfaces,
 pupilando revêrdes;
 Adejavam sempre uns grandes lírios:
 amais trivial, o nevar das garças, descainte;
 O vento lambia o capim, como se alisa um gato;
 Brusca, quase dando em nós, revolteou a rainha do
 Pantanal – uma anhumã;
 A terra esteve deitada no céu;
 capim oscilando, concêntrico, em círculos enormes;
 Deslizando no verniz do verde, as garças eram mais brancas
 e riscavam tudo horizontal;
 Despejava pelo campo, em reto e redondo;
 estacionou, feroz, entre um raso aguavêrde;
 e um bamburro de anil-do-campo;
 Abriu-se um "largo";
 baixadão alagável;
 com o capim mimoso;
 raso, e gado à gandaia;

Só bois castrados, postos na engorda;
 espacejados como acampamentos de barracas, como roupa
 na corda a quarar;
 uma mancha ilha de capim-vermelho;
 – mais alto, por pouco comido – tremulante;
 E o tio-pedro: todo pintura;
 No tempo e chuvarada, ele dói na vista da gente;
 Enfeitando céu e várzea;
 belo excesso de aves;
 alinhavam as garças, em alvura consistindo;
 quero-queros subiam e desciam doce rampa curva;
 as moitas, socós levantavam as cabeças;
 anhumas avoavam, enfunadas, despetaladas;
 hieráticos tuiuiús pousavam sobre as pernas pretas;
 cruzavam-se anhingas;
 colheireiros;
 galinholas;
 biguás e baguaris;
 garças morenas;
 casais da arara azul – quase encostados, cracassando –;
 ou da arara-brava, verde;
 de voo muito dobrado;
 Alastra um aguão *dismenso*;
 um carandá posteadado n'água, com reflexo fundo;
 Carandás outros se degolavam;

na distância, perdiam-se como balões verdes, se alargando
no céu;

Uma garça próxima;

de asas abertas, semelhava um anjo de pintura;

patas de seu cavalo moviam uma massa de prata;

outra vazantinha;

Na lama havia o rastro;

trilobado de uma anta;

e buracos onde tinha atolado para se refrescar;

divisões de pastagens;

mais latas ou mais baixas, se alternavam:

um campo-de-cria;

uma internada;

outra internada;

outro campo-de-cria;

aguavam lagoas:

umas, polidas, muito azuis – as *baías* –;

outras, *as* – *salinas*, crespas;

esverdeadas ou cinzentas;

salina mais vasta, de um bizarro verde garapento;

orlada de praia regular;

batida de ondas;

grande espuma branca nas bordas;

água purgativa, salobra;

na seca elas viram uma cancha de areaião;

empredada;

o céu no oriente;
ficando chovedor;
Costeamos outros poços verdes;
os bois salgam suas saladas;
Troteamos, longo tempo, sobe a superfície de uma esponja;
O homem de puitã caminhava pelo capinzal:
vestia uma dalmática, ou era um coágulo de fogo;
seguimos um caminho arenoso;
charravascos;
monchão, e, ao pé, um corixo;
"cordilheira" escura;
beira de brejo;
pimenteiras e acuris;
cachos de cocos encostados no chão;
meio às árvores;
Extenso campo estepário;
ulizado diante de nós;
seus olhos iam longíssimo;
beirada de mato, tem assuntos...;
lugar pelado, perdendo o capim;
semeado de estrumes e rastros;
no mato;
do lado de onde vem o vento;
lugar sem gente;
ponto agreste;
terra de matos;

pé de serra...;

Na Bodoquena;

p'ra muito p'ra muito riba daqui;

onde tem o bugre;

É tão ermo;

marruás murcho, sem dentes e cego, se amoitando pelas
brenhas;

p'ra morrer de velhice;

mancha de terra nua, no meio da grama;

Tudo era lama e massagada;

marcas de pés de urubus;

e de lobinhos-do-campo;

montão de ossos;

coberto;

um couro de boi, intacto e imundo;

Isolados;

montículo a saldo dos anuais dilúvios;

grande árvore, toda amarela;

dois murundus de cupim;

um carandá de casa em baixo rugosa;

imbricada como a de um pangolim;

De longe, fronteamos bosque belo;

um paratudal;

os capins prendiam para o mato;

ancho plano;

algum inseto sussurro;

o vento silenciava;
 Vinha uma nuvem;
 engrossado vulto;
 rodeando no ar;
 parecia abnorme enxame de abelhas;
 redondo de espinheiro;
 mais alto, mais verde do que o capim:
 ali é uma *baía* seca;
 repetiam-se as paisagens;
 Os mesmos baixadões;
 compridos matos ou grupos de palmeiras;
 os sempre campo seguidos;
 - pontilhados de barreiros e areiões;
 salinas e baías;
 riscados de corixos e vazantes;
 Capim-branco;
 capim-vermelho;
 Baldio;
 o céu solúvel;
 A casa da Fazenda;
 ver-se-ia depois do oásis de carandás;
 semelhante moinhos-de-vento;
 Sobre nós, o céu estava azul inteiro;
 O vento rasgava;
 desferiram diante de nós;
 do solo, para todas as direções



Eclesiastes. Montados ainda no porco, alguns homens entravam na Vila, na maior sengraceira, com cara de cachorro que peidou na igreja.

A fim de evitar tais vexames, depois de muito craniar, engenhoso cidadão e exemplar paroquiano inventou o Pau-Pra-Porco. Instrumento esse de madeira medindo uma bengala de lorde, chanfrada a facão, com que os homens na hora de descomer bordoavam os porcos que lhes tentassem derrubar na própria plastra. O engenhoso paroquiano abastou-se em desréis, e se tornou o rei do Pau-Pra-Porco. Com venda do mesmo nome no beco principal. Desse tempo pra cá ninguém mais apareceu na Vila montado no porco.

Na beira do Tanque na Praça da Matriz, o poeta Neco Caolho versava pras moças vergonhosas - "No dia em que me achei cagando no vento..." bocagemente, ao de cócoras. Dava um prazer fróidico no sacristão em desmoçar as beatas dentro do Tanque, entre rãs prenas. A égua velhaca da Praça só entregava pra ele. Era de ver a mansura da égua com o sacristão. Toda essa universal cristiandade se transmitia pelo sangue.

Em 1926³⁹, o antropólogo Claude Lévi-Strauss, de viagem por ali, notou a pobreza dos móveis que encontrou no interior das residências. Dois ou três mochos na sala, arames de estender roupas nos quartos servindo de armário – e redes. Redes armadas por todos os cantos. Redes muitas de varandas artísticas, servindo de vasilha de dormir e de sestar. No hábito de sestar ao mormaço do meio-dia se amulheravam e se afilhavam também. A blandícia do mormaço engendrava crianças. Se usavam demais os dedos



³⁹ Há uma incongruência no ano indicado por Manoel de Barros e a cronologia de Lévi Strauss. De acordo com escritos sobre a vida e carreira, Strauss chegou ao Brasil em 1935 para integrar o corpo docente da recém-formada Universidade de São Paulo. Mais sobre seus anos de formação e chegada ao Brasil em: PEIXOTO, Fernando. *Lévi-Strauss no Brasil: a formação do etnólogo*. Revista MANA, v. 4, n. 1, p. 79-107, 1998.

nos barrotes a fim de impulsionar as redes. Davam-se cópulas balançadas e refrescantes. Assim, os barrotes dos quartos sempre estavam furados. E por eles podiam-se ver as primas nos urinóis. Coisa imanente e afrodisíaca, que muito deve ter influído nas tendências voyeurísticas daquele povo. Bem como o hábito do guaraná que é bebida afrodisíaca, porém no seu ralar e não na substância da bebida. Eis que no ralar a mulher meneia os quadris. Coisa que não descreio.

Pois foi esse o povo ladino, sensual e andejo que um dia atravessando o rio Taquari encheu de filhos e de gado o que se chama hoje, no Pantanal, a zona da Nhecolândia.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812362/CA

2.6 Paragem > Limão Verde > Uns índios (sua fala)⁴⁰

>>> Às 18:30h estávamos novamente num vapor que desceria o Paraguai e chegaria no dia seguinte, às 6:30h, em Porto Esperança.

Sempre que viajavamos sobre rios, seja o Paraná, o Paraguai, ou o Taquari, aproveitávamos para fazer



⁴⁰ Anotações de Sol e Sul sobre a região onde encontraram a aldeia Terena. Especulações sobre a sobrevivência da cultura e da língua terena são desdobradas da narrativa de Rosa e do relatório, em diálogo com os comentários de Juventino Dias, Eliel Terena e Aronaldo Terena

observações sobre pestanas fluviais, meandros, enchentes, vazantes, sedimentação e erosão. Fenômenos estes de capital importância para a geografia.

No dia 14 de julho, às 14:30h, interrompemos em Aquidauana a nossa viagem por via férrea e passamos a utilizar a estrada de rodagem.

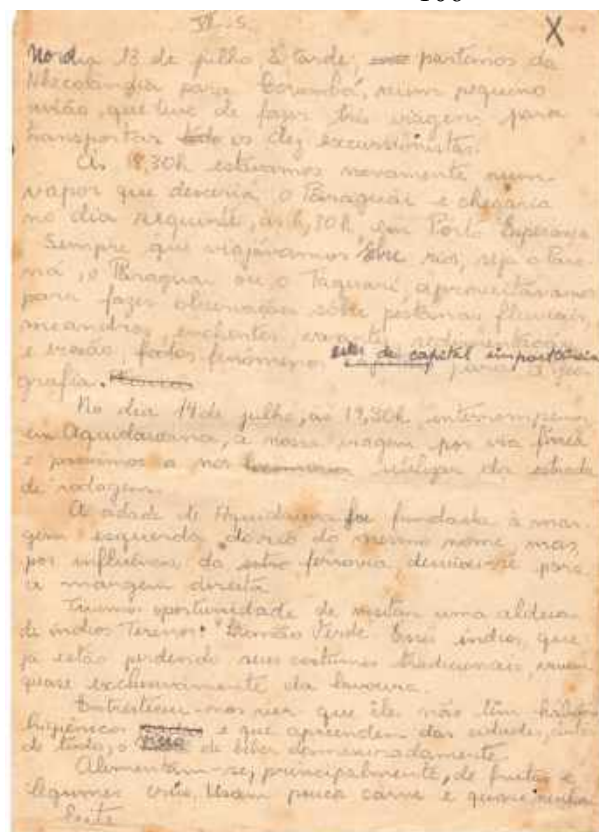
A cidade de Aquidauana foi fundada à margem esquerda do rio do mesmo nome, mas, por influência da ferrovia, desviou-se para a margem direita.

Tivemos oportunidade de visitar uma aldeia de índios Terenos, "Límão Verde". Esses índios, que já estão perdendo seus costumes tradicionais, vivem quase exclusivamente da lavoura.

Entristeceu-nos ver que eles não têm hábitos higiênicos e que apreendem das cidades, antes de tudo, o vício de beber desmesuradamente.

Alimentam-se, principalmente, de frutas e legumes crus. Usam pouca carne e quase nenhum leite.

Esta povoação é beneficiada com uma escola (3 professoras), que funciona na igreja Redentorista. Aliás, é interessante notar a frequência dos padres Redentoristas em diversas regiões de Mato Grosso. <<<



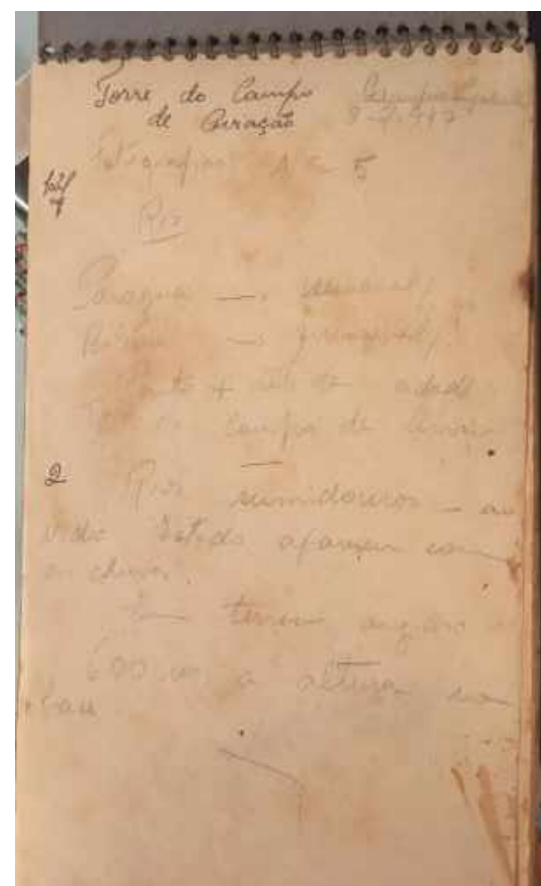
A presença dos terenas, nativos da região de charco, área que abrange Bolívia, Paraguai e Brasil, antes das divisões de fronteira, aparece no relatório de Sol e Sul e no texto “Uns Índios (sua fala)” de Rosa. Os terenas têm no seu mito de origem a designação de “povo agricultor” e a, na origem de sua língua, a “gargalhada” (ELIEL TERENA, 2022). “A tradução da palavra Terena significa lugar propício a plantio, uma tradução muito direta para o povo terena, porque o povo terena é um povo que planta, é um povo agricultor” (ELIEL TERENA, 2022).

No relatório de Sol e Sul, está expressa uma preocupação sobre a ameaça da cultura tradicional terena pela vida na cidade: “já estão perdendo seus costumes tradicionais”. Sobre esse ponto, encontramos um depoimento atual sobre a resistência de líderes indígenas para a sobrevivência da cultura e da língua, que perpassa diferentes épocas. Em sua língua-mãe terena, Juventino Dias (2015)⁴¹, relata em entrevista:

Antigamente vivia de lavoura, plantava cana, mandioca, banana, então entrou um fazendeiro, soltou o gado, um tal de Jango de Castro (na década de 50). Porque não tinha fecho, não tinha nada, não tinha arame, soltou o gado e prejudicou todo mundo. (DIAS, 2015)

A repórter, nota:

Indígenas apenas puderam retornar para o local durante o processo de retomada. Em 1947 já havia denúncias feitas para o SPI (Serviço de Proteção ao Índio) pelo cacique Daniel Dias, chamado de Capitão Daniel, sobre abusos que indígenas da Aldeia Limão Verde estavam sofrendo, com ataques as suas plantações e até derrubada de cerca. Neste ano Henoc Alvarenga Soares, começou a chefiar o Posto Indígena Limão Verde. Humilhados e hostilizados por não indígenas que tinham interesse em suas terras, os



⁴¹ Em entrevista para a Renata Tupinambá, Rádio Yandê, link: https://radioyande.com/default.php?pagina=blog.php&site_id=975&pagina_id=21862&tipo=post&post_id=393

Terena tentavam proteger seu território por meio destas denúncias, que podem ser encontradas nos documentos da DGI (Diretoria Geral dos Índios) e do SPI (Serviço de Proteção aos Índios). (DIAS, 2015)

Daniel também figura em “Uns Índios (sua fala)” de Rosa (1947): “no arraial Limão-Verde, 18km de Aquidauana, pé de serra de Amambai, visitei-os: um arranchamento de ‘dissidentes’ – 60 famílias, 300 e tantas almas índias, sob o cacicado do *naa-ti* Tani, ou Daniel, capitão”. Curioso em notar as especificidades da língua terena: “rápido, ríspido idioma. Uma língua propriamente gutural, não guarani, não nasal, não cantada; mas firma, contida, oclusiva e sem molezas – língua para gente enérgica e terra fria”, Rosa listou, como uma espécie de souvenir de viagem, “o sentido de um punhado de palavras”:

frio — kás-sa-tí

onça — sí-i-ní

peixe — khró-é (o kh = *ch* alemão, ou *khi* grego)

Deus — íkhái-van-n-u-kê

cobra — kóe-ch'oe

passarinho — hê-o-pen'n-o

Uns índios (sua fala) (ROSA, 2009, p. 129)

O lugar, Limão-Verde;

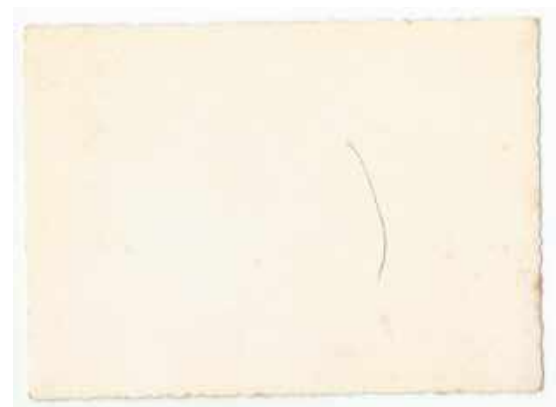
Mágico, quase de mentira;

excessivo espesso e esmalte na verdura, como a do Oxfordshire em julho;

capim intacto e montanha mangueiras;

poente de Itália;

pura cor.



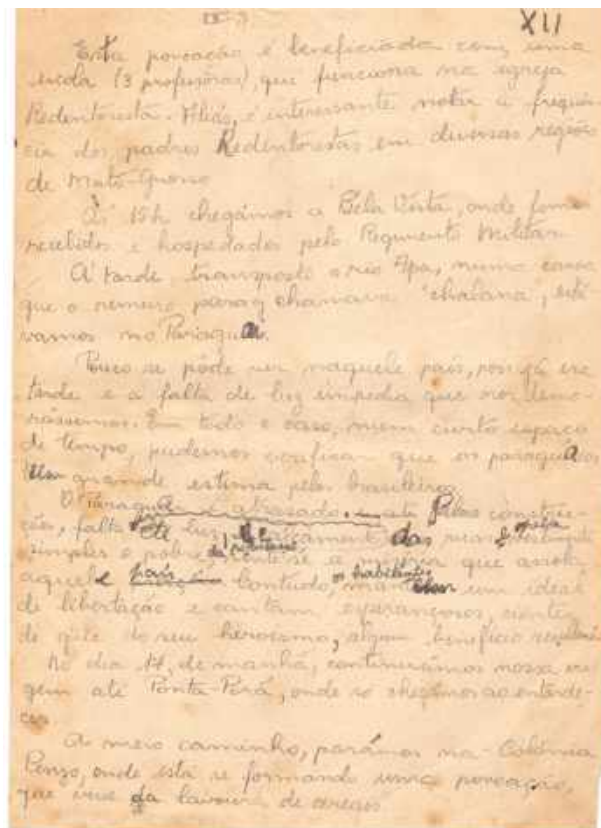
>>> Às 15h chegamos a Bela Vista, onde fomos recebidos e hospedados pelo Regimento Militar.

À tarde, transposto o rio Apa, numa canoa que o remeiro paraguaio chamava “chalana”, estávamos no Paraguai.

Pouco se pôde ver naquele país, pois já era tarde e a falta de luz impedia que nos demorássemos. Em todo caso, num curto espaço de tempo, pudemos verificar que os paraguaios têm grande estima pelos brasileiros.

O Paraguai é atrasado. Pelas construções – falta luz, alçamento das ruas; e, pelas vestimentas simples e pobres da população, sente-se a miséria que assola aquele país. Contudo, os habitantes mantêm um ideal de libertação e cantam esperançosos, cientes de que o seu heroísmo algum benefício resultaria.

2.2.7 Paragem > Ponta Porã > Sanga Puytã ⁴²



⁴² Anotações de Sol e Sul sobre a região da fronteira entre o Brasil, Paraguai e Bolívia. Exercício de decupagem do texto de Rosa “Sanga Puytã”. Imagens do caderno de anotação de Sulamita, com lembranças da viagem e trecho da música cantada pelo menino engraxate, notado também por Rosa.

No dia 17 de manhã, continuamos nossa viagem até Ponta Porã, onde só chegamos ao entardecer.

A meio caminho, paramos na Colônia Penzo, onde está formando uma povoação que vive da lavoura de cereais.

Entre Bela Vista e Ponta Porã há trechos da estrada dentro do território paraguaio.

A paisagem é, em geral, de campos pouco ondulados e muito verdes.

Em Ponta Porã, cidade que ainda não possui escola secundária, sente-se grande influência paraguaia, até na música.

Passamos um dia na fazenda Bacuri, de propriedade do capitão Heitor Mendes Gonçalves.

32 XIII

Entre Bela Vista e Ponta Porã há trechos da estrada dentro do território paraguaio.

A paisagem é, em geral, de campos pouco ondulados e muito verdes.

Em Ponta Porã, cidade que ainda não possui escola secundária, sente-se grande influência paraguaia, até na música.

Passamos um dia na fazenda Bacuri, de propriedade do cap. Heitor Mendes Gonçalves.

Das proximidades desta fazenda, a qual, em que trabalham numerosos paraguaios, o trabalho de moinho amateiro foi para nós uma amostra do esforço físico que os homens e capangas de desfilarem.

O paraguaio, muito alimentado por uma dieta utiliza camisado pregal, consegue carregar um fardo de 300 kg. segundo esta como se fosse um autêntico animal de força.

⑤ Além de atender às necessidades educacionais dos filhos dos trabalhadores da estância, o capitão Heitor mantém uma escola com métodos relativamente modernos.

O professor é um moço que estuda em Campo Grande e mora numa casa perto da fazenda.

Aplica métodos modernos de ensino e afirma que até conseguindo bons resultados.



Nas Proximidades da fazenda há um erval, em que trabalham numerosos paraguaíais.

O trabalho do ervateiro foi para nós uma revelação do esforço físico que um só homem é capaz de desenvolver.

O paraguaio, mal alimentado, pois a sua comida é demasiado frugal, consegue carregar um fardo de 300 kg como se fosse um autêntico animal de tração.

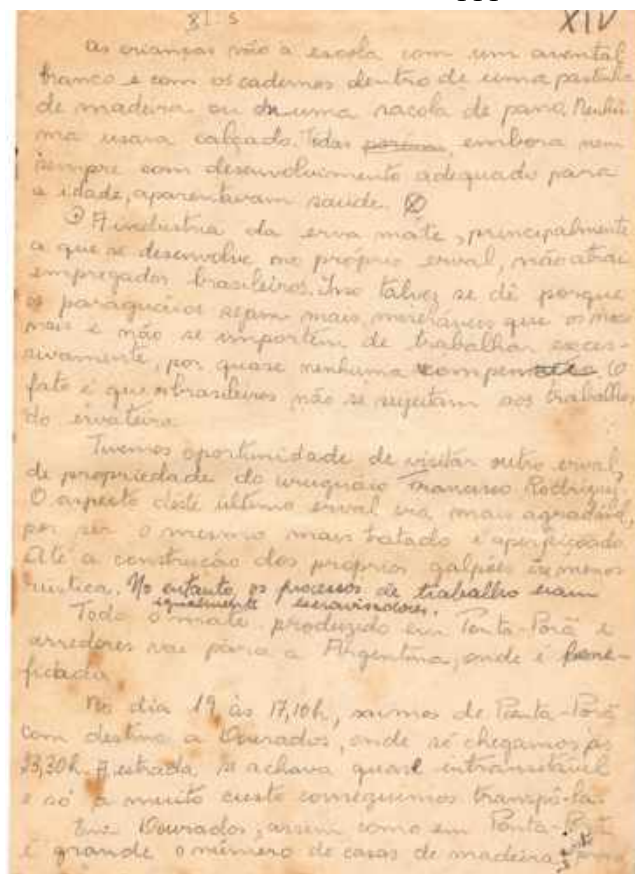
Afim de atender às necessidades educacionais dos filhos dos trabalhadores da estância, o capitão Heitor mantém uma escola com instalações relativamente confortáveis.

O professor é um moço que estudou em Campo Grande e mora numa casa junto à fazenda.

Aplica métodos modernos de ensino e afirmou estar conseguindo bons resultados.

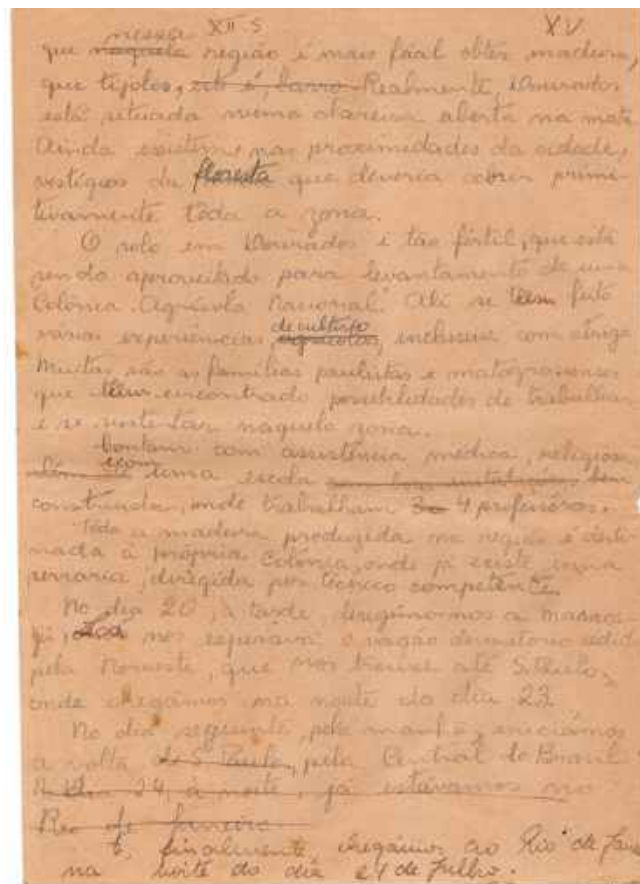
As crianças vão à escola com um avental branco e com os cadernos dentro de uma pasta de madeira ou de uma sacola de pano. Nenhuma usava calçado. Todas, embora nem sempre com desenvolvimento adequado para a idade, aparentavam saúde.

A indústria da erva-mate, principalmente a que se desenvolve no próprio erval, não atrai empregados brasileiros. Isso talvez se dê porque os paraguaíais sejam mais miseráveis que os nacionais e não se importem de trabalhar excessivamente, por quase nenhuma recompensa. O fato é que os brasileiros não se sujeitam aos trabalhos do ervateiro.



Tivemos oportunidade de visitar outro erval, de propriedade do uruguaio Francisco Rodríguez. O aspecto deste último erval era mais agradável por ser o mesmo mais tratado e aperfeiçoado. Até a construção dos próprios galpões era menos rústica. No entanto, os processos de trabalho eram igualmente escravizadores.

Todo o mate produzido em Ponta Porã e arredores vai para a Argentina, onde é beneficiado.



Sanga-Puytã (2009, p. 45-54)

de Aquidauana, sul avante;

esplanada, macumbeiras;

até pretas, ou amarelas, tostadas pela geada, nas bananeiras
retardam;

vai o verde veloz pelos cerrados, alto, baixo, sujo, limpo;

dá-se uma estrada arenosa, ver vermelha.;

o sol iça a paisagem;

os campos bailam, rugosos, na luz;

vamos na serra do Amambaí, vertente do poente;

contra o planalto recurvo, o céu tombado, súbito estacamos;

Nioaque;

dentro do céu, casas velhas, espaçadas, encerram um
território remoto, entre rua, praça, campo ou clareira;

árvores;

caía-lhe a palavra ‘horto’ que o ar sugere, ou ‘largo’,
‘estancia’, ‘paragem’, ‘logradouro’;

diáfano dia montês, em que tudo se alisou de repente, mais
manda a transição entre verdura e brancura;

há de limitar-se com qualquer país de névoa acima, da
ordem também dos mais claros;

entre mangueiras e palmeiras, cercaram um gramado
retangular, em que pedras amarelas inscrevem um losango;

(...) espaço da mata – o mundo;

e espalham-se os *puytãs* – os ponchos de sarja escarlate –
que transitam, contra horizontes e céus, como fúcsias
enormes, amadurecendo um vaqueiro num cardeal,
pingando de sangue o planalto, nas léguas instantâneas da
paisagem, ou ascendendo no verde do Pantanal tochas
vagantes;

sempre a vista é a mesma: os estirões do caminho rubro;

Araxá pós Araxá, léguas à régua, simples raspagem no
erreno, que pouco ondula;

os coqueiros sobem de algum mar, os chapadões dão sono;

paramos, por causa de um tamanduá-bandeira, pardo, à
borda da estrada;

pulou uma veada, marrom, longa, fêmea de mateiro;

de gente, raros;

Macaúbas ciliciadas – folhagem em desleixo, rascunho de
fronde – agarram seus cachos de cocos;

uma fumaça;

cerca de esteios cruzados, mandiocal, roça miúda;

outras cabanas que o capim coifa -sapé velho, prata; sapé novo, ouro;

água por aqui, só a légua e meia...;

com as sobreléguas, o que há é uma paineira morta, em que três bandos de periquitos se dão encontro, remexendo suas sombras no capim de outra choça, mais primitiva que um tejupar;

e o não feio, rio Miranda, se unindo com o Santo Antônio: o pontal dos dois, redondo de copas, afina uma quilha, querendo insinuar-se debaixo da ponte;

depois, barrancos, pastos, gados;

a noite nos laranjais;

reenfiamos a rota, depois de um desvio de sessenta e quatro quilômetros, para ir ver o ‘Buracão Perdido’;

muita flora, crestada, entrou em outono’;

o sol anda como uma aranha;

nas já estamos na mata-virgem. – ‘*Tem muita onça, nesta terra de Maracaju...*’;

paus de abraço, ou finos troncos ósseos, entre o verde de cima e o verde de baixo, da copagem coesa;

vai rendada a cumeeira, quase nuvens, e às vezes o bafo de sêmen nos engloba, com a sua úmida murmuração;

passamos e admiramos, perlongando-a. E, quando a mata cessa, destravada, tombamos num campo cheio de surpresa;

as emas, muitas, arquitetônicas, incrivelmente aves, cinzentos dromedários encolhidos;

campos altos, que adornam esbeltas, as palmeiras bocaiuvas;

e esta savana, que cortamos a modo diametral;
avenida de taquaras, de arcos enfolhados;
cintila o rio Machorra, com sua mata em galeria;
Km 296;
um bambu seco, atravessado no mata-burro; quatro
barracas, alinhadas; três soldados e um cabo cavalarianos;
da Vila Militar, contemplamos as duas Bela Vistas – como
livro pelo meio aberto – lisas, onduladas de-ligeiro;
oblíqua, corre para dentro do Paraguai uma crista azulada,
no fundo;
a cidade se atravessa nos três minutos;
na barranca do Passo da Alfândega acampa um
destacamento: as barracas de lona verde e amarela;
um João-de-Barro se avança, sobrevoa o rio;
passa a canoa, para meia dúzia de casas avistadas, e dois
soldados sem armas;
subimos vinte passos, e entra-se por larga rua relvada – a
Calle Marsical Estigarribia;
transitam vacas;
crescem cores no céu;
a noite subiu, com estrelas subitâneas;
trevas, na rua;
um lampião foca círculo diurno, em que sorriem várias
jovens, abraçadas, nenhuma sem encanto;
Porã, até lá, delongam-se os campos; rei deles, o barba-de-
bode, curvado como se os ventos o acamassem, cada tufo
um porco-espinho;

o percurso é agreste, uniforme;
 sobre-se, com a mata repentina, uma vertente serrana;
 as nuvens gostam de pousar no canto sueste do céu, os
 gaviões preferem as árvores secas;
 de novo, o descampado;
 arvoretas inéditas querem agrupar-se em bosques: é a erva-
 mate, que começa;
 tocamos a linha seca da fronteira;
 a estrada coleia por entre os postes de demarcação, que
 intervisíveis vão mundo adiante, plantados em montículos;
 de repente, os cavaleiros;

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812362/CA
 ulto de Maracaju. Na mesa de uma planada, vestida de frio
 novo, Ponta Porã;
 a cidade. As cidades – dimidianas, germinadas, beira-
 fronteira;
 ora deserta cerrada a *Pedro Juan Caballero*, num relento de
 eremitério e guerra;
 vacas e cavalos pastam o capim da Avenida internacional,
 o *boulevard* limitante;

deixava-se o Paraguai;

volvendo norte, passa por nosso derradeiro olhar a
 cidadezinha ainda em Sanga Puytã, à borda de um campo
 com cupins e queimadas, arranchada entre árvores que o
 vento desfolha;

diz-se que a área é menos que a do cemitério;

coisa que nem vista flor.



Nó dia 19, às 17:10h, saímos de Ponta Porã com destino a Dourados, onde só chegamos às 23:30h. A estrada se achava quase intransitável e só a muito custo conseguimos transpô-la.

Em Dourados, assim como em Ponta Porã, é grande o número de casas de madeira, isto prova que nessa região é mais fácil obter madeira que tijolos, ~~isto é, barro~~. Realmente Dourados está situada numa clareira aberta na mata. Ainda existem, nas proximidades da cidade, vestígios da floresta que deveria cobrir primitivamente toda a zona.

O solo em Dourados é tão fértil, que está sendo proveitado para levantamento de uma "Colônia Agrícola Nacional". Até se tem feito várias experiências de cultivo, inclusive com o trigo. Muitas são as famílias paulistas e mato-grossenses que têm encontrado possibilidades de trabalho e se sustentam naquela zona.

Contam com assistência médica, religiosa e com escola ~~em boas instalações~~ bem construída, onde trabalham 4 professoras.

Toda a madeira produzida na região é destinada à própria Colônia, onde já existe uma serraria, dirigida por técnico competente.

Nó dia 20, à tarde, dirigimo-nos a Maracaju. Lá nos esperava o vagão dormitório cedido pela Noroeste, que nos trouxe até São Paulo, onde chegamos na noite do dia 23.



No dia seguinte, pela manhã, iniciamos a volta de S. Paulo, pela Central do Brasil. No dia 24, à noite, já estávamos no Rio de Janeiro

E, finalmente, chegamos ao Rio de Janeiro na noite do dia 24 de julho.

A excursão ao estado de Mato Grosso nos permitiu uma visão esclarecida dos problemas existentes nesta região do Brasil.



Mundo Renovado, de Manoel de Barros.

No pantanal, ninguém pode passar a régua. Sobre muito quando chove. A régua é existidura de limite e o Pantanal não tem limites.

Nos pátios amanhecidos de chuva, sobre excrementos meio derretidos, a surpresa dos cogumelos! Na beira dos ranchos, nos canteiros da horta, no meio das árvores do pomar, seus branquíssimos corpos sem raízes se multiplicam.

O mundo foi renovado, durante a noite, com as chuvas. Sai garoto pelo piquete com olho de descobrir. Choveu tanto que há ruas de água. Sem placas, sem nomes, sem esquinas.

Observando a paisagem e interrogando o homem, desfizemos impressões errôneas, formuladas em análises apressadas e sem base real.

O erro provém da ausência de curiosidade que o povo dispensa às regiões afastadas do litoral.

O intercâmbio interestadual é uma necessidade crescente.

As conquistas materiais e culturais precisam ser transmitidas às populações afastadas dos centros de civilização mais adiantada.

O povo de Mato Grosso quer evoluir, o que se pode comprovar pela afluência crescente aos estabelecimentos escolares.

No entanto este esforço digno de louvor, não encontrará compensações satisfatórias, enquanto o governo permanecer estático neste sentido.

Tivemos ocasião de conversar com indivíduos de diversas camadas sociais.

Em todos eles é visível o descontentamento pela falta de assistência educacional.

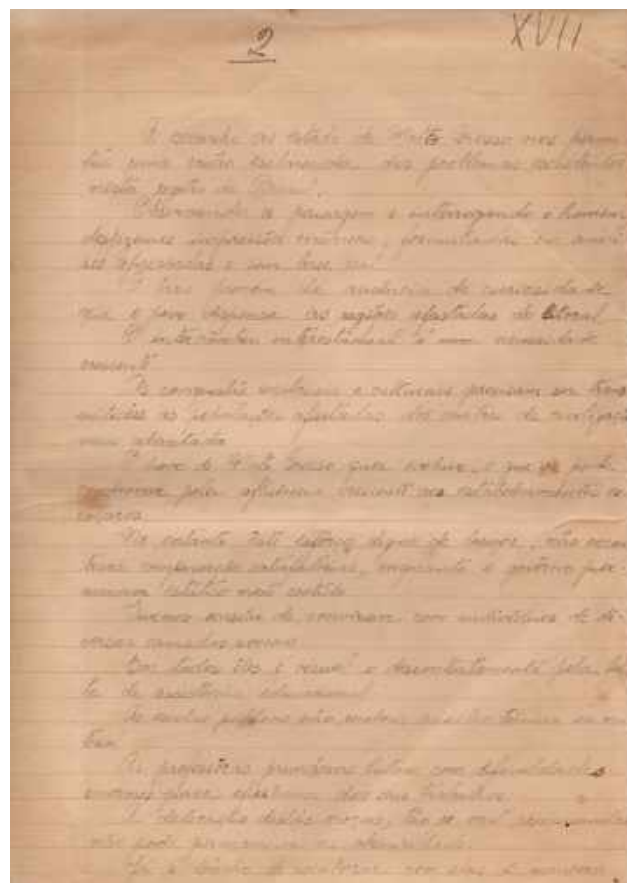
As escolas públicas não recebem auxílio técnico ou material.

As professoras primárias lutam com dificuldades enormes para eficiência dos seus trabalhos.

A dedicação destas moças, tão mal remuneradas, não pode permanecer na obscuridade.

Já é tempo de colaborar com elas de maneira mais direta, mais real.

Mato Grosso quer progredir.



O governo deve corresponder às expectativas da população fundando escolas e contribuindo para o sucesso de todas as suas realizações.

Sol Garson,

Sulamita de Farias Brito e Castro

1947

mais direta, mais útil.
Muito obrigado por sua presença.
O governo deve corresponder às expectativas da
população fundando escolas e contribuindo para o
sucesso de todas as suas realizações.

Sol Garson
Sulamita de Farias Brito e Castro
1947



3 Lembranças de Sol e Sul⁴³

⁴³ As imagens são de documentos reproduções da correspondência entre Sol Garson e Leon Passi durante a Expedição ao Pantanal, 1947, e retratos de Sulamita, 2016. Acervo da autora.

As presenças de Sol e Sul, para além da expedição, ecoam nas lembranças e afetos dos que compartilharam suas vidas. Essas lembranças – o momento em que alguém sente a presença de outro, sente seu peso, sua densidade, suas cores, sons e odores – ganham tonalidades diferentes a cada relembra. Transcrevo aqui as palavras dos que relembram, contam e evocam momentos que perduram no tempo e carregam para o agora corpos de outrora. Documentos como cartas e fotografias, junto a depoimentos em textos escritos pelas filhas de Sol, Ester e Beth, e a filha de Sulamita, Tamar, compõem presenças numa espécie de colagem de “relembraamentos”⁴⁴.

Investigo, assim, o potencial de escritas geradas por lembranças evocarem presenças – com tonalidades próprias, com detalhes afetivos, ruídos, incongruências, esquecimentos, exageros ou invenções. Dessa forma, especulo se o registro de lembranças é capaz de provocar sensações e imagens, como as sentidas na presença das pessoas lembradas.

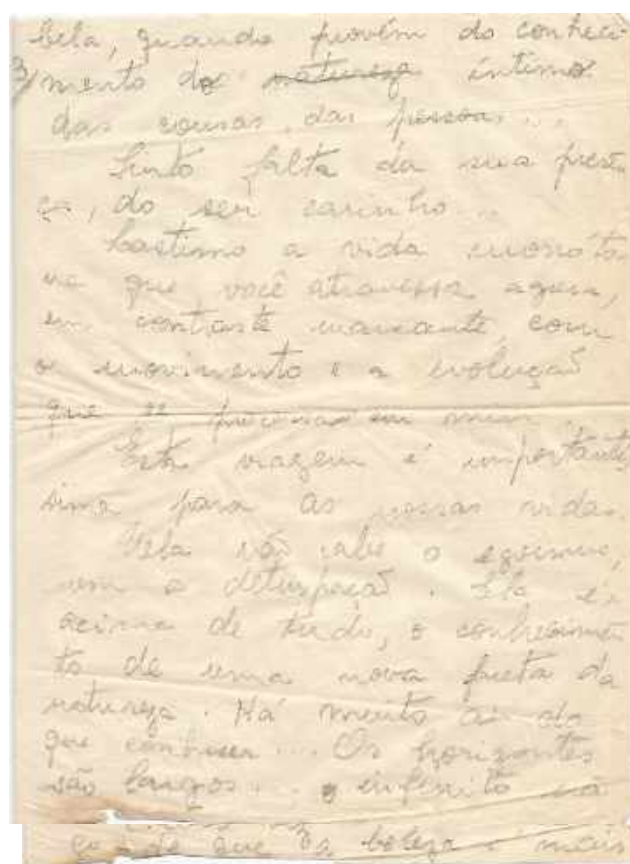
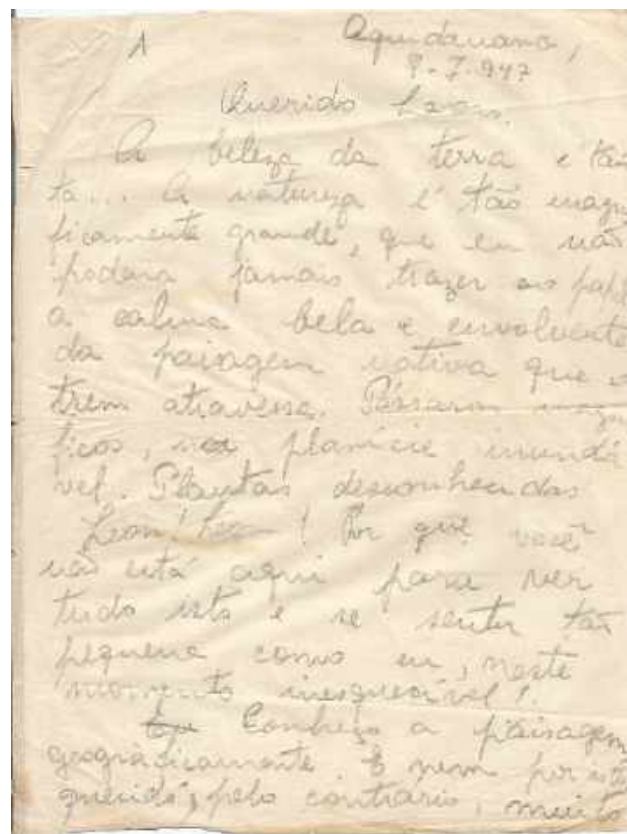
As cartas de Sol estão apresentadas nas margens. As imagens dos originais contribuem para ressaltar a importância da materialidade para a investigação. Destinadas ao seu noivo, com quem Sol divide seus pensamentos íntimos, trazem ainda extensos comentários sobre a paisagem e a vida em. Nessa correspondência, há um estranhamento intrínseco entre o leitor atual, o remetente e o destinatário. Essa relação distante, tanto no tempo, quanto no princípio da escrita, provoca uma leitura não límpida do conteúdo. Quando, assim, se os ruídos e inteligibilidades, como a incompreensão de um comentário tácito ou uma grafia difícil de decifrar, potencializam a presença de quem escreve? É possível perceber atmosfera pelos gestos marcados nos manuscritos? Essas questões determinaram a escolha de manter as cartas com os ruídos e ausência de limpidez que lhes é própria.

⁴⁴ Palavra emprestada do título do livro *Relembraamentos*, João Guimarães Rosa, meu pai de Vilma Guimarães Rosa. Edição da Nova Fronteira – Rio de Janeiro, em 1983.

3.1 Presença de Sol

Papel fotográfico com textura granulada. Sol segurando algo que se assemelha a um revólver com a mão direita, vestindo um gibão, de lã e couro, e uma camisa quadriculada, xadrez, de manga curta e gola. Na margem baixa da imagem aparece uma parte do cano alto de sua bota – o traje de vaqueiro pantaneiro foi emprestado pelo fazendeiro para compor a vestimenta de Sol na fotografia. Seu penteado é arrumado, com as pontas de seus cabelos enrolados por *bobs*. Ela segura o poncho de lã (ou couro) com sua mão esquerda, em frente a um portão de madeira, um muro de concreto, na entrada de um terreno parcialmente coberto por telhas e por árvores. A partir da entrada da telha, há um terreno que não se vê por inteiro, há a vista das margens de duas árvores. No verso da fotografia, a legenda indica: “Fazenda Firme Nhecolândia - M.G. julho de 1947”.

Fotografias como essa compõem a presença de Sol no imaginário da expedição. Encontradas numa pasta, com cartas, cadernos e cartões-postais, esse arquivo doméstico ficou dividido e guardado entre Elizabeth, minha mãe, e minha tia, Ester, durante os anos – período entre a morte de minha avó e o início de minha peregrinação pelas memórias da família. Nas caixas desse arquivo, ficaram guardadas também anotações sobre a educação infantil, artística e ambiental no Brasil, um projeto de mestrado que se encerrou como estudo preparatório em processo, sem nunca chegar a ser realizado. Professora, pedagoga e geógrafa, nascida em 1926, minha avó Sol pairava entre a tradição de costumes de sua época, a tradição cultural judaica Sefardita, e o engajamento apaixonado pela educação e a transformação social. Trabalhadora em escolas públicas e agente de projetos educativos, entre suas realizações destacam-se seu protagonismo na implementação do curso de arte e educação da UERJ, sua atividade como administradora regional da Secretaria de Educação em Campo Grande durante o governo de Carlos Lacerda e seus passeios com estudantes da rede pública do Rio de

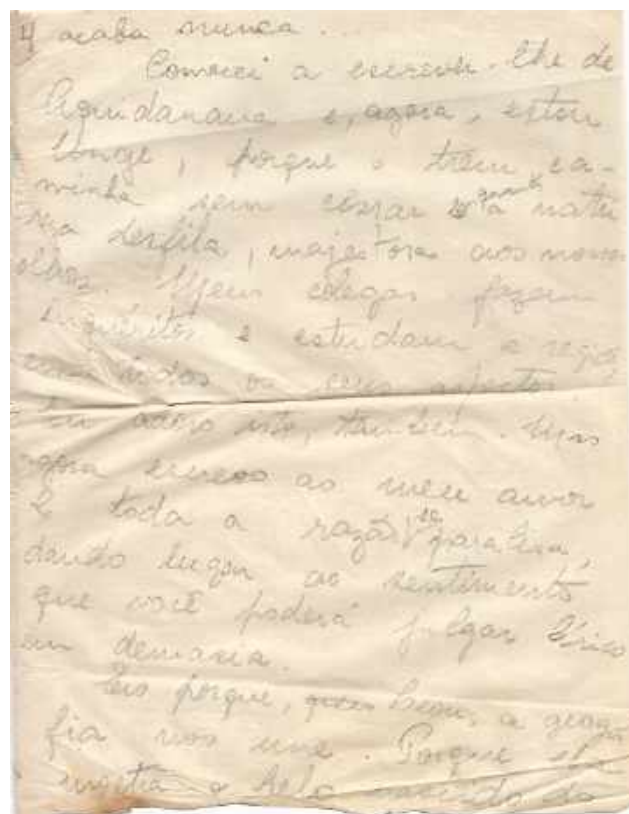


Janeiro por cinemas, teatros, museus e centros culturais. São estas algumas das memórias panorâmicas que guardo de Sol. Além dos afetos.

Poucos meses antes da viagem ao Pantanal, Sol e Leon celebraram seu noivado. Em uma de suas cartas, Sol lamenta que as transformações pessoais (intelectuais e afetivas) que viveu durante a viagem a distanciavam de seu noivo, pois sentia sua visão de mundo ser profundamente transformada pela experiência da expedição. Sulamita comenta que seu pai e Isaac, pai de Sol, solicitaram que o Professor Hilgard “tomasse conta de suas filhas” e lembra que o professor manteve “o olho” nelas, lembrando-lhes das recomendações de seus pais e do horário que deveriam se recolher para suas tendas ou aposentos. Esses são alguns dos fatos que ajudam a compreender os compassos e descompassos de Sol e Sul em relação às expectativas que recaem sobre elas, enquanto jovens mulheres, e ecoam o caráter “desavagador” de suas atitudes pela não conformidade com o lugar comum das mulheres de sua época.

O ponto de partida de Sol para a viagem foi a Vila Ruy Barbosa, no Rio de Janeiro. Construída para ser uma vila de operários, serviu como porto de chegada de imigrantes italianos, libaneses, judeus e como habitação da classe média carioca. Figuras como Osvaldo Nunes, Heitor Villa-Lobos, Dalva de Oliveira, Herivelto Martins, Mário Lago e Silvio Santos moraram na vila, que foi demolida na década de 1970. Leon era vizinho de Sol.

As correspondências que trocaram registraram os detalhes sobre a viagem – em uma de suas cartas, Sol escreve: “se quiser saber detalhes sobre a viagem, pergunte à mamãe”. Ao Leon, Sol reservou seus relatos entrelaçados de saudade, afetos, inseguranças, medos, maravilhamento, partilha de suas vivências e novidades. As cartas ficaram guardadas por Leon, entre outros documentos, fotografias e cartas que faziam parte de seu acervo doméstico de lembranças afetivas.



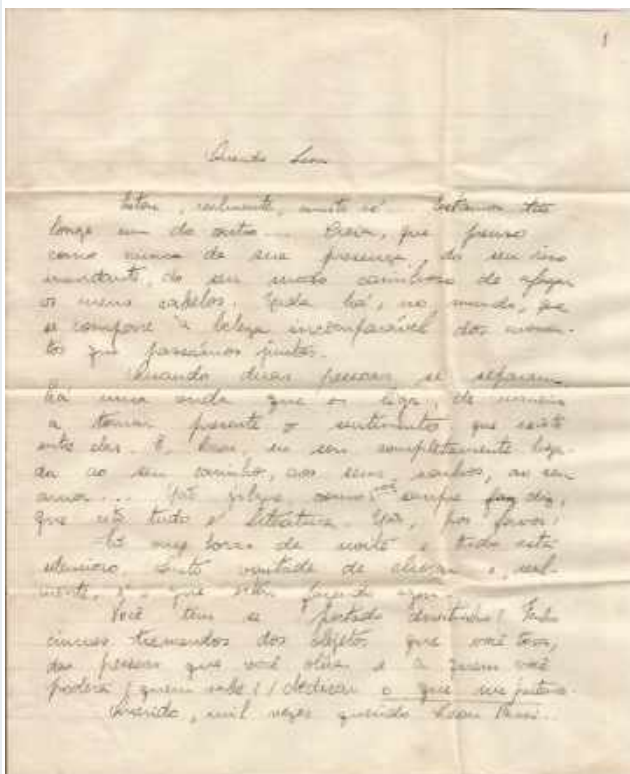
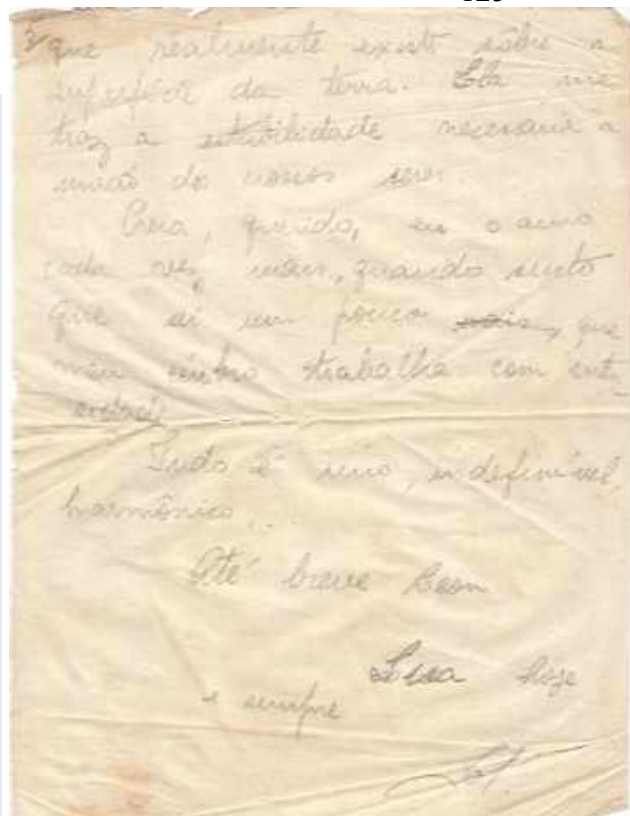
3.1.1 Lembranças de Beth⁴⁵

Sol, filha de Isaac Garson (paraense, advogado) e Fortunata Miguere (baiana, professora), ambos judeus de origem marroquina, residentes na Vila Ruy Barbosa na região central da cidade do Rio de Janeiro, então Distrito Federal. Na Vila Ruy Barbosa, conviviam imigrantes de todas as partes do mundo, funcionários públicos, comerciantes, profissionais liberais, artistas, representantes de todas as camadas sociais e tendências políticas. Um microcosmo da sociedade, multicultural!

Casou com Leon Passi, filho de Jacob Passi e Bertha Passi, ambos imigrantes, judeus de Salonica na Grécia, e também residentes na Vila Ruy Barbosa. Vizinhos de Sol. Lembro como gostava de passar minhas férias escolares, alternando as casas dos avós, e das festas religiosas: um dia na Grécia e o outro em Marcos, do som do Ladino e da Hakitia.

Como não lembrar das imensas Festas Juninas que reuniam todos os diversos moradores da Vila? Gostava de ficar na janela do quarto da avó Bertha chamando por Fortunata para que ela falasse comigo do seu quintal e das visitas, com meu avô Isaac, ao lado dos garrafeiros na Rua do Senado. Garrafas de todos os tamanhos, variedades de cores, formas... mágico!

Desde que era jovem, ela tinha uma coleção de figurinhas dos atores de Hollywood que vinham num sabonete. Suas lembranças se tornaram minhas lembranças, assim como o fascínio que exerciam sobre mim as histórias dos filmes e os atores de Hollywood. Ela mostrava, contava, e eu vivia aquilo. Eu já tinha meus atores favoritos, mesmo sem conhecê-los – como o Gary Cooper. Ela contava e eu vivia. Era como se eu tivesse vivido os anos dos grandes astros de cinemas, sinto como se conhecesse todos. Sempre que passava um filme antigo, ela fazia questão de me levar junto com a Ester. Ela falava e dava um risinho maroto para o papai não ouvir que era apaixonada pelo Burt Lancaster.



⁴⁵ Texto escrito por Beth, filha de Sol, com suas lembranças.

Quando *E o Vento Levou* passou no Cinema Vitória, na Cinelândia, minha avó Fortunata fez questão de me levar junto com minha amiga Beth. Levou também um lanche de sanduíche para a hora do intervalo, pois o filme tinha a duração de 4 horas! A Beth encharcou meu ombro, ela chorava tanto que me molhou toda – não parava de chorar. Continua igual, ainda há pouco, chorou vendo a novela das 21h.

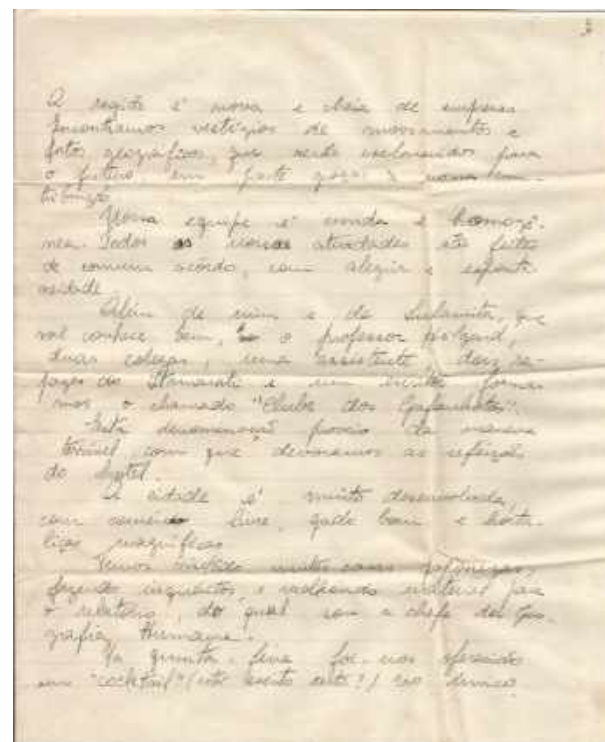
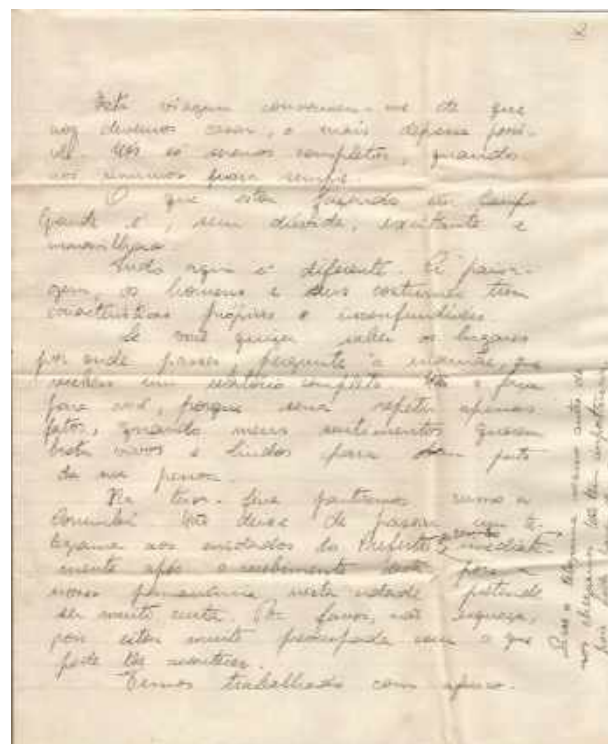
Mamãe fez questão de nos levar, eu e minha irmã ainda garotas, para vermos o Festival de Operetas da Metro. Vimos todas! Encontro certo, marcado, na porta do Cinema Metro: ela saía da escola, de onde estivesse, para nos encontrar lá, na Praça Saenz Peña. Ainda me lembro dos títulos e nomes dos atores e atrizes principais: Jeanette MacDonald, Nelson Eddy, John Barrymore, Oh Marieta, A Viúva Alegre...

Na rua onde cresci, na Pedro Guedes, na Tijuca, era conhecida por todos os meus amigos como Beth Sol.

Beth Sol, minha mãe, conhecida por todos os moradores, muitas vezes me encantava ao terminar suas cartas carinhosas com uma declaração de sol.

Adorava sentar ao piano, que ganhara ao completar quinze anos e tocar as músicas que havia aprendido quando jovem na Escola Nacional de Música. Essa era a sua maneira de sentir que havia chegado em casa, vinda de Santa Cruz, então zona rural do Rio de Janeiro, onde, a princípio como professora, dava aulas de Geografia, tornando-se diretora alguns anos depois.

Trazia a escola para casa. Inúmeras vezes passava horas ao telefone e discutia com a telefonista sem conseguir uma linha (fato inimaginável hoje em dia, “a Era” da comunicação instantânea) para falar com a escola que conseguira um novo fogão para fazer a merenda do dia seguinte. Frutas, legumes e verduras ofertadas por pais de alunos. Como ela vibrava! Contava que em Santa Cruz viviam muitos imigrantes japoneses agricultores e seus filhos eram alunos do Colégio Barão do Rio Branco, então, muitos doavam alimentos de suas plantações para a escola para enriquecer a merenda.



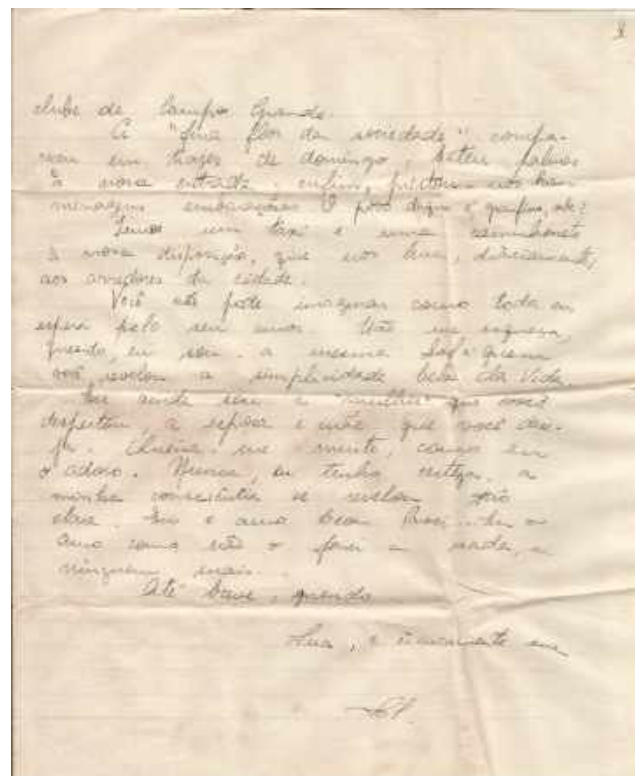
Sol tinha essa característica: entusiasta inveterada, agregava, organizava, sonhava...Vivia o seu tempo, se entregava aos seus objetivos, que eram o desenvolvimento da educação e, sobretudo, trabalhava para que, desde criança, o ser humano tivesse a liberdade e o estímulo de desenvolver todo o seu potencial.

Depois de Santa Cruz, seguiu para trabalhar na Escola Normal em Campo Grande, na formação de professores e, mais tarde, na Faculdade de Educação da UERJ, quando ela criou a Faculdade de Educação em Artes, a pedido do Rubens Gerchman para oficializar o curso da escola de artes visuais do Parque Lage.

Ela foi convidada pelo governador Carlos Lacerda para ser diretora do curso de formação de professores da Escola Normal Sarah Kubitschek, em Campo Grande, no Rio de Janeiro. Foi convidada por ter feito uma boa gestão no Barão do Rio Branco, em Santa Cruz. Contava que, quando foi responder ao convite, encontrou com o próprio Lacerda que o voto dela não tinha sido válido, e, ao que ele respondeu: não faz mal – o que confirma ter sido na indicação técnica.

Antes, a Sarah Kubitschek era reduto do político local Miçeno da Silva. Ela chegou a ser ameaçada, pois quem era chefe de emprego teve que sair quando chegou com aquele ideário... Fizeram de tudo para ela sair: despacho na porta da nossa casa, na mesa de trabalho... Mas ela continuou firme e ficou muito querida por todos, tinha um pouco de medo, mas era amiga do padre e de todos os santos. Ela conseguiu modificar uma regra que existia na formação de professores que exigia que os professorandos não tivessem doenças cardíacas crônicas, mesmo que fossem doenças controladas, nem que estivessem acima do peso. Regras antigas. Isso foi alterado na gestão dela.

Mamãe tem vários telegramas do Lacerda. Ele apoiava demais a educação, construiu uma biblioteca na Escola Normal, as alunas o chamavam para ser paraninfo... Ela foi administradora regional por um tempo. O administrador oficial havia saído e Lacerda a convidou para ficar por esse período. Muitas vezes ela



ficava na sede da administração regional até tarde; uma vez, voltando para casa, o carro em que estava bateu. Ela foi parar no hospital, acho que o Getúlio Vargas, não lembro, foi na Avenida Brasil. Ela machucou a perna, fez uma ferida. O médico veio falar com meu pai que estava tudo bem: “fisicamente, só machucou a perna, mas acho que ficou meio confusa, deve ter batido a cabeça. Pergunto o nome dela e ela fala que é ‘Sol’, pergunto o nome do marido e ela responde ‘Leão’”.

Ela sabia que tinha um teatro em Campo Grande, o Arthur Azevedo, que estava fechado fazia algum tempo. Como ela era responsável pela administração regional, achou uma boa oportunidade para reabri-lo, o que seria positivo para incentivar a cultura na região. Uma das formas de ocupar o teatro era com eventos da escola. Ela chegou a chamar atores e diretores, alguns aceitaram, outros não. Então, ela se encarregou de fazer apresentações preparadas pelas alunas e alunos – os Jograis. Em sua maioria, eram moradores de Campo Grande. Ela soube que quem tinha a chave do teatro, quando estava fechado, era o ator Rogério Fróes, que, na época, trabalhava na região, e foi até lá para buscar. Tem fotos dos Jograis com as alunas recitando trovos. Vou procurar.

Quando foi destituída do cargo de diretora da Sarah Kullback, depois do Golpe de 64, foi trabalhar como professora de geografia no ensino médio estadual, no Paulo de Frontin. Fazia questão que suas alunas (colégio feminino) entrassem em contato com o mundo que as cercava em excursões com o objetivo de observar o relevo, tipo de vegetação, classificação das regiões e como viviam seus habitantes. Ficava até altas horas corrigindo provas e lendo os relatórios sempre acrescentando suas observações e orientações.

O ser humano e seu desenvolvimento era o seu foco. Por onde andava tratava de conhecer as pessoas, ouvir e contar histórias, assim como fez quando excursionava pelo Pantanal de Mato Grosso, quando era aluna da Faculdade de Geografia e História.

1
Lição:
Aquele actor, Sol Gerson, em minha, no interior
deste de nome patina. Bateu um combo, isto?
Os seus olhos e a audição que tudo o que
este acontecimento foge à realidade.
Não sei porque não se apresentaram tanto
de mim. Bateu muito tanto, sem notificação da
minha família e de mim, que também foi foge
à dor. Preciso tanto. Não quero dividir, mas
tudo muito... Você não me esqueceu? Depois me
como sempre o foge e eu fui que não se arre
fendrei.
Hoje a noite pedi ao Victor (o amigo do
anterior que assumiu o cargo) que trouxesse no teatro
Sobretudo uma coisa. Não resisti e fui chorar
no quinto, recordada de todos.
Além do Rio, daquele ambiente artificial
e melancólico, eu tinha pensado muito.
Os campos, os reflexos magníficos e as
piscinas coloridas perfumavam o meu cérebro.
Despertando em mim, novas emoções. Uma
estive tão longe a distância.
Seja tão bom se você quiser desfrutar
deste tanto em minha companhia.

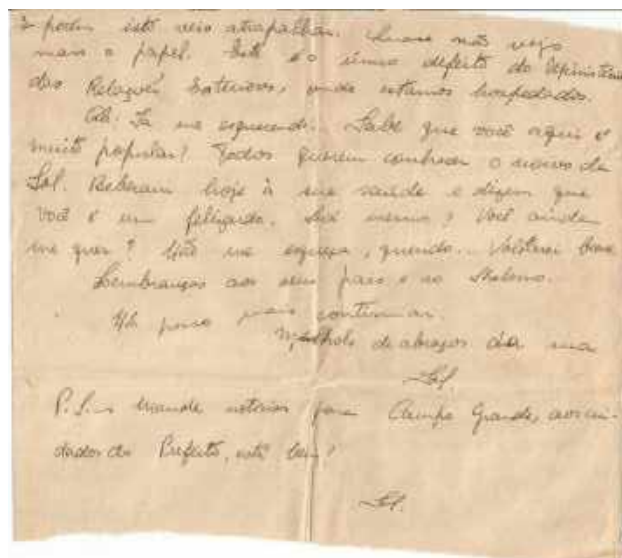
3
Tinha coragem...
Hoje ainda uma coisa a lembrar.
O povo de Santa Luzia maravilhou-se
com a obra e a fé e a fé nesta época.
O cinema está completamente engarrafado.
A terra e os homens se manifestam
de maneira surpreendente. Tudo aqui é
grande.
Fogo e paixão, não, para escrever
me. Bateu o Sol Gerson, amizade, troca
vel de ideias, com cidadãos do Distrito
de Santa Luzia. Nunca, não, não, não, não
de quem, não, não?
A foto de comunicação entre nós
daqui a impressão de que fui esquecida.
Bateu o Sol Gerson, amizade, troca
vel de ideias, com cidadãos do Distrito
de Santa Luzia. Nunca, não, não, não, não
de quem, não, não?
Até breve querido
L.S.

Nunca esqueceu de uma cantiga cantarolada por uma criança na fronteira do Paraguai, que cantava para mim. Até hoje tenho em minha memória sua letra e melodia. Lembrava que, nessa excursão, o então diplomata Guimarães Rosa, comeu seu pedaço de frango com as mãos durante um almoço em uma das fazendas que visitaram, autorizando indiretamente todos que ali estavam a fazerem o mesmo. Soube por ela, quando contava suas histórias do Pantanal, que ainda existia trabalho escravo em várias fazendas por onde o grupo passou, com péssimas condições de trabalho e dívidas intermináveis nos armazéns das fazendas onde eram obrigados a comprar seus mantimentos. A indignação assim como a utopia eram suas características.

Certa vez, quando fazia suas compras na feira livre do bairro, enfrentou fiscais corruptos que queriam prejudicar seu amigo Juvenal, dono de sua barraca de frutas predileta, acusando-o de manipular a precisão da balança. Acionou meu avô, que era advogado, que o defendeu na justiça. Seu Juvenal era presidente da Bola de Samba Estação Primeira de Mangueira e era sempre um amigo quando se encontravam na feira.

Amava o Rio de Janeiro e o carnaval. Fazia questão de, todos os anos, participar da abertura do carnaval carioca com a saia do Cordão do Bola Preta no Sábado de Carnaval. Insistia que não podíamos deixar de participar de momentos históricos que se apresentassem na sociedade. Passeata dos Cem Mil? Lá estava ela, fomos juntas e tenho esse dia como uma das mais fortes lembranças na formação da minha cidadania. Visita do Papa João Paulo II em 1980? Não podia deixar de participar desse momento e de levar suas colaboradoras ao Maracanã. Em 1976, quando ouviu pela televisão que haveria uma homenagem a Paulo Pontes por sua morte, feita por Bibi Ferreira na peça Gota D'Água, de autoria de Chico Buarque com o Paulo Pontes, imediatamente saímos correndo. E lá estávamos nós no Teatro Carlos Gomes junto de uma multidão querendo entrar. Conseguimos.

Assim era, assim me lembro, entre tantas outras histórias.



Essas são minhas lembranças de um tempo que vivi e minhas lembranças de um tempo que não vivi, através das histórias, do olhar e das emoções da minha mãe.

Beth, 2020-2021.

3.1.2 Lembranças de Ester

Sol.

Como escrever sobre uma mulher chamada Sol?

Como explicar aos meus amigos de infância e adolescência que essa mulher de nome Sol era minha mãe?

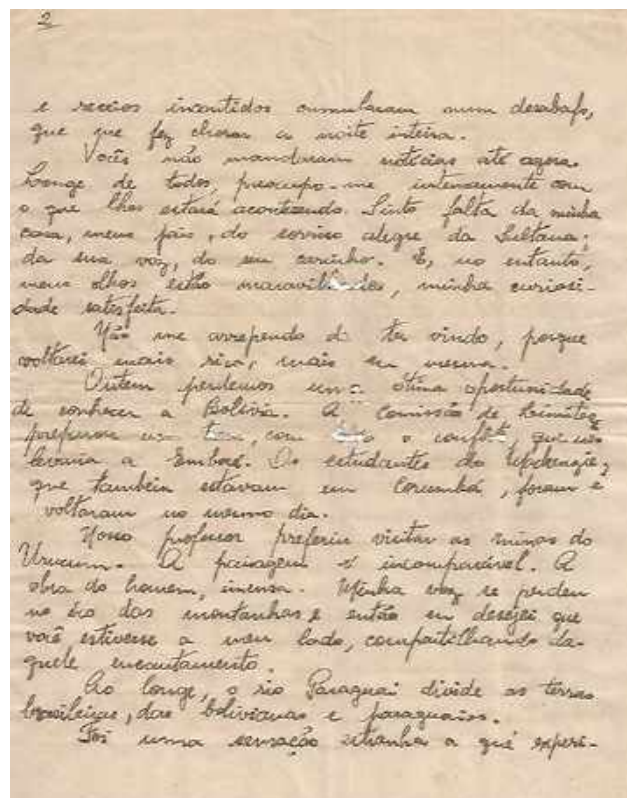
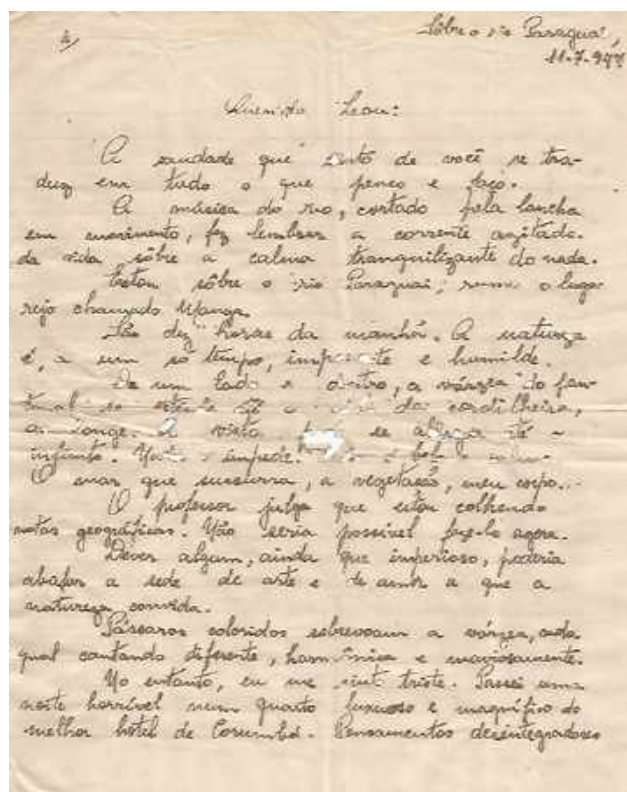
Passei por situações complicadas em vários períodos da minha vida tentando explicar que apesar de Sol ser um nome masculino (o Sol) este era o nome da minha mãe (a Sol) e documentos eram sempre colocados em dúvida, mas na escola era mais difícil explicar aos amigos que minha mãe era Sol.

A situação complicava quando o item filiação se completava e o pai se chamava Leon que, em nosso país, se transformava em Leão. Em um país em que pais e mães de crianças têm nomes João/ Maria, Pedro/ Luiza, Francisco/ Dora, Antônio/ Carmem e outros tipicamente brasileiros, eu me sentia, principalmente durante a primeira infância, a menina que seus pais eram respectivamente o rei (ou Rainha?) dos astros e o rei das selvas como mãe e pai. Mas o tempo passou e comecei a achar interessante ser diferente.

Voltando à Sol.

Nascida no primeiro dia da estação onde o sol, o astro-rei, se mostra em toda sua plenitude, ganhou este nome em homenagem à avó paterna, mas eu até hoje penso que foi em homenagem ao próprio astro.

Minha mãe mereceu e honrou como ninguém esse nome. Era uma professora clara, brilhante, aquecia com sua presença e ideias a todos. “Trabalhadeira” como ela mesma se intitulava,



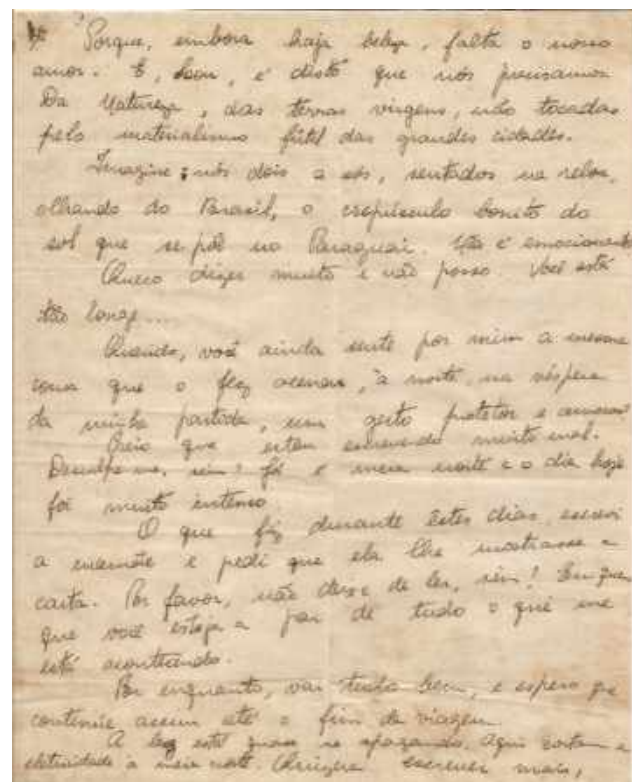
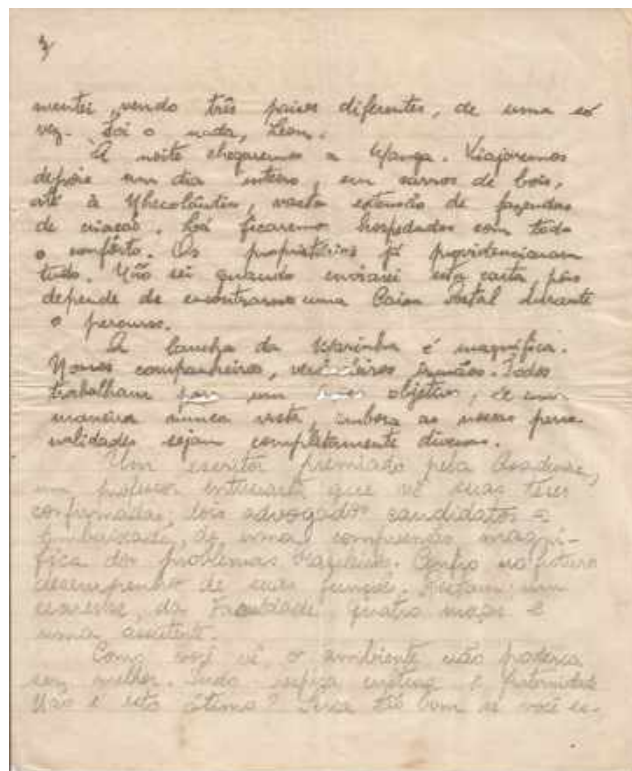
escolheu como profissão ser professora, ou melhor, educadora; e não conheci ninguém que amasse mais essa profissão tão importante na vida de todos que nascem no mundo todo.

Professora de classes iniciais, contava com orgulho o processo de alfabetização. Reconhecia o de cada criança e as comparava a pipocas que começam a explodir aos poucos “*ploc, ploc*” e num instante todas então *plocplocploc* lendo, descobrindo o poder das palavras o significado da vida.

O calor fazia as “pipocas” explodirem, o calor transmitido criava a possibilidade de iniciação na jornada ao futuro para crianças de classes populares que um dia se tornariam testemunhas de que somente com educação um país pode ser chamado de País.

Investiu muito na sua formação, cursando geografia e história na Universidade do Brasil até chegar a diretora do curso de pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Tendo sido professora no Barão do Rio Branco, no Estado de São Paulo de Frontin e diretora da Escola Normal Sarah Kubitschek.

A dedicação à educação era tanta que tínhamos todos da família uma certa inveja dos seus alunos, pois estavam sempre juntos a ela todos os dias. Finais de semana eram dedicados à família, mas sempre havia aulas a preparar, provas e trabalhos que aguardavam correções. Professora sempre até nas férias, quando ia comentando sobre as árvores, os rios, as montanhas, a vegetação e moradias, fatos e estórias sobre os locais visitados e por todos os caminhos que nos conduziam ao lugar escolhido para passarmos as férias. Lembro de muitas reclamações pelas “aulas” obrigatórias quando estávamos em férias. Confesso que até hoje quando estou em uma estrada ou em qualquer lugar lembro de suas “aulas” e me transporto para o tipo de relevo, as árvores e cores da estação, as construções de casas e igrejas, os tipos de materiais usados e tudo que deve ser observado em uma “pesquisa de campo” sob a orientação de uma pesquisadora da vida.

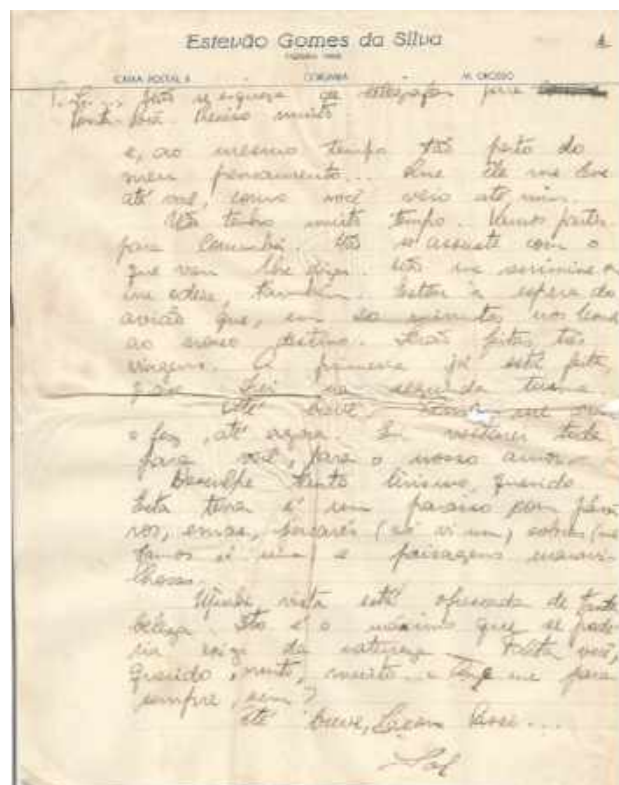
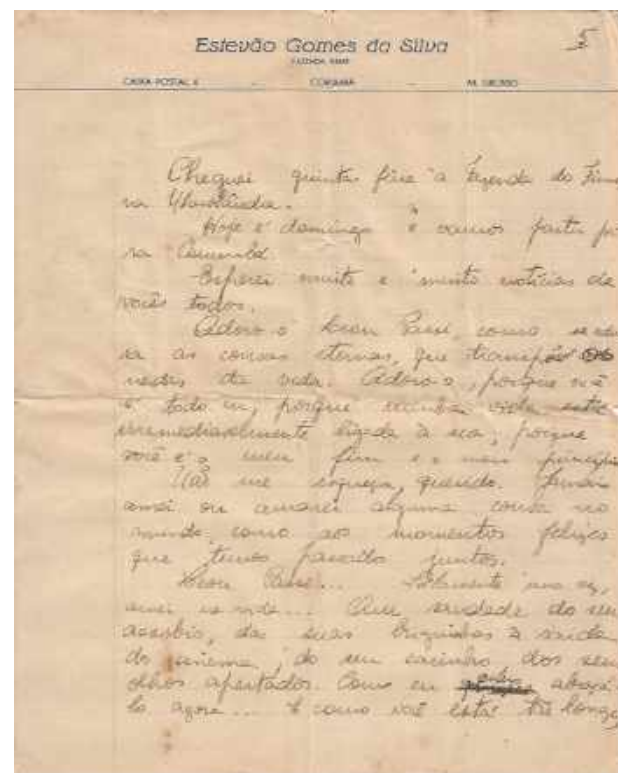


Lembranças muitas, saudades imensas dessa mulher, esposa, mãe e sobretudo educadora; que nasceu no primeiro dia do verão, ganhou merecidamente o nome do astro da estação do ano – sou filha de uma professora de “primeiras letras” e de um advogado utópico que queria mudar o mundo com uma política mais humana.

Primeira lembrança que tenho da minha mãe talvez tenha sido determinante (hoje reconheço) para a profissão escolhida. Madrugada, 2-3 anos, sou acordada por toda casa da minha avó, onde aguardávamos o final do período gestacional que traria à vida minha irmã. Acordo sem saber o que está acontecendo e sigo pequenas manchas de sangue no chão até a porta onde uma ambulância aguardava para levar minha mãe ao hospital, onde deu à luz minha irmã. Sem saber o que acontecia, entrei em pânico, pois havia sangue, que logo se transformou em sinal de perigo para uma criança. No dia seguinte, tudo se esclareceu e eu descobri o que teria que dividir atenções com outra criança, além de chegar ao hospital onde iniciei minha formação como médica anos depois. Mas confesso que o que mais me encantou foram os anjinhos que balançavam a cabeça quando, no colo do meu pai, colocava moedas nas aberturas junto às suas mãos.

Lembranças de um dia do mestre em que minha mãe usou o vestido mais bonito que eu já havia visto. Era estampado com flores em fundo amarelo e novo, primeira vez que ela o usava para ir a uma festa na escola em que trabalhava. Ela estava radiante, o vestido era claro, com flores em fundo amarelo como o sol. Esse vestido foi usado somente neste dia, pois manchado de dor foi definitivamente abandonado no armário. Neste mesmo dia, recebeu a notícia da perda do seu pai. Encontrei esse vestido no armário anos depois.

Festeira, talvez uma de suas características mais marcantes. Gostava de fazer festas por tudo e para todos. Ninguém fazia festas melhores que as dela. Nenhum detalhe era esquecido. Festejávamos tudo. Carnaval, festas judaicas, Natal, Ano Novo, Páscoa, Pessach, e tudo que valesse a pena. Eleições?? Tínhamos



a famosa “Rabada Cívica”, onde após votarmos, almoçávamos uma suculenta rabada com polenta, assim batizada pelo “humor patriótico” da família. Natal? Sim, por que não? País católico, nasceu um menino judeu e crianças mereciam presentes e festa como todas as crianças do mundo, independente de suas religiões.

Ficou radiante com o nascimento das netas, e mesmo com pouca saúde criou para elas a “escolinha da vovó”, onde tentava manter o vínculo que a ligava à vida e com a educação. Norte de toda a sua vida. Pôde ver o nascimento do terceiro neto, que chegou como se mensageiro de vida num momento em que sua própria vida se despedia. Sei que ficaria muito contente em ver que sua família cresceu. Suas duas netas têm quatro bisnetos de Sol que certamente seriam muito festejados. A família ainda aguarda mais vida para completar a festa de Sol.

Quanto a mim, sua filha mais velha, sempre tive problemas em lidar minha mãe com a educação e nunca pensei que um dia seria professora, cargo que assumi alegando sempre que professora seria, porque médica. Médicos têm como um dos seus pontos importantes do juramento hipocrático transmitir aos mais jovens os ensinamentos adquiridos nos anos de prática e que foram recebidos de muitos outros por várias gerações.

Muito teria ainda para contar sobre Sol, mas é melhor continuar a vida, festejar sempre a alegria de ter nascido dela.

Ester, 29/04/2021.

Mais um pouco de Sol.

Abrir a porta onde guardamos a memória pode ser complicado pois como bolhas de sabão escapam sem controle, não sem antes nos fazer rir e até mesmo chorar.

Memórias são como crianças, saltam e correm enchendo espaços, criando textos. Gritam até que possamos lhes dar forma; daí, se acalmam e voltam em paz para seu espaço.

Sol pediu para ganhar mais um pouco de espaço neste momento.

Como deixar de trazer uma de suas características mais fortes? Gostava de estar junto, se fazer presente com pequenos grandes gestos. Ao acordar, pela manhã sempre encontrava a minha merenda pronta sobre a mesa junto a um bilhete que saudava o dia que começava. Saía muito cedo para pegar o trem que a levaria à escola onde lecionava e para estar junto sempre havia um carinho. Bilhetes sempre os recebia quando aniversariava e vinham junto a flores, quando acordava, enfim até quando eu não estava “muito bem na foto”. A bronca chegava em palavras escritas. Até mesmo “Papai Noel” sempre deixava os dele. Até hoje, encontro-os no meio de guardados como se aí estivessem para algum recado e ou conselho para o momento. Bilhetes são um pouco de Sol para nós.

Outra lembrança que jamais esquecerei. Era uma exímia contadora de história que me faziam viajar pelo mundo da fantasia.

Sabia sempre quando ela chegava em casa ao ouvir seu piano tocar. Hábito que adquiriu como forma de relaxar do dia de trabalho. Morávamos em uma casa grande e onde estivesse eu ouvia o piano como um aviso: cheguei!!

Lembro ainda do dia em que nos levou, a mim e a minha irmã ao centro da cidade para participar da uma passeata contra a ditadura que se implantava no país, só que entrou na passeata errada. Duas se formavam: a que defendia e a que repudiava o regime de exceção. Fomos retiradas da passeata ao ouvir os gritos de meu pai: “Sol, sai daí, você está na passeata errada!!!”

De início surpresa, depois risos e um bom lanche em família. É mais um pouco de Sol.

Ester, 2021.

3.2 Presença de Sul

Fui recebida numa tarde, na casa de Sulamita, em Niterói, em 2016, quase setenta anos depois da viagem. Almoçamos juntos: familiares de Sulamita – Tamar, sua filha, e Wilson, seu marido – e familiares de Sol – Beth, sua filha, e Joana, eu, sua neta.

A Expedição ao Pantanal ainda aparecia coberta por uma névoa espessa, impossível de perceber figuras nítidas, um mapa ou qualquer imagem para ancorar e iniciar a narrativa da viagem. Ao longo da conversa, os olhos azuis, tão “ouro sobre azul”, expressavam seus esforços para lembrar dos detalhes da viagem.

Ao relatar suas memórias, Sulamita expunha os causos que ganhou ao longo de setenta anos. O olhar longínquo, ao tentar lembrar de detalhes, denunciava a espessa névoa do tempo que ofuscava o que outrora viveu.

Perguntei sobre o que permaneceu de memória sensorial, odores, imagens, sons ou impressões visuais, impregnada em suas lembranças. Sulamita lembrou de seus colegas e professores da Universidade do Brasil; reproduzindo seus hábitos de professora, descreveu minuciosamente a paisagem, repleta de termos geográficos que caracterizam a fauna, a flora, os relevos e as planícies da região. Lembrou que uma tia lhe entregou um frango assado quando pararam na estação de trem durante a excursão. Sulamita carregava os afetos de Sol, amigas irmãs, e estendia suas lembranças às dela.

Durante alguns meses, Sulamita procurou pelo relatório que as duas amigas escreveram para ser apresentado para a escola que lecionavam no Rio de Janeiro, onde pediram licença para realizar a expedição. Encontrou fotografias e escreveu em um caderno pessoal seu relato de viagem, transcreveu na íntegra a música do menino engraxate que aparece no final de “Sanga Puytã” de Rosa,



lembrando do encontro com o menino, na fronteira do Brasil com a Bolívia.

Seu acervo, guardado no âmbito domiciliar, particular, conservava no fundo de uma gaveta o relatório, junto com outros “bens afetivos” que constituem seu arquivo de lembranças de vida. Para além dos documentos, o evento da expedição tinha lugar de destaque no arquivo de lembranças narradas, tinha lugar sólido e de fácil acesso, sempre ao alcance em conversas com sua família.

Semelhante como fora para Sol e para Rosa, a expedição permaneceu na vida de Sulamita não só como lembrança evocada em conversas ou narrativas. Além dos desdobramentos e resultados técnicos, no âmbito institucional, a viagem teve relevância, sobretudo, no âmbito do sensível, afetivo e artístico. Foi determinante para a formação de Sol e Sul enquanto cidadãs, professoras, engajadas nas práticas de estudos geográficos, como praticaram no tempo da expedição.

Refletir sobre o lugar de “guarda” dos afetos, das lembranças e da “memorabilia” sensível nos leva a especular se há a arquitetura, um lugar para este arquivo de bens afetivos. Quais cômodos da casa abrigam tesouros da história pessoal? Como se configura a arquitetura das lembranças narradas? Sulamita buscou o relatório em caixas, armário, pastas de documentos antigos. Não o encontrou, porém, lembrou com vivacidade, recriou, reescreveu os acontecimentos de sua memória pelas lembranças – ainda mais vívidas quando relembradas com Tamar e Beth, que complementavam os causos com o verniz de suas próprias lembranças, de uma viagem não vivida por elas, mas na qual embarcaram pela vivência de suas mães.

Sulamita faleceu em 2019. Quando suas filhas arrumaram um dos cômodos de sua casa – ajuntamento de quarto, biblioteca, escritório e arquivo – encontraram um envelope com o relatório, coberto por livros e documentos, numa gaveta de coisas destinadas à lembrança.



3.2.1 Lembranças de Sul, uma conversa

Beth: — Que bacana... Sulamita, aí depois do ginásio vocês continuaram no (curso) Normal juntas e... (sobre a Sol)

Sulamita: — É, tanto que a gente fez concurso para a faculdade e não pôde cursar imediatamente. Nós trancamos a matrícula, terminamos o Instituto (de Educação) e aí nós entramos. Nesse intervalo entre entrar na Faculdade e deixar o Instituto, um dia eu falei pra Sol: “Sol, vamos lá na faculdade ver como seria a nossa turma?” Aí fomos, chegando lá, encontramos ó... [apontando para o Wilson]. Estava lá na porta, aí ele veio todo...

Tamar: — Estava esperando ela para ser o cicerone.

Sulamita: — Aí ele veio todo... se apresentou logo: “Vocês são Sol e Sulamita, né?” Porque a gente foi de uniforme.

Tamar: — Do Instituto.

Sulamita: — Todo mundo sabia que eram duas normalistas que tinham passado mas não estavam cursando. Quando ele viu as duas normalistas, ele: “Vocês são Sol e Sulamita...”. Aí mostrou a faculdade pra gente, apresentou os professores, os professores já queriam que a gente ficasse... e aí nós convidamos eles para conhecerem o Instituto, ele e um outro amigo dele. Aí eles foram, conheceram o Instituto... acabou ali. Quando chegou no fim do ano, foi o baile de formatura, isso foi mais ou menos em julho, dezembro foi a nossa formatura. Quando eu chego lá na formatura, quem é que tá lá pra dançar com outra moça? Ele. [apontando para o Wilson]

Risos

Sulamita (mostra uma foto): — Esse professor, Arthur Ramos. A nossa turma foi a última que teve aula com ele. Ele foi... depois dessa turma, ele foi à Europa e lá ele teve um infarto. Morreu moço, moço.

Beth: — Ele era professor de quê, Sulamita?

Sulamita: — Ele era professor de antropologia. Era professor moderno, sabe? A nossa turma então ficou famosa, que foi a última...

- Sulamita [falando com Wilson]: — Você foi fazer o curso porque tinha que dar aula de geografia no Correio.

Wilson: — É.

Sulamita: — E você precisava aprender como se dava aula de geografia, não é?

Beth: — Ô Wilson, você foi à faculdade de geografia para conhecer a Sulamita, né?

Wilson: — Foi...

Beth: — Só pra isso!

Wilson: — Só pra isso! [Risos]

Sulamita: — A gente ia a muita festa assim, de dia da pátria... a gente cantava no [estádio] Vasco, né? Aí teve uma vez que a gente foi cantar pro Getúlio, meu pai não deixou eu ir...

Beth: — O vovô também não deixava a mamãe ir, né?

Tamar: — Ele era contra o Getúlio, é? Ele era um ditador, né?

Sulamita: — No terceiro ano do curso, 45, 46, 47...

Tamar: — 47?

Sulamita: — A gente já estava no terceiro ano. Então, da turma fomos: eu, a Sol, a Baszka... a Baszka era de uma turma acima da nossa.

Tamar: — E o pai do Ciro Gomes, o Euclides. O Euclides Gomes.

Sulamita: — O Euclides era da nossa turma. Euclides e os dois rapazes do Instituto Rio Branco. Porque foi o Guimarães Rosa como embaixador... ele e os alunos do Rio Branco. Porque era uma missão, é... mais ou menos política, que era escolher o local da futura capital, então, era interessante que tivesse uma pessoa do Instituto Rio Branco, né, diplomata... e ele foi com a gente. Foi o Guimarães Rosa com dois alunos, o professor com a secretária, que era a Maria da Conceição Vicente de Carvalho, filha do Vicente de Carvalho, uma americana, que era bolsista, Charlotte, a Baszka, a Sol e eu.

Beth: — E o professor era o professor Hilgard...

Sulamita: — Professor Hilgard.

Beth: — Depois a mamãe ficou muito amiga dele...

Sulamita: — É... Ele terminou a vida dele no Estados Unidos, em Berkeley. Morreu há pouco tempo... ele era moço, a gente tinha vinte, ele tinha trinta e dois... A família já estava acostumada, porque já era o terceiro ano e a gente já fazia várias excursões. Eu, por exemplo, fui a várias excursões aqui por perto: Angra dos Reis, Atafona... aqui pelo estado do Rio a gente já tinha feito algumas.

Sulamita: — Meu pai fez o seguinte, na véspera da gente ir, ele telefonou para o professor e disse assim: “Professor, o senhor cuide dela como se fosse sua filha”. Aí o professor não deixava a gente sair de noite. A gente só saía de noite quando ele ia. Faziam muita festa para nós quando a gente chegava numa biboca daquelas lá do Pantanal, né, faziam churrasco para nós, faziam festa... mas a gente só ia quando o professor ia para tomar conta da gente.

Beth: — E o Guimarães Rosa participava destas festas?

Sulamita: — Participava de tudo.

Joana: — Ele era festeiro?

Sulamita: — Era... festeiro.

Sulamita: — Na excursão tinha 5 mulheres. Sol, Sulamita, Charlote, Conceição e a Baszka. Mas o Guimarães Rosa não gostava do nome Baszka, achava feio, então chamava ela de Sasha, Sasha. Então ele chamava a gente de uma vez só: Charlote Sasha Sol, Sulamita Conceição. [risos] Aí ele fez versos.

Da Sol... lá nas coisas dela deve ter verso dele.

Sulamita: — Teve um grupo que foi para esse lugar, pro Pantanal, mais para a esquerda. Teve um grupo que foi mais pra Goiás mesmo! Teve outro grupo que foi pro Triângulo Mineiro, sabe, explorando aqueles pontos todos. Dividiam a equipe assim, em 3 partes: um se preocupava com a natureza vegetal, outro se preocupava com a ocupação humana, outro se preocupava com o relevo, sabe? Então, os nossos relatórios devem mostrar isso, o que nós estávamos observando.

Joana: — E eram relatórios feitos pelo professor Hilgard?

Sulamita: — Nós alunos fazíamos! Aquele relatório feito por mim e pela Sol mostra tudo isso. O professor que organizava essas observações, que indicava. O Guimarães Rosa foi só como observador, sabe? Ele tinha um medo danado de andar de avião, tinha sofrido um acidente de avião... Ele era professor do Instituto Rio Branco, ensinava os alunos, então, ele ficou encarregado com esses dois alunos de fazer as observações, assim, no campo mais do humano.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812362/CA

Joana: — E quem eram os dois alunos?

Sulamita: — Um se chamava Raul e o outro Nestor.

Beth: — Quem é esse? [mostrando uma foto]

Sulamita: — O pai do Raul, que era o mais alto, era alfaiate, mas esse aqui não parece o Raul, não... Estive naquelas fazendas todas...

Beth [lendo um cartão postal]: — “Para você Hilda, uma prova de que Campo Grande não é somente a terra das onças e índios ferozes. Beijos da prima Sol, 1947.”

Sulamita: — Ih! Nós fomos a cada festa boa lá!

Beth: — Rádio Clube, né?

Sulamita: — Corumbá é uma cidade muito branca... Primeiro a gente tomou o trem até onde tinha trem, até... aquelas cidadezinhas do pantanal e aí a gente saltava. Em outros lugares a gente ia de

caminhão onde não tinha trem, até uma estação que tivesse trem e aí tornava a pegar o trem, sabe... Nós fizemos muitos percursos de caminhão.

Beth: — Esse relatório foi para onde?

Joana: — Foi para a prefeitura?

Sulamita: — Nós duas éramos professoras da prefeitura do Rio, então pra gente se ausentar no meio de julho, a gente teve que pedir licença, comprovar que a gente estava em excursão da faculdade e teve que entregar um relatório, não podia enganar, não é? Então, nós fizemos um relatório, as duas, para entregar à Prefeitura. Quando a gente ia de uma fazendola à outra, sabe, às vezes, a gente chegava num lugar e... ali é o ponto final de uma linha de trem, por exemplo, mas queria ir a outro lugar mais à frente, então a gente ia de caminhão.

Joana: — E quem organizava as viagens era o professor?

Sulamita: — O professor, Hilgard Sternberg . Quando ele saía daqui, ele já saía com tudo organizado.

Joana: — Ele já sabia para onde ia, né?

Sulamita: — É, por isso que demorava.

Joana: — Foi quanto tempo de viagem?

Sulamita: — Um mês.

Joana: — Ah, foi curto, foi rápido... achei que fosse...

Sulamita: — Um mês inteiro, e eu engordei com essa viagem. Foi a única vez que eu fiquei pesando 60 quilos! [risos]

Joana: — Muita fartura, Sulamita?

Sulamita: — Tinha, muita, comia bem, pois eu fiquei com 60 quilos... Cada fazenda que a gente chegava, eles punham uma mesa do tamanho... com carne de carneiro, carne de veado, carne de boi, carne de porco... O paraíso das aves, sabe... tinha aquelas araras coloridas, voando assim...

Joana: — Você lembra a primeira paisagem quando chegou?

Sulamita: — É... foi isso... foi... o rio, aquelas palmeiras e, quando tinha um arvoredor maior, muitas araras, sabe, araras azuis... Aquela revoada, muitos pássaros, muito, muito. A gente foi em julho, né... era frio, era frio. Lá é clima Continental, no verão é muito quente, no inverno é muito frio.

Beth: — E já estava começando a inundar o Pantanal, né?

Sulamita: — É, as plantas...

Joana: — Dos banquetes das fazendas...

Beth: — A mamãe contava que vocês também denunciavam o trabalho escravo nas fazendas. Que as pessoas eram exploradas, ficavam dependentes...

Sulamita: — É, exploradas! E não tinha nenhuma supervisão, não é? Não tinha nenhum controle, lá era um outro mundo, completamente isolado. Por isso que eles quiseram mudar a capital pra lá, porque ali... Nós ficamos mais pela parte social, pela parte humana. A nossa Geografia era mais a Geografia Humana. A Baszka era mais Geografia Física. Escolhia as pedras e mandava o pai do Ciro Gomes carregar. [risos] Muito engraçado ele... mas ele era respeitador.

Joana: — Fala das suas memórias.

Sulamita: — Ah...de memória ficou que aquilo é uma riqueza, natureza rica, bonita, um ambiente calmo, muita água...

Tamar: — Muitos rios...

Sulamita: — O Pantanal, na época que ele fica vazio, dá pra você andar, quando vem a cheia, você anda de barco. Muitas aves, as araras... aquele grito das araras, sabe... As árvores cheias de araras!

Tamar: — Ah, vocês se hospedavam nas casas porque não tinha hotel, nas fazendas...

Sulamita: — É, nas fazendas.

Joana: — E como eram as casas?

Sulamita: — Onde tinha hotel era, por exemplo, quando a gente chegava numa cidade grande, em Campo Grande. Em Campo Grande fizeram uma festa no Clube pra gente... aí o professor foi e a gente foi também.

Sulamita: — As casas de fazenda?

Tamar: — Era alvenaria?

Sulamita: — Era. As casas das fazendas eram boas, de alvenaria. Os fazendeiros ricos, sabe?

Em Campo Grande só tinha carro novo! Não tinha carro velho na praça.

Sulamita: — De memória, a fartura, fartura... Cada fazenda que a gente ia, a gente sentia riqueza. As casas enormes, tudo... não sei se eles queriam se mostrar, né?

Sulamita [olhando antiga caderneta de anotações de Sol]: — Olha o que ela botou aqui: campo de cerrado limpo e sujo Savanas úmidas, áridas, espinhentas e desérticas.

Beth: — Engraçado que eu encontro hoje em dia alunas da mamãe do Paulo de Frontin, e contam que se lembram muito que a mamãe levava todo mundo pra fazer excursão... ela adorava uma excursão, né?

Sulamita: — É... [risadas]

Tamar: — A mamãe também levava.

Sulamita [continuando a folhear a caderneta da Sol]: — Eu fazia e levava você. Você não pôde estudar Geografia dentro da sala.

3.2.2 Lembranças de Tamar

Alguns fatos que minha mãe contava sobre a excursão:

. Em 1947 não era comum moças saírem em excursão para uma viagem tão longa e tão distante. Seu pai entregou-a pessoalmente ao coordenador do grupo, Professor Hilgard, dizendo: “Cuide dela como se fosse sua filha”.

. Na época, também não era costume moças de calças compridas. Mas elas não se intimidaram com essas restrições, a motivação era bem maior.

. Por recomendação de suas famílias, às moças não era permitida a saída noturna, somente os rapazes do grupo podiam circular livremente. As moças permaneciam nos locais de hospedagem.

. Esses locais variavam de região para região. À medida que avançavam para o interior, menores e mais escassos os aglomerados urbanos. Da mesma forma, as estradas eram cada vez mais precárias, sendo, muitas vezes, obrigados a caminhar por trilhas abertas nas matas ou atravessando e sendo recebidos por dentro de fazendas.

Os estudantes da excursão dividiram-se em áreas de pesquisa: geografia humana, geografia física, botânica. À Baszka cabia recolher e analisar as pedras encontradas nos diversos locais por onde a excursão passava. Baszka recolhia as pedras, examinava e entregava para seu colega carterense, Euclides Gomes.

Guimarães Rosa era uma pessoa discreta, que passava o tempo todo fazendo anotações em seus cadernos. Acordava bem cedo, antes de todos, para observar o primeiro pássaro a cantar, os hábitos cotidianos das pessoas da região, a paisagem. Vários de seus personagens foram inspirados em pessoas que conheceu nessa viagem.

. Em Bela Vista, município fronteira entre o estado de Mato Grosso, hoje Mato Grosso do Sul, e o Paraguai, moravam seus tios, ele militar que servia em uma unidade do Exército. Depois da visita ao casal, sua tia foi até a estação e lhe entregou, pela janela do trem, um frango assado para a viagem.

Alguns fatos sobre sua vida:

Sulamita de Farias Brito e Castro nasceu no Rio de Janeiro, em 3 de dezembro de 1926.

Seu avô materno, Raimundo de Farias Brito, era filósofo, jurista e professor do Colégio Pedro II. Seu pai, Rômulo de Castro, era tradutor e revisor da José Olympio Editora e muito próximo de intelectuais como: Alceu de Amoroso Lima, Graciliano Ramos, Manuel Bandeira, Augusto Frederico Schmidt, Jackson de Figueiredo, dentre outros.

Sulamita tinha um ambiente familiar que estimulava o estudo, a leitura, o gosto pela música. Sulamita era a primogênita de seis irmãos, e desde pequena acompanhava seu pai em eventos, viagens e visitas aos amigos escritores.

Foi sempre muito estudiosa, interessando-se desde cedo por tornar-se professora e fazer um curso universitário. Estudou inicialmente no Instituto de Educação, onde conheceu sua amiga Sol, e posteriormente ambas prestaram concurso para a Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil, na área de Geografia e História.

Embora Sol e Sulamita tenham sido aprovadas no concurso para a Universidade no ano de 1943, tiveram que aguardar mais um ano até que tivessem concluído o Curso Normal.

Durante o curso universitário, alunos e professores do Curso de Geografia e História da U.B. foram convocados pelo Governo Federal para que fizessem uma pesquisa de reconhecimento da Região Centro-Oeste do país, área essa da qual muito pouco se sabia na época. Seriam constituídas três turmas, sendo uma para o estado de Minas Gerais, outra para o estado de Goiás, e a terceira, da qual Sol e Sulamita fizeram parte, dirigida ao estado de Mato Grosso.

Em 31 de dezembro de 1951, Sulamita casou-se com Wilson de Azevedo e Silva, passando a assinar Sulamita Castro Azevedo e Silva. Na época, era professora primária no Rio e Wilson, juiz na cidade de Dianópolis, estado de Goiás, hoje Tocantins.

Logo que Sulamita chegou em Dianópolis, em janeiro de 1952, foi convidada para assumir a responsabilidade pedagógica no Colégio João

d'Abreu, que seria o primeiro colégio a ser fundado na cidade. Sulamita tornou-se, juntamente com seu marido, professora da instituição.

De volta ao Rio, Sulamita foi professora do primeiro grau e, em seguida, tornou-se professora do ensino médio, dando aulas de Geografia no colégio João Alfredo. Depois de concluir seu mestrado, tornou-se professora de História na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Foi também professora de História do Rio de Janeiro em projetos realizados pela Secretaria de Cultura do município.

Já aposentada, Sulamita mudou-se para Niterói, onde passou a colaborar com o Instituto Histórico e Geográfico de Niterói, atuando como palestrante e secretária executiva.

Sulamita e Wilson compartilhavam das mesmas opiniões e interesses. Possuíam grande biblioteca, na qual passavam boa parte do dia. Estiveram casados por 66 anos, até o falecimento de Wilson, em abril de 2018, com 100 anos de idade. Sulamita faleceu logo em seguida, em agosto de 2019, com 92 anos de idade. Mantiveram-se lúcidos até o final da vida, conectados e interessados nos fatos e acontecimentos do Brasil e do mundo.

Em entrevista, Tamar acrescenta ao seu relato:]

Sulamita orientava a educação de seus filhos de acordo com as seguintes atividades, além da escola regular: dois cursos de línguas, sendo um obrigatório – inglês e a outra língua optativa; aula de música – piano; uma aula de física; e uma viagem internacional antes dos vinte anos para expandir a visão de mundo de cada um. Nos fins de semana ou nas férias, sempre promovia passeios com caráter de enriquecimento cultural.

Atuava como professora de escola primária quando se mudou, deixando a capital Rio de Janeiro para Dianópolis, um município de Tocantins, região do Jalapão, para acompanhar seu marido, Wilson, com quem se casara meses antes de sua mudança. Wilson vivia em Dianópolis, município distante de sua cidade, pois fora convocado para ser juiz. Tamar comenta esse fato da vida do pai destacando outros fatos memoráveis, como a vez que ele e um grupo de amigos foram ameaçados de morte no Cassino da Urca, que frequentavam assiduamente, pois ajudavam as dançarinas do cassino, algumas analfabetas,

a identificarem quando o chefe passava a perna nelas, pagando menos do que mereciam.

O colégio Ginásio João de Abreu foi fundado por um deputado logo antes da ida de Sulamita. O casal dava aulas no colégio: Sul ministrava matemática, canto, desenho, geografia e E.F para meninas; Wilson ministrava história, ciências, português e E.F para os meninos. “Eles falavam sempre, mas não gravei exatamente; sei que eles dividiam as aulas e as freiras eram responsáveis pelas aulas religiosas. Mamãe ensinou a eles o gosto pela leitura. A região tinha escassez de livros”, Tamar comenta. “Eles foram homenageados quando a escola fez 50 anos e ambos retornaram para Dianópolis. Estava muito diferente, a região se beneficiou muito por ser perto de Palma.”

Era uma cidade de garimpo. Tinha muitas pedras preciosas. Papai comenta que tinha muito estrangeiro, americanos, de olho na região. A cidade fica perto da Bahia, uma terra muito rica, foi muito explorada. Isso é o que ficou da percepção deles sobre o lugar, um sentimento. É o que eles viram e guardaram do lugar. Entre as lembranças de seus pais em Dianópolis, Tamar descreve:

- . Wilson suspendeu bebida alcoólica na cidade e prendeu o delegado, logo o crime acabou.
- . As mulheres não tinham o costume de sentarem nas mesas para comer, algo que chamou sua atenção.
- . Sul identificou que doenças recorrentes nos olhos nas mulheres, decorriam da falta de banhos com todos na mesma bacia: primeiro os homens se banhavam, depois os filhos, em seguida as mulheres.
- . Os eventos sociais e o centro da cidade eram frequentados principalmente pelos homens. As mulheres viviam “da cozinha para trás”.
- . Quando Sulamita começou a ir para os jantares, abriu-se um precedente para que o restante das mulheres também participasse dos eventos, provocando uma espécie de ampliação das atividades sociais das mulheres, para além das funções domésticas.
- . A primeira casa com água encanada da região foi a do casal.
- . Seus hábitos de higiene, saúde e alimentação foram influenciando, aos poucos, os vizinhos. Além dos banhos de água encanada, a alimentação também se diferenciava de alguns padrões locais: Sul cultivou uma horta no

terreno de sua casa, onde plantava couve, alface, chuchu, abóbora... Para alguns locais, comer alimentos da horta não era atraente e ameaçava a pompa de seu status social, pois somente carne e grãos eram considerados nobres; legumes e hortaliças eram considerados comida de “lavagem” de porco.

Foi para Dianópolis logo após seu casamento. Eles se casaram no dia 31 de dezembro de 1951, pois Wilson estava de férias do magistério no Rio e deveria voltar para sua função de juiz no interior logo após a virada do ano. O irmão de Sulamita, de 9 anos, Rominho (nome que herdou do pai, Romulo), morreu atropelado meses antes do casamento, quando toda a festa já estava programada. O luto foi intenso, logo, o casamento foi adaptado para padrões mais discretos, toda a comemoração acompanhou a falta de ânimo da família. Tamar lembra da tristeza da mãe e que um de seus pedidos foi realizar a cerimônia pela manhã. Ela casou sem buquê, segurando um Missal e um terço. Decidiram não adiar o casamento, pois teriam que esperar mais um ano para que se concretizasse, já que Wilson acreditava que não deveriam se casar em um ano bissexto – o ano seguinte, 1952, seria um ano bissexto. Adiantaram, então, o casamento, pautado pelo luto, a urgência do fim das férias de Wilson e a promessa de ultrapassarem a distância entre Dianópolis e a capital. Sulamita viajou em janeiro, logo depois do casamento. Lá, ela engravidou de dois filhos. Depois, de volta ao Rio definitivamente, teve mais dois filhos.

Deu continuação à sua atividade como professora da rede pública, tal qual exercia na época da viagem ao Pantanal. Foi, da rede pública do município, professora primária, mesmo depois de formada. Quando foi para Tocantins, foi professora de ginásio. Na volta para o Rio, voltou a atuar na escola primária pública no Morro do Pinto, depois em outra no Cachambi. Durante um tempo, trabalhou como professora na escola normal em Campo Grande onde Sol era diretora. Em algum momento, quando os filhos eram ainda pequenos, talvez em 1960, foi para o Ginásio João Alfredo em Vila Isabel. Depois disso foi convidada por Sol para a UERJ e lecionou História da Arte. Durante essa época, foi também professora de história do Rio de Janeiro para turmas de funcionários dos monumentos históricos do Rio; deu aula na Aliança Francesa e na Secretaria de Turismo da Cidade. Ela também fazia parte do IHG (Instituto Histórico Geográfico) de Niterói e do Rio. Ela dava aulas sobre a história de Niterói para a formação de guias turísticos e

professores. A última aula que deu foi em Niterói, na concha acústica do Niemeyer, sobre a história de Niterói, em 2018, já com 91 anos, com imagens, PowerPoint, lúcida, mas não ouvia. A audição dela já estava muito comprometida, a surdez isola, desorienta, ela não ouvia as perguntas dos alunos. Depois disso, não quis mais dar aula.

Sol e Sul eram muito abnegadas com o que faziam, as famílias das duas transmitiam muito compromisso com o trabalho e o dever cívico. Tamar encontrou uma carta de Sul destinada à Sol. É possível que a carta não tenha sido enviada, já que permaneceu, a original, no arquivo da própria Sul, a remetente.

Assim como relatado pelas filhas de Sol, Ester e Beth, tanto Sol como Sulamita nunca deixaram de expressar seus ânimos políticos e patriotas, críticas e fascinadas com Brasil. O país que na época esboçava seus projetos de nação democrática as encantava e as convocava a exercerem o que ambas consideravam deveres cívicos – atividades educacionais, aliadas ao engajamento cultural e participativo com as atividades regionais, para além dos centros urbanos e capitais.

Tamar segue lembrando de Sul através de seu discurso para a comemoração do Dia da Independência em Dianópolis:

“Comemoração do Dia da Independência

Rev. Pe. Diretor

Exmo. Sr. Prefeito

Sras, Srs,

Queridos alunos:

Dianópolis, essa célula viva perdida na imensidão do sertão brasileiro, se sente emocionada quando transcorre a maior de nossas datas cívicas: o Sete de Setembro. Enchemo-nos de orgulho patriótico neste dia ao relembrar fatos e personagens relacionados com a nossa Independência. Queremos render homenagens aos heróis da nossa liberdade e ressaltar suas

personalidades. Personalidades essas de quem já disse tanto, mas de quem nunca se terá dito tudo.

A cada brasileiro que nasce, fazemos questão de ensinar o amor e o respeito aos nossos grandes homens, aqueles que contribuíram para fazer o Brasil grande e unido. É a esses brasileiros novos, com sua inteligência fresca e curiosa, que queremos contar a história da nossa Independência.

Outrora o Brasil era colônia de Portugal. Sim esse imenso país que é nosso, com seus planaltos, planícies e montes, suas florestas, seus campos e rios, tudo isso já pertenceu a uma nação minúscula da Europa, chamada Portugal. Um português havia descoberto nossa terra e tomado posse dela para seu rei. Ficamos então sob a condição de colônia de Portugal durante mais de trezentos anos. Ao fim desse tempo, porém, o Brasil cresceu em todos os sentidos: aumentou sua população, desenvolveram-se suas riquezas, criou-se a sua gente, de tal modo que não foi possível continuar sob a tutela da metrópole portuguesa. Brasileiros exaltados, idealistas e mártires, surgiram então para acelerar o processo da independência. Foi assim que vimos Filipe dos Santos esquartejado, Tiradentes enforcado e muitos outros perseguidos porque sonharam com a liberdade. Mas quando uma ideia contamina o povo, não há nada que possa contê-la. Trinta anos depois do sacrifício de Joaquim José da Silva Xavier, a alma dos brasileiros suspirava pela independência e intensamente se espalhou esse desejo que o próprio Príncipe Regente se viu na contingência de separar o Brasil de Portugal, transformando nosso país num império independente, ficando ele, Dom Pedro, como o primeiro imperador.

Não foi apenas o temperamento impetuoso, de modo autoritário e cheio de orgulho, que levou o Príncipe D. Pedro àquele gesto heroico, teatral

mesmo, à Proclamação da Independência. Muitos concorreram para a realização daquele fato a sábia persuasão de José Bonifácio de Andrade e Silva e a delicada cooperação da Princesa Leopoldina, que, apesar de austríaca, passou a sentir com coração materno os problemas da terra de seus filhos.

Compreendendo a grandeza daquele acontecimento, sentindo as alegrias do pássaro cativo que após mais de três séculos de jugo português conseguia se libertar, foi que a Nação Brasileira vibrou de emoção e cantou ainda no dia da proclamação o Hino da Independência, feito por D. Pedro no auge do entusiasmo.

E, até hoje, cada vez que vivemos outro Sete de Setembro, sentimos palpitar em nossas veias o mesmo ardor que inflamou os primeiros brasileiros independentes. E num desejo” (...)

Tarcomenta: “As reticências se referem a um trecho que não é possível ler. Ela jamais usaria reticências para encerrar um texto. Ela não era sentimental, muito objetiva, patriota, rígida com suas palavras”.

3.2. De Sul para sua companheira de expedições, Baszka

“Na tradição judaica, a santidade do ser humano não termina com a morte.”

Falar de Baszka é lembrar, embora comovidamente, um tempo feliz, qual a nossa juventude, ocorrida na Faculdade Nacional de Filosofia, então criada, faculdade que foi buscar, no exterior, professores especialistas para a composição do seu quadro.

O curso de História e Geografia contou com brilhantes mestres, estes vindos da Sorbonne, com Antoine Bonn e Francis Ruellan, o primeiro historiador, o segundo geógrafo.

As aulas de geografia eram complementadas com excursões não só pelos arredores do Rio de Janeiro, como ainda em outras regiões brasileiras.

Nessas excursões, em as quais o professor Ruellan discutia com os alunos as formações geológicas características da região, Baszka, a futura grande mestra em geografia; destacava-se entre o grupo, questionando com argumentos sólidos sobre as teorias lançadas na época relativamente ao relevo brasileiro.

Aquelas excursões, e muitas foram elas, estreitavam as relações com as colegas. É então que surge aquela amizade que se estreitou ao longo da vida...

Poucos dias antes do seu falecimento, na última visita que lhe fiz, que ela me chamava nos seus delírios noturnos. Quando me aproximei do seu leito, percebendo a minha presença, ela disse “Agora que você veio?!”

Então, para frear tanta emoção, passei a falar sobre a nossa mocidade, os nossos colegas, a nossa geografia, os nossos colegas, aquela excursão ao pantanal. Cabe lembrar que, nessa época, o Governo buscava o lugar adequado para a construção da nova capital, tanto que recorria a pesquisas universitárias.

Nosso professor de Geografia do Brasil, Hilgard O'Reilly Sternberg, hoje mestre em Berkeley, conseguiu um convênio com o Itamaraty e organizou um grupo para fazer o levantamento do Pantanal

Matogrossense. Desse grupo fazia parte o diplomata João Guimarães Rosa, chefiando dois alunos do Instituto Rio Branco.

Da parte da Faculdade de Filosofia, sob a direção do professor Hilgard, compunham a equipe – Maria da Conceição Vicente de Carvalho, Charlotte (uma americana bolsista), Baszka, Sol, Sulamita e Euclides Ferreira Gomes. Durou um mês aquela excursão e Baszka, chefiando a equipe de geografia física, teve oportunidade de revelar o **quantum** da sua competência.

Carece lembrar um episódio curioso. Euclides, secretário da Baszka, tinha como obrigação colher e carregar as pedras por Baszka indicadas. E isso dava motivo a sérias discussões entre eles. Mas, Euclides sem

Guimarães Rosa, por sua vez, entremeava as suas interferências com versos que copiavam nos cadernos de anotações. Foi assim que, na linguagem poética, a mestra do grupo foi chamada de Sacha. Quando se referia às moças da equipe, o fazia em dois versos:

“Charlotte, Sacha, Sol, Sulamita,
Conceição”

Sacha, daí em diante, foi como nos dirigimos à nossa querida Baszka.

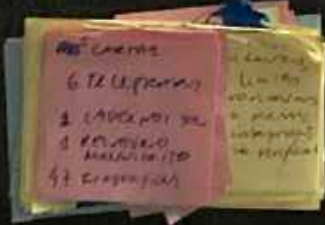
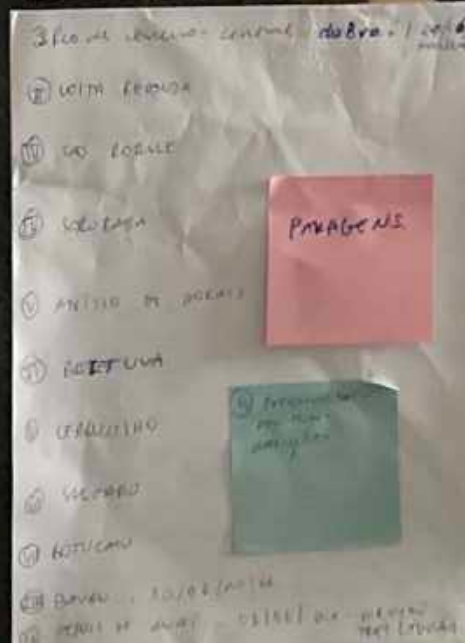
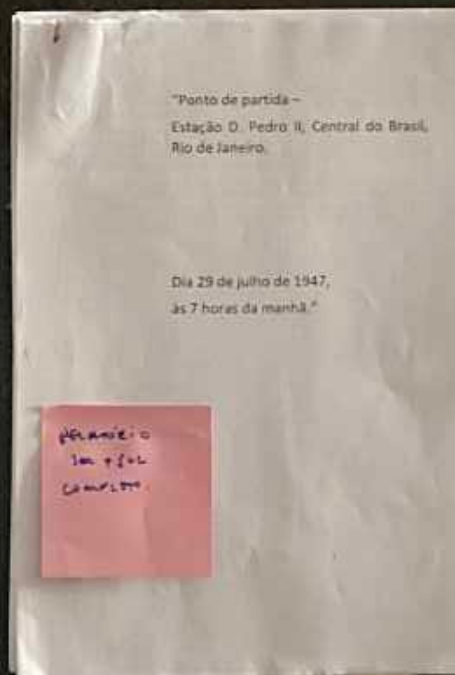
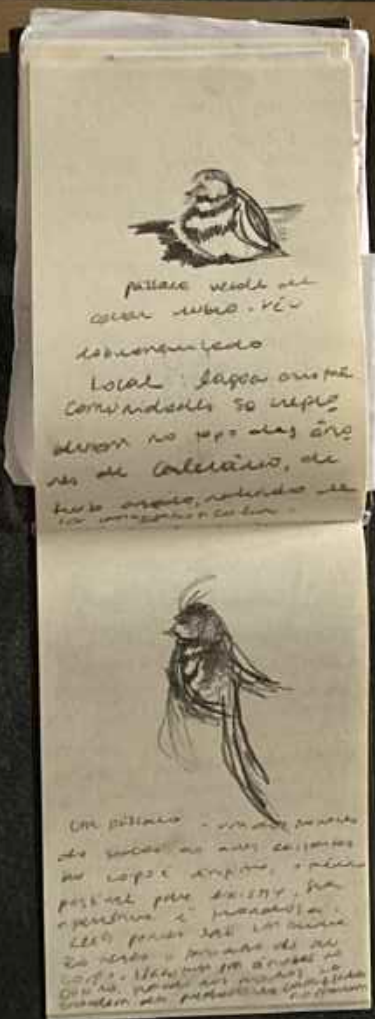
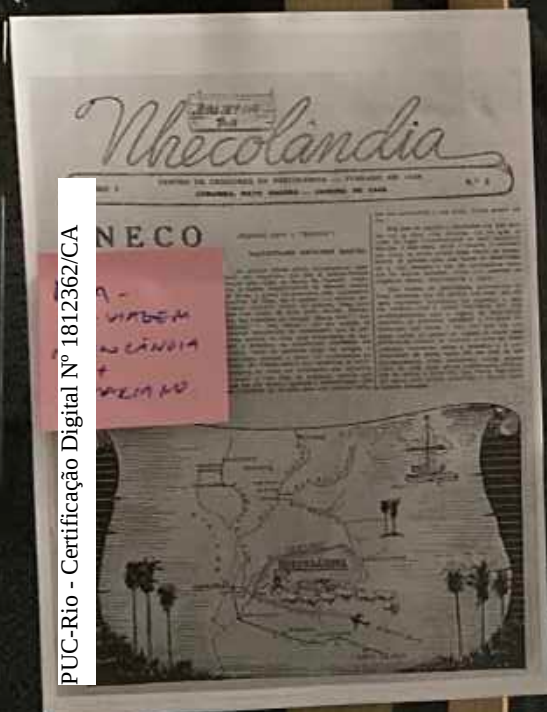
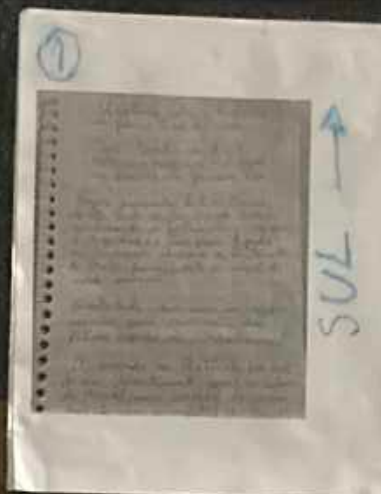
Todas as lembranças daquele tempo, quando da visita a Baszka, provocaram um leve sorriso naquele semblante quase adormecido. Ela ouvia com atenção. Foi, então que, em voz baixa acrescentou: “E nós namorávamos muito!”

Dias depois, Baszka ficou encantada, expressão tão usada por Guimarães Rosa.

Nesta altura, cabe registrar a sábia tradição judaica: “A santidade do ser humano não termina com a morte.” Eis a razão por que estamos aqui para exaltar a grandiosidade da querida Baszka.

Baszka era uma pessoa de imensa grandeza espiritual, sem preconceitos, franca ao extremo, sincera nas diferentes ocasiões, amiga que se preocupava com a felicidade dos outros, quer advertindo, quer encorajando, mas sempre pronta a ajudar. Na sua modéstia, estava a prova de sua grandeza. Deixou-nos um grande vazio, que procuraremos compensar com a lembrança da sua amizade, sua personalidade forte, corajosa, tolerante, capaz de enfrentar toda a sorte de sofrimento com coragem sem se desesperar, fiel a seus princípios religiosos.

Baszka permanecerá viva em nossa memória, pois, “os justos ainda são amados vivos mesmo após sua morte”.





CADERNO 1

4 CADERNO 1: ESPECULAR A PAISAGEM DO PANTANAL COM GUIMARÃES ROSA

O Caderno 1 é primeiro da etapa de especulações conceituais que compõem a tese. Aqui, retornamos ao trajeto da Expedição ao Pantanal, seguindo os textos do Rosa que derivaram da viagem – “Ao Pantanal”, “Entremeio: com o vaqueiro Mariano”, “Uns índios (sua fala)” e “Sanga Puytã”, com enfoque nas concepções de paisagem, lembranças e narrativas carregadas de visualidade.

4.1 Ao Pantanal

Com palavras carregadas de efeitos sensoriais, percorremos a narrativa de Guimarães Rosa sobre o deslocamento do grupo de viajantes da Expedição ao Pantanal rumo à Fazenda Firme, na Nhecolândia. O relato de Rosa, que descreve o trajeto cronologicamente, é marcado por um amplo espectro de manchas de cores, formas e sons. Há uma atmosfera que penetra, desmancha contornos e torna porosas todas as superfícies, reunindo distintas formas de vida presentes em um mesmo ambiente. Os elementos constituintes de paisagem aparecem não representados como objetos inertes, mas como formas em constante vir a ser, integrando um ambiente que, junto com eles, se conforma – “a nuvem não é realmente um objeto, mas uma intumescência de vapores que se incha à medida em que é carregada por correntes de ar. Observar as nuvens, eu diria, não é ver a mobília no céu, mas vislumbrar o céu-em-formação, nunca o mesmo entre um momento e outro” (INGOLD, 2012; 2007a, p. S28).

Rosa “captura”, registra e transforma momentos fugidios em espécie de pinturas perenes, aproximando efeitos óticos provocados pelas superfícies das coisas em palavras encharcadas de sensações. É feito um registro das coisas como elas existem, em seu ambiente: “o caderno fica impregnado de sangue de boi, suor de cavalo, folha machucada. Cada pássaro que voa, cada espécie, tem voo diferente. Quero descobrir o que caracteriza o voo de cada pássaro, em cada momento. Não há nada igual neste mundo” (ROSA, 1963).

O escritor faz uma espécie de relato de campo que se assemelha à prática de pintura realizada fora de estúdios, deixando de lado a composição de natureza

morta ou modelos para pintar a natureza como se vê, banhada pela luz natural. É preciso estar em campo para “capturar um momento” (ROSA, 1967), sair de seu gabinete para capturar um instante ao vivo. Os registros de Rosa, assim, se distanciam da arte de representar, suas palavras são esgarçadas para absorver e narrar o que de imediato salta aos seus sentidos. Não reproduzem ou representam um acontecimento, as palavras operam na plasticidade da linguagem para tornar presente um instante do passado, que nasce a cada leitura.

Rosa opera no limiar entre literatura e artes visuais, criando formas que tornam visíveis um instante vivido: “a arte não reproduz o visível; ela torna visível” (KLEE *apud* DD, 2012). Não se trata de “replicar as formas acabadas e já estabelecidas, seja enquanto imagem na mente ou objetos no mundo. Ela busca se unir às forças que trazem à tona a forma”, (INGLOD, 2012, p. 26) para “trazer as coisas de volta à vida”. “Forma é morte, dar forma é vida” (INGLOD, 2012, p. 26).

A aproximação entre a obra de Rosa e a prática de pintores, modernos em específico, como os impressionistas, é também discutida por Sibele Paulino e Paulo Soethe, porém por outro viés. A autora e o autor identificam que, na obra *O burrinho de redrês*, na passagem em que a personagem do Major Saulo avista o boi azulego, acontece uma operação de apreensão da cor semelhante à que ocorre na mistura ótica pontilista:

A cor do boi, o azulego, é dada por alguém que de longe a vê. As manchas pretas e brancas, pela sua não exatidão, denotam apenas uma aproximação do azul e, fadadas à distância e à luminosidade (descrita por meio da variação das duas cores), acabam por se indefinir no olhar da personagem: azul asa de-gralha, água longe, lagoa funda, céu destapado. E como a literatura não é visual na essência, o leitor pode, com sua própria vivência, multiplicar ainda mais as possibilidades deste “azulego”. (PAULINO; SOETH 2005, pg. 51).

Integrados na discussão sobre paisagem e proximidade do escritor com estudos de obras de artes visuais, Paulino e Soeth dão enfoque ao processo intelectual da concepção das imagens:

poderíamos dizer que Rosa se aproxima de Seurat na sua prática rigorosa de tratamento da cor e luminosidade, bem como no que concerne ao ato da percepção nas figuras literárias que cria: “[Seurat] contesta e racionaliza as experiências instantâneas e subjetivas dos impressionistas” (CARRASSAT, 1997, p. 75: “*conteste et rationalise les expériences instantanées et subjectives des impressionistes*”). Para o pintor e o escritor estava em questão o emprego consciente da técnica pictorial e não meras impressões vagas e subjetivas. (PAULINO; SOETH, 2005, p.51)

Em Rosa, tanto quanto nos pintores impressionistas, como, por exemplo, George Seurat (1859-1891), a atmosfera é composta por vibrações de cores, valores, tons, e formas variadas, em palavras e pigmentos, que compõem pontos de cor que transbordam de um para o outro, criando figuras com limites desmanchados. De tal forma, os elementos de uma paisagem não figuram independentes e destacados uns dos outros, mas “vazam” (INGOLD, 2012) de seus contornos e se integram, interligados por matéria, luz e atmosfera.

Soeth e Paulino apresentam anotações feitas por Rosa que destacam ponderações expressas por ele em relação à prática dos pintores impressionistas, a partir do conceito de “valor” e “recepção das sensações pelo sujeito”:

No Caderno 16 (microfilme 68, série Estudos para obra) temos a seguinte designação para o termo “valores”: “saber de onde vem a luz e distribuí-la em seguida sobre os objetos, escolhendo duas dominantes – uma clara, a outra escura”. Logo abaixo segue uma observação pessoal do escritor: “beleza gradualmente imperativa”; e ainda outra: “nada de impressionismo (*‘Les impressionistes ont peu tenu compte des valeurs’*)” [os impressionistas pouco se ativeram aos valores]; e “mais valores, negligenciar as cores (...) Com estas observações poderíamos dizer que Rosa se aproxima de Seurat na sua prática rigorosa de tratamento da cor e luminosidade (...) Não se trata aqui de argumentar em favor de uma filiação de Rosa ao neoimpressionismo ou a qualquer outro movimento artístico. A recepção das sensações pelo sujeito — disso sim ele parecia estar convencido — não deve se dar de maneira pacífica, e uma obra, tanto pictórica quanto literária, deve se ater ao trabalho minucioso na representação dessas sensações. (PAULINO, SOETH, 2005, p.51-P.52)

A aproximação de Rosa com os impressionistas, além de outros pintores, em relevância na discussão sobre a relação da plasticidade da linguagem verbal/visual para produção de “ambiência” (GUMBRECHT, 2014; SEEL, 2005) e paisagens. Contribui, também, para sugerir pressupostos e especulações sobre o repertório cultural e o imaginário pictórico do escritor.

Para além de seu olhar preciso sobre o ambiente e sobre as figuras que o circundam, caracterizado por uma linguagem resultante de sua vivência em viagens de documentação e reconhecimento geográfico, da pesquisa de gabinete de nomes científicos, transmitido pelo trânsito entre uma espécie de antropologia estética e geografia poética, o repertório visual de Rosa pode ser aproximado, também, de uma cultura pictórica com ascendência nas expressões artísticas europeias. Referências como, “refundo, o *capim-vermelho*, rufo, ticiano” (ROSA, 2009, p. 237) remete ao vermelho ticiano, nomeado após o pintor Ticiano (Tiziano Vecellio), patente pelo uso de vermelhos intensos e vibrantes.

Outras referências à arte europeia podem ser verificadas nas anotações e esboços presentes nos “Estudos para obra”, cadernos e cartões postais, frutos de visitas aos museus na Europa, com enfoque nas pinturas dos “grandes mestres” europeus, como os pintores holandeses, Ticiano, Caravaggio, Peter Paul Rubens e Claude Monet⁴⁶, por exemplo. Também podemos apontar para a sua proximidade com a vida cultural na Alemanha e Paris, na primeira metade do século XX, além de sua notória relação pessoal com artistas que viviam na Europa, como Cícero Dias.⁴⁷

O conhecimento científico, a sensibilidade estética, poética e artística integrados contribuem para a capacidade do escritor capturar a multiplicidade “apareceres” (SEEL, 2005) da paisagem. Marcas de cores e de sons são salpicadas ao longo das narrativas de Rosa. Paisagens são, assim, compostas, recriadas e inventadas por métodos (narrativos e pictóricos) que criam efeitos de presença e ambiência (GUMBRECHT, 2010; NANCY, 1993, SEEL, 2005) e colocam quem lê e vê em atividade afetiva e sensorial – agentes fundamentais para que as formas atinentes nas composições narrativas ganhem corpo e vibração. Uma paisagem surge, a cada leitura, a cada vista de pintura; surgem, também, imaginários possíveis sobre um instante passado.

1.2 No Pantanal, com o vaqueiro Mariano

O encontro com o vaqueiro Mariano é, entre os textos que derivaram da Expedição ao Pantanal, o que teve maior número de desdobramentos na fortuna crítica de Rosa. A conversa entre os dois, que ocorreu na Fazenda Firme, na Nhecolândia, Pantanal, é marcada pelas lembranças e pela vivência de Mariano. Rosa as acompanha, como quem busca reviver junto, ter a experiência do vaqueiro.

Tinha-o ante mim, sob vulto de requieto e quase clássico boiadeiro – *bukólos* ou *bubulcus* – o mais adulto e comandante dos pastores; porém, por vez, se individuou: trivial na destreza e no tino, convivente honesto com o perigo, homem entre o boi xucro e permanentes verdes: um 'peão', o vaqueiro sem vara do Pantanal. (ROSA, 2013, p. 120)

⁴⁶ Uma pesquisa preliminar sobre a relação dos estudos de Rosa com as artes visuais foi realizada pela pesquisadora Lívia Baião, a partir do arquivo mantido no IEB, caixa 8.

⁴⁷ Mais sobre o encontro de Cícero Dias com Guimarães Rosa em *Eu vi o mundo...*, Editora Cosac Naify, 2011; *Cícero Dias: o compadre de Picasso*, documentário de Vladimir Carvalho, 2016.

A fala de Mariano evoca a força do gado e da terra pantaneira, com “palavras intensas, diferentes” que “abrem espaços e vastidão onde o real furta à fabula” (ROSA, 2013, p. 118). Os dois, Rosa e Mariano, compactuam no plainar entre factos vividos e rememorações, para a incorporação e formação de uma memória do Pantanal:

(...) Os rebanhos transitam, passam, infindáveis, por entre nossas duas sombras, de Mariano e minha, na parede — mudamente amigas, grandes — com a verdade intensa das coisas supostas, ao oco som da buzina e ao ressom de um abôio. (ROSA, 2013, p. 117-118)

Enquanto narra seus “causos”, sentado numa mesa, “enrolado no poncho, com as mãos plantadas definitivamente na toalha”, propagando “um sentido de segurança, uma espécie tranquila de força” (ROSA, 2013, p.115), as lembranças de Mariano extravasam em palavras e compõem uma paisagem atravessada por bichos, terra, capim, brejo, rio, sol, queimadas, cheias e secas. As “estórias não se desprendem apenas do narrador, sim o performam” (ROSA, 2013, p. 118), p. 127). Assim, Mariano transmite um repertório que, distante da representação, “incorpora” (TAYLOR, 2013) o Pantanal, no sentido de trazer o ambiente para o corpo, encena a memória vivida de uma paisagem que o atravessou.

A predominância da voz do vaqueiro, entrelaçada com rubricas e reflexões de Rosa, compõem a cena na qual lembranças e paisagens são apresentadas, “ganham presença” (GUMBRECHT, 2010), tanto para Rosa, na sua escuta e escrita, quanto para o leitor. O texto acontece “como atos de transferência vitais, transmitindo o conhecimento, a memória e um sentido de identidade social” (TAYLOR, 2013, p. 27):

Discorreu muito. Quando estacava, para tomar fôlego ou recordação, fechava os olhos. Prazia ver esse modo, em que eu o imaginava tornando a sentir-se cavaleiro sozinho, reposto no livre da pradaria e suflado de seu rude bafo pastoril. Ponderava, para me responder, truz e cruz, no coloquial, misto de guasca e de mineiro. (ROSA, 2013, p. 117)

As recordações de Mariano compõem um panorama fragmentado, onde a imensidão da terra pantaneira é segmentada em espécie de campos de batalha e a paisagem surge da sobrevivência e da resistência do corpo em lutas travadas com piranhas, “poeirão vermelho” e fogo; entre bicho e natureza:

Dos rebanhos insulados, apertados, muito a muito, nos *firμες* do Pantanal, pelas inundações maiores, os bois se aglomerando, pânicos, centenas sobre centenas, subindo-se, matando e esmagando para deixar restar, na seca, um monte de esqueletos. (ROSA, 2013, p.119)

O modo de Mariano ver, sentir os bichos e de se situar nos espaços, abertos e fechados para seus caminhos, transformado em narrativa por Rosa, expõe uma cultura particular do Pantanal. Em sua fala, aparecem boi e touro que têm sentimentos, cavalo que tem esperteza para fugir de piranha, gente que recebe milagre:

Só mesmo voltando de direto, e pedindo à Virgem o obséquio de um milagre (...) enfim, Deus desceu do Céu e me sentou na sela: o fogo tinha dormido, p'ra trás, por causa de um bento chão de brejos, e entramos em outro largo sossegado, a queimada lavorando por longe. O ar choveu fresco. Tirei meu chapéu. Foi um descanso. Não, que nós, os bois todos, até a gente tinha nascido... (ROSA, 2013, p. 123; p.125)

O ambiente e os corpos de bicho e de gente se ajuntam como uma só força. Redimensionados a cada instante um diante do outro – ora como imensos e ameaçadores, ora diminutos e indefesos, ora equalizados cada qual com sua força, sem conflitos – juntos participam de um mesmo ambiente em cooperação pela sobrevivência:

E no instante limite, diante da morte, encurralados pelo bafo quente mortal da queimada, feliz foi o *guia*, mais o *prático* e os *cabeceiras*, acertaram em virar a boiada, p'ra o outro rumo, e mudar a marcha dela, com ligeza p'ra despontar o fogo (...) até os bois ajudavam, num modo de estarem entendendo (ROSA, 2013, p.122).

Todos os elementos que aparecem na fala de Mariano estão imbricados em um horizonte móvel – de fogo, água e “imensidão”.

O fogo assume nas lembranças de Mariano uma espécie de antropomorfia que desmonta o espaço, surge como um “paredão desumano, vermelho e amarelo, e enfumaçado, que corra também, querendo vir mais do que a gente: como que nem com uma porção de pernas, esticando uma porção de braços” (ROSA, 2013, p.122). É possível traçar uma paisagem sem lugar, território e fronteiras rígidas, que ganha forma no encontro entre corpos – gado, gente, bichos, água, terra e fogo se juntam como um amalgama que compõem corpos e ambientes em constante embate, em formação, modelando, remodelando e moldados uns pelos os outros.

O elemento fogo, presente pelas queimadas que puseram Mariano face a face com a morte durante comitiva de gado, está no núcleo da primeira parte da entrevista e reforça a imagem de que não é possível delinear um horizonte estável, mas, sim, figuras em forma de “fogo aflito, dobrado, emendado, cravando o caminho todo, sem

perdoar nenhum buraquinho *solito*” (ROSA, 2013, p.123); um horizonte que avança sobre os corpos em estado de chama e transforma tudo em cinza. Uma paisagem móvel, onde nem o maior conhecedor de suas campinas, “vendo o fogo pular corda”, está a salvo do avanço e recuo de seus horizontes – ora em forma de abismo, ora em forma de rio “piranhento”, ora em forma de labaredas que lambem tudo.

4.3 Amanhecer na Fazenda Firme

O torpor das cores e luzes, que segue a escuridão da “anteaurora”, conduz a experiência relatada por Rosa sobre sua vivência de uma manhã típica na Fazenda Firme. A rotina de ordenha e pasto, o encontro dos vaqueiros com bezerros, cabritos e vacas aparecem por registros visuais e sonoros, pontuados com destaques de instantes em que o ambiente (como um todo: fauna, flora, acidentes geográficos e astros celestes) sobressaltam como uma explosão de sons e formas. Como figuras que não percebemos como um todo, vaporosas, pois estão diluídas na neblina do amanhecer.

A penumbra que engloba tudo, provoca um estado de paisagem particular. Mugidos e choros de bezerros, sobrepostos à vociferação das aves, compõem o ambiente sonoro no qual o escritor ancora para se situar; num espaço que desmorona e se reconstitui por sucessivas mudanças de luz, no raiar do dia. A visão, assim, é posta em xeque, ora pela ausência de luz, ora pela vibração ofuscante do brilho. Figuras fugidias surgem, desaparecem e ludibriam a visão, atizando um manancial imaginativo de bichos soltos:

E no infinito se acendera, súbitos, uns pontos globosos, roxo-amarelos, furta-luz, fogo inchando do fundo, subindo bolhas soltas, espantosos. Parei, pensando na onça-parda, no puma cor de veado, na suassurana concolor, que nunca mia. Mas os olhos de fósforo, dois a dois, cresciam em número. E distingui: os bezerros. (ROSA, 2013, p. 129)

Com lampejos de luminosidade, intensificando a saturação das superfícies, papagaio esverdeia árvore e a árvore emite os sons de todos os bichos:

Me espanto; escuto: são os papagaios, quem está respondendo. O casal vige na árvore, verdejando-a, e gritam vozes de bois e de gente. Sabem já repetir tudo dos bichos agrestes e aves, e agora vêm ouvir mais, no seu posto, que domina os currais. (...) Raia o dia em toda a luz, gastou-se a delgada lua. Os papagaios partiram em paz, deixando na árvore um silêncio ainda quente. (ROSA, 2013, p. 136; p. 138)

Rosa exalta os detalhes de um instante, detalhando minuciosamente seus aspectos, fazendo aparecer figuras esgarçadas pela vaga intensidade de seus brilhos e cores. Intercalada a essas imagens, soma-se uma espécie de cacofonia de sons estridentes (choros de bezerros, mugidos de vacas, ruídos), emitidos por corpos ainda velados no lusco-fusco do amanhecer, na escuridão que se esvai a cada relato.

Os instantes pontuados por Rosa mesclam uma paisagem de fauna, flora, nuvens, terra, céu e cantoria de bichos que aparecem pintando o horizonte: “tudo era sem altos, dada às cheias, e o redondo do capinzal, que os rebanhos povoam. Mugiam à nossa porta, ladeavam nosso caminho, pintavam o nosso horizonte” (ROSA, 2013, p.139). Não se difere relevo topográfico de corpo de bicho. Não há independência entre os elementos que compõem a paisagem narrada: “Se o guiné-do-brejo pastado dá gosto ao leite e à carne, a polpa do uacuri rende a ambos o bom perfume e sabro” (ROSA, 2013, p.132). Tudo transborda de um para o outro em cores, sons, odores e sabores com pungência: “Se abre, céu de assalto, uma gritaria, e cortam, céleres, zinco, as araras azuis. E logo vem outra vociferação: na tarumã seca, que há pegada no curral, se assentam dois papagaios” (ROSA, 2013, p. 135). As figuras aparecem como que pertencentes a uma mesma espécie, unidas na exuberância de cores e formas, equânimes em valor diante da expressão estética, sensorial e afetiva.

Um espaço desordenado é composto, por onde não é possível mapear coordenadas, se orientar e delimitar um pedaço de terra: “desisti de saber de rumo ou orientação” (ROSA, 2013, p. 140). Rosa admite acessar uma espécie de espaço semelhante ao que descreveu pelos olhos das vacas: “Seus olhos não apreendem o significado das nuvens; neles se retrai obscuro o poder de eternidade”. Permite, assim, vislumbrar uma paisagem que escapa ao significado das coisas, mas que se sedimenta em camadas de cheiros, imagens e sons:

Fomos por este, norte e oeste, no meio do verde. O céu caía de cor, e fugiam as nuvens, com o vento frio. Voavam, também, ou pousavam, que ali e lá e ali, multidões de aves — sós, em bando, aos pares — tantas e todas: mais floria, movente, o puro algodão das garças; anhumas abriam-se no ar, como perús pomposos; quero-queros gritavam, rasantes, ou se elevavam parabólicos, as manchas das asas lembrando o gobelim das falenas. (...) Contornamos um carandazal e uma *cordilheira* de cambarás e piúvas, depois uma *baiazinha* azul de tinta, à esquerda. Para trás, não se avistava mais a casa do Firme. Desisti de saber de rumo ou orientação. Cheirava a goma, a cal, a uma melissa vaga. Os animais pisavam fofo, no capim tio-pedro. (ROSA, 2013, p. 140)

A estesia paisagística de Rosa compõe um imaginário sensorial repleto de detalhes, como nomes científicos das aves, nomes próprios das vacas e descrições metafóricas de cores: “Quase todo o céu passou esverdeado, e sobe. Depois de um arco de nuvens, no fim do oriente, um pouco de azul pegava pele. Naquelas nuvens, começava o rosa. E dourava-se o azul. Sobre o ninho de cores, Vésper era a D'alva” (ROSA, 2013, p. 131). Esboça-se uma linha tênue entre a descrição pontiaguda do ambiente e a criação de um imaginário de paisagem, onde afetos e matéria são condensados, como amalgama, aquecidos “ao sol da imaginação” (ROSA, 1947).

Nas passagens e movimentos da paisagem, de um instante de luz a outro, o horizonte aparece como “céu beira-terra”, abrangendo os polos cardeais: “Olha o oriente, onde há fogo e ouro, e um lago cor-de-rosa, em boa parte do céu beira-terra, para sueste”. A cada mudança, Rosa pontua a presença dos bichos por suas reações, implicando cada ação como elemento fundamental para a composição da paisagem pantaneira, em suas múltiplas dimensões e aparições, como um híbrido, quimeras que figuram com um só corpo com partes de boi, ave, gente, céu, árvore, terra.

(...) coisa tem o caráter não de uma entidade fechada para o exterior, que se situa no e contra o mundo, mas de um nó cujos fios constituintes, longe de estarem nele contidos, deixam rastros e são capturados por outros fios noutros nós. Numa palavra, as coisas *vazam*, sempre transbordando das superfícies que se formam temporariamente em torno delas. (INGOLD, 2012, p. 29)

Na esfera linguística, o crítico Oswaldino Marques (1957) nomeia esse hibridismo de “superposições semânticas”, identificada por Carlos Augusto Fogagnoli como “justaposições vocabulares (...)”, as quais, segundo o crítico, possibilitam ao autor mineiro construir seres, como quimeras, como *corvoabutre*” (FOGAGNOLI, 2012, p. 21). Além de construir bichos híbridos, essa “superposição” de nomes também pode sintetizar ideias (FOGAGNOLI, 2012, p. 22).

A narrativa de Rosa carrega a alma de instantes capazes de perdurarem em forma de palavra e imagens. A presença cortante dos elementos, a inundação de cores e som aparecem como figuras dispostas sobre um plano comum, destacadas por suas formas vibrantes delineadas, porém, interpenetradas umas nas outras.

4.4 Palavras e cores encharcadas de paisagem

Entre as três partes do “Entremeio: com o vaqueiro Mariano”, a terceira é a mais impregnada de “apelo visualizante do texto” (FOGAGNOLI, 2013); repleta de

indicações de fauna, flora, acidentes geográficos e impressões sensoriais do escritor. Passagens que remetem ao ambiente são compostas por destacadas indicações de cor: “sobre nós o céu estava azul inteiro” (ROSA, 2013, p. 153), “branca na borda” (ROSA, 2013, p. 147), “bizarro verde grapento” (ROSA, 2013, p. 147), “um boi vermelho, da boca preta” (ROSA, 2013, p. 147), “o pior branco da piririta” (ROSA, 2013, p.152), “— *txíu, txíu* — cantava o canção, preto e branco, de costas azuis. O João-cabral, pequeno, cinzento (...)” (ROSA, 2013, p. 152), “por muitas partes aguavam lagoas: umas polidas, muito azúis – as baías – outras, as *salinas*, crespas, esverdeadas ou cinzentas” (ROSA, 2013, p. 147).

As figuras humanas se desmancham na paisagem, seus aspectos visuais se integram em imagens latentes de visualidade: “o homem de puitã caminhava pelo capinzal: vestia uma dalmática, ou era um coágulo de fogo (...) A roupa de Mariano era traje de luto, coisa de guerra. O vento rasgava por todo o campo a sua grande seda” (ROSA, 2013, p.153; p154). Todos os apontamentos são destacados pelo seu colorido.

A paleta de Rosa é montada por um amplo arco de cores sugerido por um vocabulário amplo, composto tanto por nomes próprios das cores, quanto por um leque de termos e imagens criados pelo escritor, como espécies de “traduções instantâneas”⁴⁸, capazes de expor a variedade de tonalidades avistada nas paisagens alagadas do “País do Boi”:

E cores: bluo, belazul, amarelim, carne-carne, roxonho, sobre-rubro, rei-verde, penetrados violáceos, rosa-roxo, um riso de róseo, seco branco, o alvor clruel do polvilho, aceso alaranjado, enverdes, ávidos pervedes, o amarelo mais agudo, felflavo, felflóreo, felflo, o esplâncnico azul das uvas, manchas quentes de vísceras. Cores granam, que geram coisas — goma, germes, palavras, tacto, títlo de plálpebras, permovimentos. (ROSA, 2013, p.237).

Lemos indicações minuciosas de formas que fogem a um delineado clássico, não há contornos rígidos, gráficos, de figura, mas sim figuras que surgem como massas de cor e movimento, as linhas são “quase”: “garças apontam, quase reptilíneas” (ROSA, 2013, p.236). Sem delimitações rigorosas, não há a composição clássica de figura e fundo: “Todos os não simples pássaros, cores soltas, se

⁴⁸ O termo é usado para descrever o processo de nomeação pela língua terena. O termo é usado por Eleiel Terena, geógrafo e professor da língua, e Aronaldo Julio Terena, linguista, para se referirem à prática de dar nome pelo que é percebido e possível de ser descrito pela sua materialidade, por exemplo: um celular como “metal, ferro”; o trem tem nome do som que emite. Ver entrevista no anexo, Eliel Terena e Aronaldo Terrena, 2022.

desmancham de um desenho” (ROSA, 2013, p.236); há formas que figuram pela expansão e fusão de seus contornos, formando paisagens que explodem em enunciados impregnados de “terra” (CANDIDO, 1994), de “sangue de boi, suor de cavalo” (ROSA, 1963); não há palavras ou formas – “não quero palavras, mas coisas, movimento, voo” (ROSA, 1963).

4.5 Limão Verde

“Toda língua são rastros de velho mistério” (ROSA, 2009, p.132). Palavras guardam mundos insipientes e quase extintos, latentes pelos vestígios arquivados na língua, que se solidificam por “depósitos minerais deixados por uma língua em uma outra” (HELLER-ROAZEN, 2010, p.69). Heller-Roazen, em seus estudos sobre a persistência e o desaparecimento de línguas, afirma que “o vocabulário de uma língua específica é testemunho dos múltiplos estratos históricos que a compõem” (2010, p. 70).

Compreendidas enquanto “estratos históricos”, as palavras, fonemas, sintaxes guardam o potencial de testemunhar as dinâmicas de poder, violência e dominação às quais foram sujeitas, expondo processos de desaparecimento, apagamento e resistência. Como apontado pelo linguista ao citar Ralph Waldo Emerson: “línguas são os arquivos da história” (HELLER-ROAZEN, 2010, p.67). Falas, cantos, poemas e rituais funcionam como “portas acústicas”, caso os fantasmas de uma língua desejem “se apresentar” (HELLER-ROAZEN, 2010, p.26).

Rosa perseguiu a tradução do sufixo, o i'ti que aparece nos nomes das cores; como se estivesse guardado no i'ti algum “mistério”, algum sentido poético ou testemunho de mundo passado. “Eu fazia perguntas a um — como é isso, em língua terena?” (ROSA, 2009, p.131). Rosa perguntou a um grupo a tradução de alguns termos, que foram anotados em seu “pequeno vocabulário, por lembrança (...)”. As cores eram:

vermelho — a-ra-ra-i'ti

verde — ho-no-no-i'ti

amarelo — he-ya-i'ti

branco — ho-po-i'ti

preto — ha-ha-i'ti

O escritor logo deduz: “i’ti devia significar ‘cor’ – um substantivo que se sufixara”, contudo, ao averiguar, concluiu que “i’ti queria dizer apenas ‘sangue’. Ainda mais vero e belo” (ROSA, 2009, p.132):

logo fui imaginando, vermelho seria “sangue de arara”; verde, “sangue de folha”, por exemplo; azul, “sangue do céu”; amarelo, “sangue do sol”; etc. Daí, meu afã para saber exato o sentido de hó-no-nó, hó-pô, h-há e hê-yá. (...) significava mais coisa nenhuma, fugidia pelos fundos da lógica. Zero nada, zero. (ROSA, 2013, p.132)

O linguista Aronaldo Julio Terena (2022) afirma que i’ti é um sufixo muito presente na língua terena, dependendo da entonação, traduz-se como “você” ou “sangue” (ARONALDO J. TERENA; ELIEL TERENA, 2022). Através de seus estudos, pôde afirmar que uma das funções do 'ti é a forma infinitiva de um verbo. A língua terena, como reportado pelos dois falantes aqui citados, mantém-se viva pela tradição oral, havendo poucos registros disponíveis de seu vocabulário e gramática. Quando se necessita discutir algum significado ou nomear algo, recorrem aos mais velhos que, por meio da tradução espontânea, são responsáveis por dar nome e ampliar o sentido das palavras.

Ao ler sobre a suposição de Rosa – “logo fui imaginando, vermelho seria sangue de arara”; verde, ‘sangue de folha’ (...)” –, comenta Eliel Terena (2022), discutiu sobre esse pressuposto com seus pais, com quem se comunica na língua materna. Concluíram que o escritor não estava distante do que entendiam como o substrato, o sangue, que corre nas coisas e confere seus tons visuais, seu colorido.

Assim como gestos persistem como vestígios na passagem do tempo, sons deixam rastros no espaço, nos gestos e no corpo, reclamando, em diferentes situações, por sua reaparição, por sua presença “entrava-me e saía-me pelos ouvidos aquela individuada extensão de som, fio crespo, em articulação sobrada. Respeitei-a, pronto respeitei seus falantes, como se representassem alguma cultura velhíssima” (ROSA, 2009, p.130), cultura antiga que guardava “velhos mistérios”.

4.6 Sanga Puytã

Sanga Puytã é um município de Ponta Porã, no estado de Mato Grosso, que apareceu na expedição quando o grupo cruzou a fronteira do Brasil com o Paraguai. Os registros de Rosa (2009, p.47) marcam uma paisagem em “zona de osmose” devido ao trânsito entre os dois países: “onde nos falará uma língua bizarra, com

vogais tecladas”. Nessa zona aparece uma paisagem porosa, onde há uma cultura específica resultante da trama entre as culturas paraguaia e brasileira: “das terras de tangência amorosa, em que os sangues diversos se influem; desse fronteiro, misto, que, cá e lá, valha chamarmos brasilguaaios, num aceno de poesias”, lugar onde “o Paraguai, individualizado, talvez já pronto, é extravasante; o Brasil, absorvente, digeridor, vai assimilando todos os elementos, para os plasmar definitivamente” (ROSA, 2009, p.48).

A paisagem de Sanga Puytã e dos caminhos percorridos por Rosa até a chegada ao município são registrados com o que pode ser identificado como uma escrita de um viajante, caracterizadas por um espaço esboçado a partir de anotações de uma vista que se detém no que lhe aparece como excêntrico e no que é particular do lugar visitado, como a vegetação, costumes regionais e construções tradicionais, ou seja, a tudo o que se destaca do que lhe é familiar e tudo o que é especificamente regional.

A assimilação de acontecimentos com impressões estéticas é também outra forma de registro do escritor: “O ‘jardim’. Semelha singela bandeira nacional, horizontalmente estendida: a terra como símbolo da bandeira”, além de formas mais carregadas de metáforas: “... contra horizontes e céus, como fúcsias enormes, amadurecendo um vaqueiro num cardeal, pingando de sangue o planalto, nas léguas instantâneas da paisagem, ou ascendendo no verde do Pantanal tochas vagantes” (ROSA, 2009, p. 46-47). Somam-se a essas impressões informações específicas, como: nomes de rua; quilometragem das estradas; nomes de cidades e de fazendas, como: “subimos vinte passos, e entra-se por larga rua relvada – a Calle Marsical Estigarribia” ou “Km 296” (ROSA, 2009, p. 46-47). Tais informações específicas funcionam como pontos cardinais que aterrisam um espaço que, quando aparece tão-somente através do olhar encantado do viajante, se configura como uma paisagem impressionista, com lampejos e fulgurações oculares.

As marcações com informações objetivas, espécies de pontuações e demarcações traçadas pelo gesto científico, aparecem em meio a outra natureza de gesto para a configuração do espaço – o gesto mais próximo da natureza poética. Rosa compõe um jogo dialético entre formas contemplativas (poética) e o conhecimento científico, para apreender e narrar o conhecimento adquirido em estudo de campo sobre a terra:

desarmado da luz reveladora dos conhecimentos geográficos, e providos tão só da sua capacidade receptiva para a beleza, o artista vê a natureza aprisionada no campo punctiforme do presente. Falta-lhe saber a grande vida, envolvente, do conjunto. (ROSA, 1945, p. 96)

O conhecimento científico tem, para o escritor, o sentido de alargar a visão e a compreensão do cosmos da terra – percepção que é limitada quando restrita aos “caminhos da poesia”, pois deixa escapar a “majestosa magia dos movimentos milenares” apreendido pela geografia (ROSA, 1945, p. 96).

Certo, eu já pensava conhecer, desde a infância, os feéricos encantos da Gruta e as suas deslumbrantes redondezas: môrros, bacias, lagoas, sumidouros, monstruosos paredões de calcáreo, com o raizame laocôntico das gameleiras priscas, e o róseo florir das cactáceas agarrantes. Mas, era que, desta vez, eu trazia comigo um instrumento precioso – bússola, guia, roteiro, óculo de ampliação [...] deu-se a valorização da estesia paisagística, graças às lições da ciência e da erudição. Prestígio da Geografia! (ROSA, 1945, p. 97).

Em “Sanga Puytã”, o tempo aparece como marcações de deslocamento da viagem: anotações de placas nas estradas, mudança de vegetação, como sinalizado por Rosa (2009, p. 47-52): “passamos e admiramos, perlongando-a. E, quando a mata dessa, destravada, tombamos num campo cheio de surpresa”. Outro registro de tempo marca o horário de relógio – “14h, 30” – e mudança de clima ou ambiente: “crescem cores no céu”. O ritmo de um tempo não linear, marcado por deslocamentos, é constantemente interrompido pelo surgimento de pássaros e outros bichos da terra: “Paramos, por causa de um tamanduá-bandeira, pardo, à borda da estrada”.

O viajante que narra, como aparece no texto de Rosa, descreve o espaço onde seu corpo está mergulhado: um ambiente tangente ao que está ao alcance de seu olhar. A experiência presenciada é transcrita, sem se deter em elucubrações ou divagações do pensamento, traz a imagem de uma paisagem imediata do que viu e viveu. O corpo desse viajante é atravessado pelo movimento e desvios constantes – cores e formas que surgem no espaço, gente e animais que se sobressaem no horizonte, desviam a atenção de um olhar que se detém a tudo que lhe é estrangeiro, exótico. Nota-se, por vezes, familiaridades: “o mesmo berro das vacas. Um sino toca, no colégio dos padres norte-americanos. Tranquilidade, remansidão” (ROSA, 2009, p.51). Esboça-se, assim, uma paisagem composta por corpos que absorvem o espaço; que se delimita em linhas desviantes e porosas; que conjuga espaços em diferentes perspectivas – as perspectivas dos que falam de lá, os locais e os que a

veem por instantes, os viajantes; e formada pelo que surge de repente – como “Sanga Puytã”.

ESPECULAÇÕES

- NOTAS SOBRE O PROCESSO DE PESQUISA ESPECULATIVA:
 - MÉTODOS, FORMATO E CONCEITOS

(CADERNO 2.)

5 CADERNO 2 – NOTAS SOBRE O PROCESSO DE PESQUISA ESPECULATIVA: MÉTODOS, FORMATOS E CONCEITOS

5.1 Escopo e levantamento

O trabalho com o universo que envolve arquivos, memória e arte⁴⁹ implica reflexões sobre conceitos de tempo – como rastros e (im)permanência – e sobre a permeabilidade entre dados “moles” (lembranças e imaginação) e dados “duros” (documentos). O conjunto de informações sobre a Expedição ao Pantanal e as reflexões sobre métodos artísticos e científicos delimitam um campo para a investigação de uma linguagem própria para compor a narrativa de um acontecimento com potencial histórico e artístico. Diante do material do qual disponho (elementos de um arquivo pessoal acrescido de cópias de outros arquivos, públicos e privados) e do tema (uma viagem ao Pantanal), encontro sugestões para uma produção artístico-crítica e me leparo com a possibilidade de vislumbrar uma paisagem do passado, de mapear um acontecimento e de compor uma miscelânea temática e montagem, como opção formal.

O objetivo geral no desenvolvimento da pesquisa que apresento aqui é especular com linguagens verbo-visuais e vislumbrar paisagens que decorrem da expedição ao Pantanal de 1947, a partir de documentos e lembranças, para compor uma espécie particular de narrativa sobre a viagem. Os conceitos norteadores no processo de especulação e desenvolvimento da linguagem são calcados em ideias sobre estruturas temporais, imaginação e na busca por delinear formas de conjugar, sobrepor e confrontar informação e imaginação em temporalidades diversas. Os objetivos específicos desta pesquisa consistem em levantar documentos ainda dispersos em arquivos, inserir a expedição no contexto sociopolítico-cultural de uma época, investigar o arquivo e a produção de Guimarães Rosa relacionada à viagem e montar uma miscelânea formal e temática.

⁴⁹ Trabalho com o universo da arte no âmbito da memória considerando registros plásticos de acontecimentos e vivências, além dos gestos artísticos e críticos que se apropriam de documentos e eventos históricos.

O processo da investigação empregado é estruturado em etapas que decorrem do objetivo de reunir a pluralidade de imagens que a expedição pode suscitar, com os encontros e desvios decorrentes de um olhar que segue seu curso como se vivenciasse o trajeto da expedição – percorrendo as matas dos arquivos e das lembranças. Depoimentos foram registrados; documentos de arquivos pessoais e públicos foram levantados e digitalizados. Concomitantemente, experimentos com materiais plásticos, montagens e imagens foram realizados como prática de investigação verbo-visual.

Atualmente, as informações disponíveis sobre a expedição encontram-se em documentos em arquivos público (Arquivo do Itamaraty, Arquivo Nacional, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e Instituto de Estudos Brasileiros); poucas publicações⁵⁰ – nenhuma que aborda exclusivamente a expedição ao Pantanal –; arquivos pessoais e um registro em vídeo das memórias de Sulamita.

Levantamentos foram realizados nos arquivos domésticos de Sol e Sulamita, no Arquivo Público do Itamaraty no Rio de Janeiro, no Arquivo Nacional, na Casa de Rui Barbosa, no Arquivo Público do Distrito Federal, no acervo do Professor Hilgard Sternberg presente no Instituto Tecnológico Vale, no acervo da Universidade do Brasil presente nos Arquivos da Faculdade Nacional de Filosofia e no acervo do escritor João Guimarães Rosa presente no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/ USP). Nota-se que os arquivos das mulheres participantes da expedição são exclusivamente guardados no ambiente doméstico e participam da esfera da memória oral. A presença da expedição em arquivos institucionais se dá pelos registros encontrados sob os nomes de Rosa e Sternberg.

Os arquivos de Sol, Sulamita, Guimarães Rosa e Sternberg guardam documentos que compõem o acervo ampliado da Expedição ao Pantanal. Através de um primeiro esforço para levantar e delinear esse acervo, pude esboçar espécies de “corpos de acervos”: um “corpo

⁵⁰ Entre as publicações encontradas, *O cogumelo das 13 mulheres*, publicação independente de Waldir da Cunha, 2012, apresenta fatos sobre as expedições que ocorreram para o Cerrado Brasileiro, em busca do sítio de Brasília. Esta publicação destaca o papel de treze mulheres: “(...) é preciso ressaltar que dentro dessa trama de caráter desbravador, destacam-se 13 mulheres consideradas corajosas à frente de seu tempo”. Waldir também aponta para a falta de material sobre as expedições: “(...) Expedição essa considerada ‘ignorada’ dentro da estruturação de nossa história.” (2012, p.9)

simbiótico” dos arquivos de Sol e Sulamita, onde não é possível especificar a genética de seus documentos – por exemplo, identificar se algumas das fotografias encontradas pertencem a uma ou a outra. Um “corpo desmembrado” no acervo de Guimarães Rosa, onde só foi possível identificar os seguintes documento indiciários: uma carta ao seu pai com detalhes sobre os locais visitados na expedição e menções indiretas sobre a expedição em suas publicações geradas a partir da viagem; nota de jornal sobre a viagem; e a ausência de um caderno (ou cadernos) apontado por Sulamita e pelo vaqueiro Mariano, personagem de um de seus textos sobre a expedição, que lembra como o escritor anotava incessantemente em “seus caderninhos”⁵¹ (COSTA, 2006).

Até o momento, foram levantados os seguintes itens:

- . 4 cartas de Sol para Leon, seu noivo – 1947 (acervo Sol);
- . 6 telegramas para Leon, seu noivo – 1947 (acervo Sol);
- . 24 fotografias (acervos Sol e Sulamita);
- . 1 caderno de campo – 1947 (acervo Sol);
- . 1 anotação de Sulamita com informações sobre a expedição (acervo Sulamita);
- . 1 carta de Guimarães Rosa para seu pai, de 25 de novembro de 1947 (Casa de Rui Barbosa⁵²);
- . 1 carta de Guimarães Rosa para Antonio Azeredo da Silveira, de 5 de agosto de 1947 (acervo pessoal de Antonio Azeredo da Silveira)⁵³;
- . 1 jornal da Nhecolândia (IEB);
- . 1 telegrama enviado pelo Instituto Rio Branco para o governador de Mato Grosso (acervo Instituto Rio Branco/ Itamaraty);
- . 1 referência à expedição na cronologia de Hilgard Sternberg (arquivo do Instituto Tecnológico Vale/ acervo Hilgard O’Reilly Sternberg);
- . 1 publicação do IBGE: *Veredas de Brasília* (Biblioteca do IBGE⁵⁴ e acervo Sol).

⁵¹ As falas de Mariano estão transcritas em Costa, 2006, p. 23.

⁵² Documento 84.7 / Casa de Rui Barbosa.

⁵³ Disponível em: http://www.editionsfads.ch/pdf/layout_24_cartas.pdf / Acesso em: 12 jul 2022.

⁵⁴ Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=244769> / Acesso em: 12 jul 2022.

Um relatório técnico foi escrito por Sol e Sulamita para ser apresentado à escola municipal, no Rio de Janeiro, onde lecionavam como professoras primárias. Os rascunhos desse relatório foram encontrados na casa de Sulamita, por suas filhas, logo após seu falecimento, em 2019. Até então, esse manuscrito permaneceu perdido e Sulamita pedia para que o procurássemos, por conter valiosos detalhes de informações sobre a viagem. Uma carta da bolsista americana, Charlotte, encontrada no arquivo de Sol, também cita este relatório e indaga: “o relatório está concluído?”⁵⁵

Outro valioso documento sobre a expedição que permanece em local ainda não identificado é um caderno de Guimarães Rosa no qual aparece um desenho de uma “azagaia” e anotações da viagem. Esse desenho é citado pela autora da cronologia de Rosa, Ana Luiza Martins Costa, ao listar os elementos referentes à viagem presentes no Arquivo Guimarães Rosa do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB): “há apenas alguns desenhos, um detalhado desenho de uma azagaia, um mapa da região visitada em 1947 (Nhicolândia) e estudos e esboços de textos que vão integrar *Ave, Palavra* (2001)”⁵⁶.

Ainda não foram encontrados, também, documentos que podemos apenas supor que existem – como os relatórios técnicos e documentos de estudos anteriores e posteriores à viagem produzidos por Hilgard Sternberg. Ainda não foi possível aferir nos arquivos de Hilgard e da Universidade do Brasil a existência e possibilidade de acesso aos supostos documentos. Podemos supor, também, que existem cadernos de anotações dos demais membros da expedição ainda não encontrados, considerando o que foi escrito por Charlotte em carta enviada à Sol, ao relembrar a expedição: “meu trabalho me faz lembrar

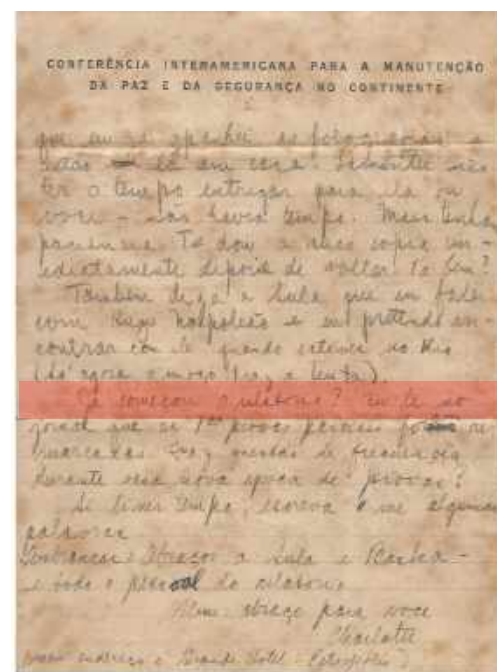
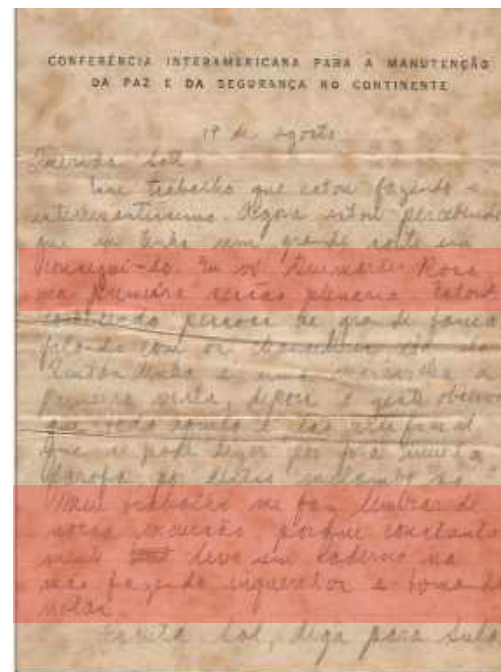


Figura 23 Carta de Charlotte para Sol indagando sobre o relatório, comentando sobre o método de anotação e mencionando encontro com Guimarães Rosa, 1947. Arquivo de Sol.

⁵⁵ A carta de Charlotte foi enviada a Sol em papel timbrado da Conferência Interamericana para a Manutenção da Paz e da Segurança no Continente, que ocorreu no Quitandinha em 17 de agosto de 1947. Charlotte escreve que viu Guimarães Rosa na primeira sessão plenária e Rosa cita sua ida à mesma conferência em carta a Antônio Azeredo da Silveira: “Dia 14, devo seguir para o Hotel Quitandinha, para a Conferência”. Em nota de rodapé, no livro *24 cartas de João Guimarães Rosa a Antônio Azeredo da Silveira*, consta a informação: “Conferência Interamericana para a Manutenção da Paz e da Segurança do Continente (de 15 de agosto a 2 de setembro de 1947), concluída no Rio de Janeiro com a assinatura do Tratado de Assistência Recíproca (“Tratado do Rio”).

⁵⁶ As anotações referentes ao Pantanal estão em folhas soltas agrupadas na seção “Estudos para obra”, no arquivo do IEB-USP.

de nossa excursão, porque constantemente levo meu caderno na mão fazendo inquéritos e tomando notas” (fig. 23).

Os únicos documentos oficiais encontrados, até o momento, que demonstram a participação de Guimarães Rosa na expedição são dois telegramas do Itamaraty para o governador de Mato Grosso com solicitações de transportes para o cumprimento do itinerário programado, além de citar os nomes dos coordenadores, datas e locais para a chegada do grupo.

Um registro de vídeo das lembranças de Sulamita sobre a expedição foi realizado na ocasião de uma conversa sobre a viagem. Registros por escrito realizados por Elizabeth e Ester (filhas de Sol) e por Tamar (filha de Sulamita), também fazem parte de um acervo que está sendo construído decorrente da presente pesquisa em andamento.

Diante do acervo referente à Expedição ao Pantanal, reconheço os valores históricos e afetivos dos documentos que se mantiveram guardados em esfera doméstica e mergulho no imaginário incipiente das lembranças narradas por Sulamita, com a finalidade de cumprir o objetivo de divulgar os resultados da expedição ao Pantanal. Assim, faço uma linha reflexiva com os seguintes questionamentos: quais imagens podem ser geradas a partir do olhar sobre os espaços em estado de limbo em arquivos domésticos e públicos? Qual o potencial investigativo-crítico de arquivos domésticos com interesse público? Como delinear a arquitetura de um arquivo doméstico? O que pode ser iluminado, quais paisagem e narrativas podem ser articuladas, a partir dos rastros presentes em arquivos esquecidos, das franjas, dos restos, dos “lixos”, das poeiras, das lacunas, dos apagamentos, das rasuras? Quantas palavras, imagens, línguas, cosmos, povos e ancestralidades estão guardados nas partículas inarticuladas do passado que permanecem no presente como possíveis mundos incipientes? Como se configuram as materialidades capazes de tornar visíveis, audíveis os vazios e o silêncios da história?

Algumas dessas perguntas não estão desdobradas no texto, porém, julgo importante formulá-las como forma de expor as inquietações que fazem parte das relações estabelecidas com objetos do passado, arquivos e rastros, ao longo da investigação e da escrita. Além

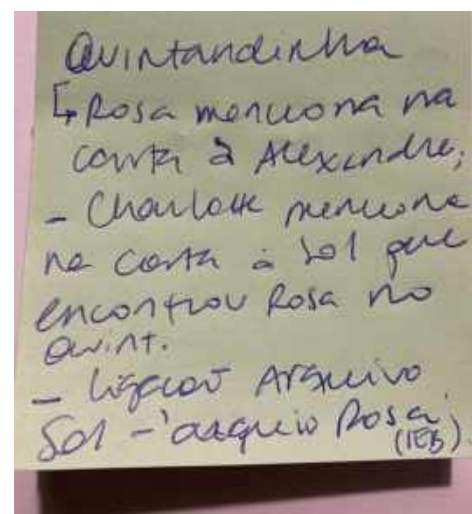
dessas questões subjacentes, há questões trabalhadas diretamente no texto que dizem respeito à metodologia de pesquisa, à linguagem e ao formato de apresentação da tese – mais especificamente: como montar uma miscelânea verbo-visual com arquivos de uma expedição conjugados a textos e imagens de teor científico, teórico, crítico e artístico e como praticar a especulação como um método para vislumbrar, imaginar e interpelar objetos do passado.

5.2 Especulações enquanto método

A “especulação” comporta a apropriação, invenção e imaginação de temporalidades e mundos possíveis. Comporta, também, uma produção de narrativas em que fronteiras são móveis, ou seja: não há distinções estritas entre realidade e ficção, ou entre propriedades e territórios. Indícios de vegetação, fauna, cultura, ambiente, sons, pessoas, animais, palavras, que permanecem em escritos e em depoimentos, podem nos ajudar a tramar uma paisagem da Expedição ao Pantanal de 1947 – a especular um outro tempo e lugar.

Especular é o método utilizado para investigar, registrar e apresentar o objeto da pesquisa. Desdobra-se no jogo de palavras apontado por Josefina Ludmer (2013): “especular” como adjetivo – “espelho e suas imagens, duplos, simetrias, transparências e reflexos” – e com o verbo – “pensar e teorizar (...). Ao mesmo tempo tramar e calcular os ganhos. Com um sentido moral ambivalente”. A especulação decorrerá sobre a história da Expedição ao Pantanal, sobre as dimensões imaginativas e documentais inerentes aos elementos de seu acervo e ao próprio arquivo enquanto instituição de guarda e manutenção do passado.

O material documental das especulações em foco pertence a acervos em estado de limbo e arquivos em esferas domésticas, a partir dos quais proponho criar duplos, divagar, investigar sem um fim definido, conjecturar a partir da imaginação e de suposições de passado, presente e futuro. Operar apropriações, deslocamentos, interferências, rasuras, anotações, esboços. “Pensar e teorizar, ao mesmo tempo tramar



e calcular os ganhos. Com um sentido moral ambivalente” (LUDMER, 2013).

A ideia de “especulação”, como aparece na tese, abarca, também, a compreensão de Marina Vishmidt (2018) sobre o conceito. A autora trabalha com as implicações de dois modos de especulação, o fechado e o aberto, nas estruturas de relações sociais, de trabalho e cultura. Vishmidt relaciona a “especulação aberta” com o modo de produção artística que opera sobre uma temporalidade de futuro em aberto, onde a economia da produção artística instaura novas relações entre indivíduos e usos de objetos. Busco compreender de que modo o trabalho imaginativo sobre objetos do passado, seus deslocamentos e reconfiguração de sua arquitetura de guarda operam uma lógica especulativa sobre a história, sobre a escrita do presente e a configuração de mundos por vir. Assim, busco exercitar um olhar poético-crítico sobre as ideias de futuro, passado, imaginação, história : ficção.

Especular “outro mundo” é buscar dispositivos para entender um “novo mundo”, para escrevê-lo como “testemunho, documentário, memória e ficção”; é, também, “pensar com imagens e perseguir um fim secreto” (LUDMER, 2013, p. 7). A especulação, enquanto gênero iterário e potencial inventivo, opera no âmbito da imaginação:

inventa um universo diferente do conhecido, fundando-o do zero. Também propõe outro modo de conhecimento. Não pretende ser verdadeira ou falsa; gira em torno do como se imaginemos e do suponhamos: na concepção de uma pura possibilidade. (...) toma ideias de várias partes e se apropria do que lhe interessa. (...) A especulação inventa um mundo diferente do conhecido: (...) de imagens e palavras, discursos e narrações, que flui num movimento perpétuo e efêmero. (LUDMER, 2013, p.8-9)

A apropriação, uma operação da especulação, prevê a ideia de deslocamento, se apropria de ideias de acordo com o que lhe interessa – desloca ideias de diferentes contextos para realocá-las em outra ordem: “a arte da especulação consiste em dar uma sintaxe às ideias dos outros, postulando um aqui e agora a partir de onde elas são utilizadas” (LUDMER, 2013, p.8). Com o deslocamento de outras vozes,

fragmentos e imagens do passado para o aqui e agora, compõe-se um corpo espectral de um passado que contém o potencial de refletir o presente e revelar outros mundos possíveis.

Diante de um evento sobre o qual só é possível ter acesso através de registros e documentos de outros e de outrora, como ocorre com a expedição ao Pantanal, me confronto com um objeto que se conforma como um espectro, do qual busco me aproximar não pela delimitação de seus contornos ou pela apresentação direta de seu todo. O que procuro é reunir seus fragmentos, identificar suas presenças e permanências, criar superfícies sobre as quais esse espectro pode ser refletido e se mostrar – por onde vemos “suas imagens, duplos, simetrias, transparências e reflexos”. De novo, cito Ludmer para reforçar a imagem da especulação como um jogo de espelhos, ou tramas, pelo qual é possível ver de relance *flares*⁵⁷, feixes de luzes e sombras.

5.3 Miscelânea como estrutura e desestrutura

O formato de apresentação da tese é composto em forma de miscelânea, considerando o potencial de uma prática artístico-científica para compor um corpo de texto investigativo-crítico que comporte a multiplicidade de objetos e temas que circundam o evento da expedição. Esse formato possibilita reunir reflexões sobre o imaginário de uma época; anotações sobre as práticas de um grupo de estudantes universitários (entre eles mulheres investigadoras) da Universidade do Brasil; apresentação dos métodos geográficos e da pesquisa de campo de Rosa; documentos e reflexões sobre arquivo; exercícios formais e visuais; cartografias; listas; notas de lembranças; entre outros “achados” que decorrem do processo de uma investigação. A miscelânea possibilita, portanto, abarcar elementos imprevistos, garantir um espaço aberto e convidativo para a inclusão de pontos de interesse que surgem ao longo da caminhada da pesquisa;

⁵⁷ *Flare* é um efeito ótico que ocorre quando a luz entra diretamente pela extremidade da lente da câmera fotográfica. O resultado desse efeito é o registro de manchas de luz, clarões, que geram uma imagem desfocada. O objeto, além de perder foco, é visto em contraluz, no campo de sombras.

permite também a inclusão de informações que são convocadas pelo desenvolvimento do pensamento investigativo, do próprio texto e de sua montagem, além de abarcar imagens e ideias que aparecem, frutos de encontros inesperados.⁵⁸

O encontro com o formato da miscelânea ocorreu em conversas de orientação sobre o livro de Rosa que continha os textos sobre a viagem – o *Ave, Palavra* (2001)⁵⁹. A atenção dada ao formato do livro, para além de seu conteúdo, decorre da busca por nomear uma prática investigativa e criativa caracterizada pela curiosidade voltada para os múltiplos assuntos tangentes aos objetos de pesquisa, pela liberdade associativa e pela busca por uma aproximação não hierárquica entre os temas e personagens. É um formato que possibilita modular os valores atribuídos a um manuscrito de Guimarães Rosa com rabiscos em um caderno de viagem de Sol; um relatório geográfico com um mapa celeste; uma fotografia de paisagem de 1947 com um desenho de um pássaro imaginado. Outro fator de relevância é sua característica de ser um formato que esteticamente se assemelha à prática de anotação fragmentada de um caderno de viagem – uma forma de anotação que abrange as impressões, o texto e o desenho referentes ao ambiente e as anotações de caráter íntimo e privado. É uma escrita que busca compor um panorama de uma viagem por suas variadas partes – compor uma paisagem com seus estilhaços, a partir de seu negativo fotográfico de vidro partido, remontado e revelado em variadas imagens e instantes.

⁵⁸ A tática de justapor linguagens e temas diversos aponta para o efeito de tensão produzido ao longo da articulação de uma escrita que trata de investigação científica e de criação artística que se imbricam. Além disso, se aproxima do que Rosa empenhou ao cumprir suas funções de diplomata ao mesmo tempo em que exercitava seu olhar de artista (fazia anotações e croquis preparando textos futuros). A operação escritural em forma de miscelânea sugere e discute, também, que os jovens geógrafos em formação seguiam a metodologia científica aprendida sem abrir mão do exercício constante da sensibilidade estética e afetiva.

⁵⁹ *Ave, Palavra*, obra póstuma de Guimarães, foi caracterizada pelo próprio escritor como uma miscelânea formal e temática por reunir contos, poesias, notas de viagens, trechos de diários, reportagens poéticas, meditação, poemas dramáticos e reflexões filosóficas – uma variedade de textos produzido em um intervalo de vinte anos (de 1947 a 1967). Esta compilação reúne quatro textos sobre a expedição a Mato Grosso publicados originalmente em periódicos (“Sanga Puytã”; “Cipango”; “Ao Pantanal”; e “Uns índios – sua fala”). A primeira edição do livro, publicada em 1970 pela editora José Olympio, três anos após o falecimento de Guimarães, tinha sido organizado pelo escritor, ainda vivo, e foi encontrado em um cofre, na Academia Brasileira de Letras, com anotações e um índice para publicação. Além dos textos agrupados por Guimarães, Paulo Rónai, organizador da edição, acrescentou outros que o escritor havia começado a rever. Em 16/07/2017, foi noticiado pela Época que sete relatórios foram excluídos da primeira compilação de Rosa para *Ave, Palavra* (1970): https://epoca.globo.com/cultura/noticia/2017/07/ultimas-palavras-de-guimaraes-rosa.html?utm_source=meio&utm_medium=email

O formato em foco possibilita conjugar diferentes naturezas de linguagem e explorar diversos modos de apresentação, representação, produção e interpretação. Em suma, miscelâneas comportam uma multiplicidade de vozes, fragmentos, recortes e folhas soltas, que, quando agrupados, potencializam imagens que não se encerram em um só sentido totalizante, mas fazem proliferar diferentes sentidos, vieses de leitura, deslocamentos e aproximações: confrontam textos produzidos com finalidades e formatos diferentes, imagens pertencentes a universos distintos e temas de características divergentes. A leitura de uma miscelânea caracteriza-se pela interrupção de sentidos: configura, desfaz, apaga e reconfigura, constantemente, imagens. Sua temporalidade quebra a lógica narrativa baseada no encadeamento linear e sucessivo entre os acontecimentos pela imprevisibilidade da sucessão do que se apresenta agrupado. O tempo é fragmentário, disruptivo e vertiginoso. Desta lógica, surge uma temporalidade que é construída a cada virar de página, sucessivamente. As narrativas e imagens possíveis de serem apreendidas numa miscelânea não operam em sínteses dialéticas, mas, sim, na aproximação de sentidos, por vezes divergentes. Citada em escritos de J. L. Borges: “Novalis, memoravelmente, observou: ‘nada mais poético do que mutações e misturas heterogêneas’. Essa atração peculiar pela miscelânea é a de certos livros famosos: a ‘História natural’ de Plínio; a ‘Anatomia da melancolia’ de Robert Burton; ‘O Ramo de ouro’ de Frazer; e talvez a ‘Tentação’ de Flaubert”⁶⁰.

Como ponto de partida, propus a composição da miscelânea desdobrando esteticamente as semelhanças entre uma miscelânea e um arquivo doméstico – como abrir uma caixa de variadas *memorabilia*. Também entre uma miscelânea e o ritmo interrupto próprio do deslocamento de uma viagem – como a vista da janela de um trem, o tempo alongado nas paragens, o desenho de um horizonte fraturado, as vertigens e surpresas de encontros inesperados.

A miscelânea é o formato que agrupa os fragmentos resultantes da investigação. Entram em jogo nessa montagem considerações

⁶⁰ A referência à obra de Flaubert não está definida no texto de Borges, mas é possível deduzir que se refere ao livro *As tentações de Santo Antônio*.

conceituais e imaginativas para sobrepor, convergir e divergir documentos, lembranças, desenhos, mapas, fragmentos, objetos, projetos de instalações artísticas, vídeos e fotografias resultantes das investigações.

CADERNO 3

ESPECULAÇÕES SOBRE CONCEITOS NORTE-ADRESES

- PALAVRAS ENCAIXADAS
- RASTRO
- PAISAGEM
- ATMOSFERA
- AMBIÊN¹CIA

6 CADERNO 3 – ESPECULAÇÕES SOBRE CONCEITOS NORTEADORES

6.1 Palavras encarnadas: teor plástico da escrita, de imagens e da voz

Ao confrontar os documentos da expedição, finquei um eixo de interesse sobre os métodos científicos e artísticos de Guimarães Rosa e Hilgard Sternberg. Essa espécie de “paragem” sobre um eixo de interesse tem como finalidade a especulação sobre elementos que guardam não só o registro objetivo daquilo a que se propuseram, mas que também denunciam as circunstâncias e corpos que os geraram. Como registros que contêm um teor plástico, sensorial, com o potencial de evocar paisagens e corpos de outrora. Busco identificar ferramentas e meios de capturar e expor acontecimentos que se estruturam pela visualidade em diferentes morfologias e aparecem através do teor plástico da palavra e da materialidade de seus meios. Um exemplo desse modo de capturar e expor um acontecimento aparece na escrita de Rosa. Detenho-me mais especificamente nas escritas geradas a partir da expedição ao Pantanal, como seus textos “Ao Pantanal”, “Cipango”, “Entremeio: com o vaqueiro Mariano”, “Uns índios (sua fala)” e “Sanga Puytã”. Permeados de visualidade, os textos detalham informações sobre o local em que esteve (como a quilometragem) e anota aspectos de corpos, sons, instantes e falas; assim, captura instantes e torna presente a ambiência daquele lugar, do que passou.

A escrita gerada na viagem, seja de Guimarães Rosa seja dos demais participantes, é abordada na tese com o enfoque na identificação de espécies de “palavras encarnadas”. Essas espécies de palavras são identificadas em manuscritos, marcas de gestos e suas materialidades, e suscitam imagens sobre o instante em que foram geradas. Nessas espécies de escrita estão incluídas as anotações, muitas vezes codificadas, sob uma lógica particular, hermética, sujeita à decifração de seu autor, como as encontradas nos cadernos de viagem e pesquisa de campo de Sol, em forma de palavras e frases incompletas e que se

assemelham a rabiscos. Em outros casos, também encontrados nas anotações de Sol, são palavras que carregam indícios do que foi visto nos lugares e nas pessoas. Sol os identificava, classificava em características científicas e comentava suas impressões.

Além de seu caráter descritivo e conteúdo científico, as palavras, grafismos e rasuras presentes nos cadernos de viagem incitam a presença dos lugares, do seu corpo e dos instantes que passou – presentes e entranhados em letras que transbordam em linhas soltas, em rabiscos, em palavras meticulosamente desenhadas, em desenhos detalhados, em letras ilegíveis e palavras inarticuladas. Deriva das “palavras encarnadas” uma multiplicidade de leituras, de sentidos e sensações – como a urgência palpável nas anotações de Sol que descreve o que está à sua volta (características do solo, aspectos das plantações, sons e falas que ouve, materiais das construções locais). Em outro momento, em seu relatório, expõe uma escrita fruto de um tempo de reflexão, que aparece com uma caligrafia bem delineada e assertiva, relatando que testemunhou trabalho escravo em uma das fazendas que visitou. Suas anotações lacunares, conjugadas a seus desenhos, guardam as marcas das circunstâncias de sua escrita e do ambiente.

Imagens, assim como a escrita, através de suas materialidades e potencial plástico, encarnam corpos e ambientes, e dizem algo sobre as circunstâncias de seu surgimento. Podem, também, tornar presentes temporalidades diversas, pois, assim como os manuscritos, guardam vestígios e dizem algo sobre seu tempo, sobre o que as antecedeu, sobre seu surgimento, e sugerem possibilidades de narrativas para além de seu texto e objeto.

As imagens latentes de temporalidades, como me refiro aqui, são as que surgem de técnicas artesanais de produção de imagem. Trazem resíduos e imprevistos, possibilitam que seu meio carregue em seu material bruto uma espécie de presença – trazem resquícios e indícios de algo que passou e que tem o potencial de se atualizar. Fotografias impressas, películas de filme, desenhos, barro, ferro, madeira, papel – materiais com alto teor plástico que guardam marcas do que é transitório – fazem parte de um “inventário de matéria bruta

para falar do tempo” que está incorporado na miscelânea da Expedição ao Pantanal, enquanto investigação plástica.

A narrativa oral, a voz, a canção, assim como a palavra e imagem, figuram na tese como elementos que carregam, também, marcas, rastros, como espécies de ecos, capazes de tornar presente o passado. A narrativa-lembrança oral da tese se resume à fala de Sulamita sobre a viagem e as memórias de Sol narradas por suas filhas, Elizabeth e Ester. Me debruço sobre o teor testemunhal e o potencial de tornar palpável, no tom, nas pausas, no ritmo de suas vozes, suas experiências de viagem.⁶¹ Sons de pássaros que aparecem nas anotações dos viajantes, ruídos de rios e outras naturezas sonoras também estão incorporados ao material verbo-visual da pesquisa.

Como parte da reflexão sobre uma escrita “que abre espacialidades”⁶², como definido pela artista pesquisadora Ana Rito (2021), abro uma dimensão na tese que contempla um modo de escrever distanciado de qualquer estrutura concebida num léxico tradicional. Meu propósito é identificar uma escrita pronta a transformar-se quando surge a urgência de um som, de uma fala, de uma ideia ou de um espectro que ganha matéria em formas inauguradas por uma grafia própria. É o que podemos chamar de uma escrita prenhe de corpos e instantes marcados em sua materialidade. O potencial artístico e científico dessa grafia é relativo à sua capacidade de instaurar dúvida e especulação, além de expor indícios de mundos e corpos atuais, passados e porvir.

Há um fator nessa escrita que redimensiona a voz de sujeitos e modelos científicos imponentes e autoritários ao acrescentar personalidade e carnalidade aos registros, nos quais predominam marcas de gestos, rasura e o vagar de quem escreve. Além de manifestar um pensamento pessoal, que se desfaz da circunscrição de “sujeitos contidos” (SINGH, 2018), essa escrita compreende um sujeito que não se restringe ao “historicamente imponente” modelo de pensamento europeu e moderno (SINGH, 2018, p. 31):

⁶¹ Mais sobre o corpo, a fala e os gestos enquanto espécies de arquivos e repertórios, ver Diana Taylor em *O arquivo e o repertório - performance e memória cultural nas Américas* e *No archive will restore you*, de Julietta Singh.

⁶² Termo citado em seminário sobre artes visuais e diferentes naturezas da escrita.

Afinal, não somos limitados e contidos, mas repletos de sentimentos e vibrações estranhas que perduram e circulam no espaço, que entram em nós à medida que avançamos em nossas vidas. Da mesma forma, deixamos para trás, quando partimos, rastros de nós mesmos e de nossos próprios estados afetivos (que nunca são apenas nossos). Depois de suportarmos toda a disciplina que nos ensina a sermos autônomos e autocontidos, responsáveis por como nos sentimos, Teresa Brennan insiste que “o sujeito emocionalmente contido dado como certo é um bastião residual do eurocentrismo do pensamento crítico”. A maneira como pensamos sobre nós mesmos como seres materiais e emocionais acaba sendo um estilo de pensamento que emerge de um lugar específico (Europa) em um momento específico (modernidade). Contra esse estilo de pensamento historicamente imponente, invisto na convicção de que nossos corpos e mentes são menos discretos do que fomos levados a acreditar. (SINGH, 2020, p. 31)⁶³

A discussão de Singh compreende que em toda escrita há um corpo e uma mente que se fazem presentes, mesmo quando contidos em modelos rígidos e impessoais. Essa manifestação corpórea, sensorial, aparece de forma ainda mais expressiva em escritas urgentes, espontâneas, carregadas de rastros, como pode ser encontrado no material de arquivo que disponho: as cartas de Sol enviadas para seu noivo Leon e sua família, os seus cadernos de viagem, as anotações feitas nos versos das fotografias da viagem e no esboço do relatório sobre a expedição. O mesmo modo de escrita faz-se presente na carta de Guimarães Rosa para seu pai narrando a viagem, nas rasuras dos recortes de jornais, nas listas, nos cadernos de viagem e em anotações articuladas. Permeados de palavras encarnadas, esses documentos são marcados pela imediatez de sentidos e afetos, por pensamentos brutos e por gestos manifestos em caligrafias permeadas de rastros de corpos e ambientes.

⁶³ Traduzido do inglês: “*In the end, we are not bounded, contained subjects, but ones filled up with foreign feelings and vibes that linger and circulate in space, that enter us as we move through our lives. We likewise leave traces of ourselves and our own affective states (which are never really just our own) behind us when we go. After all the discipline we have endured to teach us that we are self-governing and self-contained, responsible for how we feel, Teresa Brennan insists that “the taken-for-grantedness of the emotionally contained subject is a residual bastion of Eurocentrism in critical thinking.” How we think about ourselves as material and emotional beings turns out to be a style of thought, one that emerges from a specific place (Europe) at a specific time (modernity). Against this historically imposing style of thought, I am fully invested in the conviction that our bodies and minds are less discrete than we have been led to believe.*” p. 31 Singh, Julietta, 2018. 3Ecologies Books/Immediations/ Puctum Books, Open access. Disponível em: <https://punctumbooks.com/titles/no-archive-will-restore-you/> Acesso em: 12 set 2021.

6.2 Rastros

O conceito de rastro pode ser compreendido, para tal fim, através do seguinte pressuposto: rastros são restos de algo que já passou, parte de algo que não se mostra todo. Pertencem a um tempo e a um espaço outro que não o atual, mas trazem para o *agora* um tempo e espaço múltiplo. Conectam, portanto, o passado com o presente e esboçam o que está por vir.

Rastros podem ser mudanças de estado, aquilo que permanece de passagens. Podem ser um índice – não um índice de signo rígido, mas um índice de um vazio. Ocupar esse vazio é, então, manifestar imaginação: é o ato de se colocar em algo externo e aberto. Rastro é matéria móvel, em equilíbrio instável. Rastro é uma forma de potencializar presença, porque tem o poder de ativar o presente a partir da relação constituída entre tempos e espaços distintos – entre algo que passou e aquilo que está presente, entre um acontecimento e seus vestígios. Cria um presente tensionado entre o que está por vir, o que se passou, o que é latente e o que se mostra. Rastros podem ser identificados com espécies de resíduos: reminiscências de presenças que se atualizam a todo instante.

Há uma dinâmica temporal específica que se materializa quando letemos nossos olhares e imaginações nos rastros de algo. Podemos sentir, cheirar, olhar, tocar e pressentir algo que se passou e, em consequência, materializar uma presença vaga, porém concreta e real, de um passado que não acaba de passar e de um porvir que não cessa de se insinuar. O ato de deparar-se com *algo que passou* – mas deixou rasuras e marcas no espaço – provoca, pela atividade da imaginação e dos sentidos, uma distensão do tempo do *agora* e uma possibilidade de intercalar diferentes dimensões temporais.

Com a atenção voltada para os gestos e rastros no arquivo da expedição – impressões que materializam a passagem do tempo – percebemos uma parte da “verdade” do que foi a viagem. Essa parte, o que restou e se manteve conservado em lembranças, tem um potencial próprio de gerar imagens, quando não buscamos completar um “todo”

da viagem unindo seus fragmentos ou desvendando seus rastros. A potência desses rastros está, justamente, na sua presença atual, no que sua materialidade pode gerar enquanto imagens e afetos no presente. Olhar para o passado, como aqui está proposto, demanda assumir que há algo que escapa, que permanecerá como latência, rastro e ruído, porém, que guarda chaves para imaginação e produz centelhas que iluminam instantes passados e presenças porvir:

a verdadeira parte, por quanto tenhas, das tuas passagens, por nenhum modo poderás transmitir-me. O que a laranjeira não ensina ao limoeiro e que um boi não consegue dizer a outro boi. Isso o que acende melhor teus olhos, que dá trunfo à tua voz e tento às tuas mãos. Também as histórias não se desprendem apenas do narrador, sim o performam; narrar é resistir. (ROSA, 2013, p.121)

Investigar histórias é como embarcar em um navio à deriva em águas desconhecidas. Ser levado pelos ritmos e pulsões dos rastros. Nos deparamos com espécies de “pistas” que ditam a cadência deste caminhar em busca de um horizonte que atrai nossos sentidos, mas nunca se revela totalmente. Para um “investigador-artista”, o mergulho em rastros e lembranças faz eclodir universos inteiros em imagens que, magicamente, não cessam de aparecer.

6.3 Paisagem

Tudo aquilo que nossa visão alcança é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc.

SANTOS, 1988, p. 61

Conheço a paisagem, geograficamente. E nem por isso, querido, pelo contrário, muito por isso, é que sinto a terra vibrar no meu sangue.

Sol, 1947

“Paisagem” figura na tese como um conceito chave para investigar como registros visuais, de afetos, técnicos e literários foram usados para “capturar” instantes da Expedição ao Pantanal. Outro ponto de interesse é especular sobre como impressões de afetos, com indícios de paisagens, perduram no tempo.

De grande relevância para os estudos geográficos e artísticos, o conceito de paisagem é polissêmico e aberto para incorporar sentidos diversos. Quando aproximado de conceitos como tempo, espaço, arquivo, memória e visualidade, podemos especular sobre o potencial de diversas ideias de paisagem gerarem múltiplas imagens, além de oferecer imagens de paisagens de outrora. Paisagens não se restringem ao espaço concreto, à matéria da terra, mas também a um conjunto de enunciados. O que restou dos lugares visitados por Rosa, Sol e Sul, em forma de registros gráficos e lembranças, podem compor paisagens?

Esses registros, presentes em arquivos, são fragmentos de paisagens ou paisagens-arquivadas?

Apesar de ser um conjunto de “objetos reais-concretos”, que conjuga “objetos passados e presentes, numa construção transversal” (SANTOS, 2004b, p. 103), a paisagem não existe *per-se*, mas através das escolhas e contingências de quem a percebe e compõe. É composta por um emaranhado de sentidos atribuídos à expressão material de sucessivas camadas de tempo e suas marcas na natureza.

O conceito de paisagem conjuga valores simbólicos e culturais: como posicionar, organizar, enquadrar, delinear, ver, sentir e relacionar os diversos elementos presentes ao redor do corpo em um ambiente. Culturas diferentes carregam particularidades de como conceber um espaço e estabelecer relações entre suas partes. O termo para paisagem em inglês, *landscape*, origina da palavra holandesa *landshcap*, que se refere a um pedaço de terra. Em português, “paisagem” deriva do latim, diretamente do francês *paysage* que, por sua vez, tem origem na palavra *pays*, país. Em ambos os casos, os termos são relativos a uma composição espacial conjugada por suas características materiais, físicas e culturais:

A palavra alemã é mais antiga e possui um significado mais complexo que a de língua latina, associada ao renascimento e, em sua origem, as artes plásticas. De acordo com Holzer: '*Landschaft*' se refere a uma associação entre sítio e os seus habitantes, ou se preferirmos, de uma associação morfológica e cultural. Talvez tenha surgido de '*Land schaffen*', ou seja, criar a terra, produzir a terra. Esta palavra transmutada em '*Landscape*' chegou à geografia norte-americana pelas mãos de Sauer que, cuidadosamente, enfatizava que seu sentido continua sendo o mesmo: o de formatar (*land shape*) a terra, implicando numa associação das formas físicas e culturais. (HOLZER, 1999, p.152 *apud* CASTRO, [2007])

No âmbito da geografia, de acordo com Milton Santos, paisagem é utilizada, frequentemente, como “expressão de configuração territorial” e em muitos idiomas não há distinção entre as duas expressões (SANTOS, 2004b).

Esta é o conjunto de elementos naturais e artificiais que fisicamente caracterizam uma área. A rigor, a paisagem é apenas a porção da configuração territorial que é possível abarcar com a visão. Assim, quando se fala em paisagem, há, também, referência à configuração territorial e, em muitos idiomas, o uso das duas expressões é indiferente. (SANTOS, 2004b, p.103)

Na língua terena, por exemplo, própria da população indígena nativa da região percorrida pela Expedição ao Pantanal, não há palavra para traduzir literalmente o termo paisagem. É compreendida, porém, pela palavra “mundo” ou “natureza” e por tudo que se encontra em um campo aberto para os sentidos, como a visão. Em entrevista com o geógrafo Eliel Terena e o linguista Aronaldo J. Terena, ambos professores da língua terena, as explicações sobre a tradução de paisagem foi a seguinte:

Paisagem quer dizer... pode ser foto. Foto. Ou olhar. Foto, a gente fala *nonêti*, *nonêti*. Paisagem, eu poderia falar *nonêti* (foto), mas ficaria muito formal. Eu poderia falar *nónjone*, que significa o que eu vejo. Poderia ser isso, *nónjone*, que significa o que eu vejo, *nónjone*. Para mim, né? Isso que a gente faz é a tradução (espontânea), se você perguntar (o que é a paisagem) para um outro terena ele pode dar um outro significado a isso na língua terena. (ELIEL TERENA, 2022)

(Paisagem) é questão de... da natureza, para nós. Eu acredito que, de uma forma geral, para o povo indígena. A questão da natureza

é uma só, por exemplo, quando a gente olha para o céu é uma natureza para nós, quando a gente olha para a água é uma natureza para nós, quando a gente olha para a floresta, anda pela a floresta, é uma natureza. A gente não consegue especificar exatamente, a gente fala só *mêum*. Então se eu falo floresta é *mêum*, se eu falo o céu é *mêum*, se eu falo um campo bonito, eu falo *mêum*, só que a gente especifica pela observação, pela nossa visão mesmo. Se eu falo paisagem, eu vou falar lindo *He'ekoti mêum*. Na nossa aldeia nós temos vários tipos de geografia. Temos rio, floresta, a gente tenta preservar dentro da nossa reserva. Se a gente sai fora da nossa aldeia é só inverno, é só gado, mas dentro da nossa própria reserva a gente tenta preservar, corrente de água, um riacho, um açude, uma mata fechada, os bichos hoje estão entrando para a nossa reserva, estão chegando nas nossas casas, estão chegando muitos animais que a gente nunca via antes, até jacaré está passeando na nossa rua da nossa aldeia. Porque falta água, não tem mais ao nosso redor... nas fazendas. Então geralmente se eu falar uma paisagem linda vou falar *mêum*. *He'ekoti mêum*, se eu olhar para o céu eu vou dizer *He'ekoti mêum*. Uma coisa, algo muito, muito específico, a gente não consegue achar, essa forma de discriminar, de descrever as formas diferentes. Não consegui até hoje descrever como é que é um céu lindo. Uma floresta bonita, quando a gente começa a buscar, não muda a forma de falar. A gente não muda a forma de expressar. Queimada, por exemplo, poxa, o *mêum* queimou, ou *mêum* está bonito, se choveu e encheu as nossas águas, açudes, riacho por aqui, eu falo poxa, o *mêum* está bonito, o *mêum* encheu de água. Enfim, não sei se eu confundi sua cabeça. (ARONALDO J. TERENA, 2022)

“Narrar o que se vê”, imediatamente ao alcance do olhar, é semelhante ao que foi praticado por Sol, Rosa e Sulamita para descreverem um ambiente totalmente novo e surpreendente – “Os xariocas estão completamente enganados, A terra e os homens se manifestam de maneira surpreendente. Tudo aqui é grande”, nota Sol ao desfazer clichês, em uma correspondência com seu noivo, de que o Pantanal é repleto de onças. Sem recorrerem a termos técnicos ou clichês visuais e da língua, encontramos nos registros do arquivo uma abundância de adjetivos que exaltavam o arrebatamento que sentiram, sendo fiéis aos afetos imediatos, para traduzirem o ambiente e a atmosfera que atravessou seus corpos:

o professor julga que estou colhendo dados notas geográficas. Não seria possível fazê-lo agora. Dever algum, ainda que imperioso, poderia abafar a sede de arte e de amor que a natureza convida. Pássaros coloridos sobrevoam a várzea, cada qual cantando diferentes, harmônica e maviosamente. (carta de Sol para Leon, 1947)

Imagens poéticas e impressões visuais, como “o sol iça a paisagem” de Rosa (2013, p. 139) ou, em termos mais técnicos, “a paisagem é, em geral, de campos pouco ondulados e muito verdes”, como aparece no relatório de Sol e Sul, podem ser tratados como espécies de rastros pelos quais podemos vislumbrar um panorama do Pantanal marcado, principalmente, por encantos: “a paisagem é incomparável. Minha voz se perdeu no eco das montanhas e então eu desejei que você estivesse ao meu lado compartilhando daquele encantamento” (carta de Sol para Leon, 1947). A partir dessas espécies de fragmentos de paisagens presentes no arquivo da expedição, especulamos sobre uma percepção de paisagem permeada de afetos, para além de suas características físicas e territoriais.

As diferentes formas de apreensão do que se encontra ao alcance dos sentidos – traduções espontâneas, termos técnicos, impressões visuais carregadas de adjetivos, descrições minuciosas das aparências das coisas – engendram um amplo leque de registros, em diferentes linguagens, gerados por diferentes corpos. Esses registros (ou rastros de paisagens), ao serem acessados por outros, em outro tempo, ampliam as possibilidades de serem combinados em diferentes configurações. Assim, diferentes paisagens podem ser vislumbradas e uma multiplicidade de imagens podem ser geradas: “Ao longe, o Rio Paraguai divide as terras brasileira, das bolivianas e paraguaias. Foi uma sensação estranha a que experimentei, vendo três países diferentes, de uma só vez. Foi o nada, Leon” (1947), escreve Sol para o seu noivo, não só informado sobre a vista do rio, mas também, deixando um espaço aberto para imaginarmos a paisagem e os afetos nela imbricados.

6.3.1 Ordenar e desordenar a paisagem

A natureza a ser representada em palavras, desenhos, mapas e pinturas é submetida às regras de enquadramento; relações entre partes e diferentes ordens de pensamento estão engendradas em diferentes contextos culturais e sociais.

O modo como os eruditos artistas e os engenheiros da Renascença resolvera o problema das duas dimensões determinando leis para uma perspectiva, que, ao iludir a visão, levasse a acreditar na terceira dimensão, é *uma* das maneiras possíveis de encontrar uma equivalente plausível do espaço no qual vivemos. Mas há outras, que oferecem espaços de propriedades mentais, literárias, simultaneamente poéticas e *poiéticas*, como as que se podem encontrar no Oriente. Tanto lá como aqui, o que se pode ver, a paisagem pintada, é a concretização do vínculo entre os diferentes elementos e valores de uma cultura, ligação que oferece um agenciamento, um ordenamento e, por fim, uma “ordem” à percepção do mundo. (CAUQUELIN, 2007, p.14)

Paisagem carrega o “estatuto do *análogon*”: “(...) natureza só podia ser percebida por meio de seu quadrado; a perspectiva, apesar de artificial, tornava-se um dado da natureza, e as paisagens em sua diversidade pareciam uma justa e poética representação do mundo”. A poética é posta aqui como um elemento inerente à concepção de imagens da natureza. Índícios espaciais ordenados em representações pictóricas e poemas surgiram, na epistemologia ocidental europeia, como elementos de composições de ambientes circunscritos em cenas bíblicas, históricas e mitológicas.

A composição de paisagem também engendra relações de poder sobre um pedaço de terra, essa forma de ordenação pictórica tem cônica proeminência nas pinturas inglesas, francesas e holandesas do século XVIII. O domínio da terra sob os limites de propriedade privada, expresso nos retratos da sociedade feudal, instrumentalizou a pintura de paisagem dentro da lógica do poder e da hierarquia social de um período que abrange a baixa Idade Média e a era moderna. As composições em quadros pintados à óleo, elaboradas em estúdios durante longos períodos de tempo, eram comumente compostas por um primeiro plano com um casal, uma família, cachorros e um segundo plano com uma construção arquitetônica opONENTE, por exemplo, um palacete, com um fundo amplo, insinuando na abundância territorial um horizonte infinito de riqueza. Esse modo de representação da paisagem não inclui o que estava nas bordas da riqueza, no entorno, o lixo e o detrito que “poluem” a imagem.

A prática do registro de elementos da natureza foi, também, uma ferramenta elementar para o escrutínio científico da terra durante o período de expansão comercial e colonial na América. A natureza era

desmembrada, fragmentada em espécies de relatórios sobre os recursos naturais disponíveis no “novo” continente. Plantas, animais, relevos da terra, pedras preciosas e a população eram singularizadas em desenhos científicos, de investigação, registros, nomeação e ordenação de espécies. A aquarela e o desenho eram usados como um recurso do rápido registro dos estudos de campo.

O anseio e o temor pelo desconhecido têm notória proeminência no imaginário das viagens desbravadoras para a América nos séculos XVI e XVII; o imaginário pode ser “sintetizado em conteúdos simbólicos capitais: a travessia, a visão paradisíaca e os presságios canibalistas (...)” (BELLUZZO, 1994, p. 13). Também há paralelos com as “fabulações desencadeadas no ciclo das descobertas, os míticos Eldorados sonhados ao sul do Equador correspondem ao Éden encontrado onde vive o *bom selvagem* (...) monstros marinhos, abismos novoados de criaturas insólitas e tribos comedoras de carne humana” (BELLUZZO, 1994, p. 13). A figura de um Brasil grafado pelos viajantes europeus circulava no imaginário das metrópoles que dividiam a paisagem entre o que se via e o que se imaginava com figuras fantásticas.

Esse imaginário infiltrado na terra ganha diferentes nuances em diferentes contextos e sociedades. A paisagem pode, assim, ser compreendida como permeável, pois nela se infiltram visões e imaginários determinantes para as formas que atribuímos à natureza.

No final do século XIX, a materialidade entra em jogo para além do instrumentalismo político e simbólico da paisagem. Artistas vão a campo para viver a experiência do ambiente. O quadro, além de ter a função de representação, é visto como fonte de ambiência. A fisicalidade da pintura – os pigmentos e a tinta, aliados aos gestos de quem pinta e a atmosfera que os toca –, pauta composições que fogem de ideários, das composições da natureza ordenada e limpa, para focarem nos seus movimentos. Tempestades, diferentes intensidades de luz natural, camponeses trabalhando no campo, flores em decomposição são temas que permeiam a pintura que mostram uma paisagem onde as fronteiras entre suas partes são diluídas e a atmosfera permeia tudo.

Na literatura há o componente temporal do desenrolar da narrativa e as composições são feitas com palavras latentes de ambiência. Não há um horizonte, uma força gravitacional que une os corpos em um ambiente estável, seguindo leis da física. Há, como vemos em Rosa, a atração entre corpos por uma força que provoca atritos, conflitos e fusão de corpos com a natureza.

Ao longo do século XX, a estetização da paisagem, a pesquisa pictórica, plástica e formal, expandiu o horizonte da paisagem desinstrumentalizando-a.

6.3.2 Paisagem e arquivo

À paisagem é atribuída uma significativa dimensão temporal, enquanto testemunho histórico, pelo potencial de acumular vestígios de outrora e os tornar presentes, não só pela sua composição geológica – camadas de detritos, matéria orgânica e inorgânica –, mas, também, pelo acúmulo de camadas simbólicas, testemunhos de outras culturas:

Na verdade, paisagem e espaço são sempre uma espécie de palimpsesto onde, mediante acumulações e substituições, a ação das diferentes gerações se superpõe. O espaço constitui a matriz sobre a qual as novas ações substituem as ações passadas. É ele, portanto, presente, porque passado e futuro. (...) O caráter de palimpsesto, memória viva de um passado já morto, transforma a paisagem em preciosos instrumentos de trabalho. (SANTOS, 2004b, p. 104; 106)

Arriscando uma aproximação do conceito de arquivo com o de paisagem, ambos, enquanto contentores de memória, são expressões de “início”, “ordem” (Derrida) e “enunciado” (Foucault). Ambos são sustentados por discursos artísticos, científicos, afetivos ou políticos; sustentam-se por uma ordem que determina o que será preservado, o que circulará no presente, com uso social e econômico, e o que permanecerá na esfera íntima, preservado por afetos.

São entidades que guardam fragmentos, testemunhos do tempo, que podem ser deslocados e inseridos em diferentes temporalidades. “Considerada em si mesma, a paisagem é apenas uma abstração, apesar de sua concretude como coisa material. Sua realidade é histórica e

advém de sua associação com o espaço social” (SANTOS, 2004a, p. 108); no campo de estudos do arquivo, compreende-se, da mesma forma, que sua expressão não se limita ao âmbito material: “para Foucault, uma definição material do arquivo não é suficiente para chamar a atenção para a estrutura de poder ancorada nessa instituição. O arquivo, para ele, não é um depósito de dados descolados da vida em sociedade” (ASSMANN, 2011, p. 371).

Os detritos de uma determinada época e suas formas de permanência são caros para ambos os campos de estudos. O arquivo impede que exista uma “enorme pilha amorfa” de tudo que é dito. Paisagem seria, justamente, uma ordenação visual que atribui sentido e organiza essa “pilha amorfa” de sedimentos acumulados ao longo do tempo. Ordena, limpa, exclui, enterra e transforma os detritos e a matéria bruta da natureza. Podemos aproximar o labor de quem compõe paisagens ao de um arconte: aquele que organiza, guarda e expõe o que permaneceu na passagem do tempo e o que tem valor para ser guardado, tornar-se aparente ou ser retido para a posteridade.

A historicidade engata os vários planos em uma trama única, na qual o próprio espaço é apenas uma dimensão. A paisagem resulta dessa trama (histórica, de múltiplas determinantes), sendo mais do que a materialização da produção imediata na superfície da Terra (MORAES, 2005, p. 24-25).

Ao considerarmos as camadas temporais de paisagens, compreendemos que a expressão material de paisagens é composta de “estratos históricos”: conservam temporalidades e narrativas históricas múltiplas.

Para além da sua “materialização na superfície da terra”, paisagens carregam desejos e imaginação:

No espaço, o homem projeta, também, sua fantasia. As pirâmides, as catedrais, os locais de peregrinação, e tantos outros elementos dos lugares restam inacessíveis à lógica estreita (...). Todo o grande fluxo da reprodução da sociedade perde-se na perspectiva que se isola no mundo da reprodução imediata. (MORAES, 2005, p. 24).

Para além de sua instrumentalização utilitária, paisagens e arquivos contêm uma fonte infinita de imagens, rastros, espacialidades e temporalidades. Carregam o potencial de materializar visões de mundos do passado e por vir. Carregam indícios de outro tempo, sedimentam e transmutam os restos de outrora em amálgamas, em camadas de sedimento que persistem como rastros, partículas de paisagens e narrativas.

Nesse espaço permeado de ancestralidade e porvir, de sensações e horizontes ainda não nomeados, inútil enquanto espaço produtivo, mas fértil para a imaginação, sonho, poesia e afeto, Rosa, Sol e Sul “grafaram” paisagens e enunciados. Deram forma, lugar e palavra ao que aos seus olhos era “assombro” e “deslumbramento” (GARSON, 1947; CASTRO, 2018): “de que abismo nascemos, viemos? Mas no princípio era o querer de beleza. No princípio, era sem cor” (ROSA, 2009, p.239).

5.3.3 Paisagem e espaço

Paisagens são lugares fora do tempo e espaço atuais, que estão sempre além do alcance; são de ordem material, presente, porém, impossível de serem capturadas por inteiro. No momento que são capturadas, viram espaço:

Paisagem e espaço não são sinônimos. A paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. O espaço são essas formas mais a vida que as anima.

(...) A paisagem existe através de suas formas, criadas em momentos históricos diferentes, porém coexistindo no momento atual. No espaço, as formas de que se compõe a paisagem preenchem, *no momento atual, uma função atual*, como resposta às necessidades atuais da sociedade. (SANTOS, 2004a, p. 104)

Diante de uma paisagem, ou nossa vontade de apreendê-la se exerce sobre conjuntos que nos falam à maneira de cartões postais ou, então, nosso olhar volta-se para objetos isolados. De um modo ou de outro, temos a tendência de

negligenciar o todo; mesmo os conjuntos que se encontram em nosso campo de visão nada mais são do que frações de um todo. (SANTOS, 2004b, p. 35)

Paisagem caracterizam-se por instantes transitórios, as percebemos quando o olhar abrange um horizonte também transitório que aguarda um gesto, para que este seja preenchido por um corpo ou por uma função. De acordo com Milton Santos (2004^a, b), paisagens são formas mais ou menos duráveis que caracterizam um lugar e uma região:

uma região produtora de algodão (...) um centro urbano de negócio e as diferentes periferias urbanas (...) o seu traço comum é ser a combinação de objetos naturais e de objetos fabricados, isto é, objetos sociais, e ser o resultado da acumulação da atividade de muitas gerações. (SANTOS, 2004b, p. 53).

Objetos naturais e objetos sociais são os dois componentes principais de uma paisagem sujeita às dinâmicas de mudanças e interferências de um objeto com o outro – social afetando natural e vice versa. Há pontos de permanência nessas dinâmicas que “são as testemunhas do passado”. (SANTOS, 2004b, p. 54). Ou seja, “a paisagem é o resultado de uma acumulação de tempos”. (SANTOS, 2004b, p. 54):

A noção do tempo é fundamental. A sociedade é atual, mas a paisagem, pelas suas formas, é composta de atualidades de hoje e do passado. A noção de escala é igualmente importante, pois, se o espaço é total, a paisagem não o é. Não se pode falar de paisagem total, pois o processo social de produção é espacialmente seletivo. O espaço construído que daí resulta é variegado. Formas de idades diferentes com finalidades e funções múltiplas são organizadas e dispostas de múltiplas maneiras. Cada movimento da sociedade lhes atribui um novo papel. (SANTOS, 2004b, p.60)

Santos segue conceituando que paisagens são suscetíveis aos usos que lhes são atribuídos para, então, se tornarem espaço. São imutáveis, enquanto o espaço é mutável e sujeito ao que cada cultura, cada sistema de significação, em diferentes tempos, é capaz de extrair da paisagem.

Cada paisagem se caracteriza por uma dada distribuição de formas-objetos, providas de um conteúdo técnico específico. Já o espaço resulta da intrusão da sociedade nessas formas-objetos. Por isso, esses objetos não mudam de lugar, mas mudam de função, isto é, de significação, de valor sistêmico. A paisagem é, pois, um sistema material e, nessa condição, relativamente imutável: o espaço é um sistema de valores, que se transforma permanentemente.

(...) A paisagem existe através de suas formas, criadas em momentos históricos diferentes, porém coexistindo no momento atual. No espaço, as formas de que se compõe a paisagem preenchem, *no momento atual, uma função atual*, como resposta às necessidades atuais da sociedade. (SANTOS, 2004a, p. 103-104)

O espaço é circunstancial e funcional, enquanto a paisagem é perene e escapa à sua instrumentalização. É indiferente à ação social que a habita, mas aguarda um gesto para que seja preenchida por um corpo, por uma função,

Segundo C. Reboratti (1993, p.17) “a paisagem humana é uma combinação de vários tempos presentes”. (SANTOS, 2004a, p.104).

5.3.4 Enquadramentos: ordens do afeto e pictóricas

Aquidauana,
8-7-1947

A beleza da terra é tanto... a natureza é tão magnificamente grande, que eu não poderia jamais trazer ao papel a calma bela e envolvente da paisagem nativa que o trem atravessa. Pássaros magníficos, na planície inundada. Plantas desconhecidas. (Sol para Leon, 1947)

Delinear, organizar, nomear e tornar aparente um pedaço de terra são atos fundamentais para a elaboração de uma paisagem e isso implica um corpo: “é evidente que o próprio ato de identificar (para não dizer fotografar) o local pressupõe nossa presença e, conosco, toda a pesada bagagem cultural que carregamos” (SHAMA, 1996, p.17). A ordem pela qual compomos uma paisagem resulta das relações instituídas entre quem avista e os elementos sujeitos a seus desígnios, conjugados às ferramentas intelectuais e físicas – “antes de poder ser

um repouso para os sentidos, a paisagem é uma obra da mente. Compõe-se tanto de camadas de lembranças quanto de estratos de rochas” (SHAMA, 1996, p. 17).

Lembranças, anotações e narrativas orais definem a extensão do horizonte, os relevos, aspectos da fauna e da flora de onde o grupo passou: “a saudade que sinto de você se traduz em tudo que penso e faço. A música do rio, cortado pela lancha em movimento, faz lembrar a corrente agitada da vida sobre a calma tranquilizante do nada”. Em outro momento, Sol escreveu ao seu noivo: “De um lado e doutro, a várzea do pantanal se estende até o (ilegível) da cordilheira, ao longe. Nada o impede. Tudo é belo e calmo. O mar que sussurra, a vegetação, meu corpo...” (GARSON, 1947).

A paisagem, como aparece na correspondência entre Sol e Leon, está totalmente engendrada no corpo e em suas lembranças. A forma em que a paisagem é composta tem o sentido de partilhar seus afetos com quem lerá as cartas. Além de informar dados geográficos, as cartas de Sol apresentam espécies de montanhas de maravilhamento, ventos de paixão, rios de música. A paisagem grafada por afetos não se contrapõe, de acordo com a reflexão de Sol, ao conhecimento técnico e científico, tampouco à possibilidade de ser composta uma paisagem palpável em imagens e palavras. Sol reflete para seu noivo:

parei meu relatório e com o lápis geográfico eu escrevi amor. E você diz que ambas as coisas são antagônicas, e que uma destrói a outra e que... Leon Passi, isto é a Terra, a realidade bonita e misteriosa dos seus costumes e ambições. Cada vez mais me convenço de que a beleza é mais bela quando provém de conhecimento do íntimo das coisas, das pessoas.

Lastimo a vida monótona que você atravessa agora, em contraste marcante, com o movimento e a evolução que se passam em mim. Essa viagem é importantíssima para as nossas vidas.

Nela não cabe o egoísmo, nem a deturpação. Ela é, acima de tudo, o conhecimento de uma nova faceta da natureza. Há muito ainda que conhecer... Os horizontes são largos.... o infinito não acaba nunca... (GARSON, 1947).

6.4 Atmosferas

Podemos imaginar e pressentir um porvir e um passado – e apreender um momento atual. Deparamos com formas sugestivas e vagas: imagens que possuem limites e contornos vagos, fronteiras nuançadas, informes, fragmentadas e móveis. São imagens apreendidas em sentidos que traduzem um “estado de apreensão” do ambiente e das coisas do mundo.

Tal percepção é marcada por uma ordem ditada por aquilo que nos toca e afeta sentidos e gostos. Martin Seel (2005) ajuda a entender como percebemos e apreendemos as coisas ao nosso redor – por exemplo, nossos rastros – e setoriza em três dimensões a experiência estética: *mere appearing* (SEEL, 2005, p. 91), aparecer simples; *atmospheric appearing* (SEEL, 2005, p. 92), aparecer atmosférico e *artistic appearing* (SEEL, 2005, p. 95), aparecer artístico. Seel constata que “a situação existencial de um ser humano vai além de sua posição espaço-temporal e se estende para sua história particular, seu entendimento de história coletiva, o futuro colorido por seus planos, suas esperanças e seus temores. Enquanto percebemos esteticamente facetas da vida, olhamos para como é, ou como foi, ou como poderia ter sido existir aqui e agora, ou ter existido em outro lugar e outro tempo. Alertas à sensação de *atmospheric appearing*, a particularidade do que nos é concreto, sensorialmente palpável, como uma forma temporária de nossa vida” (SEEL, 2005, p.94)⁶⁴.

Através desses elementos orais e gráficos encontrados nas escritas de Rosa, de Sol e Sulamita – rasuras, anotações, rabiscos, palavras faladas, ruídos, grunhidos, som de bichos, floresta, o inaudível e inteligível transformado em imagem – podemos apreender esteticamente o que se passou na Expedição ao Pantanal.

⁶⁴ Trecho adaptado e traduzido pela autora do original: “The life situation of human beings goes beyond their spatiotemporal location: into the past of their history up to now (and of this history's embeddedness in general history), into a future colored by their intentions, hopes and fears. Facets of this life situation become perceptible to responsive aesthetic consciousness. While perceiving, we look into how it is, or how it was, or how it could be to exist here and now, or to have existed there and then. With an alert sense of atmospheric appearing, we perceive our particular concrete, sensuously discoverable situation, as a temporary form of our life.”

Para além da visualidade e da oralidade capturadas em escrita, podemos indagar como um odor guardado nas fotografias, um toque áspero do papel de carta, a marca de um café derramado no bloco de notas guardam os rastros dos instantes e de corpos de outrora. Por sua vez, o corpo de quem percebe o odor, toca as folhas do papel e imagina o instante em que o café deixou uma marca, vai de encontro àquilo que o *toca e afeta*, a atmosfera. Atmosfera é, portanto, uma “articulação sensível e afetivamente perceptível (e, nesse sentido, existencialmente significativa) de possibilidades de vida realizadas ou não realizadas”⁶⁵ (SEEL, 2005, p. 92).

As reflexões sobre experiência estética atmosférica, e seus limites entre passado, presente e futuro baseiam-se na compreensão de temporalidade nomeada por Gumbrecht de “cultura de presença” (2010, p. 22). Em sua concepção, a cultura voltada para a presença diferencia-se de “cultura de sentido” (GUMBRECHT, 2010, p. 22), pois ambas as culturas pertencem a epistemologias do conhecimento diferentes e suscitam experiências estéticas particulares.

A “cultura de presença” permite uma temporalidade específica em que não há uma linearidade contínua na sucessão de tempos distintos – um passado que inscreve um presente que é mera passagem para um futuro. Abre a possibilidade de experimentar as coisas do mundo sem passar pela racionalidade ou por uma busca de sentido. Não temos mais certezas rígidas, assumimos a dubiedade das coisas e reescrevemos o passado pelo presente. Nessa cultura, podemos conceber experiências centradas no corpo, na atmosfera e nos afetos, mais do que nos sentidos. Ou seja: o conhecimento das “coisas do mundo” é desvelado por eventos de “autorrevelação do mundo” – e não mediado pelo conceito e pela interpretação (GUMBRECHT 2010, p. 105-117).

A partir dos pressupostos e conceitos sobre rastros, presença e ambiência, admitimos o acesso a um tempo surpreendente, desconhecido e mágico. Através de tal percepção de tempo, podemos esboçar temporalidades diversas: estabelecer conexões entre o que

⁶⁵ Trecho traduzido pela autora do original: “Atmosphere is a sensuously and affectionally perceptible (and, in this respect, existentially significant) articulation of realized or nonrealized life possibilities.”

passou, o que se mostra como presente e o que está por vir – conectar o que se encontra entre um tempo conhecido e um tempo desconhecido e nunca vivido. Podemos perceber uma dimensão da imagem que se revela, desvela e concebe múltiplas outras imagens que envolvem sentidos e afetos.

6.5 Ambiência

Há um espaço e tempo a serem materializados por quem conta e por quem escuta, por quem lê e por quem escreve com os sentidos voltados para a ambiência. “Ler com a atenção voltada ao *Stimmung*⁶⁶ significa prestar atenção à dimensão textual dos temas que nos envolvem, que envolvem nossos corpos, enquanto realidade física”, assim Gumbrecht (2014, p. 13) exemplifica o sentido de *ambiência*. É pela compreensão de *Stimmung* (ambiência) que abordo os afetos que decorrem do encontro com textos, reminiscências e documentos de outrora a serem atualizados em imagens.

Na abordagem do *Stimmung* de um texto literário, de um acontecimento ou de um documento histórico, rejeita-se a apreensão de um sentido ou de uma realidade extratextual, porém, admite-se uma infinidade de sentidos, sensações físicas e imaginárias, que surge no instante do encontro do corpo de quem lê com as formas e palavras contidas no texto. Assim, torna-se possível a apreensão de um momento do passado, de uma história, através da ambiência que perdura no tempo e que se materializa por fragmentos, palavras, objetos, odores, sons e texturas.

Atmosfera – clima ou *Stimmung* – é definida por Gumbrecht como algo que pode ser percebido, mas que não se mostra totalmente, não se limita à materialidade do texto – permanece da passagem de um tempo para o outro e prescreve múltiplos sentidos. Atmosferas envolvem algo que não participa do tempo atual e o torna de novo presente. Na experiência atmosférica, há uma estrutura temporal específica que se estabelece e possibilita a existência simultânea de

⁶⁶ Termo no alemão (*Stimmung*) que se traduz para *clima* no português e *mood* em inglês.

diferentes dimensões temporais. Perceber um clima, um ambiente ou uma atmosfera é como “ser tocado, como que de dentro” (Toni Morrison *apud* GUMBRECHT, 2014, p. 13), é prestar atenção nas formas que nos confrontam e envolvem nosso corpo enquanto realidade física.

Essa percepção não passa, necessariamente, pela interpretação, por questões de representação ou pela significação conceitual, mas, sim, a identificamos a partir de tempo e ritmo (da ordem de *Kairós* e não de *Krónos*). A partir da ambiência de uma obra, de um texto ou uma imagem, podemos conceber estruturas temporais múltiplas e experimentar suas dimensões poéticas, sensórias, rítmicas e artísticas.

Atmosferas contêm, transmitem e articulam uma estrutura temporal própria: se detivermos nossa atenção nos rastros de algo, poderemos, possivelmente, perceber nuances de atmosferas – sentidos e sensações inesperadas e surpreendentes. Poderemos tornar presente um *outro* tempo. Clima, ambiência e *Stimmung* são também definidos como uma sensação e um estado de espírito que não pode ser circunscrito, “são experimentados como um *continuum* (...). Apresentam-se a nós como nuances que *desafiam* nosso poder de discernimento e de descrição, bem como o poder da linguagem para as captar” (GUMBRECHT, 2005, p. 12). É na escrita permeada de ambiência, na apreensão de instantes de outrora e porvir, que o corpo se liga à palavra, a palavra se liga à alma e a linguagem é inaugural.

A experiência de nos aproximarmos de um texto pelo *Stimmung* explicita a capacidade de um meio (*medium*) se ligar a algo externo e de tocar nossos corpos. Ou seja, materialidades carregam o potencial de “sons e ritmos de palavras serem jogados contra nossos corpos” do mesmo modo que foram jogados contra corpos antepassados (GUMBRECHT, 2005, p. 24) e continuarão sendo – caso persistam na história – jogados contra corpos futuros. Nesta experiência, Gumbrecht identifica a presença material do “texto-imanente do passado” e a “objetividade do passado-feito-presente” (GUMBRECHT, 2005, p. 24): aquilo que nos afeta no ato da leitura envolve o presente do passado em substância – e não um final do passado, nem sua representação. “Um quadro, uma canção, convenções gráficas, uma sinfonia, qualquer uma

dessas obras pode absorver atmosferas e ambientes e, posteriormente, devolvê-los para uma experiência em um novo presente” (GUMBRECHT, 2014, p. 27).

Transitamos em esferas da escrita, palavras, sons, ruídos e rastros que apontam para o aparecimento de outros mundos e imagens em estado constante de surgimento. Quando um instante ou uma paisagem do passado perduraram no tempo, conservados e materializados pela linguagem científica, artística, por afetos ou memória, apresenta-se ao pesquisador no presente a possibilidade de convocar vozes, corpos e lugares de outrora. A descrição de um pássaro voando, por exemplo – seja em imagens, em impressões instantâneas, em palavras inarticuladas seja um esboço rasurado –, devolve a quem posteriormente o vislumbra, o nascimento de uma infinidade de outros pássaros.

ESTUDO DE CASO

ARTISTAS

INVESTIGADORES

CADERNO 4

7 CADERNO 4 – GESTOS ARTÍSTICOS E MATÉRIA PARA FALAR DE TEMPO

A investigação sobre a Expedição ao Pantanal decorreu do levantamento e especulação sobre seu arquivo e da reflexão conceitual em diálogo com os documentos gerados na viagem. Em paralelo com a produção textual, foram desenvolvidos trabalhos visuais em esculturas, desenhos, vídeos, colagens e pinturas. Os trabalhos acompanham a tese e serão expostos na ocasião da defesa montados em um ambiente de laboratório de pesquisa.

Uma seleção dos trabalhos está apresentada nesse capítulo: “Horizonte em desalinho”, “Cartas” e “Quimeras e híbridos”, essa série mostra processos e resultados de investigações em ateliê a partir de uma reflexão sobre o potencial de trabalhos artísticos deslocarem documentos da esfera técnica para a estética e plástica. Foram realizados experimentos com materiais com alto teor de plasticidade – como o barro, cera e aquarela – suscetíveis a impressões de gestos e a ação do tempo. Investiguei, também, como articular e desarticular arquivos para abrir a possibilidade de outras leituras, narrativas e imagens de seus documentos. Os trabalhos operam na esfera da imaginação, a partir da apropriação e deslocamentos de materiais pessoais, os arquivos da Sol e da Sul, e os textos literários de Rosa.

Em seguida, apresento estudos de casos de artistas com os quais estabeleci um diálogo conceitual. A partir dos trabalhos *Instituto Experimental Tropical del Amazonas* – uma instalação artística concebida por Mariàngeles Soto-Díaz – e *Buena Memoria, 1er año, 6ta division, foto de clase 1967*, de Marcelo Brodsky, investigo como gestos artísticos operam no limiar entre historiografia, ficção e imaginação. O primeiro, de Soto-Díaz, é a base para um estudo sobre o potencial de ruínas ficcionais abrirem novas compreensões sobre a história da arte, por exemplo, expondo documentos inventados que mostram o encontro de Sonia Delaunay com índios Yanomâmis, aproximando, assim, suas expressões gráficas. O segundo, de Brodsky,

traz o debate sobre inscrições em arquivos e rasuras em fotografias que “dessacralizam” a aura de documentos indiciários e abrem possibilidades de tramar diversas narrativas sobre o passado. Brodsky atua no âmbito do arquivo particular, de histórias individuais, e expõe contrapontos entre diferentes dinâmicas narrativas do passado.

Esses trabalhos são estudados pela identificação de afinidades entre o pensamento artístico neles desenvolvido e o que proponho no trabalho com o arquivo da Expedição ao Pantanal.

7.1 Horizontes em desalinho

As fotografias da Expedição ao Pantanal foram reunidas por Sulamita e pela família de Sol. A única informação a elas atribuídas é o fato de serem parte do arquivo da expedição, poucas contêm legendas, nomes ou datas. Diante da desordem e da ausência de informações específicas, identifiquei a possibilidade de especular sobre a visualidade das fotografias, voltando o interesse para suas características materiais e formais, como manchas, imperfeições e formas gráficas.

A percepção dos rastros nas fotografias incita uma atmosfera. As imagens evocam um tempo e um lugar – o acontecimento que fez com que elas surgissem. São os rastros do fotógrafo, da câmera e do lugar em que se encontra. Contudo, o olhar para a fotografia atento aos detalhes de sua materialidade extrapola formas rígidas de apreensão da realidade: não se vê apenas representados a localização, o instante ou o discurso presente na imagem, apreendemos, também, sentidos que se constroem a cada novo olhar. Diante dos rastros contidos nessas imagens, empenhamos uma forma de ver que “revela” sentidos que não nos são dados de antemão. Abre-se um jogo de combinações e recombinações múltiplas de imagens, narrativas, afetos e imaginação.

Através do exercício desse modo de olhar mergulhei nas fotografias do arquivo de Sol e Sul. Entre exercícios desenvolvidos, combinando e recombinao as fotografias, organizando em diferentes nexos temporais e espaciais, destacando manchas e imaginando histórias, compus “Horizontes em desalinho” – uma série de montagens

nas quais as imagens são interligadas a partir de uma linha “inventada” comum. A partir da identificação de um horizonte nas imagens, diferentes lugares e temporalidades são conectados por essa linha.

Esse modo de composição semelha-se à dinâmica dos Myrioramas, jogos de composição de paisagens populares no século XIX e se aproxima, também, da prática de *Kintsug* “(金 kin = ouro | 継ぎ tsugi = emenda) que significa literalmente 'emendar com ouro'; uma técnica de restauração de cerâmicas que possui caráter filosófico, por valorizar as imperfeições e aceitar o desgaste das coisas com o passar do tempo” (HATNAKA, 2020).

Essa montagem de fotografias, a partir de um horizonte comum, cria uma espécie de panorama de fragmentos emendados. Quando expostos lado a lado, é possível percorrer o olhar como se avistássemos uma paisagem pela janela de um trem.



7.2 Cartas

Entre os documentos do arquivo, a correspondência entre Sol e Leon é o material com maior teor afetivo. Permeada de descrições sobre suas sensações e pensamentos, Sol buscava transmitir a transformação que vivia e compartilhar seu deslumbramento sobre a paisagem e a experiência da Expedição – “estou com saudade”, “quero transmitir a beleza que vejo”. Com comentários mais informativos e mudanças em sua caligrafia, deixava transparecer as circunstâncias em que se encontrava: “está quase sem luz”, “estamos no trem”, “estou em campo”; uma das cartas se divide em lápis e caneta e percebemos que



foi escrita em momentos diferentes. Com esses indícios, montamos uma espécie de cenário para os instantes em que a presença de Sol e o ambiente em que se encontra são mais latentes, contudo, uma imagem nítida e límpida não se completa.

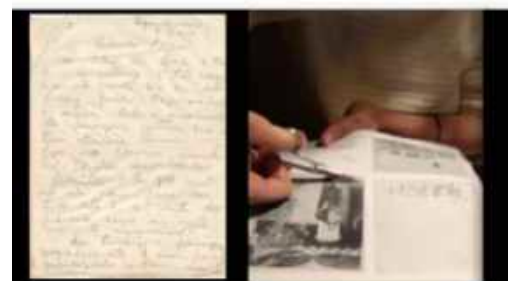
Apesar dos detalhes explícitos e sentimentos íntimos, é palpável a distância, tanto temporal quanto espacial, que sentimos ao lermos as cartas. Esse afastamento impede uma imagem explícita e exige de quem lê o empenho da imaginação e especulação como meios de apreender o que se encontra insinuado. Como forma de explorar a materialidade dessa distância, experimentei a visualidade e a plasticidade da cera como um material que, dependendo de sua espessura, pode ofuscar ou dar brilho à superfície que encobre.

Além das possibilidades de diferentes visualidades pela espessura, a cera é um material sensível ao calor que, no estado líquido, se expande e corre na superfície do papel como um rio entrando nos sulcos; ao esfriar, se cristaliza formando diferentes texturas e topografias; no estado sólido, se quebra como um solo seco deixando marcas de rachaduras e fragmentos soltos.

Como forma de experimentar os desdobramentos dessa visualidade, as cartas foram encobertas pela cera e costuradas com linha dourada, remontando seus conjuntos e seguindo uma lógica de leitura. A linha dourada, além de ser usada para unir as partes, também funcionou como um meio de marcar caminhos e conectar os fragmentos de cera soltos, formando uma espécie de marcação do percurso da minha leitura.

Reproduções e fac-símile dos documentos permitem uma maior liberdade de experimentação, multiplicando as formas que suas imagens podem ser trabalhadas. Possibilitam rasgar, rasurar, desmanchar, desmontar, quebrar, riscar para depois montar, costurar, moldar e encontrar formas não previstas no documento quando visto em sua forma original. Esses exercícios ajudam a perceber os caminhos que os rastros neles contidos podem insinuar, além de imagens e narrativas que podem ser geradas de seus fragmentos.

Outro exercício realizado com as cartas foi uma leitura da correspondência de Sol pra Leon enviada de Aquidauana. O



experimento de leitura e desmembramento da carta foi registrado em vídeo com a sonoridade da fala entremeada ao som de pássaros da região. Fotos de Sol foram recortadas e remontadas formando uma espécie de mapas de manchas.

7.3 Quimeras e híbridos

Empenhar a imaginação em especulações sobre um acontecimento de outrora provoca o surgimento de imagens que transitam entre uma esfera de sentidos factuais e uma esfera quimérica. São imagens permeadas dos afetos de quem imagina, nascem do encontro de seus corpos com sensações que permanecem de um instante passado e aparecem em formas imprevistas. Fundem lembranças vagas com “dados duros” e sonhos, bichos com plantas, paisagens com corpos, por exemplo. Não há um limite rígido que separa as formas e seres imaginados, há fusão entre corpos, atmosferas e temporalidades.

Essa forma de aparição das coisas está presente, também, na escrita de Rosa que percorre a paisagem sem distinguir limites entre as coisas. As formas vazam umas para as outras, unidas pelos seus aspectos físicos e pelo que salta aos seus sentidos – uma cor vibrante, um cheiro forte ou um ser surpreendente.

Como uma espécie de pesquisa de campo pelo arquivo da expedição, criei um inventário visual de formas que surgiram da imaginação da paisagem, dos seres presentes nas paisagens narradas e registradas por Sol, Sul e Rosa. São fragmentos que podem ser pássaros ou cascas, bichos quase plantas e construções arquitetônicas vazadas pela atmosfera.







7.4 Estudo de caso: o *Instituto Experimental Tropical del Amazonas* – historiografia híbrida de um passado imaginado⁶⁷

A imaginação não é fantasia... A imaginação é uma faculdade {...} que percebe as relações íntimas e secretas das coisas, suas correspondências e analogias. A imaginação, a *montadora* por excelência, desmonta a continuidade das coisas somente para fazer surgir “afinidades eletivas”.

Didi-Huberman

(citando Benjamin, Baudelaire e Goethe)

⁶⁷ Título da instalação artística exposta na *18th Street Arts Center* (CA, EUA), entre 24 de fevereiro e 19 de maio de 2018.

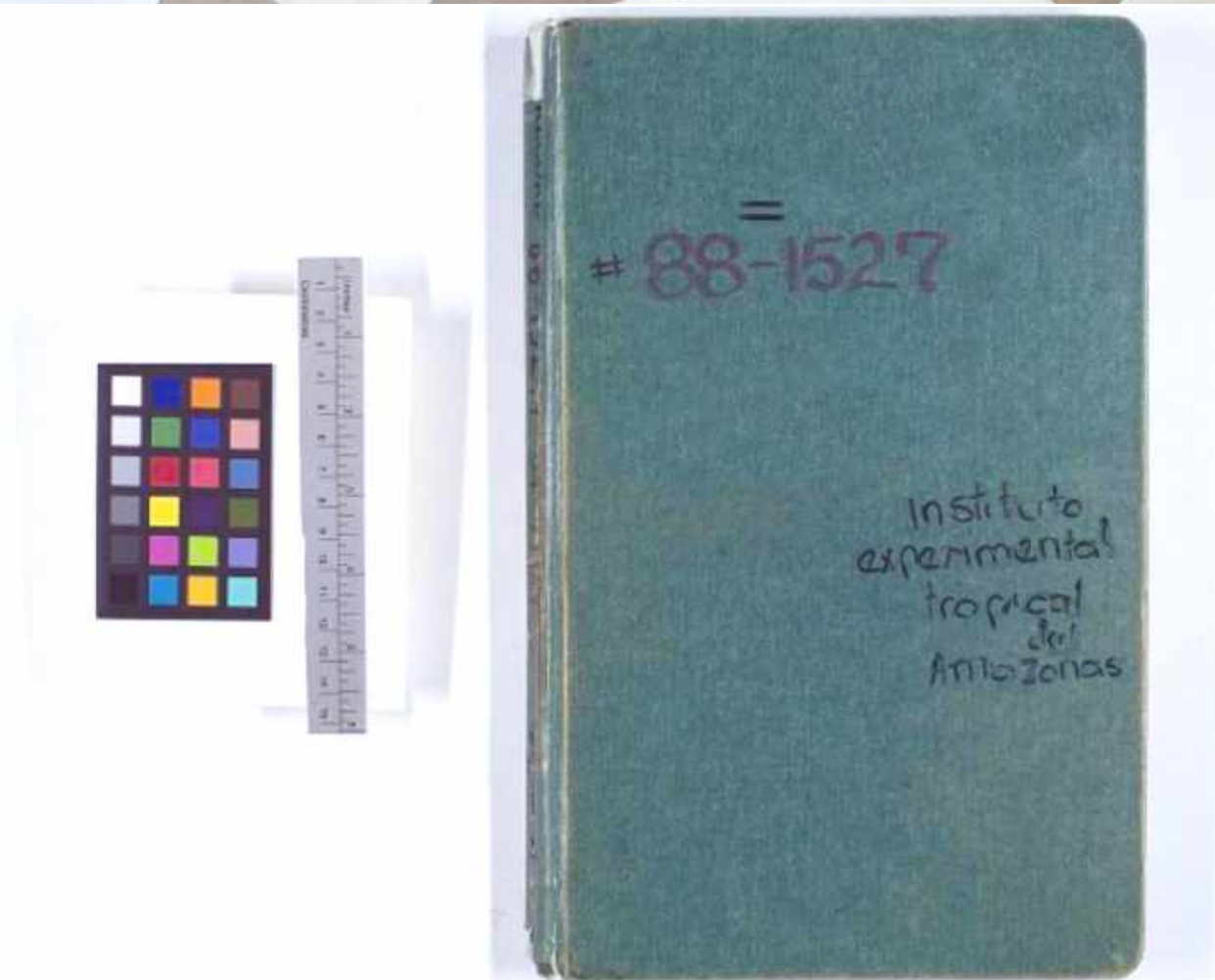
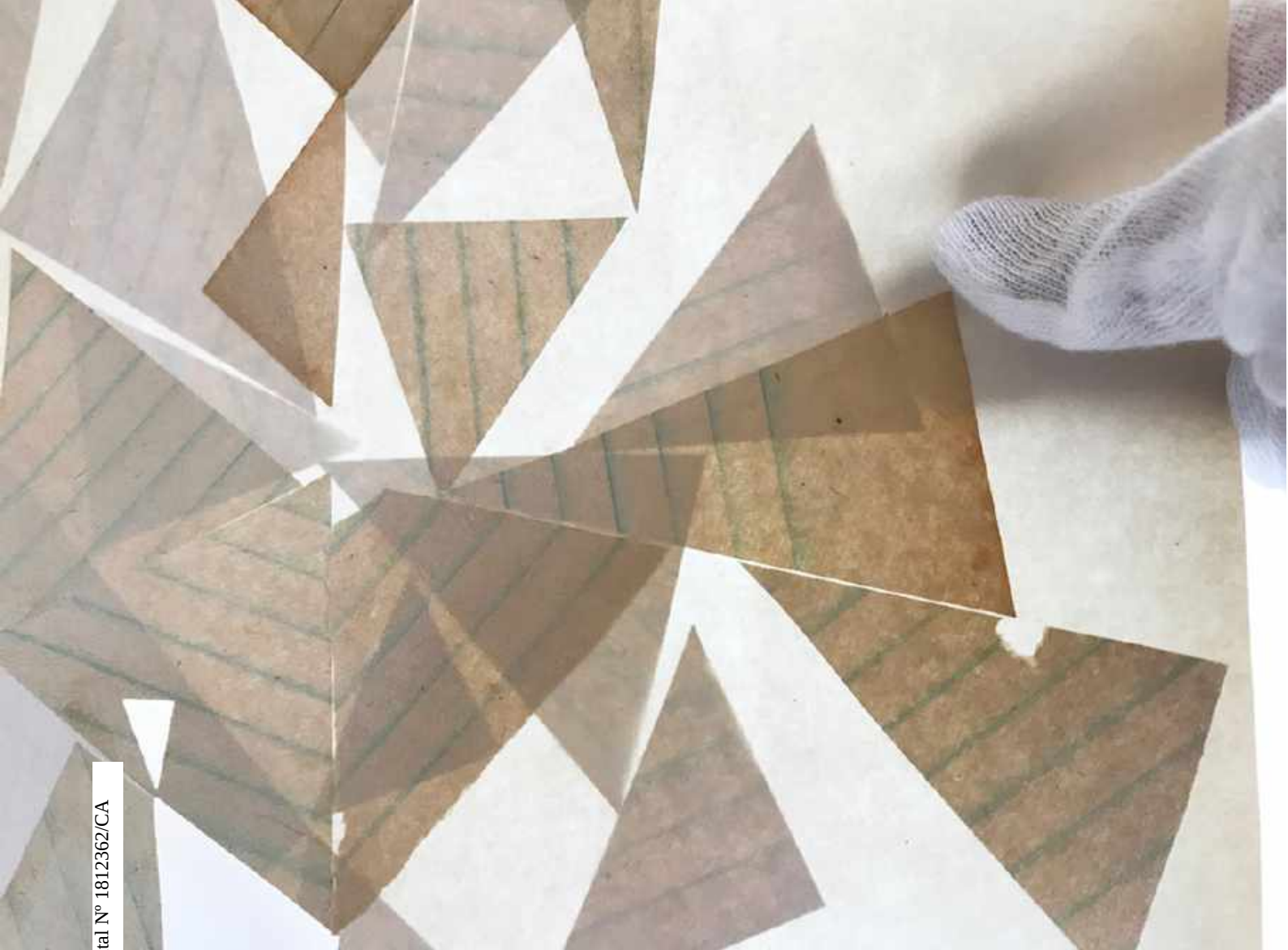


Figura 24 Documentos do Instituto Experimental Tropical del Amazonas. Imagem da instalação artística, 2018. Site da artista.

O *Instituto Experimental Tropical del Amazonas*, de Mariángeles Soto-Díaz⁶⁹, é uma instalação artística que expõe um arquivo com desenhos, esculturas, peças de artesanato, fotografias, documentos e cartazes de uma escola de arte experimental que funcionou na selva amazônica entre 1935 e 1942. Coordenados por um grupo de artistas feministas com espírito coletivo, os membros do instituto estudaram as propriedades de ricos recursos tropicais da floresta amazônica, aprenderam técnicas de construção e artesanato com os Ye'kuanas e Yanomâmis, e foram levados a “reimaginar formas de viver” (SOTO-DÍAZ, 2018). Imaginada, porém, foi a existência do *Instituto*. Criação ficcional, a instalação apresenta as ruínas de um passado imaginado:

O grupo de artistas evocava as utopias da Bauhaus através de um olhar feminista latino-americano. O Instituto tinha como objetivo fazer arte em harmonia com a natureza, inserindo-se nela e ressaltando seus contrastes. Essencial para o funcionamento do Instituto era o trabalho “circular” do grupo, incluindo os governantes e instrutores, assim como o compromisso com o equilíbrio entre os gêneros e a convivência harmoniosa.

Entre os oradores convidados, se apresentaram artistas; poetas; artesãos; curandeiros; incluindo Le Corbusier apresentando seu projeto para a Universidade da Cidade e o Ministério da Educação no Brasil; Sonia Delaunay apresentando sua filosofia de integração entre design, arte e vida; Kanii comparando fundamentos e simbolismo na tecelagem Yanomami e Ye'kuana; e o artista Joaquín Torres-García, discutindo sua nascente *Escuela del Sur* e suas colaborações com o *Círculo y Cuadrado*. Entre os visitantes do Instituto, um dos que provocaram muita discussão foi Oswald de Andrade, poeta modernista e autor do Brasil. Andrade definiu sua crítica pós-colonial através de um termo humorístico de Antropofagia, como forma de chamar canibalismo cultural e uma utopia matriarcal latino-americana em que a produção cultural é um “rito que tenta expressar um modo de pensar, uma visão do mundo”. Ele encorajou os artistas latino-americanos a “estrangular a cultura dominante” – formas de arte e teorias

⁶⁹ Artista, venezuelana, atualmente vive e trabalha na Califórnia, nos Estados Unidos da América.

estrangeiras – para dissecá-la e extrair de seus interstícios a matéria palpitante que deveria ser “devorada, digerida criticamente, para criar algo novo”... Carnal se transforma em matéria volátil e cria amizade. Afetivo, amor. Especulativo, ciência. A vida é o ato de devorar. (Soto-Díaz, 2018)⁷⁰

No fim da experiência coletiva, artística e educacional, “os artistas se retirariam para a selva ‘até chegar a hora do Instituto se decompor como galhos caídos no chão húmido da floresta’, deixando para trás uma ruína modernista para outros contemplarem um futuro perdido”.⁷¹

O Instituto é regulado pelos princípios do *Manifesto de coco para el Instituto Experimental Tropical del Amazonas*, redigido para os artistas e participantes do Instituto, baseado nos pilares: “nós estudamos”, “nós unimos”, “nós atuamos”, “somos sencientes” e “temos esperança”. Nesses pilares, destacam-se: a exacerbação das constituições físicas do corpo e da natureza; todos são dissidentes, exilados da cidade na selva, e buscam a aprendizagem no conhecimento indígena; não há fronteiras políticas e há um espírito coletivo que sobreviverá aos seus constituintes. O manifesto inscreve um sentido de tempo regido por poderes metafísicos, os quais podemos só imaginar: o passado é regido por forças da natureza – “(...) *the past sun, cosmos, people and stars* (...) – que movem em direção ao futuro, *shinning towards the future*” (SOTO-DÍAZ, 2018).

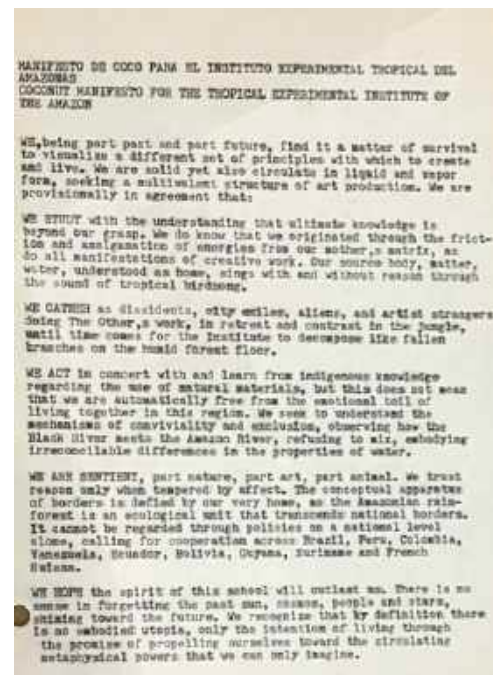


Figura 25 – Manifesto de coco para o Instituto Experimental Tropical Del Amazonas, 2018, Mariángela Soto-Díaz.

7.4.1 Historiografia híbrida

Rastros ativam a experiência do presente; lugares que hoje podem apenas ser imaginados são atualizados pelo nosso empenho em lhes dar forma pela articulação de seus fragmentos espalhados no tempo. Somos todos possíveis poetas, escultores, desenhistas e pintores ao tentar, com nosso sangue, nossa vida, emendar “vértebras fraturadas” de um tempo

⁷⁰ Tradução da autora. Texto original publicado no site: http://www.sotodiaz.com/public_html/wordpress/portfolio/4234/

⁷¹ Tradução da autora do trecho original (“The artists would retreat to the jungle ‘until time comes for the Institute to decompose like fallen branches on the humid forest floor’, leaving behind a modernist ruin for others to contemplate a lost future.”) publicado na íntegra no site: http://www.sotodiaz.com/public_html/wordpress/portfolio/4234/

(AGAMBEN, 2009, p. 55-73) e assim criar imagens, narrativas e outras temporalidades.

Soto-Díaz trabalha como uma espécie de artista-historiadora: articula imagens e textos para conceber uma espécie de historiografia híbrida que articula “dados duros” com dados imaginados. A artista une em sua obra métodos artísticos e métodos da historiografia moderna e materialista para criar um “acontecimento histórico”. O método historiográfico é posto em prática para apresentar um fato imaginado: utiliza recursos expográficos típicos de museus históricos – como vitrines de documentos – para mostrar um arquivo de fragmentos criados pela própria artista. Documentos e objetos expostos na instalação cumprem a função de validar o acontecimento histórico ficcional – criam um lastro de factualidade para a esfera da imaginação.

O tempo da historiografia moderna apresenta a imagem eterna de passado, em que o presente é transição no encadeamento de uma história “aditiva”, e os acontecimentos são organizados linearmente, em um encadeamento sucessivo do tempo cronológico. Figuras representativas dos acontecimentos históricos conduzem a “grande narrativa histórica”, através de atos comprovados com provas indiciais. O arquivo do Instituto é uma obra de ficção, porém, as imagens, o discurso da artista, os enunciados são plausíveis e seguem a mesma lógica das historiografias moderna e materialista: podemos associar as imagens apresentadas na instalação artística a um passado que poderia ter existido, através das figuras representativas, documentos e fragmentos que conservam essa história.

Está “comprovado” que na floresta amazônica houve o encontro dos projetos para a Universidade da Cidade e o Ministério da Educação do Brasil de Le Corbusier, da filosofia de integração de Sonia Delaunay, e dos fundamentos e simbolismo na tecelagem Yanomami e Ye'kuana. Os enunciados presentes na história do Instituto contam com seus respectivos testemunhos: mapas com localização do instituto, folhas amareladas com o manifesto escrito em máquina de escrever, desenhos de Sonia Delaunay expostos lado a lado de motivos tribais, fotografia aérea do edifício-oca da escola, cartas, indicações de locais e datas,



Figura 26 Fotografia da arquitetura do Instituto Experimental Tropical del Amazonas. Imagem da instalação artística, 2018. Site da artista.

entre outros “dados duros”. A artista valida com provas indiciais um acontecimento histórico inventado.

7.4.2 Reinvenções do passado

Desfeitas as amarras que condicionam os acontecimentos do passado a uma história homogênea, permeada de relações de poder e hierarquia dos fatos, Soto-Díaz reconhece uma “oportunidade revolucionária de lutar por um passado oprimido” (BENJAMIN, 1994, p. 231). Na base desse pensamento do materialista histórico, há o princípio construtivo; há a possibilidade de quebrar o curso homogêneo da história para escrever outras, com acesso “livre” ao passado.

Na medida em que “articular o passado não significa conhecê-lo como ele foi”, o materialista histórico cria presenças do passado ao se apropriar de suas reminiscências (BENJAMIN, 1994, p. 225). Cabe ao materialista histórico fixar uma imagem do passado, tal qual ela se apresenta, em um instante, no agora, na urgência do presente. Fixar uma imagem do passado, através de lampejos e reminiscências de suas aparições no presente, prevê narrativas que aparecem fora de um encadeamento temporal linear e cronológico. A instalação *Instituto Experimental Tropical del Amazonas* expõe articulações com o passado como um tempo que pode ser constantemente reinventado, presente na fronteira entre ficção e a factualidade de seus fragmentos.

O passado fixado por Soto-Díaz é esgarçado através da imaginação – comporta não só “fragmentos” concretos, mas também lampejos de ficção. A imaginação é o urdimento no qual a artista tece um passado “porvir” que pode ser escrito e reescrito incessantemente. Assim, figuras notórias da arte moderna são revistas, criticamente, através das reminiscências criadas pela artista:

A instalação é uma convincente ficção da colisão do modernismo com culturas indígenas e histórias pós-coloniais. Aplica uma espécie de retro-futurismo aos movimentos modernistas do passado, imaginando o que poderia ter acontecido se um movimento pudesse centrar não apenas a

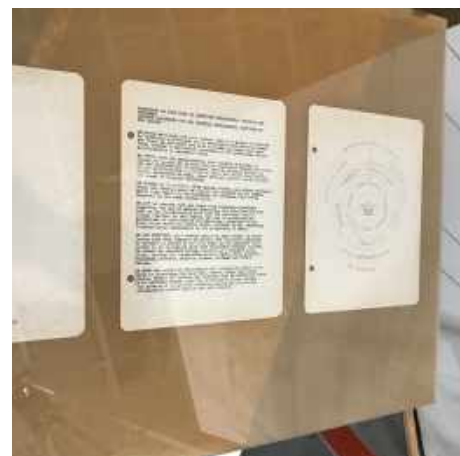


Figura 27 Vitrine com documentos do Instituto Experimental Tropical del Amazonas. Imagem da instalação artística, 2018. Site da artista.

estética indígena e feminista, mas também seus modos de vida e de coabitação. (AHN, 2018)

7.4.3 Quimeras e alegorias

Com os restos do *Instituto*, Soto-Díaz criou montagens que articulam fragmentos de quimeras e restos “verídicos”. Através da aproximação desses fragmentos, o que é “real” “amolece” e o que é inventado ganha corpo e factualidade. Assim, “dados duros” e “dados moles” tornam-se indiferenciados e funcionam com igual valor para compor montagens do passado. A cada montagem ou discurso, novas imagens surgem, novas peças-fragmentos podem ser criadas para compor um passado ainda não antevisto.

As imagens que constituem a história do *Instituto* fazem parte de um jogo de infinitas combinações que produzem imagens alegóricas⁷² do passado. Vislumbramos uma infinidade de mundos que existiram e que poderiam ter existido, tendo como matéria de seus rastros a imaginação.

O gesto da obra é desarticulador de um tempo histórico cronológico e linear, pois desloca o passado para um lugar de constante atualização e porvires. Concebemos, assim, outros meios de tornar presente o passado que não passa pela lente da historiografia, mas, sim, pelas possibilidades de olhar o passado através de quimeras. Com esse gesto, o tempo ganha plasticidade e um espaço se abre para a concepção de temporalidades diversas.

7.4.4 Encontros (im)previsíveis

O *Instituto* expõe acontecimentos “factuais” inexistentes nas narrativas históricas. Por exemplo: a proximidade estética entre as

⁷² O passado, para Benjamin, é visto através de “montagens” de imagens alegóricas. Em suas teses sobre a história, argumenta sobre imagens dialéticas que não se limitam às representações de algo externo a elas, não se encerram em um só significado, tão pouco são ilustrativas, mas podem suscitar sentidos que se atualizam constantemente: “a alegoria não é frívola técnica de ilustração por imagens, mas expressão, como a linguagem, e como a escrita” (BENJAMIN, 2011, p. 184). As imagens alegóricas carregam em suas partes o sentido do todo: “cada ideia contém a imagem do mundo” (BENJAMIN, 2011, p. 70).

composições gráficas de Sonia Delaunay e as dos indígenas. Conhecemos, assim, um tempo e um espaço nunca ocorridos na esfera do real, mas que acrescenta camadas de sentido para o que “de fato” aconteceu.

Os movimentos artísticos da arte ocidental – por exemplo, o projeto da Bauhaus, as práticas artísticas de Sonia Delaunay, o homem antropofágico de Oswald de Andrade; os projetos arquitetônicos de Le Corbusier, entre outros artistas citados na obra de Soto-Díaz – aparecem como ecos de uma história de arte institucionalizada. No *Instituto*, sujeitos históricos são inscritos em uma lógica imaginada de sociedade igualitária e feminista.

Neste espaço, características do modo de vida indígena são confrontados com o modo institucionalizado da escola de arte moderna. Surge, assim, a invenção de uma organização institucional desierarquizada, com práticas artísticas e subjetividades “circulares”. O *Instituto* existe através de uma história que não é da ordem da ciência, mas implica uma ordem política. Não há o compromisso com a veracidade dos dados e a autenticidade das fontes dos fatos. Há uma “teia de sentidos” criada para a construção crítica de um passado imaginado – construção que articula questões atuais (o lugar das instituições de ensino na América Latina; tradição de povos nativos; práticas da arte contemporânea; participação social e gêneros) com utopias modernistas do início do século XX (as utopias construtivistas da Bauhaus e o movimento antropofágico do Oswald de Andrade). Assim, uma outra história pode ser desenhada: não pensamos só no revisionismo do passado, mas também nas relações que surgem a partir do gesto de deslocar um dado “real” para uma temporalidade outra, imaginada.

As reminiscências do passado historiografado por Soto-Díaz, já em decomposição, são de ideias inacabadas, “utopias desencarnadas” (“*there is no embodied utopia*”). A artista narra um passado que findou, que está em decomposição na floresta, e que tem o potencial de constantemente atualizar memórias e história.

nós esperamos que o espírito desta escola nos superará (...).
Reconhecemos que, por definição, não há uma utopia



incorporada, apenas a intenção de viver a promessa de nos impulsionarmos para os poderes metafísicos circulantes que só podemos imaginar. (SOTO-DÍAZ, 2018)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812362/CA



Figura 28-32 1. Desenho de Sonia Delaunay, composição 29, 1930. Imagem. 2. Balaio Sotea Yanomami, imagem do site Loja Tucum, 2022. Desenho de Sonia Delaunay, composição 30, 1930. Vista da Instalação do Instituto Experimental del Amazonas, 2018, site da artista.

**7.5 Estudo de caso: Buena Memoria, 1er año, 6ta division, foto de clase
1967: sobre tramas e fotografias**

*Porque um documento guarda pelo
menos duas verdades, das quais a primeira é sempre insuficiente.*

Georges Didi-Huberman, 2017, p. 35



Figura 29. Buena Memoria, 1er año, 6ta division, foto de clase 1967, trabalho de Marcelo Brodsky, 1996. Site do artista.

7.5.1 Um gesto artístico e político: fissuras na imagem e na história

Buena Memoria, 1er año, 6ta division, foto de clase 1967, uma fotografia que pertencia ao acervo particular de Marcelo Brodsky, é composta pelo retrato de sua turma e anotações especulativas sobre seus colegas de classe: “vive”, “Erik se hartó vive em Madrid”, “Eugenia cura com las manos”, “Eduardo esteve preso, pero se salvó, hoy es analista”, “Nestor está localizado”, “(...) fue el primeiro que se (...) no llegó a conocer a su hijo Pablo que hoy tiene 30 años. Era mi amigo, el mejor” – os destinos particulares de Maria Teresa, Silvia, Marcelo, Pablo, Erik, e seus demais colegas da turma do Colégio Nacional de Buenos Aires estão marcados em uma fotografia que circulará nos espaços expositivos de instituições artísticas e borram as fronteiras entre “micro-história” e “macro-história”, história particular e história social, objeto de arquivo pessoal e objeto de arte.

A fotografia da turma escolar de Brodsky foi realizada no período do governo militar ditatorial de Juan Carlo Organía, que se autodenominou “Revolução Argentina”. Uma ditadura, de caráter de governo permanente, que combateu duramente movimentos sociais e produções intelectuais opostas às suas ordens. A época foi marcada pelo controle de comunicação e de informação e, consequentemente, foi responsável pelo apagamento de registros documentais. O poder militar instaurou não só o governo autoritário, mas também gerou uma lacuna na história, fruto do obscurantismo e controle de informações. Ao inserir informações sobre as vidas particulares nos retratos, Brodsky resgata tramas que ficaram escondidas, silenciadas ou apagadas dos registros oficiais da história.

Fotografias, assim como filmes, são documentos indiciais por carregarem um teor de “realidade”. Produzem imagens resultantes do contato de algo concreto com uma superfície fotossensível: “na foto, alguma coisa posou diante do pequeno orifício e aí permaneceu para sempre” (BARTHES, 2012, p.73). Há uma espécie de relação intrínseca, carregada de materialidade, entre sujeito, máquina e fotógrafo.

A fotografia “indicial”, que carrega um lastro de realidade, traz não somente o índice de que algo esteve diante de uma câmera, mas

também carrega marcas das relações entre linguagem e narrativa de um tempo. A imagem expõe o sujeito fotografado atravessado por sinais de sua postura diante da câmera, sua “pose”, sua “máscara”, e as relações intersubjetivas do que aparece diante das lentes da câmera. Por outro lado, expõe o fotógrafo, através das marcas de seu enquadramento, controles ou descontroles da luz e técnicas adotadas na “pré” e “pós” produção da imagem. A imagem fotográfica revela uma trama de sentidos e relações existentes entre agentes e sujeitos que a produzem; e carrega um teor indicial que a valida como documento e testemunho de um acontecimento “congelado” no tempo. A imagem fotográfica “dá um pouco de verdade, com a condição de retalhar o corpo. Mas esta verdade não é a do indivíduo, que permanece irreduzível; é a da linguagem” (BARTHES, 2012, p.94).

Brodsky atua no campo da linguagem fotográfica extrapolando a função pictórica e representativa do retrato: seu trabalho explora o potencial crítico, estético, narrativo e histórico contido na imagem de uma foto de classe. Como um gesto político e artístico, o artista desconstrói a áurea “indicial” do documento-fotografia com asuras e, paradoxalmente, potencializa o teor documental do retrato, pois traz à tona acontecimentos e vozes não capturados no instante fotográfico, mas inerentes às pessoas retratadas. A posteridade de seus colegas, especulados pelo artista e anotados na fotografia, adensam seus retratos, expondo não só suas histórias particulares, mas também contingências de suas vidas dentro de uma narrativa coletiva.

A sobreposição de dados de diferentes ordens temporais, gerados em diferentes contextos, instauram um encadeamento narrativo que não segue qualquer lógica de expectativa e causalidade. Inscrições, rabiscos e anotações perfuram a aura do documento e colocam em dúvida seu potencial de conferir veracidade a um instante passado. A prática da montagem e colagem – sobreposições e entrelaçamentos de tempos diversos – confrontam imagens controladas (indiciais, documentais) com imagens que participam de uma ordem especulativa.

Brodsky provoca uma fissura na imagem e na narrativa da história e trama uma temporalidade em que é possível entrelaçar passados diversos e escrever outras histórias. Cria uma espécie de

montagem que sobrepõe o retrato que foi gerado num contexto institucional (um grupo de escola uniformizado) e uma camada informativa sobre o destino de seus colegas, fruto de seu esforço para encontrá-los. As lacunas de informação e as mortes inscritas nos rostos retratados denunciam as marcas deixadas pelo instante em que o retrato foi gerado, a violência do governo militar e os dados especulados pelo artista, criando um tempo expandido da imagem.

7.5.2 Arquivo domiciliar, um espaço de desconstrução da memória

A fotografia, que pertencia ao arquivo domiciliar de Brodsky, não só desestrutura a narrativa consensual como, também, reordena o lugar do particular e do público ao deslocar os registros de seu arquivo para o âmbito da memória social. Desloca um documento do âmbito particular para o público, e torna aparente o que não encontra lugar no domínio institucional. A imagem transpassa as fronteiras dos campos das artes visuais, da história e da literatura; aproxima eventos distantes no tempo; aproxima imagens de diferentes estatutos e cria dissonâncias na linearidade da comunicação informativa do documento.

Brodsky cria uma narrativa para o período compreendido entre 1967 e 1996 que confronta a narrativa institucionalizada sobre esse mesmo período. Destitui figuras representativas dos acontecimentos históricos, que conduzem a “grande narrativa histórica”, de seus lugares exclusivos de testemunhos do passado. Assim, abre um lugar para “anônimos” e “coadjuvantes”, história particulares, serem também protagonistas dos registros históricos de seu tempo.

Há no epicentro da narrativa de Brodsky rostos até então anônimos. São rostos que não só fazem parte de uma massa de coadjuvantes dos grandes eventos históricos, mas são, ao mesmo tempo, silenciados. As existências desses sujeitos denunciam uma realidade obscurecida pelos holofotes do poder. São testemunhas que contestam a moral dos que triunfaram. As simples existências dessas personagens ameaçam as “verdades” instituídas pelos que venceram na disputa pela narrativa de seu tempo.

REVISTA

DO BRASILEIRO

Ano 1 - N.º 1

Lacil

has already
to our forests
and integrated
we should take
the necessary

O não sei de onde veio
veio do meu pai, do pai dele
do silêncio de um, próximo
sobreposto ao do outro, longe.
Silêncio de retrato antigo
ouído por quem não o conheceu
a ser vazado através
do filho que me fez de carne
e ossa ao neto, ao filho
do meu filho, e a meu filho.

COLEÇÃO DE
DERIVAS:
ENCONTROS INES-
PERADOS DO RO-
CESSO DE PESQUISA

2018 02

AIRFRANCE

LIMITED RELEASE ☐
GEBARA/JOAO PHIL
27NOV21 AF/35
PRR: SRUNRH
2KG OPO
PRO DE JANEIRO
AF442 DIG
AF1529 CDG



8 PASTA 1

Derivas, ensaios e associações: encontros inesperados

Elementos que se associam intuitivamente e circunstancialmente à pesquisa estão incorporados ao corpo da tese, considerando que uma pesquisa está sujeita a contaminações cotidianas, intercorrências e acontecimentos imprevistos. Por meio de imagens, textos em folhas soltas e relatos sobre acontecimentos cotidianos, busco expor um panorama do processo da pesquisa corrente. Desta forma, indago sobre os cruzamentos entre as diferentes esferas de investigação e produção de conhecimento, com enfoque na relevância dos que aparecem fora do esperado, de forma surpreendente e desorganizada, em um trajeto de investigação. Busco criar um paralelo com o que ocorre durante um percurso de expedição – como ser surpreendido por um animal, por uma paisagem extasiante ou pelo mau tempo, por exemplo.

Com essa dinâmica, busco pautar um ritmo de investigação modulado pela interrupção, em que acasos abrem caminhos inusitados – para serem percorridos, outros obstruídos, cessados, cruzados e desapeados.

8.1 Contingência e desvios (folha solta)

Os cães ladram; as pessoas interrompem; tem de se fazer dinheiro; a saúde vai abaixo. Além disso, e a acentuar todas estas dificuldades, tornando-as mais árduas de suportar, levanta-se a considerável indiferença do mundo.

(...)

O mundo não lhes dizia, como a eles: escrevam se quiserem. Pouco me importa. O mundo dizia-lhes num tom de mofa: escrever? Para que serve a vossa escrita?

Virginia Woolf

Antes de seguir expondo a pesquisa realizada, julgo relevante trazer, em poucas linhas, o contexto de surgimento do corpo de texto apresentado para minha qualificação de tese. Dificilmente o contexto ao qual participo não deixará de transbordar para minha pesquisa e, quiçá, figurará nas falhas, nas faltas, na dispersão, nas intensidades e nas incertezas.

O momento atual é marcado por uma pandemia causada por um vírus letal que expõe facetas da sociedade igualmente letais. Negacionismo, individualismo extremo, ódio e embustes são alguns pilares que sustentam a trama do presente e tecem um porvir sobre o qual não encontro ponto de apoio para o imaginário que conhecia até então. Como olhar para o passado, como lidar com a materialidade de restos do passado, e deslocá-lo para o caos atual? Como o trauma da interrupção do ritmo de vida e do isolamento físico em escala global redimensionam noções de tempo e reconfiguram um possível olhar para o passado? Como falar poeticamente de apagamento, especulações e reescritas da História, enquanto abutres fascistas, cínicos, negam e mentem sobre as narrativas e acontecimentos de outrora?

Tais questionamentos não estão presentes em meus levantamentos teóricos e artísticos realizados até o momento, mas estão latentes em meu pensamento e pautarão, direta ou indiretamente, a produção e a pesquisa por vir.

A escrita que apresento aqui ocorreu em etapas separadas por abismos temporais. Em 2018, início de minha pesquisa no PPGLCC⁷³, já contando com uma gama de material substancial para iniciar o desenvolvimento de uma tese, aprofundei minha investigação em arquivos e em experimentações metodológicas a fim de encontrar uma forma para unir em texto e imagem a miríade de possibilidades latentes nos meus objetos de pesquisa.

No ano de 2019 fui contemplada com a possibilidade de realizar uma viagem para Londres, onde faria uma pesquisa artística em ateliê no Chelsea College of Arts e pesquisaria na Universidade de Londres o método de montagem aplicado por Aby Warburg (1866-1929) no “Atlas Mnemosyne”, Instituto Warburg. Estaria, também, próxima à Virgínia Woolf, um fantasma constante em meus pensamentos.

Com cartas de aceitação em mãos e documentos comprovando as aprovações de minha pesquisa por todas as instituições de pesquisa : financiamento competentes, tive minha entrada no país negada por um oficial da Home Office – sem alternativa de recurso, uma vez que meu processo foi acusado de não ser genuíno e esconder o meu propósito principal que seria, segundo o burocrata, entrar no país para migrar ilegalmente.

Em entrevista, sem aviso prévio, por telefone, enquanto deixava meus filhos no curso de inglês pela manhã e seguia para a feira para comprar a comida do almoço, fui confrontada com perguntas intimidadoras, sem deixar tempo para o pensamento, entre as quais, o oficial indagou como eu faria para ser mãe e trabalhar. Respondi que faria o mesmo que faço em meu país. Em seguida o oficial gentilmente me avisou que eu não estaria no meu país e perguntou, novamente, como eu faria para conciliar a maternidade e o trabalho. Avisei que conheço bem o país para o qual pretendia me mudar, pois nasci em Londres, passei parte de minha infância e adolescência nele, ficaria no mesmo bairro onde morei, levaria meus filhos para a mesma escola onde estudei, e ainda contaria com uma rede de contatos que seria criada uma vez que estivesse lá, inclusive de amigos de longa data. Além de contar com o cuidado e apoio de minha mãe, que me acompanharia. Em

⁷³ Programa de Pós-graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-Rio.

meio a várias respostas, somente uma frase foi pescada pelo oficial para servir como o lastro de sua xenofobia e misoginia (veladas?) e me levou ao abismo vertiginoso do constrangimento: que tipo de amigos? *male friends*?

Ao longo de dois anos, meu tempo, meu corpo e o lugar onde concretamente desenvolvi minhas investigações foram atravessados por acontecimentos que abalaram sismicamente as estruturas sobre as quais sustentei meus projetos. Em maio de 2020, o espaço que vislumbrei ao longo dos dois anos antecedentes – onde seria realizada uma pesquisa no exterior através do programa CAPES/PRINT, onde eu teria acesso a um ateliê, aos arquivos públicos e privados e onde seria realizado o trabalho de campo – se limita a um canto de minha casa, dividido entre demandas domésticas, maternais e pessoais, diante do isolamento social imposto como forma de contenção do vírus potencialmente fatal da Covid-19. Ou seja, não há um “quarto só meu”⁷⁴ para o exercício de uma produção concentrada, livre das distrações e das urgências cotidianas que derrubam qualquer fronteira que se possa criar entre as diferentes esferas da vida.

A atenção dividida e a instabilidade de intensidades entre escrita, criação, estudo, reflexão, maternidade, trabalho doméstico, preocupações sociais e intelectuais, quando amalgamados como um *continuum* tempo-espacial, provocam um modo particular da dinâmica criativa que se fará presente silenciosamente entre as palavras e pintará com nuances as formas e imagens que aparecerão aqui. Disposta a assumir esse modo particular de escrita, me aproximo também de minha avó, guardiã do material que chegou até mim, que também não tinha um “quarto” só dela quando participou da expedição ao Pantanal, tampouco posteriormente, quando era funcionária pública, professora e diretora de escola primária, idealizadora, realizadora e diretora do curso de Arte e Educação da UERJ, quando escreveu, por anos a fio, notas de leituras e esboços de uma pesquisa de mestrado que nunca chegou a ser realizada. Mãe de Elizabeth e Ester, seu corpo múltiplo e atravessado pelos vários “quartos” que o abrigaram, e por tantos outros que se



Figura 30 – 28 Reproduções do "Livro das Lembranças do Planeta". Fundo de obras raras. Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

⁷⁴ Referência ao ensaio de Virgínia Woolf *Um teto todo seu*, 1928.

fecharam para a sua entrada, se faz presente de forma espectral nas realizações e nas lacunas de minha tese.

Após a vertigem decorrente das contingências de março de 2020, segui obstinada a percorrer outros caminhos, planejando visitar acervos, dialogar com artistas que trabalham com arquivos e experimentar deslocamentos dos documentos da expedição para diferentes circuitos científicos, artísticos e acadêmicos. Estabeleci um diálogo com o Colégio das Artes da Universidade de Coimbra, onde encontrei um debate fértil sobre memórias, cosmologias e documentos históricos, por onde cruzaram-se discussões sobre a materialidade da caligrafia e a escrita de artistas. Onde, também, ecoam nos corredores histórias de Domitila de Carvalho, que “discreta, honesta e de acordo com o seu sexo” foi a primeira mulher, da qual se tem registro, a ingressar na universidade, no ano letivo de 1890/1891. Foi, também, na Universidade de Coimbra que esbarrei com fantasmas das explorações portuguesas no Brasil ao ouvir um guia falar sobre a imponente arquitetura da Biblioteca Joanina, apontando para os ornamentos dourados e talhados em madeiras extraídas das florestas brasileiras. Encontrei também os fantasmas da perseguição aos judeus na Península Ibérica, no século XV, que é parte da história das migrações de minha família Sefardita que passou por Portugal, Espanha, Grécia e Marrocos, onde nasce Fortunata, a mãe de Sol, para, então, imigrar para o Brasil, para o Pará e para a Bahia.

Um dos encontros na Universidade de Coimbra fincou um marco divisório nas minhas peregrinações – um que talvez não crie ligações diretas com a expedição ao Pantanal, com Sol, Sul ou com Rosa, mas que oferece prenúncios de frutos e solo fértil para uma empreitada de especulações verbo-visuais. Me refiro ao encontro⁷⁵ com *O livro da lembrança dos planetas*⁷⁶: um manuscrito de 1598 que registra estudos de astronomia e astrologia, (sem distinção entre os dois



⁷⁵ Durante os seminários da professora Ana Rita no Colégio das Artes da Universidade de Coimbra, o livro foi apresentado como estudo de caso para seu trabalho de curadoria artística. A pesquisa foi aprofundada pelo estudo do livro, em edição original, na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, no setor de obras raras.

⁷⁶ *Livro de lembranças dos planetas, Livro de lembranças dos planetas*: repartido em quatro tratados (manuscrito), 1593. 73 desenhos a sépia e aquarelados, dos quais 13 diagramas móveis. Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, referência: BGUC Ms. 440.

campos de estudo). “Lembrança”, no português do séc. XVI, referia-se a conhecimento (OLAIO, 2016). O livro divide-se em quatro tratados – o primeiro trata da lua, o segundo do sol, o terceiro dos cinco planetas, o quarto trata de “coisas *differentes* e curiosas”. Nota-se que o sol e a lua não eram ainda nomeados e aparecem por seus respectivos símbolos astronômicos. A escrita está em latim e em “Romance”, de acordo com a abertura do livro.

Desenhos antropomórficos dos planetas ilustram o início do livro, como se o estudo científico do universo tivesse de passar, antes de tudo, por um processo de introspeção, aproximação, identificação com o cosmos para depois entrar na aventura de conhecê-lo (OLAIO, 2016). As páginas são ornamentadas com molduras minuciosamente desenhadas, com margens delineadas com semicírculos, preenchidas com figuras de adornos que remetem às formas de plantas, árvores e fitas. Os astros aparecem no centro das páginas, delimitados por círculos que se repetem em todas as páginas, que se diferenciam, somente, nas cores e nos desenhos dos detalhes. “A investigação, as minuciosas anotações convivem com imagens laboriosamente ornamentadas, como se a ciência não prescindisse desta moldura de qualificação estética, desta ênfase do valor científico pelo valor do ornamento” (OLAIO, 2016).

O livro foi escrito por monges eremitões: “não sabendo quem foi o autor, sabemos, contudo, que é um original, um autógrafo: correções da mesma letra em vários lugares, traçados a lápis de grafite e picotados para auxiliar o desenho das figuras” (Amaral, 2016), localizados no Convento de Santo Antão de Vale da Infante da Serra de Ossa.

No corpo dos Tratados, são várias as referências ao local onde foi redigido, como “este Convento da Serra de Ossa” (f. 36v), “*in conventu* MONTIS OSSE” (f. 53) e “deste Convento da Serra de Ossa (onde este foi escrito)” (f. 59v), o que se confirma também pela latitude de 38°, “neste meridiano de 38 graus onde foi graduado” (f. 96). A essa latitude fica sensivelmente o Convento de Santo Antão de Vale da Infante da Serra de Ossa, da Ordem dos Eremitas de São Paulo Primeiro Eremita, onde o livro terá sido feito (AMARAL, 2016).



Esquemáticas dos planetas, tabelas dos movimentos dos astros, das marés, a suas interferências nos corpos e nas doenças, aparecem nos tratados de “coisas diversas e curiosas”, que ocupam a maior parte dos estudos subsequentes. Tabelas com registros de coordenadas de diferentes pontos seguem com anotações sobre observações da natureza, do comportamento e do movimento dos fenômenos. Acompanhando as tabelas, informações são elaboradas como desenhos, e calculadoras de papel, minuciosamente desenhadas, recortadas e montadas em articulações de planos circulares concêntricos, para serem manuseadas.

Os estudos contidos no livro estão na fronteira entre ciências e artes e conjugam diferentes esferas dos conhecimentos:

Do ponto de vista científico, é uma obra de 1593, uma data na fronteira da astrologia com a astronomia, na fronteira da crença com a medicina moderna, época interessantíssima em que as ciências se começam a afirmar mas sem se conseguiram afastar completamente de crenças ancestrais, vindas da época medieval: como a da influência dos astros sobre as várias zonas do corpo humano, ou a influência da sua posição sobre a *morbilidade* dos doentes ou a fertilidade das mulheres, que o Livro de Lembranças acolhe. (AMARAL, 2016)

É possível especular o quanto sua elaboração foi prolongada ao tempo, talvez em meses e anos, e se permaneceu inacabado, pois encontramos páginas ilustradas com molduras, mas em branco e incompletas. Não se tem registro de como o livro chegou à Biblioteca de Coimbra: “numa Biblioteca com mais de 500 anos de existência, uma das perguntas mais complicadas que se podem fazer sobre os seus livros antigos é ‘Como entrou na Biblioteca?’. Não sabemos. Sobre este manuscrito, nada sabemos para além do que o próprio manuscrito nos consegue dizer” (AMARAL, 2016).

Do encontro com *O livro dos planetas* surge a sugestão de experimentar associar desenhos e escritas às formas da natureza (como a topologia da árvore, um rizoma e os movimentos da maré), com o propósito de organizar os acontecimentos da viagem ao Pantanal no tempo e no espaço.



Figura 31 – Estantes de livros na sala "obras raras" da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. 2020.

8.2 Notas de uma deriva por caixas de família: anotar tudo que se vê, de imediato (folha solta)

Foi assim, nesta domiciliação, nesta obtenção consensual de domicílio, que os arquivos nasceram. A morada, este lugar onde se de-moravam, marca esta passagem institucional do privado ao público, o que não quer dizer do secreto ao não secreto.

Derrida, 2001, p. 13

O arquivo guardado em âmbito familiar e doméstico, o cerne da pesquisa aqui apresentada, foi abordado por diferentes métodos, com a finalidade de investigar as possibilidades de desdobramentos de seu conteúdo, levando em consideração que seu material não estava condicionado a uma arquitetura arquivística.

Como Aleida Assmann (2011) nota, “ao contrário da memória corporificada sensorialmente nos corpos e nos lugares, o arquivo é separado destes e é, assim, abstrato e genérico”. Especulamos, então, se percorrer arquivos desorganizados, sem indexações ou nomenclaturas, gera alguma espécie de memória corporificada, pois exige de quem ‘trata’ os documentos um exercício de dar nome, de dar alma ao que se encontra em uma espécie de limbo.

Separados de suas funcionalidades originais, documentos guardados no ambiente doméstico muitas vezes não têm valor determinado, são restos que aguardam o momento de serem selecionados para descarte. Foram em algum momento considerados relevantes, podem guardar marcas de momentos significativos para quem os conservou, logo, pairam no limbo entre lixo e relíquias que seguirão na linha hereditária da memória familiar – até serem rejeitados, ou até serem transferidos para a esfera da imaginação artística.

Lixos, papéis e coisas sem uso no cotidiano, destituídos de funcionalidade, guardam uma miríade de outras existências possíveis, de outros nomes a receberem. Quando olhamos uma coisa que fora deposta de sua história, mas que permanece no tempo – pedaços de outras vidas, sem definição na hierarquia da memória –, vamos de encontro a um campo fértil para imaginar narrativas e imagens latentes

em rastros, entranhadas em texturas, formas e odores. Essas coisas, decaídas do circuito de uso, ainda guardam o potencial de circularem em outras esferas de sentidos e afetos. Dar palavra a algo é dar alma. Por sua vez, as palavras têm sua própria existência, aguardando superfícies para abarcá-las.

NHE' ENG: falar

NHE' ENGA (TUPI ANTIGO): fala, idioma, língua, palavra

NHEENGATU: língua geral, língua boa, língua fácil de ser entendida

NHEN NHEN NHEN, NHENHENHÉM: falação, falar muito, tagarelice

IXÉ ANHE'ENG - eu falo

NHENG - alma

No Tupi antigo, a palavra *Nheng* significa ao mesmo tempo alma e palavra. Palavra que dá nome às coisas e as tornam presentes. Dá nome ao invisível e o torna palpável e atual. Assim dá-se nomes aos rios, às plantas, aos lugares, à gente, e aos acontecimentos, para inscrevê-los e contá-los, para torná-los presentes. “Na visão tupi, palavra é alma – *Nhen*, *Nheng*, é vida. Cada palavra que a gente pronuncia tem uma alma. Palavra e alma é uma coisa só. Toda palavra é portadora de vida” (WERÁ, 2020).

No mundo do meio, dos quatro elementos, é onde os ecos das histórias, dos cantos, dos sons encontram forma e corpo, sobrevivem e permanecem. Onde o ritmo das palavras e das vozes afeta corpos e matéria: “no mundo do meio, palavra não é só vibração, é entidade” (WERÁ, 2020). Nessa esfera de existência onírica, palavras são seres que podem nos perturbar, com quem travamos batalhas, com quem vivemos afetos corporais.

Quais escritas, ou métodos, para abordar coisas do passado são capazes de provocar memória corporificada? Em qual instância restos, lixos, e memoráveis domésticas ganham o status de “armazenador(es) de conhecimento coletivo” (ASSMANN, 2011, p. 25). Exponho um exercício em que um trajeto é descrito pelo percurso de abrir uma caixa grande, que guardava caixas pequenas, que guardavam pastas, que

guardavam envelopes, que guardavam restos de atividades passadas de família. No esforço de investigar linguagens para evocar paisagens do passado e seguir à deriva por lembranças, perseguindo rastros, narro o processo de contato com os documentos, produzindo espécies de notas descritivas de uma pesquisa de campo nas caixas do acervo familiar.

ARQUIVO COM RESTOS DE SOL GARSON PASSI / ELIZABETH GARSON PASSI DE MORAES / GENETON MORAES NETO

ABERTURA 1: caixa plástica azul onde se encontra caixa de arquivo plástico cinza, sem marcas; uma pasta tamanho A4 translúcida; duas pastas-fichário idênticas, pretas com cinza chamuscado, com argola de aro largo medindo aproximadamente um palmo de minha mão fechada de espessura; e um saco de material plástico fibroso branco, rasgado na lateral.

ABERTURA 2: um envelope marrom; uma pasta amarela de plástico corrugado; um bloco encadernado de aproximadamente 300 páginas; impressões em papel A4 diversas, com aproximadamente três dedos de espessura, a maioria aparenta ser recente; uma pasta-envelope de papelão azul claro; um livro-revista de capa avermelhada; anotações em papéis amarelos; plástico grosso transparente com documentos amarelados no interior, aparenta ser antigo.

DOCUMENTO 1: envelope em papel pardo (*Craft* ou *Kraft*) amassado. Textura rugosa, seca. Marrom (vermelho, amarelo, branco, azul - vermelho em maior presença). Ponta esquerda superior rasgada e ponta esquerda inferior amassada. As quatro bordas contêm vincos, a superior e a esquerda com maior dano. A frente do envelope não contém marcas. O verso contém na borda superior as letras diagramadas como a seguir: "Rua Irineu Marinho 70. 20230-901 Rio de Janeiro RJ", a tipografia é de fonte desconhecida, semelhante à "Futura", sem serifa, em tamanho 8 (aproximadamente), espaçamento normal, em cor preta. A borda superior contém uma marca em forma de círculo preenchido em preto, com um ponto vazado no centro do qual irradiam 3 linhas arqueadas das quais visualizamos uma representação de sonar. Abaixo do disco-antena-sonar lemos "AGÊNCIA" "O GLOBO". A tipografia das letras é de fonte desconhecida. "AGÊNCIA" tem tamanho 10 (aproximadamente), espaçamento expandido, em cor preta. "O GLOBO" tem tamanho 11

(aproximadamente), espaçamento normal, com uma tarja preta como realce e sem preenchimento – cor de papel.

Um maço de papel branco, em tamanho A4, com a espessura no tamanho de um dedo indicador de minha mão fica guardado no envelope. Fora do envelope, a primeira folha tem um texto e marca de “clips” no canto superior direito. Não há clips como objeto físico no envelope, somente sua marca de ferrugem, além de papel, tinta de impressora e grafite de lápis de anotações a mão de Elizabeth (pesquisadora). O texto está em fonte Arial, cor magenta, tamanho 12, espaçamento normal:

Novembro de 1932 - Orografia de Mato Grosso (descrição das montanhas, segundo o Aurélio).

Resposta à consulta feita pela prima Alina do Nascimento Tocantins sobre a orografia de Mato Grosso. Lista e cita o nome de todos os acidentes geográficos, serras, rios e chapadões do Sul, Leste e Oeste mato-grossenses. Despede-se dizendo: “... seu consultor não passa de um simples viajante dos sertões do Brasil”. Escreveu a carta ‘... em viagem para Corumbá, razão de serem escritos a lápis, único instrumento que costumo carregar quando viajo”.

A cor magenta do texto, suspeito, tem procedência na ausência de tinta da impressora de Beth.

A pesquisa foi realizada em 2007, com a finalidade de fornecer material para a produção da minissérie Rondon da TV Globo. O envelope com a marca "O Globo" está junto dos documentos da pesquisa de Beth por conveniência, uma vez que morava com seu marido, jornalista da empresa.

Passada a primeira página, há outra folha branca A4, com a mesma marca de clips-ferrugem:

"OROGRAFIA

DE

MATO GROSSO

General Cândido Mariana da Silva Rondon

NOVEMBRO DE 1932"

As folhas de papel da carta, com marcas e rasuras físicas de grampos, fitas adesivas e amassados, têm escrita em letra cursiva com o uso de ortografia e grafia marcadas pelos tipos e gramática da época. A carta informa sobre as circunscrições científicas

da região do Mato Grosso, especificadas por coordenadas, metragens e apontamentos de nomes de montanhas, em sua maioria de origem tupi-guarani.

Depois da carta, há páginas do livro sobre a viagem, em fotocópias. Ao verso, no canto superior direito, escrito a mão pela pesquisadora, em lápis:

"Relatório Interessante pela descrição da paisagem,
tipo de pesquisa,
forma de transporte do material coletado e
tipos de meios de transporte
para a expedição, componentes da expedição"

Depois do livro, outra anotação de Beth resumindo o conteúdo de uma segunda carta sobre o Rio Negro.

DOCUMENTO 3: Pasta-envelope de papel de gramatura superior a 300g/m², com imagem de edifício em arquitetura moderna, postes de iluminação pública, vegetação urbana e monumento composto de colunas brancas verticais em primeiro plano. Na área superior da imagem, no céu onde não se avista horizonte, uma marca azul e branca com uma representação gráfica do monumento branco vertical, com as letras da abreviatura "UFMG" abaixo circunscritas, imagem e letras, em um retângulo azul sob a fonte branca. Fora do retângulo, a frase em azul "A NOSSA UNIVERSIDADE".

Dentro da pasta-envelope, duas folhas de papel A4 agregadas por um grampo que também prende um comprovante de pagamento azul com a marca "cielo". As folhas registram a reserva do hotel Mohave, em Campo Grande, durante os dias 13, 14, 15, 16 e 17 de novembro de 2017.

No mesmo compartimento da pasta, estão: anotações em lápis e caneta, desordenadas, em texto e desenho, em bloco de notas emoldurado pela *logo* da UFMS; uma régua de 30 cm – com 25 cm marcados – em papel, com conversor de milímetros e polegadas no verso; uma *fanzine* do “Grupo de pesquisa Pensar o Desenho Artes Visuais – UFMS”. Dentro do *fanzine* desenhos feitos por mim, de observação de objetos ao meu redor, com anotações de horas e dias, e colagens de post-it com desenhos de situações imaginadas. Pasta montada na ocasião do XXVII CONFAEB / Campo Grande/MS.

ABERTURA 4: Uma pasta amarela de plástico com o elástico preto torado. Primeira vista: uma coleção de cartões postais de décadas distintas, provenientes de diferentes

membros da família. Registro aqui as palavras impressas e escritas nos cartões, além das imagens:

VERONA - Notturmo a S. Giorgio

DA FOTOCOLOR - KODAK EKTACHROME

The story of the

HAMPTON COURT

PALACE GARDENS

An exhibition told in words and pictures

HAMPTON COURT PALACE

(Envelope)

REMETENTE: _____

ENDEREÇO: _____

ROUND RC BRASIL CARD

BELO Colombo

(Conteúdo: 1 fotografia e 1 cartão)

Jeneton e Ernesto sentados em uma mesa de jantar na 14 Albert Road; uma garrafa de coca-cola; um gravador de fita colorido com microfone; papel de parede; porta do jardim de inverno; minha mão esquerda apoiada em algo preto; uma fresta do meu olho, testa e bochecha; duas mãos de uma pessoa que pode ser a Silvia, a Elizabeth, a Clara, a Mariana, a Carol ou alguma outra visita. Suponho que seja a Clara.

Pousada Aconchego

Minoru Hakozaki

Suítes e Apartamentos com ar-condicionado

TV a cores - Piscina - Estacionamento - Telefone - Sala de Jogos - Frigobar - Passeios de Saveiro

Rua Domingues Gonçalves de Abreu, s/n

CEP 23.970-000 - Paraty - RJ

PARATY

16 - Vista Noturna da Igreja da Sta. Rita de Cássia (1722)

Paraty - RJ - Brasil

“Paraty – Monumento Nacional”

Fotos de Nelson Godoy – Direitos Reservados

Nelson Godoy Artes Visuais – Fone: (011) 263.5047 – São Paulo

TOYS AREN'T US.

A DOG IS FOR LIFE, NOT JUST FOR CHRISTMAS

NCDL National Canine Defence League

For more information on the National Canine Defence League, please call: 0171 837 0006

FOLCLORE

RESTAURANTE "ODEMIRAS"

O FADO. LE FADO. THE FADO

TRIO ODEMIRA

RESTAURANTE ODEMIRAS – rua eduardo coelho - 27

rua gilberto rola - 22 RESTAURANTE

Lisboa

LISBOA – PORTUGAL

Boomerang supports artists

Fuchsias/ Watercolor by Annelis Clarke

(Manuscrito em esferográfica azul, inacabado) “Querida amiga, acredito que o 'correio Helena' seja mais rápido que o de sua Majestade, portanto, aí vão alguns cartões do Turner, a meu ver, um dos antigos aquarelistas e também pi...(a escrita foi encerrada aqui).

NOT FOR SALE

A pasta guarda mais de 500 cartões, no mínimo.

CAIXA 2:

ABERTURA 1: REVISTA DO BRASIL

Ano 1 n.1 / 84

Canibalismo erótico na sociedade escravocrata

Affoso Romano de Sant'anna

Prosa Literária atual no Brasil

Silviano Santiago

Música hoje: partindo dos novíssimos

Jose Maria Neves

A invenção do saber

Gerardo de Mello Mourão

Um inédito de Guimarães Rosa

O Rio de Janeiro de Pedro

Discurso de Angostura de Simon Bolivar

Governo do estado do Rio de Janeiro e Secretaria de Ciência e Cultura

Prefeitura do Município do Rio de Janeiro

REVISTA DO BRASIL

Ano I - nº 1 / 84

Canibalismo erótico na sociedade escravocrata

AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA

Prosa literária atual no Brasil

SILVIANO SANTIAGO

Música hoje: partindo dos novíssimos

JOSÉ MARIA NEVES

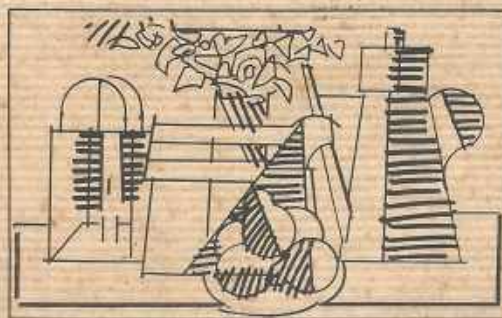
A invenção do saber

GERARDO MELLO MOURÃO

Um inédito de Guimarães Rosa

O Rio de Janeiro de Pedro Nava

Discurso de Angostura de Simon Bolivar



GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO SECRETARIA DE CIÊNCIA E CULTURA
PREFEITURA DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO

8.3 Um acervo doméstico e familiar (folha solta)

Um arquivo herdado, guardado no ambiente doméstico, ao qual o acesso é restrito para o público, mas irrestrito para quem o guarda, oferece a quem investiga uma ordem de afetos particular. Há algumas características exclusivas desse acesso que se distanciam da pesquisa em ambiente institucional de um arquivo público, de terceiros ou de uma biblioteca: a proximidade corporal, a conversa íntima a qualquer hora do dia com os documentos, a desordem e a dispersão cotidiana. Parte do material apresentado na tese – o acervo de Sol e parte do acervo de Sulamita – permaneceu, durante o maior tempo de minha pesquisa, nesse ambiente doméstico. Ocorreram situações dignas de nota, devido à particularidade desse contexto.

Destaco um acontecimento curioso. Para organizar o material que dizia respeito à Expedição ao Pantanal, montei duas caixas onde, de tempos em tempos, acrescentava algo novo que julgava ter alguma relação com a pesquisa. Em uma das caixas encontrava os documentos (cartas, fotografias e postais) de Sol e Sul, anotações, atlas, artigos impressos, e os livros de Guimarães Rosa. Na segunda, guardava o material de desenho e aquarela, livros de arte, cadernos de anotações e desenhos, uma pasta com desenhos e esboços de projetos de trabalhos e instalações artísticas. Convivi com as caixas sentadas ao meu lado em minha mesa de trabalho durante alguns meses. As caixas me acompanharam para o meu ateliê, depois para a casa de minha mãe enquanto acontecia uma obra em minha casa que se estendeu por muitos meses. Em seguida, as caixas voltaram para seu lugar inicial, sentadas ao meu lado em minha mesa de trabalho para, poucos meses depois, se isolarem comigo em meu quarto, durante o período de quarentena (quando perdi minha mesa de trabalho para a intensa rotatividade de atividades escolares de meus filhos).

Em nossas andanças e mudanças, dediquei pouco tempo para mexer nos documentos, mas diariamente, durante alguns momentos, ocorria uma espécie de conversa com as caixas. Eram momentos em que mapeava o que estava ali guardado, criava um inventário mental, me perguntava se os documentos estavam bem conservados, se outras combinações de pastas poderiam abrir novas ideias para capítulos, especulações e experimentos artísticos.

Nessas conversas eu imaginava o que estava guardado – acontecendo em um outro tempo ou lugar – e fazia perguntas triviais, como: quem tirou a foto em grupo com o carro de boi e Rosa? Com quem minha avó mais conversou na viagem? Onde minha avó estava quando fotografou “uma cachoeira em grande estilo”⁷⁷, será que ela mergulhou no rio? Tentei lembrar do que minha avó e Rosa escreveram em suas correspondências, numa tentativa de relacionar referências encontradas nelas com as fotografias para, então, identificar lugares. Será que eles comeram sentados em mesas quando estavam acampando, como o Rosa interagiu com os estudantes, como foram suas conversas com o professor Hilgard? Algumas perguntas me levaram a remexer os documentos – como quando me perguntei se o vaqueiro Mariano foi fotografado por minha avó ou por Sul. Abri a pasta das fotografias para tentar encontrá-lo, sem sucesso. Mas encontrei o retrato de um homem, que se assemelha a um vaqueiro, e me divertia pensar que poderia ser Mariano. E quem era o outro? Uma pergunta engatava em outra e senti, por vezes, mais interessante olhar para as caixas como se estivessem em uma dimensão inalcançável, sem confrontar os documentos.

Durante uma de minhas conversas íntimas com as caixas, decidi tirar tudo de dentro delas para ver se encontrava algo, sem saber exatamente o quê. Inesperadamente, me deparei com a primeira edição da quinta fase da *Revista do Brasil*. Estranhei aquela revista estar lá, pois não lembrava como e quando entrou nas caixas. Não era de Sul, pois dela guardei só algumas anotações e fotografias. Não era de minha avó, pois suas pastas arquivavam apenas papéis. Não fazia parte de minha bibliografia – mas na capa tinha o anúncio de um artigo inédito de Guimarães Rosa. Como não a tinha percebido antes? A revista era de 1984 e o artigo de Rosa de 1946 – data que me interessava por ser imediatamente anterior à expedição ao Pantanal. Era uma resenha de um livro que não chegou a ser publicado, que quase sumiu devido a um incêndio. Uma raridade. Me empolguei lendo o editorial, com a equipe – comandada por Darcy Ribeiro – especulando sobre um projeto de Brasil que aparecia ali.

Li e reli o artigo algumas vezes, em diferentes momentos. Retornei a ele para buscar ideias para um desenho de paisagem – que não foi concluído. Ao relê-o, não

⁷⁷ Anotação de Sol no verso da fotografia de uma cachoeira.

bastou o espanto do encontro misterioso com a revista: encontrei ali uma dimensão doméstico-familiar que só poderia ser fruto de alguma ligação com a memória de antepassados atuando como espécies de guias em caminhos imperceptíveis à consciência. No primeiro olhar para o texto, meu interesse estava na resenha de Rosa sobre o livro. Ao ler nomes familiares, não dei atenção às ligações, pois não acreditei que pudesse ocorrer tamanha familiaridade. Para mim, era estranho o bastante a revista estar na caixa. Depois de criar ligações entre os nomes, escrevi um e-mail para compartilhar o achado com a Marília Rothier, mestra que acompanha minha pesquisa com muita generosidade e trocas:

Sigo aqui com minha pesquisa, contornando os vários obstáculos que aparecem sem parar no meu caminho — é uma época muito difícil para todos — mas sigo, firme e forte.

Fiquei encantada com um texto do Rosa que acabo de ler e me deu vontade de compartilhar. É um texto escrito em 1946 para servir de prefácio para o livro de um amigo íntimo, Alexandre Barbosa da Silva, que, por causa de um incêndio, não chegou a ser editado. O prefácio do Rosa ficou guardado com a família do Alexandre e foi publicado em 1984 na *Revista do Brasil*. Me interessou ver a linguagem usada para descrever paisagens numa data logo anterior à expedição ao Pantanal e, agora que quero me dedicar ao trabalho plástico do acervo, peguei o artigo para ler mais atentamente. Para superar minhas expectativas, o texto me surpreendeu com a informação de que o Alexandre é o trisavô dos meus filhos e a avó deles, Lúcia Gebara, citada no artigo, foi quem encaminhou o texto para ser publicado. E para tornar toda a história ainda mais surpreendente, Alexandre faleceu numa casa, na rua onde morei quando me casei, sobre a qual o Rosa comenta:

“... em sua casa na Rua Visconde de Albuquerque, falecia o Alexandre. Na hora, não pude estar lá, para assisti-lo. (...) mas ao entrar em agonia, ele ainda disse: — Chamem o Guimarães Rosa, para ele ver como morre um sertanejo! Da sincera saudade, a gente não sabe falar direito. Mas sei que, um dia, ao chegar, por minha vez, até lá, com ele toparei, e poderei pedir-lhe: — Vamos, Alexandre, vem me mostrar como é que é o sertão deste Céu...”

Deixando minhas coincidências pessoais à parte, é muito interessante observar como o Rosa cita a escrita narrativa de Alexandre Barbosa ao descrever a vegetação e a paisagem de Minas. Acho que pode lhe interessar. Separei dois trechos fascinantes, autoria de Alexandre: “vi que isso de gosto de narrar por escrito é cururu que brota entre paralelepípedos, e que as crateras da arte sempre podem subir fogo” e “Beirando os rios, e entre os rios e as chapadas verde velho, vai dupla faixa atapetada, capim de um verde infantil. São as *veredas* dos gerais”.

As veredas de Alexandre, antes das veredas do grande sertão.

Encontros misteriosos e ligações imprevistas são férteis quando não restritos a uma linha dura de pesquisa, mas quando seguem a fluidez do correr de uma investigação. Como a linha do anzol de Virginia Woolf a pescar ideias, seguindo o fluxo da deriva do pensamento, sigo uma deriva por arquivos, pescando encontros férteis para a imaginação. Na superfície de um papel, na montagem de uma instalação ou de uma obra audiovisual, há a possibilidade de conjugar, expor e tramar variadas ligações imprevistas – abrir correntezas. E, assim, buscar linguagens, métodos, palavras e imagens que sirvam como iscas de paisagens e fantasmas.



Figura 32 – Montagem com quadros do filme "Os catadores e eu" de Agnès Varda, 2000.

- “Juro que não é truque de cinema, (...)”
- “Encontramos mesmo essas respigadoras por acaso.”
- “O quadro nos chamou porque tinha seu lugar no filme.”⁷⁸

⁷⁸ Trecho do filme “Os Respigadores e a Respigadora” de Agnès Varda, 2000.



Referências bibliográficas

AHN, Abe. **An Imagined Feminist Art School in the Amazon Jungle**. [S.I]. Disponível em < <https://hyperallergic.com/441683/mariangeles-soto-diaz-18th-street-arts-center/> >. Acesso em: 12 set 2021.

AMARAL, A. E. Maia do. **Livro de lembranças dos planetas**. Exposição, Museu da Ciência, Coimbra, 2016. Disponível em: <http://www.museudaciencia.org/index.php?module=events&option=calendar&id=674>. Último acesso: 28 de agosto de 2022.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. História e narrativa. **Revista do Departamento de História**. Anais do Seminário Fronteiras na História, v.11, Belo Horizonte, UFMG, 1992.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da Recordação**: formas e transformações da memória cultural. Trad. Paulo Soeth. Campinas: Editora Unicamp 2011.

BARROS, Manoel. **Livro de pré-coisas**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

BARTHES, Roland. **A Câmara clara**. Nota sobre fotografia. Edição Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. **Origem do drama trágico alemão**. Trad. João Barreto. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Organização: Willi Bolle. Colaboração: Olgária Matos. Trad. Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. São Paulo/Belo Horizonte: Ed.UFMG/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. **Brasil dos viajantes, volume III**: a Construção da Paisagem. Salvador: Fundação Odebrecht, 1994.

BORTOLOTI, Marcelo. As últimas palavras de Guimarães. **Época**, São Paulo, 28 abr 2017. Cultura. Disponível em: https://epoca.globo.com/cultura/noticia/2017/07/ultimas-palavras-de-guimaraes-rosa.html?utm_source=meio&utm_medium=email Acesso em: 4 nov 2021.

CAMARGO, Frederico Antônio. **Da montanha de minério ao metal raro**: os estudos para obra de Guimarães Rosa. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2013.

CANDIDO, Antônio. O homem dos avessos. In: ROSA, João Guimarães. **Ficção completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, v. 1. p. 133-141. Publicado pela primeira vez em livro em: CANDIDO, Antonio. **Tese e antítese**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964. p. 119- 140.

CASTRO, Damian Garcia. **Significados do conceito de paisagem**: um debate através da epistemologia da geografia. [2007]. Disponível em: <https://www.pucsp.br/~diamantino/PAISAGEM.htm>. Acesso em: 8 ago 2022.

CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. Trad. Pedro Bernardo. Lisboa: Edições 70, 2008.

COSTA, Ana Luiza Martins. **Veredas de Viator em Cadernos de Literatura Brasileira**: João Guimarães Rosa. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2006.

CUNHA, Waldir. **O cogumelo das 13 mulheres**. Rio de Janeiro: publicação independente de Waldir da Cunha, 2012.

DE LARA, Cecília. Rosa por Rosa: memória e criação. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros USP**, São Paulo, v. 41, p.17-34, 1996.

DEAN, Tacita. **A Medida das Coisas**. Catálogo de Exposição. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é Filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2000.

DERRIDA, Jacques. **Mal de Arquivo**: uma impressão Freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DIAS, Juventino. **A Terra Indígena Limão Verde do Povo Terena e o marco temporal**. Entrevista a Renata Tupinambá. Rádio Yandê. 12 ago 2015. Disponível em: https://radioyande.com/default.php?pagina=blog.php&site_id=975&pagina_id=21862&tipo=post&post_id=393

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que nos olha, o que nos vê**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2010.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. Trad. Patricia Carmello; Vera Casa Nova. **Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, Belo Horizonte, ano 4, v. 2, p. 204-219, 2012.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **A imagem sobrevivente**: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Passés Cités par JLG: L'Œil de l'histoire**, 5. Paris: Les Éditions de Minuit, 2015.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante do tempo**: história da arte e anacronismo das imagens. Trad. Vera Casa Nova; Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Quando as imagens tomam posição**: o olho da história. v.I. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

DOMINGUES, Diana. **Arte, ciência e tecnologia** - passado, presente e desafios. São Paulo: UNESP, 2007.

DRUCKER, Johanna. **Diagrammatic writing**. Alberta: Visual Writing/ubu editions, 2013

DUTRA, Carlos Alberto dos Santos. O Território Ofaié pelos Caminhos da História. **História em Reflexão**, UFGD – Dourados, v. ,1 n. 2, jul/dez 2007.

GONÇALVES FILHO, Antônio. **O genocídio e os limites da linguagem em**: O dono dos sonhos (de Sergio Luiz de Medeiros). São Paulo: Razão Social, 1991.

FOGAGNOLI, Conrado Augusto Barbosa. **Entre texto e imagem**: um estudo sobre as ilustrações de Sagarana. Dissertação de mestrado. Instituto de Estudos Brasileiros, USP, São Paulo, 2012.

GARSON, Sol. (1947). Correspondência entre Sol e Loen, sem data, de Corumbá para o Rio de Janeiro. [Documentos guardados em Arquivo doméstico].

GARSON, Sol; CASTRO, Sulamita. Relatório de viagem. 1947. [Documento guardado em Arquivo doméstico].

GUDSCHINSKY, Sarah C. **Fragmentos de Ofaié**: a descrição de uma língua extinta. Trad. Miriam Lemle. Série Linguística 3, 1974. p. 177-249.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Atmosfera, ambiência e Stimmung**: sobre um potencial oculto da literatura. Trad. Ana Isabela Soares. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora Puc-Rio, 2014.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de presença**: o que o sentido não consegue transmitir. Trad. Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora Puc-Rio, 2010.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Ritmos na história**. Minicurso – palestra proferida. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa; Puc-Rio, 2013.

HELLER-ROAZEN, Daniel. **Ecolalias**: sobre o esquecimento das línguas. Trad. Fábio Akcelrud Durão. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan/jun 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832012000100002> Acesso em: 5 out 2022.

INGOLD, Tim. Surface Textures: The Ground and the Page. **Philological Quarterly**, ano 9, n. 2, p. 137-154, 2018. Disponível em: <https://www.questia.com/library/journal/1G1-567425710/surface-textures-the-ground-and-the-page> Acesso em: 17 jul 2022.

LAZARATTO, Maurizio. **Marcel Duchamp et Le refus du travail**. Disponível em: http://www.cip-idf.org/article.php3?id_article=7151 Acesso em: 4 fev 2022.

LEITE, Ascendino. Arte e céu, países de primeira necessidade. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 26 maio 1956. Rec. Acervo JGR-IEB.

LUDMER, Josefina. **Aqui América Latina: uma especulação**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

MARQUES, Oswaldino. **Canto e plumagem das palavras**. A seta e o alvo. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1957. p. 9-128.

MAZZAFERA, Guilherme. **Inventadas conversas**: Guimarães Rosa, Manoel de Barros e o folclore. Letras In.verso e Re.verso. Blog, 2019. Disponível em: <https://www.blogletras.com/2019/11/inventadas-conversas-guimaraes-rosa.html>. Acesso em: 10 jan 2022.

MONDAZAIN, Marie-José. **A zona da imagem**. Seminário. Organização Tadeu Capistrano. Rio de Janeiro, Museu de Arte do Rio, 2013.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Ideologias geográficas**: Espaço, Cultura e Política no Brasil. São Paulo: Annablume, 2005.

NANCY, Jean Luc. **The Birth to Presence**. Stanford: Stanford University Press, 1993.

OLAIO, Antônio. **Livro de lembranças dos planetas**. Texto de abertura / Exposição, Museu da Ciência, Coimbra, 2016. Disponível em: <http://www.museudaciencia.org/index.php?module=events&option=calendar&id=674>. Acesso em: 28 de agosto de 2022.

PALLOTA, Fabio Paride. Estações Ferroviárias em Bauru (1917-1939): o ecletismo e o Art Deco, marcas da República Velha e da Era de Vargas no interior do estado de São Paulo. **Revista de Arqueologia Pública**, Campinas – LAP/NEPAM/Unicamp, n. 9, julhe 2014.

PAULINO, Sibele; SOETH, Paulo Astor. Artes visuais e paisagem em Guimarães Rosa, **Revista Letras**, Curitiba, n. 67, p. 41-53, set/dez 2005.

PAZ, Otavio. **Os filhos do barro**. Trad. Ari Roitman; Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

RIBEIRO, Darcy. Notícia dos Ofaié-Chavante. **Revista do Museu Paulista**, São Paulo, v. 5, p. 105-135, 1951.

ROSA, João Guimarães. **Ave, Palavra**. São Paulo: Nova Fronteira. 2001.

ROSA, João Guimarães. **Estas Histórias**. São Paulo: Nova Fronteira. 2002.

ROSA, João Guimarães. Discurso de posse como Sócio Titular da Sociedade Brasileira de Geografia. In: **Boletim da Sociedade de Geografia do Brasil**, 1945, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=181897&PagFis=7706&Pesq=Acesso em: 3 jan 2022>.

ROSA, João Guimarães. **Ficção completa**. v. 1 e v.2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ROSA, João Guimarães. Guimarães Rosa fala aos jovens (Reportagem de Vander de Castro). **O Cruzeiro**, 23 dezembro 1967. [Documento em fotocópia, preservado no Arquivo de Sol Garson, Rio de Janeiro].

ROSA, João Guimarães. **Não-entrevista de Guimarães Rosa**. Entrevista a Pedro Bloch. **Revista Manchete**, n. 580, p. 71-73, 1 jun. 1963.

ROSA, Vilma Guimarães. **Relembraimentos: João Guimarães Rosa, meu pai**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

SANTOS, Milton. **A Natureza do espaço: técnico e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Editora da USP, 2004a.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Editora da USP, 2004b.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SEEL, Martin. **Aesthetics of appearing**. Trad. John Farrell. Stanford: Stanford University Press, 2005.

SENRA, N. Castro (org.). **Veredas de Brasília: as expedições geográficas em busca de um sonho**. Rio de Janeiro: IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informações, 2010.

SINGH, Julietta. **No archive will restore you**. 3Ecologies Books/Immediations. Puctum Books, Open access, 2018.

STERNBERG, H. R. As Listas de fatos a observar nos trabalhos geográficos de campo. (Contribuição ao ensino). **Boletim Geográfico**, v. IV, n. 40, p. 456–465, 1946. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/19/bg_1946_v4_n40_jul.pdf Acesso em: 8 ago 2022.

SILVEIRA, Flávio Azeredo. **24 cartas de João Guimarães Rosa a Antonio Azeredo da Silveira**. Éditions FAdS. [s/d] Disponível em: http://www.editionsfads.ch/pdf/layout_24_cartas.pdf Acesso em: 8 ago 2022.

SOTO-DÍAZ, Mariángeles Soto. **Instituto Experimental Tropical del Amazonas**. [S.l.] 2018. Disponível em: https://www.sotodiaz.com/public_html/wordpress/portfolio/4234/ Acesso em: 6 nov 2021.

VISHMIDT, Marina. **Speculation as a Mode of Production: Forms of Value Subjectivity in Art and Capital**. Leiden: Brill, 2018.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Círculo do livro, 1989.

Entrevistas

ARONALDO J. TERENA. Entrevista concedida a Joana Passi de Moraes. On-line, 22 de julho de 2022.

ELIEL TERENA. Entrevista concedida a Joana Passi de Moraes. On-line, 25 de julho de 2022.

10 Anexo

Entrevista Eliel Terena

Julho, 2022

— Meu nome é Eliel Tiago Piu, registrado. Eliel Tiago Piu, mas eu sou mais conhecido como Eliel Terena. Nasci na Aldeia Bananal, que fica no município de Aquidauana. Aos nove anos eu vim para Cidrolândia, na Aldeia Tereré, com a minha família, com meu pai, minha mãe. Na entrada de 2000, dos anos 90 para 2000, na comunidade indígena de Bananal, já não existia a condição de você manter um plantio, os meios sociais já estavam entrando na aldeia. Meu pai e minha mãe viram a necessidade da criação dos filhos e foi isso que levou eles a se mudarem para cá, para Cidrolândia, para a Aldeia Tereré, que é uma aldeia urbana e que tem várias empresas que eles pudessem trabalhar. Nós viemos para cá e eu cresci nessa aldeia, dos nove até os vinte e cinco anos. Cresci aqui na comunidade, Aldeia Tereré.

Aqui na Aldeia tem uma diferença na linguagem – na de onde que eu vim, na Aldeia Bananal, noventa e oito por cento são falantes. Aqui, na comunidade Aldeia Tereré, já não são falantes; só os anciões que ainda praticam a linguagem terena. Eu, como aprendi desde criança a língua terena, é minha primeira língua, não tive esse perigo, até hoje eu falo com meu pai e com minha mãe em terena. Sou formado em geografia e dou aula de língua terena na escola da comunidade. Em um certo momento da minha vida veio a preocupação: o que eu poderia fazer para que pudesse ser perpetuada a língua terena? Como eu sou muito atento nas redes sociais, comecei a ver algumas pessoas que ensinavam línguas, ensinavam outros idiomas, então eu falei: por que não a língua terena? Então, comecei a ensinar algumas frases e, para aquelas pessoas que quisessem aprender mais sobre a língua terena, eu oferecia meu trabalho; como uma forma de mostrar meu trabalho e fazer uma contribuição para mim, também, para que eu pudesse fazer mais isso. Fiz um curso fechado de língua terena para algumas pessoas e sou professor no projeto de extensão das línguas, no

projeto de idiomas da UFMS⁷⁹, aqui de Mato Grosso do Sul. Dou aula de língua terena no projeto de extensão de línguas. Isso é muito importante para ter uma visibilidade que a própria UFMS dá para a comunidade indígena.

Então, hoje eu moro aqui na comunidade Aldeia Tereré e trabalho em uma outra aldeia chamada Aldeia Água Azul. A Aldeia Água Azul, que é onde minha esposa morava, ela é de lá, ela veio de lá da Água Azul. Então, eu fico nesse caminho, aqui, na Aldeia Tereré e na Água Azul. Na Água Azul tem uma porcentagem maior de falantes da língua terena, não que ultrapasse os 80%, mas está nos 50... quase para 60% de falantes da língua terena. Temos uma filha. Minha filha se chama Ayla, Ayla Kohê'e. *Kohê'e*, significa lua e *Ayla* significa brilho do luar, então a gente fez uma ligação ali: *Ayla Kohê'e*.

Essa é minha apresentação, quem eu sou.

PAISAGEM

— Paisagem quer dizer... pode ser foto, né? Foto. Ou olhar. Foto, a gente fala *nonêti*. A gente tem que tomar muito cuidado, porque *nonêti* é foto, mas se eu falar um pouquinho mais puxando, assim: *nionêti*, significa planta. Então, *nonêti*, foto e *nionêti*, planta. Tem essa diferença que a gente tem que tomar muito cuidado quando vai falar na língua terena. Eu falaria: paisagem, poderia falar *nonêti*, foto, mas ficaria muito formal. Eu poderia falar *nónjone*, que significa “o que eu vejo”. Poderia ser isso: *nónjone*, que significa “o que eu vejo”, entendeu? *Nónjone*, para mim, né? Isso que a gente faz é a tradução; a paisagem, se você perguntar para um outro terena, ele pode dar um outro significado, isso é a língua terena.

TRADUÇÃO ESPONTÂNEA DA PAISAGEM

— Antigamente, quando a gente, os terenas, não tinha ligação com os não indígenas, eles viam alguma coisa e davam o nome de uma forma instantânea. Como que eu posso explicar isso? Um exemplo é o próprio Trem do Pantanal. Antigamente não passava nada lá na área indígena e foi construída a linha do trem. Os terenas

⁷⁹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

olharam para aquilo e escutaram, ouviram o barulho que aquela máquina fazia, a máquina fazia “tutututututu”, e os terenas falaram, o que é aquilo? Aquilo lá é o *étuku*, então o que é *étuku*? *Étuku* é o trem, mas como que eles deram essa tradução? Elas deram a tradução na forma de paisagem, eles viram aquilo e traduziram de uma forma instantânea, eles olharam e falaram, aquilo lá é *étuku*. O trem fazia esse barulho tucutucutucu, então deram o nome de *étuku* para o trem.

E pegando esse gancho da gente fazer uma tradução instantânea, posso falar também da cidade de Campo Grande. Um terena, há muito tempo atrás (a gente não sabe quem que foi a primeira vez a Campo Grande), foi a Campo Grande e ficou surpreso, ficou assustado com o tamanho daquela cidade. Ele fez uma tradução instantânea para aquela cidade e ele falou *Hánaiti Mêum*. Então, o que ele falou? *Hánaiti* significa grande, *mêum* significa mundo – mundo grande, ele quis dizer assim. Essas traduções, que eram feitas antigamente, eram pegadas de uma forma muito forte; naquele tempo, dos meus avós, quando meus avós eram jovens. Hoje a minha avó ainda faz essa tradução instantânea, por exemplo, ela vê um celular e dá o nome de *havâva*, que significa ferro, aço ou metal, mas não tem uma força de fazer com que as outras pessoas deem esse nome para o celular também, porque a gente já tem um contato direto com os não indígenas. Então, só para ela ficou aquela tradução instantânea. Não é mais como antes, que pegava a comunidade inteira como tradução daquela coisa que eles davam nome.

E hoje a gente... eu sou falante da língua terena e penso assim: o Wi-Fi, como que poderia traduzir para a língua terena? A gente bate a cabeça às vezes, como que a gente traduziria, né? Porque são ondas mecânicas que vêm, que a gente não vê, como que eu traduziria isso para a língua terena? É um pouquinho complexo. Então, isso que se dá é uma paisagem para nós terenas. Sou formado em geografia, mas eu tenho uma base muito grande em redes, como de computador, porque eu faço sistema de informação na UFMS, aí não fico só preso naquele Wi-Fi que é internet. Na minha cabeça, se fala “Wi-Fi”, tem ondas mecânicas que vão até o sinal do computador... aí complica mais a tradução para mim. Mas acho que Wi-Fi é a ligação que dá para a internet, como que falaria isso? Acho que não sei, só pesquisando um pouco para ver como que eu faria essa tradução.

CORES

— O povo terena tem uma ligação com cores, que eu esqueci de citar, sobre o vermelho e o verde. O povo terena segue duas linhagens guerreiras: uma chamada Xumono, e outra chamada Sukirikeano. Os Xumono são considerados guerreiros valentes, guerreiros bravos. Os Sukirikeano são considerados guerreiros inteligentes, calculam cada passo que dão nas lutas. Essas duas linhagens estão juntas nas lutas que aconteciam antigamente, do povo terena. Essa é a ligação das cores: o Xumono é o vermelho e o Sukirikeano é o verde, ou branco, não estou lembrado bem se é o verde ou branco, mas um desses dois. O vermelho é o Xumono.

A gente faz a tradução da palavra vermelho, a gente fala *ha-ra-ra-i'ti*. Se a gente separar essas duas palavras, *ha-ra-ra*, ela não tem um significado, uma tradução ao pé da letra – *ha-ra-ra*, não tem. Agora, *i'ti*, a forma que eu falo *ha-ra-ra-i'ti*, essa forma como eu falo *i'ti*, significa sangue. Agora se eu falar *î'ti* significa você, com o acento circunflexo no i. *Î'ti*, eu estou falando você; agora, se eu falar *i'ti*, aí significa sangue. Eu poderia falar uma tradução assim: falar sangue vermelho. Mas a gente pega uma outra tradução igual: *ho-po-i'ti* significa branco. Se eu tirar esse *ho-po*, ele não tem uma tradução para a língua portuguesa, mas de uma certa forma a gente sabe que é branco se eu falar *ho-po*; alguns apelidos na língua terena falam *ho-po* para falar de brancos. Mas não que tenha uma tradução certinha, só para a palavra *ho-po*, mas *i'ti*, significa sangue. Eu pensando sobre essa tradução da palavra branco – a gente fala *ho-po-i'ti*, a palavra *ho-po*, que não tem uma tradução certa na língua portuguesa, e *i'ti*, que significa sangue – e conversando com alguns parentes que são falantes da língua terena, citei para eles que tinha um escritor chamado Guimarães Rosa que fez uma pesquisa e que falou que poderia ser “sangue branco”. Eles pensaram, assim: “pode ser”, porque a gente não sabe como que se originou a língua terena e, fazendo essa reflexão de *ha-ra-ra-i'ti*, *ho-po-i'ti*, sangue branco, *ho-po-i'ti*; igual, *he-ya-i'ti*, amarelo, que significa *he-ya-i'ti*, pensamos, pode ser verdade. Porque é sangue da natureza, sangue do sol, sangue das plantas, então a gente pensando isso pode sim que tenha a ver, porque o *i'ti* significa sangue, e o *ho-po* de uma certa forma é o branco, *he-ya-i'ti*, *he-ya-i'ti* que é sangue... *he-ya* já é um pouquinho complicado, porque ele não tem tradução só ela, nada mesmo. *Ho-po* dá para falar que é branco, *he-ya* já não tem. Agora, *he-ya* com *i'ti* é amarelo, então

essas coisas, assim, que a gente conversa às vezes com os parentes aqui, eu estava conversando sobre isso que você tinha falado.

I'TI

— *Î'ti* significa você, agora *i'ti* significa sangue, certo? *Î'ti*, se falar assim: *î'ti* (prolongando o som o i), significa você. *I'ti* significa sangue, agora, se eu falar para você: *xúnati i'ti*, estou falando “você é forte”, *xúnati* significa forte, *î'ti* significa você. Nessa frase, *xúnati i'ti*, se eu falar só *i'ti*, sozinho, vai significar sangue, entendeu? Tem essa diferenciação, um pouquinho, na acentuação também.

ORIGENS DO POVO TERENA

— Quando eu cresci, fui para a universidade e algumas pessoas perguntavam sobre a origem do povo terena. Sou terena, nasci na aldeia, mas eu não conhecia a minha história de fato. Então, fui pesquisar realmente quem que é o povo terena. Comecei a estudar que o povo terena cresceu no território do Chaco Paraguaio, que a gente chama de *Exiva*, a gente fala *Exiva* para todo esse lugar, porque o Chaco Paraguaio ainda não tinha essa divisão do Brasil e do Paraguai. A gente veio de lá e eu comecei a estudar sobre isso: houve a guerra do Paraguai, os terenas ajudaram o Brasil com a guerra e venceram, até hoje a gente tem uma participação muito importante nesse território que é aqui no Pantanal. É muito importante também que as pessoas saibam desses contextos que acontecem, entendeu?

Antigamente, há muito tempo atrás, há muito tempo atrás, quando não existia nada, não existia nada, existia um ser: um ser mitológico chamado Oreka Yuvákae. Esse ser mitológico caminhava na floresta, onde ele habitava, e de repente viu um bem-te-vi. Esse ser mitológico chamado Oreka Yuvákae viu o bem-te-vi muito longe. O bem-te-vi olhava atentamente para baixo, parece que o bem-te-vi estava falando para o Oreka Yuvákae “olha aqui, olha aqui embaixo”. O Oreka Yuvákae chegou perto do bem-te-vi, chegou mais perto, o bem-te-vi ainda estava olhando para baixo, o Oreka Yuvákae também olhou para baixo e viu que tinha uns feixes de capim. Embaixo desse feixe havia um buraco e o Oreka Yuvákae pegou, limpou, puxou e

viu que era um povo que estava lá embaixo. Começou a puxar cada um, puxou, puxou, começou a puxar, puxar as pessoas e, quando o Oreka Yuvákae conseguiu puxar todo mundo, eles tremiam de frio. Esse povo tremia, tremiam de frio, não conversavam e não sabiam falar. O Oreka Yuvákae com a ajuda dos animais, com a ajuda do *kono'ûm*, (*kono'ûm* significa o coelho), o *kono'ûm* é rápido e ele, muito rápido, foi atrás do fogo e pegou para aquecer aquele povo. Então, ele aqueceu aquele povo com a ajuda do *kono'ûm*, do animal, e esse povo se aqueceu, ficaram mais tranquilos, mas eles não falavam. Eles não conseguiam se comunicar, eles não conseguiam ter uma expressão facial. Então o Oreka Yuvákae pensou, com a ajuda dos animais novamente, com a ajuda mais especificamente de um sapinho vermelho, *kali ha-ra-rá-i'ti*; com a ajuda desse sapinho vermelho, *kali ha-ra-rá-i'ti*, o sapinho fez umas palhaçadas na frente desse povo e eles riram, eles começaram a rir e, nisso que eles riram, começaram a se comunicar, começaram a se comunicar, começaram a conversar, assim. O Oreka Yuvákae viu que cada um, cada um falava diferente, cada um falava uma língua, então o Oreka Yuvákae começou a conversar com eles. O Oreka Yuvákae, então, pega uma semente de feijão e vai dando para cada um deles e ensina a plantar. Ensina, com o conhecimento da lua, de quando plantar, quando não plantar. E quem que era esse povo? Era o povo terena, era o povo terena. O Oreka Yuvákae, então, entregou o conhecimento das constelações, entregou o conhecimento da agricultura e, até hoje, o povo terena é conhecido como povo agricultor.

Tanto é que o terena, a tradução de terena na língua portuguesa não tem. O terena (palavra) vem de Portugal e a gente não sabe como que se deu terena da etnia. Povo terena, aqui para nós, ele vem de Portugal, que eu acho que é, se eu não me engano, hebraico, aramaico, não sei, não estou lembrando direito qual que é a língua origem da palavra terena. A tradução dela significa lugar propício a plantio, então é uma tradução muito direta para o povo terena realmente, porque o povo terena é um povo que planta, é um povo agricultor.

TRADIÇÃO

— Antigamente, de um modo geral, o preconceito era muito forte. Dos anos 2000 para cá, hoje, a gente consegue debater com os não indígenas, quando eles

manifestam um preconceito estrutural o qual eles não conseguem ver. Hoje, a gente consegue debater, a gente explica tudo, mas, antigamente, os indígenas, o povo terena, se sentiam pequenos quando viam os brancos, se sentiam menosprezados. Muitas vezes, por isso que os terenas sentiam, negavam a própria etnia, o próprio povo. Um exemplo que eu cito: uma pessoa falante da língua terena – muitas das vezes, os pais não queriam que os filhos aprendessem a língua de origem, por quê? Para não passar isso que eles passaram, para não passar dificuldade, no caso da linguagem, né? Eu mesmo tive um pouquinho, muita dificuldade para falar o português. Hoje eu consigo falar um pouco, mas antes eu tinha muita dificuldade na concordância, hoje ainda tenho dificuldade na concordância, na concordância verbal, na concordância nominal, mas eu estudo. Na verdade, a gente sabe na escrita, né? Mas na fala que a gente erra.

Muito das tradições, a dança e os próprios rituais, a gente pratica, sim, mas houve esse corte nesse tempo. Hoje elas estão fortes, cada um quer, os próprios indígenas pesquisam, pesquisam como que foi, como que é. A gente está em uma época que até os próprios indígenas estão dando valor a isso, porque antes não davam; não davam, de uma forma geral. Só os americanos que davam naquele tempo, hoje, não, hoje até universidades aqui do Brasil já estão mobilizando para fazer pesquisas. Então é muito interessante, muito interessante que aconteça isso aqui conosco.

Hoje a gente faz a Dança do Bate-pau, a gente dança Bate-pau no dia 19 de abril, que é o dia do indígena, no caso, dia do índio. A gente faz essas comemorações, mas a origem dessas danças se dá muito antes, mas, por que a gente fazia essas danças? A gente fazia essas danças por causa do plantio, por causa do resultado do nosso plantio, isso fazia uma festa antigamente, muito antes, nesse lugar chamado *Exiva*, que é o Pantanal, o Pantanal inteiro. A gente fazia essas festas comemorando essa colheita, essa colheita boa, no caso, né? Hoje, a gente faz essas danças, ainda, no dia 19 de abril. A própria língua terena é a cultura que a gente mantém, que a gente está tentando manter, também, para outras pessoas.

Em um certo ponto, quero citar que muitos antropólogos citam, de uma forma, que o cristianismo ocidental veio para acabar com a cultura. O indígena, antes da Constituição, não era considerado pessoa, era considerado um grupo que uma pessoa liderava, ou uma pessoa mandava neles. Hoje, a gente tem uma capacidade muito

grande de leitura, a gente tem capacidade de leitura muito aberta, a gente tem internet. Eu cito, quando a pessoa fala que o cristianismo veio para acabar, tenho autoridade para falar isso, porque eu sou cristão, e também pratico a minha cultura, sou falante da minha língua terena, que isso não vai acabar a cultura, dependendo da pessoa – isso, dependendo da pessoa, depende da religiosidade da pessoa. Só o fato de a pessoa ser cristão não acaba.

Minha avó faleceu. Ela, quando tinha reuniões, porque a minha avó ia pra Aldeia Branca e ia muita gente importante lá, ficava em pé para os não indígenas ficarem sentados, entendeu? Ela fazia tudo para que... ela se sentia muito pequena, por isso que fazia isso, isso acontece muito ainda, entendeu? Aí a gente explica que cada um tem que ser tratado de maneira igual, agora, não que a gente vai menosprezar também os não indígenas, né? Não, não é isso, mas cada um tem que se pôr num lugar.

MAPEAMENTO

— Na mata o que se dá de mapeamento é o que é usado nas pessoas primitivas. Como que é? No caso de quebra de galho ali, onde que você passou para que você não se perca, e também tem os pássaros voando, tem uns certos pássaros que voam com sentido onde tem rio, tem uns pássaros que voam que tem rio ali perto... Tem os sons, também, dos animais que sempre ficam perto de rio, realmente; então, são essas poucas formas de a gente mapear a mata na qual a gente se perde, no caso, na qual a gente está.

PÁSSAROS

— A ligação que os terenas têm com a natureza é uma ligação muito forte, com as plantas, com as águas, porque nós, como humanos, na verdade, todos os humanos têm ligação forte com a natureza que de uma certa forma foram retiradas dela. Os indígenas têm uma ligação muito mais forte ainda, por quê? Porque a natureza, as águas, os pássaros, de uma certa forma, se comunicam com a pessoa, quando está em algum lugar ou quando dá uma previsão de o que vai acontecer amanhã ou semana que vem. Um fato que eu lembro muito bem é sobre um pássaro de previsão,

minha mãe chama *hîki*, *hîki*, eu não sei que pássaro que é esse na língua portuguesa, mas ela chama de *hîki*. Esse *hîki* não pode cantar perto de alguma casa, você não pode escutar ele à noite porque é um aviso de morte, esse pássaro. Lembro uma vez que eu era pequeno e meu pai acordou, no outro dia acordou assim: — “ah, aquele passarinho veio aí perto da janela e cantou”, aí, minha mãe falou: — “ah, eu escutei também”. Todo mundo ficou meio apreensivo, aí passou o dia inteiro, aí, meio-dia, um parente nosso realmente faleceu mesmo, e isso é verdade, de uma certa forma, é verdade.

Outro fato também que é muito interessante é sobre o bem-te-vi, tanto é que o bem-te-vi ele é muito falado no povo terena. O que é o bem-te-vi? Bem-te-vi é um anunciador, se o bem-te-vi cantar na frente de alguma casa ele está anunciando uma vida ali, ele está anunciando uma existência. Isso quer dizer que quando o bem-te-vi canta na frente de alguma casa aqui na comunidade, quer dizer que alguém está grávida naquela casa. O bem-te-vi não é um fofoqueiro, ele é um anunciador de vida. Então é muito interessante citar a origem da existência do povo terena, porque o bem-te-vi teve um papel fundamental para isso.

Entrevista Aronaldo Júlio Terena

Julho, 2022

— Sou Aronaldo Júnior Terena. Sou de cidade pequena, Miranda, Estado do Mato Grosso do Sul, uma vizinha da Bolívia, a uns trezentos quilômetros daqui. A minha aldeia praticamente fica no Pantanal mesmo. A nossa cidade é uma cidade que fica no portal do Pantanal e a nossa região é linda, né? É linda. Ultimamente com essa falta de chuva, só queimada mesmo. O povo terena é da família do tronco Aruaque. Eu sou doutorando. Estou doutorando na UFRJ, desde 2020, e a minha orientadora, a minha própria professora, é a doutora Ana Paula Quadros Gomes e a gente está estudando. A gente está estudando e estamos aqui na aldeia fazendo pesquisa.

Meu pai é uma das famílias tradicionais dentro da minha comunidade. A minha família é grande, meu pai foi um pajé. Muito referenciado. O meu bisavô, meu tataravô, sempre têm essa relação de xamanismo, a nível de toda família. Eles não são alfabetizados, simplesmente são pessoas que gostam muito de viver e ensinar seus filhos sobre a sobrevivência dentro da lavoura, dentro da caça e pesca.

A escola... não tínhamos essa oportunidade de estudar, meu pai não tinha, minha mãe não tinha. Na nossa geração, na minha geração, então, era muito difícil de estudar. Foi a partir de década de 80 que começaram algumas escolas sendo instaladas dentro da comunidade. Então, meu pai sempre viveu na aldeia fazendo roça e lavoura. E os filhos, também, nunca conhecemos o que é a civilização, cidade para nós era... quando vinha pessoa da cidade para comprar alguma coisa ou trocar alguma coisa na família, dentro da aldeia, todo mundo se escondia, porque a gente não sabia falar português. A gente entendia, mas expressar que é o problema, né? A gente não. Era muito difícil, meu pai, então, só falava necessário para responder mesmo, né? Minha mãe, então, não falava nada. Mas hoje, graças a Deus, a evolução chegou, muito dentro da comunidade indígena, né? Tanto é que hoje estamos tendo acesso à internet, estamos aprendendo a mexer com a tecnologia, enfim, a nossa escola mudou muito, hoje temos a nossa escola de séries iniciais, ensino fundamental e médio dentro da nossa aldeia. Nós temos professores hoje formados, né? Trabalhando no ensino fundamental e no ensino médio. Eu trabalhei um bom tempo como professor no ensino fundamental e no ensino médio, depois eu comecei a

estudar. Saí fora, fiquei um bom tempo no Rio estudando bastante. Até chegar hoje como doutorando na UFRJ.

Eu sou terena nato. Aprendi há pouco tempo falar português, meus pais sempre moraram na aldeia – já são falecidos. Eles nunca viveram fora da aldeia e, conseqüentemente, nós, os filhos, a gente sempre viveu dentro da aldeia. Minha mãe não era alfabetizada, nem meu pai era alfabetizado. A escola antigamente era muito difícil para nós, a minha geração, então, era muito difícil, né? Mas, assim, a gente conseguiu chegar hoje numa questão de poder, talvez, por parte do próprio, como que a gente fala? Acho que por deus, né? A gente ter estudado muito, porque a gente não tem noção das coisas.

Hoje eu sou falante, vivo na aldeia, quando vou para a cidade, se eu preciso ir para a cidade, não consigo ficar muito tempo, porque a relação da natureza, a tranquilidade, dentro de uma aldeia, ninguém se compara, né? Ninguém se compara às grandes cidades.

REGISTROS DA ORALIDADE

— Eu, desde quando comecei a entender que estudar é importante, percebi que a língua materna deve ser preservada. Deve ser documentada e registrada, a nossa questão cultural, essas informações; comecei assim: querendo registrar, documentar, depois de ter terminado todo o processo de ensino fundamental e ensino médio. Aí, parti para estudar curso de letras, uma educação a distância, por fato de querer entender e falar português, na verdade, né? Primeiro passo que a gente tem é entender a língua portuguesa e conseqüentemente a gente busca relacionar os conhecimentos gramaticais da língua portuguesa compreendendo um pouco da estrutura da nossa língua terena. Depois fiz graduação, educação a distância, curso de letras, depois terminei isso e fiz mestrado.

Por conta de colegas nossos, que não são indígenas, sempre incentivando, “Aronaldo, faça isso, você é inteligente, não sei mais o que, a sua cultura é linda, a sua língua é bonita de preservar, de registrar, tem que registrar”, fui entendendo que precisava realmente a gente documentar, porque tudo é oral, né? Tudo na oralidade, todas as coisas que a gente aprende com os nossos pais, os anciões dentro da

comunidade, tudo na oralidade, nunca a gente vê em qualquer livro, a não ser pelos... Eu vejo hoje muitas escritas que passaram por aqui, pesquisadores que passaram por aqui. Eu achei muito lindo quando comecei a fazer mestrado, fazendo leitura de muitos livros que passaram pela nossa região registrando muitas coisas.

Vi que a gente precisou estudar muito mais e, hoje, buscar um alinhamento dentro das nossas escolas indígenas para que a nossa cultura, a nossa língua fosse trabalhada. A luta é muito grande, porque a gente precisou inserir dentro do currículo, da grade curricular do município, do estado, e não é muito fácil a gente conseguir convencer o poder público, mas graças a Deus, né? O Ministério da Educação, a Secretaria do Estado de Educação, do município, têm pensado, né? Nós conseguimos espaço para que a nossa língua, nossa cultura, nossa história, pudesse ser trabalhado dentro da nossa escola, então é isso que está acontecendo hoje.

Hoje estou também doutorando com pesquisa sobre a questão gramatical da língua terena. Então, quando terminei a minha graduação, pensei em trabalhar com léxico da língua terena. Eu fui delimitando, trabalhando o sobrenome dos animais, nome das plantas... Delimitei minha pesquisa, vi que tinha muita coisa linda para ser estudado. Questão gramatical, a nossa história, o nome das plantas, nome dos animais, muito interessante. Então, a partir de um nome de um animal, a gente consegue trabalhar já alguma gramática dentro do contexto. Hoje estou estudando, escrevendo alguns capítulos da minha qualificação de tese, que quero defender para o ano que vem. Então já estou na aldeia escrevendo. Mas eu estive no Rio, um bom tempo, fazendo mestrado, aí, quando comecei doutorado, começou pandemia eu tive que estudar aqui mesmo, aprender a mexer com a tecnologia, né?

Hoje eu estou aqui. Eu digo, feliz por conhecer você, que tem também esse plano. Essa, como que eu falo? Talvez uma forma de fazer com que a nossa cultura, a língua, a história do povo terena possa ser escrita na academia, na discussão. Isso é muito importante para nós enquanto indígenas, porque a gente não consegue trabalhar muitas coisas dentro das nossas pesquisas, a gente delimita, a gente pega um tema só, né? E a gente precisa de pessoas como você que tem também essa vontade de querer aprender e registrar, documentar a nossa história enquanto povo terena. Isso é muito lindo, isso é legal. E o que for preciso a gente vai estar aqui ajudando.

Estou aqui na aldeia com os anciões, agora, esse ano, abriu tudo, mas antes as lideranças indígenas fecharam a aldeia e trancaram mesmo; cortaram madeira, todos os lados onde tiver uma pequena saída dos indígenas para algum lugar, para outra aldeia, cortaram madeira, fecharam mesmo, por causa da pandemia. Eu sofria com isso, porque eu tinha que estudar on-line e minha casa não tinha rede de internet boa, era só na escola estadual na outra aldeia. Então eu tive que sair da minha aldeia para cortar a floresta, no mato. Tive que criar uma trilha minha para ninguém saber, as lideranças não saberem que eu estava saindo da minha aldeia e indo para a escola, né? Mas, graças a Deus, deu tudo certo, a gente sobreviveu.

As situações... muitos anciões, morreram muitos professores nossos aqui dentro da nossa aldeia por causa de pandemia.

MAPEAMENTO

— Quando os nossos, geralmente os anciões que vão para caça e pesca, as orientações [dadas] são exatamente pela noção da própria lua, estrela ou uma referência, uma árvore, antiga, então, a gente referencia isso. Quando a gente vai pescar em um lugar bem distante daqui, aí, os anciões falam assim: “olha, tem um cupinzal ali”, não sei se você conhece cupim, cupinzal, é uma terra achatada, bem grande. Aí eles falavam: “tem cupinzal lá, e você vai passar, e lá na frente tem um pé de árvore, e lá na frente você vai avistar um morro”, assim que eles nos orientam. Não orienta exatamente: “vai pela direita”, “vai pela esquerda”, dificilmente a gente vai ter essa orientação – antigamente, né? Hoje, não, hoje já compreendemos isso.

Aqui na nossa comunidade, na aldeia onde eu moro, é uma entrada de várias outras aldeias. Na entrada da minha aldeia, você consegue ver o meu dedo? [Aronaldo estica três dedos da mão e aponta para um dos dedos] aqui vai para uma aldeia central nossa, eles chamam de sede, né? Esse dedo aqui vai para uma aldeia grande, esse outro dedo aqui vai para outra aldeia, esse aqui vai para minha aldeia. Sabe o que eles chamam esse contorno, essa forma aqui? Eles chamam de pé de galinha, eles não chamam “vai pela esquerda, vai pela direita, vai direto”, mas: “ali no pé de galinha você vai entrar tal lugar”. Muito interessante, né? Realmente, tem relação... Galinha aqui é muito normal, criação de galinha é normal aqui na aldeia e a gente

não conseguiria orientar vai direto, vai pela esquerda, vai pela direita, dificilmente a gente ouve, mas eles falam “vai pé de galinha”.

PAISAGEM

— Natureza, para nós, eu acredito que, de uma forma geral, para o povo indígena, a questão da natureza é uma só. Por exemplo, quando a gente olha para o céu é uma natureza para nós, quando a gente olha para a água é uma natureza para nós, quando a gente olha para a floresta, a gente anda pela a floresta, é uma natureza. A gente não consegue especificar exatamente, a gente fala só *mêum*. Então se eu falo “floresta”, é *mêum*; se eu falo “céu” é *mêum*; se eu falo “um campo bonito”, eu falo *mêum*. Só que a gente especifica pela observação, pela nossa visão mesmo, igual a cor. Para nós, tem duas cores com o mesmo nome em terena, só que a gente diferencia pela percepção. Por exemplo, o azul para o terena é uma cor muito fundamental, é importante, verde também. Para terena, o verde é *ho-no-no-i'ti*, também o azul a gente chama *ho-no-no-i'ti*. A gente diferencia pela percepção, a natureza é igual.

Se eu falo paisagem, eu vou falar lindo, *He'ekoti mêum*. Aqui, na nossa aldeia, nós temos vários tipos de geografia, temos rio, floresta, que a gente tenta preservar dentro da nossa reserva. Mas, se a gente sai fora da nossa aldeia, é só invernada e é só gado. Dentro da nossa própria reserva, a gente tenta preservar corrente de água, um riacho, um açude, uma mata fechada. Os bichos, hoje, estão entrando para a nossa reserva, estão chegando nas nossas casas, estão chegando muitos animais que a gente nunca via antes. Até jacaré está passeando na rua da nossa aldeia, porque falta água, não tem mais ao nosso redor só de fazenda. Os fazendeiros acabaram com tudo e o que está preservado é o que está dentro da nossa comunidade, da nossa reserva mesmo. Geralmente, se eu falar uma paisagem linda, vou falar *mêum*, *he'ekoti mêum*. Se eu olhar para o céu, vou dizer: *he'ekoti mêum*. Algo muito específico, a gente não consegue achar. Já percebi que essa forma de discriminar, de descrever as formas diferentes, não consegui até hoje descrever como é que é um céu lindo, uma floresta bonita. Quando a gente começa a buscar, discutir sobre questão de meio ambiente, na escola, não muda a forma de falar. A gente não muda a forma de expressar “queimada”, por exemplo, “poxa, o *mêum* queimou”, “o *mêum* está bonito”, se

choveu e encheu as nossas águas, açudes, riacho por aqui, eu falo: “poxa, o *mêum* está bonito, o *mêum* encheu de água”. Enfim, não sei se eu confundi sua cabeça.

I'TI

— O *ti*, na verdade, tem uma função muito... como é que eu falo? Geralmente ocupa vários espaços dentro do vocabulário terena. Por exemplo, em todas as cores aparece o *ti*. O *î'ti*, quando vou esticar o som, *î'ti*, eu estou dizendo “você”, mas se eu vou com tom mais forte, *i'ti*, aí é sangue. Em todas as cores aparece esse termo, essa terminologia “*ti*” — *ha-ra-rá-i'ti*, *ho-no-no-i'ti*, *ho-po-i'ti*, *he-ya-i'ti*. Mas, enfim, todas as palavras aparecem o *ti* e até hoje as linguistas buscam entender qual que é realmente a função dela. Se eu falar um verbo, por exemplo, *imokoti*, dormir, o *ti* está lá. Em todos os verbos ela aparece. Realmente é uma questão que não está fechada, né?

Eu mesmo, que sou falante, ainda não consigo definir realmente qual que é a função dela. Realmente, ela aparece, o *ti* é muito interessante, já discutimos isso e a gente não consegue achar qual é a função realmente dela. Eu consigo falar hoje que ela define uma palavra como se fosse uma palavra no infinitivo: por exemplo, *nikoti*, comer, o *ti* está lá, *imokovoti*, se eu vou falar um verbo, vou cantar, *imokovoti*, o *ti* está lá. Em todos os verbos aparece, quando em forma de infinitivo. Então, isso eu consegui entender mais ou menos.

CORES

O terena tem alas, por exemplo, eu sou da ala do vermelho, quer dizer, toda... isso é contado pelo Roberto Cardoso, ele conta exatamente essa especificidade do povo terena. Nós temos danças que contam isso, Dança do Bate-pau. Então, todas as famílias dos terenas já são classificadas, toda a minha família é classificada como ala vermelha, é a família *xumono*. Têm famílias, também, com alas azul ou verde, a gente não consegue definir exatamente, o verde e o azul têm a mesma expressão em terena, *ho-no-no-i'ti*. Geralmente, *ho-no-no-i'ti*, azul e verde, tem quase a mesma função dentro do conhecimento nosso, tradicional, enquanto terena. Então qual é a

especificidade dela, qual é a função dela? É exatamente definir a ala, em que ala pertence uma família. Se você conhece outro terena, pergunta: “e aí, você conhece... qual que é a sua ala, você é vermelha ou azul, ou verde?”, aí ele vai falar: “não, meus pais são vermelhos, são *xumono*”, quer dizer, são classificações da família terena. Acho que o Roberto Cardoso escreve muito bem isso.

MARCAS E ORIENTAÇÕES NO TEMPO E NO ESPAÇO

— São vários contextos que os nossos ancestrais repassam para nós o conhecimento sobre espaço. Vou começar com a noção do tempo, por exemplo. Como é que o meu avô, os meus pais, me ensinavam sobre a questão do tempo? As marcas não eram marcadas por horário. Tanto é que a gente não tinha relação com essas tecnologias que foram introduzidas, tipo relógio. Sempre marcava, relacionava o tempo pelo sol, mesmo, pelo sol, pela estrela, pela lua, o próprio canto de pássaro. A sombra de uma árvore, a sombra da casa. Eu nunca esqueci, minha mãe falava assim: “meu filho, se apronta porque a sombra já está nesse... já está chegando, né? No tempo em que você vai ter que sair daqui para estudar”. Quer dizer, quando a escola começou a ser introduzida aqui, a noção do tempo era exatamente medida pela sombra da casa, ou sombra de uma árvore perto da casa. Quando meu pai falava assim – tem um pássaro que sempre canta [às] três horas, o *ako'o ne tôhe*, um pássaro comum na nossa região –, meu pai ouvia aquele pássaro [e] falava: “está na hora de almoço”, “está na hora de tomar uma água”, “está na hora de fazer isso”. Pelo canto do pássaro tinha essa noção de tempo.

O espaço. Na nossa casa, há poucos dias atrás, uma das anciãs estava comentando – a gente mora aqui na aldeia, ele orienta muito nós, a família –, falando assim: “olha, faz essa queimada aqui ao redor da sua casa para você espantar os espíritos maus”. Nunca tem registrado, nunca é gravado, por mais que hoje temos celular para gravar, mas a gente não grava, tudo isso é natural para nós. Então, essa semana, mesmo, eles estavam comentando isso, “olha, faz isso, faz uma queimada ao redor da sua casa, ao redor do seu quintal para espantar o espírito mau”. Eu achei, assim, fiquei observando e isso não é, não faz parte da minha pesquisa, mas eu perdi tempo de não registrar, de não gravar o momento tão único, tão especial. Mas, geralmente, isso é

normal para nós, isso é comum, é tão natural, nem ligamos. Depois que a gente perder, a gente começa a se preocupar.

É isso, noção de espaço para nós. Eu não sei realmente em que sentido, mas eu consigo lembrar como é que meu pai marcava o tempo e o espaço aqui na localidade. O espaço de uma forma geral na nossa reserva ela é considerada como *mêum* mesmo, né? *Mêum*, aqui na nossa comunidade, na nossa reserva tem vários tipos de geografia. Várias formas de mata, temos montanhas aqui por perto, temos rio. A gente não tem muita especificidade para a gente dizer que aquele local é montanhoso, que aquele local é do rio, que aquele local é floresta.

Eu fui cortar madeira, aí eu tinha, na época, três meninas, eu tenho três meninas, né? Hoje são grandes, são formadas, casaram-se essas três meninas. Quando a gente vai pela mata, cortar madeira, buscar um bambu, palha, toda família vai, minha esposa, minhas filhas, sempre vão com a gente. Lá no meio da floresta, no meio do mato, a gente consegue ouvir vários barulhos de animais, de bichos e geralmente os anciões falam: “cuidado quando você entrar para a floresta que lá tem pé de árvore que confunde a sua mente, confunde a sua cabeça, e você pode perder noção da sua direção”. Essa orientação dos anciões, dos avós das minhas filhas, eles falavam assim: “antes de entrar ou depois de sair da mata, pega alguma coisa, um pé de árvore queimado lá ou queima alguma coisa lá e pinta as crianças, pinta as crianças antes de você ir embora”. A gente pintava. Quando a gente saía do mato para trazer bambu, madeiramento para casa, para fazer alguma coisa, a gente pintava as crianças e saía do mato feliz, alegre, porque à noite, quando a gente não faz isso, à noite a criança é perturbada, ela não consegue dormir bem, ela se perturba, por causa dos espíritos que existem dentro daquela floresta, dentro daquela mata. A gente sempre praticando, sempre fazendo isso, todas as vezes que a gente vai pela mata, até nós, pessoas adultas, a gente sempre faz isso. São culturas assim, eu lembrei quando você colocou essa questão, né? Muito interessante, e não está registrado, não está gravado, não tem nenhum registro sobre isso.

As medidas, dentro da nossa realidade: nunca usávamos qualquer tipo de instrumento, tipo metro, essas coisas, métrica, né? Eles usavam as próprias formas deles. Meu sogro vive ainda, quando ele faz uma casa, não pega qualquer tipo de instrumento de pedreiros, por exemplo, construtor. Ele mesmo faz a sua metragem,

seu espaço. Quando, lá na lavoura dele, precisa fazer o que eles falam “tarefa”, eles mesmo medem com a sua própria sabedoria, conhecimento, nunca usam uma forma de metragem. E sempre, principalmente, na construção das casas, passava temporal, vendaval, chuva forte e a casa nunca caía, nunca era levada pelo temporal, sempre permanecia. São conhecimentos tradicionais, né? Que hoje eu não consigo. Se eu fizer uma casa, vou ter que pedir [a] um pedreiro para fazer para mim, um construtor. Não conseguiria fazer como fazia antigamente.

REGISTROS DA MEMÓRIA

— Não consigo dizer se nós temos arquivos registrado, mas os últimos trabalhos que tenho feito, que a gente tem feito no ensino médio, foram exatamente sobre lugares míticos. Lugares míticos. Nós temos vários lugares dentro da nossa comunidade onde a gente constrói esse registro memorial que os anciões falavam, que os anciões comentavam, relatavam. Por exemplo, se eu quiser comentar sobre a valorização da questão de água, da chuva, a gente leva os nossos alunos para um lugar mítico, um açude, onde tem bastante água, bastante animal, peixes, por exemplo, jacaré. Ali a gente constrói, a gente chega lá e os próprios alunos começam a olhar o próprio ambiente, começam a registrar um monte de escrita que os próprios avós, anciões passavam para eles.

Achei muito interessante, não lembro em que ano, eu acho que está no meu Facebook, eu registrei esse momento, quando levávamos nossos alunos para açude próximo da aldeia da escola. Ali construíram textos muito interessantes, em terena e em português, falando sobre a questão de registro da memória dos avós, dos anciões. Eu vi uma coisa muito interessante, que aquele açude nunca, nunca seca, porque ali tem uma cobra que eles chamam, em terena, como mãe da água. Como mãe da água, uma cobra. O pajé, bem respeitado dentro da aldeia maior que tem aqui, sempre falava: “nesse açude tem um buraco, tem um abismo, bem no meio, bem no centro. Nesse abismo, tem cobra ali e essa cobra passa todo seu trajeto por baixo da aldeia. Tem um abismo por baixo da aldeia e é onde passa água, ali é o local onde sempre passa, vai para um morro bem grande”. Tem morro aqui, tem vários morros, né? E nesse morro está lá a cabeça da cobra. Essa cobra, quando ela move, faz com que o

tempo mude, faz com que venha o temporal, venha vendaval. Segundo o relatório dos alunos, falam assim: “quando essa cobra muda de outro lugar, ela faz um temporal bem grande para destruir qualquer tipo de floresta ou casa que tem. Se passa dentro da aldeia, faz uma varredura bem grande. Aí, às vezes, o açude seca um pouquinho quando ela muda para o outro lado, mas quando essa cobra está nesse local, mesmo com tempo seco, seco, a água continua, não acaba”.

Achei muito interessante, né? E pode ser tão real. Antigamente, quando o terena tratava as suas esposas no período de gestação, eles tinham que sair cedo da aldeia de cavalo, de carroça, de bicicleta, para ir pegar a sua ficha no posto de saúde da cidade. Então, saía da aldeia, tipo, três da manhã, duas da manhã, para chegar cedo na cidade, para ter ficha. Antigamente a gente não tinha, hoje temos Funasa⁸⁰ que atende a comunidade indígena de uma forma geral sobre a questão de saúde, hoje temos postinho nas nossas aldeias, que antigamente não tinha. Um dos relatos dos alunos falava assim: “meu pai e minha mãe viram essa cobra cruzar o aterro” – cruzar o aterro da estrada, porque o açude pega a estrada que entra para a aldeia e cria um aterro, a gente passa por lá, por cima daquele açude. Em uma outra madrugada, tipo duas e meia, três da manhã, uma família passou ali, um homem e sua mulher, passou ali, altas noites, e viu uma cobra cruzando, essa cobra cruzando. Uma cobra bem... o seu corpo bem... você já viu trem andar à noite no Pantanal? Então eles falavam isso, né? Poxa, é uma cobra assim bem, parece um trem cheio de luz, bem iluminado, cobra bem iluminada, cruzava. Uma cobra grande cruzava a estrada naquela noite quando essa família, quando esse senhor foi levar a mulher dele que estava gestante para fazer consulta médica. No hospital, no posto de saúde da cidade, mais próximo daqui.

Então, me fez lembrar essa memória. Mas, registro mesmo, documentado, não consigo te responder. Eu, nesse período de tempo como pesquisador e como estudante, não consigo achar exatamente se existem registros, só no oral mesmo, só aqui mesmo, e a gente precisa construir isso, né? E já temos, já temos bastante registros, só que não está organizado... Está solto, está espalhado por aí.

⁸⁰ Fundação Nacional de Saúde (FUNASA), entidade vinculada ao Ministério da Saúde do Governo Federal.

Existem vários lugares míticos, que a gente possa construir essas ideias dentro da nossa aldeia, quando se trata de registro de memórias. Aqui na nossa região, basta levar os nossos alunos para um determinado lugar, eles começam a produzir muitas falas, comentários, relatos dos anciões no passado. Por exemplo, tem uma área aqui onde os nossos antepassados eram enterrados, uma área que eles chamam de morrinho, um morro bem grande, só que não nos pertence mais, estamos na luta para retomada. Hoje ela é ocupada por fazendeiros, mas os anciões conhecem, sabem que ali foram enterrados muitos indígenas, muitos terenas, só que não está mais no nosso poder. Só na justiça, mesmo, para requerer a retomada. Isso é repassado para nós, vários lugares aqui que a gente conhece, mas que a gente está perdendo posse deles, porque as fazendas se organizaram e, praticamente, perdemos esses lugares.

JOANA: Interessante esse método de levar as crianças para os lugares míticos para registrarem as histórias e lembranças. Assim, a tradição é registrada no contato com o ambiente. Uma dúvida: no caso do morrinho, que é um lugar mítico e faz parte da história dos terenas, as histórias continuam sendo contadas, mesmo sem a posse e acesso ao lugar?

ARONALDO: Sim, hoje lá é contado e a gente consegue descrever ele na escola. Os próprios alunos conseguem descrever essas histórias. Como é que foi isso? Segundo os anciões, esse lugar foi reservado para enterrar pessoas que morreram por causa de doenças. Não lembro que tipo de doença que passou matando um monte de terenas, foi antigamente, não lembro exatamente em que ano aconteceu. Mas está na memória dos anciões, das nossas famílias, tenho parentes lá, nossas ancestrais, que também foram enterrados lá. O enterro não é igualmente uma forma de cavar buraco, lá era jogado, não tinha caixão, como hoje tem. O meu irmão fala assim: ele é bem fanático no jogo, é palmeirense, eu tenho esse irmão mais velho, ele fala assim: “quando eu morrer, eu quero um caixão verde”. Não tinha essas questões no passado, hoje tem. Hoje tem um cemitério, o cemitério também é um lugar mítico, muitas histórias podem ser construídas ali.